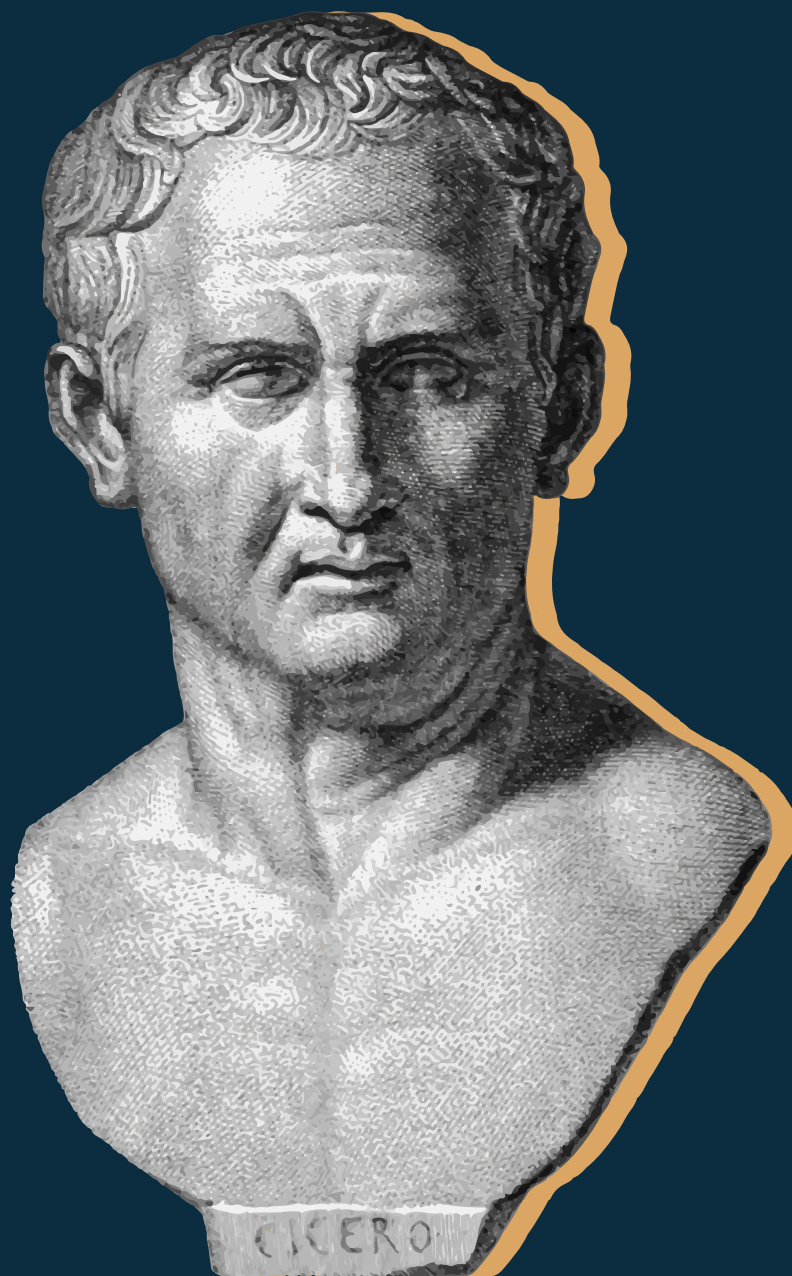


MARCELO HENRIQUE BARBOSA DE OLIVEIRA



O SUMO ORADOR E O SUMO POETA SEGUNDO CÍCERO

O Diálogo do orador e a Defesa de Árquias à luz da
Doutrina dos Três Elementos

O sumo orador e o sumo poeta segundo Cícero

Governo do Estado do Amazonas

Wilson Miranda Lima

Governador

Universidade do Estado do Amazonas

Cleinaldo de Almeida Costa

Reitor

Cleto Cavalcante de Souza Leal

Vice-Reitor

*editora*UEA

Maristela Barbosa Silveira e Silva

Diretora

Maria do Perpetuo Socorro Monteiro de Freitas

Secretária Executiva

Sindia Siqueira

Editora Executiva

Samara Nina

Produtora Editorial

Maristela Barbosa Silveira e Silva (Presidente)

Allison Marcos Leão da Silva

Almir Cunha da Graça Neto

Erivaldo Cavalcanti e Silva Filho

Jair Max Fortunato Maia

Jucimar Maia da Silva Júnior

Manoel Luiz Neto

Mário Marques Trilha Neto

Silvia Regina Sampaio Freitas

Conselho Editorial

Marcelo Henrique Barbosa de Oliveira

O sumo orador e o sumo poeta segundo Cícero
O Diálogo do orador e a Defesa de Árquias à luz da Doutrina
dos Três Elementos

Raquel Ponce
Thaís Falcão
Projeto Gráfico

Thaís Falcão
Diagramação

André Teixeira
Sindia Siqueira
Wanessa Ramos
Wesley Sá
Revisão

Sindia Siqueira
Coordenação Editorial

Samara Nina
Finalização

Todos os direitos reservados © Universidade do Estado do Amazonas
Permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte

Esta edição foi revisada conforme as regras do Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da Universidade do Estado do Amazonas

O48s
2021
Oliveira, Marcelo Henrique Barbosa de
O sumo orador e o sumo poeta segundo Cícero: o Diálogo do
orador e a Defesa de Árcuias à luz da Doutrina dos Três Elementos
/ Marcelo Henrique Barbosa de Oliveira. – Manaus (AM):
Editora UEA, 2021.

118 p.: il., color; 21 cm.

ISBN 978-65-87214-77-1

Inclui referências bibliográficas

CDU 1997 – 82

Editora afiliada:



*editora***UEA**

Av. Djalma Batista, 3578 – Flores | Manaus – AM – Brasil
CEP 69050-010 | +55 92 38784463
editora.uea.edu.br | editora@uea.edu.br

SUMÁRIO

Introdução	07
Considerações preliminares	13
Resumo sobre a vida de Cícero	14
A Doutrina dos Três Elementos: <i>ars</i> romana, retórica e poesia	18
A Doutrina dos Três Elementos no <i>Diálogo do orador</i> 1	35
Considerações iniciais ao <i>Diálogo do orador</i> 1	36
Engenho, estudo e experiência: os fundamentos da retórica no <i>Diálogo do orador</i> 1	45
Reformulação da Doutrina dos Três Elementos na <i>Defesa de Árquias</i>	75
Preâmbulo à <i>Defesa de Árquias</i>	76
Engenho e arte: requisitos do poeta ideal na <i>Defesa de Árquias</i>	82
Conclusão	104
Bibliografia	107
Textos antigos	107
Dicionários	108
Textos modernos	109
Lista de abreviaturas e siglas	115
Sobre o autor	117

INTRODUÇÃO

A leitura da *Defesa de Árquias* (*Pro Archia*), discurso pronunciado por Marco Túlio Cícero em 62 a.C., convida-nos a repensar a forma como se enxerga o gênero judicial antigo. Ao invés de verificar a natureza e o número das razões pelas quais se comete um ato, o caráter e a disposição dos que a cometem e o caráter e a disposição dos que a sofrem¹, como é usual nesses discursos, o orador de Arpino desgarrar-se desses expedientes e introduz elementos da oratória de tipo laudatório. Ele exalta o valor da poesia e do poeta para a oratória e para a República com vistas à persuasão dos juízes de que a concessão da cidadania romana para o poeta grego Lúcio Licínio Árquias deve ser mantida. Cícero defende que a poesia fornece à juventude inúmeros exemplos de virtude, que registra, na eternidade, a história de valorosos varões do passado e que inspira, na alma dos homens, um desejo de moralizar-se. Sobre o réu, alega que é poeta de extremo talento e de vasta erudição, capaz de comover as rochas e acalmar feras e de improvisar cantos inúmeros sobre um mesmo tema, responsável por cantar as Guerras Mitridáticas e Cimbrias. Por esses argumentos, não é descabido afirmar que a *Defesa de Árquias* (eventualmente referida como *Defesa*), consiste, no mínimo, num valioso indício das opiniões a respeito da figura do poeta e da poesia que circulavam à época.

É impossível determinar se o que consta na *Defesa* é, de fato, a visão de Cícero sobre o poeta e a poesia, mas a recorrência de alguns termos pode revelar um certo posicionamento. Como dissemos acima, uma das alegações da defesa é que Árquias é um poeta de talento e de cultura e, para dizer isso, mobilizam-se basicamente cinco noções: *natura*, *ingenium*, *ars*, *doctrina* e *studium*, noções que guardam entre si semelhanças semânticas. Por exemplo, é difícil distinguir o que é parte do domínio da natureza do

¹ “No que respeita à acusação e à defesa, poderemos em seguida falar do número e da qualidade das premissas de que se devem construir os silogismos. Importa considerar três coisas: primeiro, a natureza e o número das razões pelas quais se comete injustiça; segundo, a disposição dos que a cometem; terceiro, o caráter e a disposição dos que a sofrem” (*Rh.* 1368b; In: ARISTÓTELES, 2005, p. 130. Trad.: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena). “Num processo judicial temos tanto a acusação como a defesa, pois é necessário que os que pleiteiam façam uma destas coisas. (...) Para o que julga, [tempo é] o passado, pois é sempre, sobre actos acontecidos que um acusa e outro defende” (*Rh.* 1358b; In: ARISTÓTELES, 2005, p. 104. Trad.: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena).

que é parte do domínio do *ingenium*. Ambas designam, em muitos contextos, dotes e disposições naturais. Algo similar ocorre com as outras três palavras. Todas elas, *ars*, *doctrina* e *studium*, podem designar um estudo, uma forma de conhecimento, e podem apresentar, em dados contextos, significados extremamente próximos. Com esses termos, Cícero defende que o poeta não é um indivíduo de admirável talento ou inexplicável inspiração apenas, mas também dedicado à sua atividade, ao seu ofício de produzir versos. Assim, a natureza do poeta exerce o papel de pedra bruta sobre a qual pesará o labor da educação e do conhecimento, deixando transparecer uma relação de complementaridade de natureza e educação evidente no parágrafo quinze do texto:

Quaeret quispiam: quid? Illi ipsi summi uiri, quorum uirtutes litteris proditae sunt, istane doctrina, quam tu effers laudibus, eruditi fuerunt? Difficile est hoc de omnibus confirmare, sed tamen et certum quod respondeam. Ego multis homines excellenti animo ac uirtute fuisse et sine doctrina, naturae ipsius habitu prope diuino, per se ipsos et moderatos et graues exstitisse fateor; etiam illud adiungo, saepius ad laudem atque uirtutem naturam sine doctrina quam sine natura ualuisse doctrinam. Atque idem ego hoc contendo, cum ad naturam eximiam et illustrem accesserit ratio quaedam conformatioque doctrinae, tum illud nescio quid praeclarum ac singulare solere existere² (Arch. 15).

Poder-se-á perguntar: ‘Pois quê? Porventura se formaram com esta **cultura** que tanto enalteces aqueles mesmos eminentes vultos cujas **virtudes as letras** deram a conhecer?’ Seria difícil afirmá-lo quanto a todos, mas é seguro o que vou responder: **reconheço ter havido inúmeros homens de superior espírito e virtude, mas sem instrução, que por si próprios se mostraram morigerados e austeros como por divina propensão natural.** Também acrescento: **mais vezes importaram para o louvor da virtude dons naturais sem cultura do que a cultura sem os dons naturais.** E posso ainda asseverar o seguinte: **quando a distintos e excelentes dons naturais se junta uma certa instrução e formação cultural, não sei que possa existir de mais preclaro e singular³.**

O orador fala dos homens valorosos encontrados, sobretudo, nos poemas épicos, homens que lhe serviam de modelo de conduta na administração da coisa pública e no desenvolvimento do seu espírito. Esses homens, em sua maioria, foram virtuosos e chegaram à perfeição quando reuniram em si os dons naturais e a modelação pela cultura. Mas Cícero se esforça para incutir, nos ouvintes, que Árquias pertence a esse grupo distinto de cidadãos relevantes e virtuosos, pois, para ele, como veremos à frente, é necessário ser virtuoso para cantar a virtude. Portanto, de algum modo, esse breve comentário serve para qualificá-lo também tanto no que tange ao seu caráter quanto ao seu ofício. Desse modo, assegurando que o acusado é talentoso e erudito em sua área de atuação, Cícero o descreve como um poeta excepcional. Ao fim e ao cabo, conclui-se que o comentário de Arch. 15, com a devida descrição, serve para qualificar o réu, à medida que o coloca no patamar dos modelos de virtude e de competência, pois Cícero faz de Árquias uma espécie de poeta modelar (*summus poeta*), distinto pelo talento (*ingenium*) e admirado pelo conhecimento (*doctrina*).

Essa idealização com base no talento e na instrução parece ser uma sinalização do que será visto em outro texto de Cícero: *Diálogo do orador* 1 (*De oratore* 1). O primeiro livro encena um diálogo em que Lúcio Licínio Crasso e Marco Antônio discutem a

² Esses e os demais grifos deste estudo são de nossa lavra.

³ A tradução do *Pro Archia* para o português brasileiro citada neste trabalho é de Trenk (1997).

educação oratória vigente em sua época e idealizam um orador perfeito (*summus orator*). Crasso e Marco Antônio não se mostram reticentes em afirmar que, sem uma natureza favorável, não há esperança de grandes resultados e que ela é o ponto de partida de qualquer empreendimento oratório, além de valorizarem o engenho e o caráter propícios à oratória, entendendo-os como fundamentais aos discursos autênticos e livres de artifícios. Eles também parecem consonantes quanto à orientação prática da oratória romana, isto é, consideravam positivo, por um lado, que, em Roma, desde muito cedo, os futuros oradores fossem levados a conhecer o cenário jurídico e político da capital, e negativo, por outro, pois a iniciação precoce lhes subtrai a possibilidade de estudos tanto da própria retórica como da filosofia e das artes liberais, que poderiam ser importantes não apenas na elaboração dos discursos, mas também na edificação moral do discípulo. Discordavam, porém, quanto aos limites da arte retórica: Crasso afirmava que o orador deveria dominar uma ampla gama de artes e ciências para alcançar a perfeição oratória, enquanto Marco Antônio defendia que era suficiente conhecer os meios de comoção dos ânimos e familiarizar-se minimamente com as ciências envolvidas perpassadas nos discursos. Portanto, pode-se dizer que a discussão do primeiro diálogo gravita em torno do objeto da arte retórica, pois parece haver concordância quanto à importância do talento (*natura, ingenium*) e da experiência prática (*exercitatio, usus, consuetudo*). Neste sentido, citamos duas passagens, sendo a primeira uma fala de Crasso:

Quid enim nos aut didicimus, aut scire potuimus, qui ante ad agendum, quam ad cognoscendum uenimus; quos in foro, quos in ambitione quos in republica, quos in amicorum negotiis, res ipsa ante confecit, quam possemus aliquid de rebus tantis suspicari? Quod si tibi tantum in nobis uidetur esse, quibus etiamsi ingenium, ut tu putas, non maxime defuit, doctrina certe, et otium, et hercule etiam studium illud dicendi acerrimum defuit: quid censes, si ad alicuius ingenium uel maius illa, quae ego non attigi, accesserint? Qualem illum, et quantum oratorem futurum? (De orat. 1, 78-9).

Ora, o que aprendemos ou pudemos conhecer, nós, que passamos a atuar antes de estudar; nós, a quem no fórum, na carreira, na política, nas atividades dos amigos, a própria prática preparou antes mesmo que pudéssemos suspeitar de tão grandes temas? Porque, se te parece haver tanto em nós, a quem, mesmo que não haja faltado, como julgas, o **engenho**, certamente faltaram a **formação teórica**, o **tempo livre** e, por Hércules, mesmo aquele **estudo** extremamente profundo da oratória, o que pensas: se a um **engenho** maior se somassem aqueles elementos a que não tive acesso, de que natureza e magnitude seria tal orador⁴?

A segunda mostra a visão de Antônio:

Tum ego, hac eadem opinione adductus, scripsi etiam illud quodam in libello, qui me imprudente et inuito excidit, et peruenit in manus hominum, disertos me cognosse nonnullos, eloquentem adhuc neminem: quod eum statuebam disertum, qui posset satis acute, atque dilucide, apud mediocres homines ex communi quadam opinione dicere; eloquentem uero, qui mirabilius et magnificentius augere posset atque ornare, quae uellet, omnesque omnium rerum, quae ad dicendum pertinerent, fontes animo ac memoria contineret. Id si est difficile nobis, qui ante quam ad discendum ingressi sumus, obruimur ambitione et foro; sit tamen in re positum atque natura. Ego enim, quanto auguror coniectura, quantaque ingenia in nostris hominibus esse uideo, non despero fore aliquem aliquando, qui et studio acriore, quam nos sumus

4 A tradução do *De oratore* para o português brasileiro citada neste trabalho é de Scatolin (2009).

*atque fuimus, et otio ac facultate discendi maiore ac maturiore, et labore atque industria superiore, cum se audiendum, legendum, scribendumque, dediderit, existat talis orator, qualem quaerimus*⁵; *qui iure non solum disertus, sed etiam eloquens dici possit: qui tamen, me sententia, aut hic est iam Crassus, aut, si quis pari fuerit ingenio pluraque quam hic et audierit et lectitarit et scripserit, paulum huic aliquid poterit addere* (De orat. 1, 94-5).

Foi assim que eu, movido por tal opinião, **escrevi num pequeno livro** que à revelia e contra a vontade, escapou-me das mãos, chegando ao alcance do público, **ter conhecido algumas pessoas expressivas, mas ainda nenhuma eloquente**, pois estabelecia que expressivo é aquele que, levando em conta determinada opinião geral dos homens, é capaz de falar, diante de um público mediano, de modo bastante perspicaz e claro, enquanto **eloquente é aquele capaz de ampliar e ornar de modo admirável e grandioso o que desejar, e que retém na mente e na memória todas as fontes de tudo que se relaciona à oratória**. Ainda que tal coisa seja difícil para nós, que, antes de começar a estudar, somos atrapalhados pela ambição e pelo fórum, ela está ancorada na realidade e na natureza. **De fato, pelo que posso conjecturar e pelo talento que observo em nossos oradores, não deixo de ter esperanças de que um dia surja alguém que, com um estudo mais penetrante do que temos ou tivemos, com tempo livre, com uma capacidade oratória maior e mais madura, com esforço e aplicação superiores, quando se dedicar a ouvir seus mestres, a ler e escrever, venha a se tornar um orador tal qual procuramos**, que possa com justiça ser chamado não apenas de expressivo, mas também de eloquente; no entanto, na minha opinião, ou Crasso já é tal orador, ou, caso surja alguém de igual talento, porém com mais estudo, leituras e escritos, pouco terá a lhe acrescentar.

Se pudéssemos fazer um único juízo dessas passagens, diríamos que elas deixam implícito que Crasso, de alguma maneira, pode ser visto como uma metonímia, isto é, para os oradores romanos de sua época, dado que possuía um engenho e uma propensão (*ingenium, facultas*) exuberantes, a ponto de animar os seus pares para o discurso e se dedicava a uma intensa prática oratória, capaz de burilar esses engenhos. No entanto, em ambas as falas, identifica-se uma lacuna importante que separa esses romanos da perfeição oratória: o conhecimento (*ars, doctrina, scientia*). A falta de tempo hábil impossibilitava os oradores de conhecer a fundo a cultura e a sabedoria importada pelos mestres de oratória gregos. Nesse cenário, estariam privados também os romanos do sofisticadíssimo sistema (*ars*) retórico grego, a *téchne rhetorikê*, ou, em latim, *ars rhetorica*, aperfeiçoada durante séculos pelos sofistas, restringindo-se ao costume e tradição (*mos, consuetudo*) dos antepassados. A consideração do conhecimento retórico passa, então, a ocupar um lugar de relevo na tentativa de projetar os requisitos, por assim dizer, do *summus orator*, juntamente com o talento e a prática oratória, de modo que se abre a possibilidade para a interpretação do orador ideal como um indivíduo que reúne em si o talento, a teoria e a prática, em latim, *ingenium, doctrina e exercitatio*. Conclui-se daí que os oradores, bem como a própria retórica enquanto *ars*, tanto mais próximos da perfeição estariam quanto mais próximos estivessem desses três elementos.

Tendo isso em vista, fazemos alguns questionamentos: Onde surge a ideia de que as *artes* se fundamentam sobre talento, teoria e prática? Sendo poeta e orador *artifices*, por que somente um deles se dedica à *exercitatio*? Houve acréscimo ou supressão da *exercitatio* em uma das idealizações? Existem motivos razoáveis para tanto? Se a concepção ciceroniana de poeta está tão condicionada ao *ingenium* poético quanto a formação

5 Grifos nossos.

oratória proposta por Crasso e Marco Antônio ao *ingenium* oratório, em que medida esses *ingenia* se assemelham e se distinguem? Existem semelhanças entre os conhecimentos (*ars, doctrina, scientia*) do orador e do poeta, segundo Cícero, ou eles diferem em todos os aspectos? Através dessas reflexões, buscamos, num espectro mais amplo, auxiliar na reconstituição do juízo de Cícero acerca da idealização do poeta e do orador a partir da análise e discussão dos argumentos expostos na *Defesa de Árquias* e no *Diálogo do orador* (eventualmente referido apenas como *Do orador* ou *Diálogo*). Depois, intentamos verificar a possibilidade de compreender a representação e a idealização do poeta através das formulações de Cícero em sua obra, tendo como ponto de partida os conceitos de *natura* e *doctrina* e investigar o modo como os conceitos em pauta se articulam e se apresentam na concepção de poeta na *Defesa*. Por último, visamos estabelecer um paralelo entre as concepções de orador e de poeta inferidas em ambos os textos.

Na tentativa de responder, pelo menos, parcialmente, essas perguntas, o presente estudo traz um capítulo introdutório destinado à explicação do conceito romano de *ars* e da sua aplicabilidade à poesia e à retórica. O segundo capítulo apresenta uma proposta de leitura do *Diálogo do orador* 1 que busca evidenciar o significado e a conformidade das noções de engenho, teoria e prática nas bases da idealização do *summus orator* preconizada pelas personagens Lúcio Licínio Crasso e Marco Antônio. O capítulo seguinte é dedicado à análise das noções de engenho e arte aventadas por Marco Túlio Cícero na idealização do *summus poeta* verificável na *Defesa de Árquias*. A conclusão tenciona esclarecer a não existência de unidade nas idealizações ciceronianas de poeta e de orador, dado que este depende de talento, teoria e prática, enquanto aquele, de talento e estudo, estabelecendo os seus possíveis paralelos e evidenciando as suas eventuais motivações.

Para finalizar, cabe ao derradeiro parágrafo introdutório expor os esclarecimentos. O primeiro deles seria com relação à restrição ao primeiro livro do *De oratore* na análise do *summus orator*. Enquanto o segundo tomo, o mais longo, projeta-se e aprofunda-se no risível, na doutrina dos tópicos, na arte da memória, e o terceiro, o mais breve, trata dos estilos oratórios, da elocução (*elocutio*) e da relação da retórica com a filosofia, o primeiro, mediano em matéria de extensão, inicia a reflexão com a disputa entre as personagens em torno dos limites do conhecimento do orador perfeito, mas também tocando questões como seus requisitos, dotes naturais, sua educação e exercícios oratórios, bem como a existência, a natureza e o objeto da eloquência, temas muito mais caros à nossa reflexão e reveladores das nuances atinentes às noções de talento, teoria e a prática. O segundo esclarecimento diz respeito à contribuição dos pensadores gregos. Reconhecemos que o pensamento retórico-filosófico de Cícero se deve muito aos pensadores gregos, sobretudo a Platão, a Aristóteles e a Isócrates, a cujas obras aludiremos adiante, no entanto, não é propósito deste trabalho esquadriñar os antepassados gregos do *ingenium*, da *ars* e da *exercitatio*. As referências pontuais ao pensamento helênico servirão ao propósito de esclarecer e preencher eventuais lacunas deixadas, talvez propositadamente, pelo autor do texto. O terceiro esclarecimento diz das traduções e dicionários consultados. A leitura e o comentário que ora apresentamos serviu-se dos textos latinos e traduções modernas do *De oratore* 1 disponíveis em Sutton & Rackham (CICERO, 1967), em Courbaud (CICÉRON, 2009) e em Scatolin (2009). Com relação ao *Pro Archia*, embasamo-nos nos textos e traduções fornecidos por Gonçalves (1986), por Bertonati (CICERONE, 1992) e por Trenk (1997). Os outros originais latinos presentes neste trabalho condizem ou com as edições críticas anglo-americanas *Loeb Classical Library* e *Clarendon Press*, ou com as francesas *Les Belles Lettres* ou ainda com a germânica *Bibliotheca Teubneriana*, com a única e devida alteração do *u* consonantal. A despeito das traduções das edições consultadas, encontrar-se-ão nos comentários eventuais divergências entre as traduções dos excertos

e nas escolhas feitas, prática justificável pela necessidade de pontuar elementos do jargão técnico das *artes* e eventuais nuanças semânticas. Nesse sentido, amparam nossas traduções os dicionários *Oxford Latin Dictionary* (1968), *Novíssimo Dicionário latino-português (s.t.)* e *Dictionnaire Latin Français* (2016). Por fim, todas as traduções serão de responsabilidade do autor, salvo indicação contrária.

Capítulo 1

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Resumo sobre a vida de Cícero

A Doutrina dos Três Elementos: *ars* romana, retórica e poesia

RESUMO SOBRE A VIDA DE CÍCERO

Marco Túlio Cícero nasceu em 3 de janeiro de 106 a.C. em Arpino, distante cerca de 129 quilômetros a sudeste de Roma. De família aristocrática, ainda que desprovida de relevância política, permaneceu em sua cidade natal até que seu pai, visando garantir uma educação distinta para seus filhos, decidiu enviá-lo, acompanhado do pequeno Quinto Túlio Cícero, à capital para estudar retórica e filosofia (JESUS, 2008, p. 16). Graças ao intermédio de seu tio M. Fúrio Aculeio, jurista de renome, Cícero pôde estudar com L. Élio Estilão Preconino, logógrafo famoso pelo seu domínio da cultura grega, conhecer Lúcio Licínio Crasso e Marco Antônio, os mais importantes oradores romanos até então, e Quinto Múcio Cévola, célebre jurisconsulto da época. Além disso, estudou filosofia com o acadêmico Filo de Larissa, o epicurista Fedro e o estoico Diódoto (MARMORALE, 1974, p. 150). Nessa época, escreve um tratado em dois tomos chamado *Da invenção* (*De inventione*). Desempenha esse texto um grande papel na história da retórica, primeiramente, por ser o mais antigo tratado de retórica em língua latina, juntamente com *Retórica a Herênio* (*Rhetorica ad Herennium*), texto com que compartilha semelhanças estruturais e temáticas, por traduzir e adaptar jargão retórico grego para a língua e a vivência latinas, e por advogar em prol de uma eloquência eivada de princípios éticos (MARROU, 1990, p. 392; GONÇALVES, 2017, p. 11). O texto, diz Courbaud no prefácio à sua tradução francesa do *Diálogo do orador* 1, será citado por Quintiliano (*Inst.* 2, 15, 6) posteriormente como *Arte Retórica*, e lido pelo gramático tardio Prisciano, comentado por Grílio, Júlio Vítor e Vitorino e servirá de referência para a educação clássica, medieval, renascentista (CICÉRON, 2009, p. 28-9).

Durante o período de juventude do arpinate, Roma atravessou dois terríveis conflitos bélicos: a Guerra Social e a Guerra Civil. O primeiro, também conhecido como Guerra dos Aliados, consistiu na revolta dos itálicos em busca da obtenção da cidadania romana e ocorreu entre os anos 91 e 88 a.C. Nessa oportunidade, Cícero participou das batalhas integrando o exército de Cneu Pompeu Estrabão. O outro conflito armado nessa época foi a Guerra Civil que transcorreu durante os anos 88 e 86. Essa guerra é resultado da disputa entre os generais Caio Mário e Lúcio Cornélio Sula pelo comando da Guerra contra Mitridates, rei do Ponto, que ocupou a Ásia e a Grécia, executou cerca de

80.000 romanos e confiscou as suas propriedades durante o período em que os romanos combatiam os aliados. Depois que a guerra acabou com a vitória de Sula e com a morte repentina de Caio Mário, o vencedor regressa a Roma com enorme capital político e inicia uma série de perseguições aos seus adversários políticos, entre eles, Marco Antônio, Caio Júlio César Vopisco, edil curul em 90 a.C., Quinto Lutácio Cátulo, cônsul em 102 a.C. De fato, não eram tempos propícios para a carreira política e, muito provavelmente em decorrência dessas atribuições, o percurso público de Cícero tenha começado nesses anos (MAY, 2002, p. 4). Somente em 81 a.C., aos 25 anos, o arpinate estreou como orador. Defendendo Caio Quíncio (*Pro Quinctio*), numa disputa de direito privado, que versava sobre a propriedade de uma fazenda de Quíncio, Cícero enfrentou aquele que viria a ser o seu mais frequente adversário nos tribunais: Hortênsio, cujo nome serviria de título a um diálogo, hoje perdido, sobre a filosofia. No ano seguinte, um caso difícilíssimo: Sula, então ditador eleito pelo senado, e Crisógeno, escravo liberto ligado ao déspota, acusaram o jovem Róscio de Améria de parricídio. O republicano Cícero assumiu o caso, defendeu o réu e ganhou a causa. Não muito tempo depois, Cícero parte para Atenas sob o pretexto de cuidar da saúde e rematar sua educação. Plutarco afirma que, na verdade, a viagem foi resultado de pressões exercidas por Sula⁶. De todo modo, nesse período, vai à procura dos mestres de retórica no Oriente, emigra para a Ásia, onde estuda filosofia com Antíoco de Escalão, ex-membro da Academia, e retórica com Demétrio da Síria. Depois, viaja para a Ásia Menor, onde frequenta a escola dos rétores Êsquilo de Cnido, Xenocles de Adramício, Dionísio de Magnésia e Menipo de Cária. Depois, encaminha-se a Rodes, onde estuda filosofia com Apolônio Mólón e Posidônio.

Sabendo da morte de Sula, em 77 a.C., Cícero retorna a Roma para iniciar sua carreira política (*cursus honorum*). No ano seguinte, então, disputa as eleições para questor (*quaestor*) da Sicília, cargo para o qual viria a ser eleito em 75 e em virtude do qual angariou prestígio junto ao povo siciliano (MAY, *op. cit.*, p. 6). Por conta disso, depois de cumprido o mandato, já em 74, foi convidado a abrir um caso contra Caio Verres, governador da Sicília entre 73 e 71, ocasião que ensejou a composição dos discursos conhecidos em português como *Verrinas* (*In Verrem orationes*). Cícero regressa à província, em inícios de 70, para proceder a pesquisas e ao inquérito indicial, e reúne, em tempo recorde, as provas e os testemunhos (PEREIRA, 2012, p. 123). Verres teria cometido todo tipo de erro e de abuso na administração da província e, a despeito dos esforços de seus amigos e partidários influentes para atrasar o julgamento em Roma, o jovem Cícero saiu vitorioso. Conta-se que tamanho foi o estupor do discurso do arpinate que Hortênsio, defensor de Verres na causa, abdicou da defesa e recomendou ao cliente que se exilasse. Desse modo, o arpinate começa a angariar prestígio político (MAY, *op. cit.*, *ibid.*). Depois de ter exercido a pretura em 66 a.C., Cícero, aos 42 anos, idade mínima para a ascensão ao cargo, assume o grau mais elevado da magistratura: o consulado (63). O feito de maior relevância de Cícero enquanto cônsul foi ter desbaratado a conspiração de Lúcio Sérgio Catilina contra a República. Na ocasião, Catilina, político de origem nobre, porém arruinado financeiramente, que já havia sido pretor (68) e governador (67), foi derrotado por Cícero na disputa pelo consulado. Devido às sucessivas derrotas nas urnas, inúmeras dívidas e uma denúncia por extorsão, Catilina decide então reunir um exército de aristocratas falidos e escravos rebeldes para tomar o poder mediante golpe de estado,

⁶ “Por medo da hostilidade de Sula, ninguém o queria socorrer e todos se afastavam; e, por isso, abandonado desta maneira, Róscio recorreu a Cícero. Os amigos deste incitavam-no a defendê-lo, pois pensavam que ele não voltaria a ter uma oportunidade como esta para mostrar o seu brilho e adquirir uma boa reputação. Encarregou-se, pois, da defesa, foi bem-sucedido e obteve a admiração geral. Porém, com receio de Sula, viajou para a Grécia, tendo antes posto a correr o rumor de que precisava de se tratar” (*Cic.*, 3, 5; PLUTARCO, 2012, p. 106-7. Trad: Marta Várzeas).

sendo, no entanto, descoberto e denunciado por Cícero ao povo e ao senado nos quatro discursos que ficaram conhecidos em português como *Catilinárias* (*In Catilinam orationes quattuor*). Ao final do episódio, o orador de Arpino foi laureado “pai da pátria” (*pater patriae*) por Catão, o Jovem, em decorrência de sua atuação em defesa das instituições republicanas. Catilina, não obstante arruinados os seus planos, não se rendeu e acabou morto pelos soldados romanos e os demais conspiradores, condenados por Cícero e pelo Senado Romano à pena máxima, foram executados.

Por um lado, esse foi o seu auge na carreira política, por outro, o início dos seus problemas. A participação na denúncia do movimento conspirador, o capital político adquirido junto à ala conservadora do senado e o apoio irrestrito às instituições republicanas o tornaram uma figura indesejada entre os que tramavam tomar o poder, quando formaram o Primeiro Triunvirato em 60 a.C., Júlio César, Pompeu Magno e Marco Crasso, generais vitoriosos, populares e, acima de tudo, ambiciosos eles próprios por controlar a política de Roma. Para tanto, eles firmaram um acordo secreto para a promoção e proteção dos seus interesses. Segundo May (2002, p. 10), Cícero chegou a ser convidado por um intermediário dos triúnviros para integrar a coalizão, provavelmente pelo seu reconhecido domínio da legislação e da oratória, mas recusou a proposta. Os desdobramentos da negativa não tardaram a chegar. Em 58, Clódio Pulcro, tribuno da plebe apesar da origem patrícia, aprovou duas leis decisivas para o futuro de Cícero: a primeira delas objetivava conquistar o apoio dos cônsules destinando ricas províncias a serem governadas por eles após o término de suas magistraturas, a segunda previa o exílio e o confisco de bens de qualquer oficial público que condenasse ou já tivesse condenado um cidadão romano à morte sem o devido processo legal (COSTA, 2013, p. 18). Enquadrado retroativamente numa manobra jurídica elaborada por um político alinhado aos interesses do triunvirato, Cícero é aconselhado por Hortênsio a deixar Roma e seguir para Tessalônica. Nesse período, Cícero intensificou sua produção epistolar, importante nos campos literário e histórico. Do ponto de vista literário, podemos destacar o estilo de escrita empregado por Cícero, segundo Costa (2013, p. 10), embora bastante diferente do estilo grandiloquente de seus discursos, atrativo aos estudiosos da língua latina e da sua estilística. Do ponto de vista histórico, suas cartas revelam fatos dos bastidores da política romana, bem como costumes, ideias e valores correntes à época raramente encontrados em outros documentos (COSTA, 2013, p. 9). Por esse motivo, Martin & Gaillard (1990, p. 457) afirmam que a correspondência de Cícero consiste num verdadeiro jornal da política romana.

Passados dezesseis meses distante, já em 57 a.C., ele retorna à Urbe, porém sem o mesmo brilho de outrora: excluído pelo triunvirato, privado de seu prestígio e desiludido com a vida política, Cícero jamais conseguiu reingressar na política, principal motivo pelo qual decidiu dedicar-se à produção retórico-filosófica. O principal produto desse período de reclusão foi a composição dos diálogos *Do orador* (*De oratore*), *Da República* (*De re publica*) e *Das leis* (*De legibus*). Além disso, integrou o Colégio dos Áugures, onde desempenharia a respeitada tarefa de interpretar a vontade dos deuses através da observação do voo das aves a fim de orientar as deliberações públicas (*Plu. Cic.* 36, 1). Cícero trilhou um caminho bastante comum entre aristocratas politicamente excluídos: dedicou-se à vida intelectual, a exemplo dos historiadores Salústio e Luceio, e de Ático, nobre romano correspondente de Cícero nas *Cartas a Ático* (*Epistulae ad Atticum*) (TRENK, 1997, p. 61). Em 51 a.C., vai à Ásia Menor, para atuar como procônsul da Cilícia, província localizada ao sul da atual Turquia, num período que se concretizou como um novo exílio, visto sua ânsia por informar-se dos rumos da decadente República. A essa altura, muito da situação política de Roma já havia mudado:

César estava prestes a concretizar a sua vitória definitiva sobre os povos da Gália e da Britânia, aumentando ainda mais seu capital político, Pompeu estava em Roma, canalizando as insatisfações e as incertezas da classe senatorial para si e Crasso morrera em combate contra os partos, na Síria.

Quando retorna da Cilícia, já em fins de 50, Cícero encontra a Urbe às portas da Guerra Civil entre César e Pompeu, representante do Senado. César, que passara os últimos cinco anos exercendo o consulado na Gália, estava em vias de retornar a Roma com o objetivo de retomar as bases da antiga aliança com Pompeu ou de guerrear com ele pelo domínio absoluto da capital. No ano seguinte, a despeito de determinação impeditiva do senado, César atravessa o Rubicão e marcha sobre Roma, obrigando Pompeu a fugir com Cícero e os demais senadores para a Hispânia e depois à Grécia. Na altura de Farsalos, na Grécia central, os senadores, fartos de fugir, o pressionam por uma batalha decisiva, que, já em 48, finalmente acontece. César, apesar da grande desvantagem numérica e física de seu exército, vence Pompeu, que foge para o Egito, onde é assassinado numa emboscada arquitetada pelo rei Ptolomeu XIII.

Em 46 a.C., Cícero compôs quatro textos: *Bruto (Brutus)*, *O melhor gênero de oradores (De optimo genere oratorum)*, *O orador (Orator)* e *Paradoxos dos estoicos (Paradoxa stoicorum)*. Dois anos depois, com o assassinio de Júlio César, Cícero reentrou na arena política, o que lhe concedeu uma oportunidade de reavivar sua voz consular e o uso de sua retórica republicana. Posicionou-se favorável a Gaio Otávio, filho adotivo de Júlio César e futuro imperador de Roma, e contrário a Marco Antônio, o lugar-tenente do general assassinado pelos senadores nos idos de março (ABREU, 2017, p. 18). Essas duas figuras, juntamente com Lépido, ex-comandante de César, instituem uma nova coalização, o chamado Segundo Triunvirato. Embora contasse com a simpatia de Otaviano, Marco Antônio exigiu que o nome de Cícero fosse incluso na lista de proscritos, uma declaração de morte. No dia 7 de dezembro de 43, em Fórmias, conforme conta Plutarco (*Plu. Cic.* 48), Cícero é interceptado e assassinado por uma tropa liderada pelo centurião Herênio e pelo tribuno Pompílio, enviados de Marco Antônio.

Cícero viveu e atuou durante um dos períodos mais tumultuados da história de Roma, tempos de crise política e de mudança cultural. No plano político, o orador de Arpino vivenciou os sucessivos ataques às instituições republicanas que culminariam na ascensão de Otávio Augusto ao posto de imperador em 27 a.C. e no início de um novo e longo período na história de Roma. No plano cultural, Cícero esteve em meio à disseminação da cultura helênica, resultado da conquista do Oriente, que põe em xeque algumas das tradições latinas e, ao mesmo tempo, oferece novos instrumentos (a retórica e a filosofia) para a leitura da realidade. Esses instrumentos, adaptados ao pensamento romano, forneceram a base da civilização itálica e do futuro império. Sua incessante versatilidade legou aos romanos o conhecimento dos diversos aspectos da filosofia grega, a construção de um vocabulário filosófico em latim, a arquitetura requintada do sistema retórico clássico e o alçamento da língua do Lácio ao nível apurado e sofisticado que sobreviveu por tantos séculos após a morte do orador. Sua atuação política proporcionou brilhantes noções de Estado e administração pública⁷; sua oratória se tornou, pela sua acuidade e beleza, o maior paradigma de correção e elegância de toda a história da língua latina⁸; sua filosofia influenciou sucessivas gerações de humanistas e pensadores por toda a civilização ocidental⁹.

7 Cf. Laureano (2018, p. 1-30).

8 Cf. Introdução de Elaine Sartorelli à chamada controvérsia ciceroniana (ERASMO DE ROTERDÃ, 2013, p. VII-XXVII).

9 Cf. Marrou (1990, p. 224-329).

A DOCTRINA DOS TRÊS ELEMENTOS: ARS ROMANA, RETÓRICA E POESIA

Oliveira (2015, p. 282) conta que, a partir da Terceira Guerra Samnita e da aliança com Nápoles em 326 a.C., cresce entre os romanos o interesse pelo teatro, pela filosofia e pela retórica helênicos. O estudioso (*op. cit.*, p. 283) ainda diz que, em 219, se iniciou um processo de emigração de profissionais gregos: médicos, matemáticos, gramáticos, filósofos e rétores emigraram para a Urbe e aí começaram a exercer suas funções, o que culminou na importação dos seus modelos de transmissão desses ofícios. Ocorre que os gregos, em todas essas áreas, já possuíam sistemas de educação estabelecidos, provocando alterações na percepção romana de certas atividades, entre elas a poesia e a retórica. A retórica, de fato, deixa a rubrica da *consuetudo* ou *exercitatio* (exercício ou prática) e passa a ser vista como uma *ars* (HANSEN, 2013, p. 14)¹⁰.

10 “Num primeiro momento, desconhecedores de qualquer teoria, aqueles que pensavam não haver qualquer método de exercícios ou qualquer preceito de arte atingiam o quanto podiam pelo engenho e pela reflexão; depois, quando se ouviram os oradores gregos, conheceram-se os seus escritos e empregaram-se os seus mestres, os latinos inflamaram-se com um inacreditável desejo de aprender. Movia-os a magnitude, a variedade e a amplidão das causas de toda espécie, de modo que, à teoria alcançada pelo estudo de cada um, acrescia-se a prática frequente, que superaria os preceitos de todos os mestres” (*Ac primo quidem totius rationis ignari, qui neque exercitationis ullam uiam, neque aliquod praeceptum artis esse arbitrentur, tantum, quantum ingenio et cogitatione poterant, consequantur. Post autem, auditis oratoribus Graecis, cognitisque eorum litteris, adhibitisque doctoribus, incredibili quodam nostri homines dicendi studio flagauerunt. Excitabat eos magnitudo et uarietas, multitudoque in omni genere causarum, ut ad eam doctrinam, quam suo quisque studio assecutus esset, adiungeretur usus frequens, qui omnium magistrorum praecepta superaret*) (*De orat.*, 1, 14-5). “Mas, em primeiro lugar, isso é difícil de conseguir, sobretudo levando em conta a vida que levamos e nossas ocupações; além disso, é de recear que nos afastemos desta nossa prática e uso popular e forense em nossos discursos” (*Sed primum id difficile est factu, praesertim in hac nostra uita, nostrisque occupationibus; deinde illud etiam uerendum est, ne abstrahamur ab hac exercitatione, et consuetudine dicendi populari et forensi*) (*De orat.* 1, 81). “Mas se as características observadas no uso e na prática da oratória foram percebidas e notadas por homens hábeis e experientes, definidas em termos, elucidadas em gêneros, distribuídas em partes – como percebo ser possível acontecer –, não vejo por que, se não naquela definição precisa, ao menos nesta opinião comum, não possa parecer uma arte. Mas, quer se trate de uma arte, quer de uma aparência de arte, ela não é de se desprezar; deve-se ter em mente, no entanto, que há elementos mais importantes para se atingir a eloquência” (*Sin autem ea, quae obseruata sunt in usu ac ratione dicendi, haec ab hominibus callidis ac peritis animaduersa ac notata, uerbis designata, generibus illustrata, partibus distributa sunt – id quod fieri potuisse uideo –: non intellego, quam ob rem non, si minus illa subtili definitione, at hac uulgari opinione, ars esse uideatur. Sed siue est ars, siue artis quaedam similitudo, non est quidem ea neglegenda; uerum intellegendum est, alia, quaedam ad consequendam eloquentiam esse maiora*) (*De orat.* 1, 109). “Mas tomo tais medidas e decisões de tal maneira que não perca as esperanças de que essas questões que discutimos

A *ars* pode ser entendida, de modo geral, como uma habilidade adquirida pelo estudo ou pela prática, um conhecimento, portanto, técnico e artificial¹¹. Encontramos também acepções como habilidade profissional, artística e técnica adquirida em exercício, método artificial fruto de criatividade humana¹². Lausberg (1996, p. 59) apresenta uma interpretação de *ars* como um conjunto de regras (*regulae*) e preceitos (*praecepta*) extraídos da experiência (*exercitia*) e passíveis de ensino que auxiliam o homem a levar a cabo, com êxito e constância, determinados trabalhos de relevância social. *Ars*, de modo conciso, pode ser compreendida como tudo que é de indústria humana¹³. Quanto à etimologia, diz-se que o termo ora analisado se originou da contração do vocábulo grego *areté*, que designava virtude¹⁴. Porém, dada a influência da raiz indo-europeia *er-, eventualmente variando para *ar-, presente tanto na palavra grega quanto na romana, existe, em ambas, uma ideia primitiva de juntura, de ligamento, constatável em palavras como *armus* (juntura do braço ao ombro), *artus* (articulação), *articulus* (ligamento, junção) (HANSEN, 2013, p. 31-2). Algo semelhante pode ser verificado atualmente, na raiz *arm-* de *armadura*, *armário*, *armadilha* e *armação*, todas palavras que designam objetos úteis oriundos de junção ou encaixe de peças. O mesmo pode ser verificado em *artigo*, *artífice*, *articulação* e *artrose*: as duas primeiras palavras carregam o sentido metafórico, enquanto as demais, o sentido, digamos, anatômico de *ars*. Nesse contexto, o orador, de certa forma, harmoniza em um discurso elementos como vocabulário, conteúdo, gênero, objetivo, auditório, caráter *etc.*

Essa ideia de conhecimento prático e técnico, na verdade, é uma espécie de herança mantida ao traduzir a palavra grega *téchne*, que, segundo indica Murachco (1998, p. 13), consiste numa posse prática de processos necessários para executar uma tarefa, uma habilidade prática, manual, um conhecimento ou articulação de meios, expedientes e artifícios, oriundos do aprendizado, não do engenho. *Téchne* também significava saber-fazer no contexto de uma profissão, técnica, arte, como marcenaria, carpintaria e metalurgia. Num sentido mais geral, ele diz que pode significar um modo de fazer, uma maneira, e, num sentido mais etimológico, por força da sua raiz *tek, designava construir, fabricar¹⁵. Confirmam essas acepções passagens como a referência ao coração de Heitor, em Il. 3, 59-62, tão duro quanto um machado manejado por um artista (*technítes*) ao construir um navio¹⁶, como o excerto *Crat.* 388c-d que tem como tema a tecnicidade¹⁷;

sejam ensinadas e aperfeiçoadas em latim, pois tanto a nossa língua quanto a natureza permitem que aquela antiga e excelente prudência dos gregos seja aplicada à nossa prática e costume” (*Quanquam non haec ita atque decerno ut desperem Latine ea de quibus disputavimus tradi ac perpoliri: patitur enim et lingua nostra et natura rerum ueterum illam excellentemque prudentiam Graecorum ad nostrum usum moremque transferri*) (*De orat.* 3, 95).

11 **Ars, artis.** f. (ancient tème en -i- *artis, gén. pl. artium): façon d'être ou d'agir (naturelle ou acquise, bonne ou mauvaise). In: *Dictinnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 2001, p. 48. Modo de ser ou de agir (natural ou adquirido, bom ou mau).

12 **Ars, ~tis.** f. **1 a** Professional, artistic, or technical skill as something acquired and exercised in practice, skilled work, craftsmanship, art. In: *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: The Clarendon Press, 1968, p. 175. Habilidade profissional, artística ou técnica, como algo adquirido e exercitado na prática, trabalho hábil, perícia, arte.

13 **Ars, artis.** s. ap. f. 1. arte, artifício, tudo que é de indústria humana. In: *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico etc.* (12. ed.). Rio de Janeiro: Garnier, 2006.

14 “Diz-se “arte”, porque se funda nos preceitos e regras da arte. Outros dizem que esse vocábulo foi desenvolvido pelos gregos a partir de areté, ou seja, uirtus, a qual chamavam ciência” (*Ars uero dicta est, quod artis praeceptis regulisque consistat. Alii dicunt a Graecis hoc tractum esse uocabulum ἀρετή, id est, a uirtute, quam scientiam uocauerunt*) (*Etym.* 1, 1, 2; In: PINTO, 2008, p. 228-9. Trad.: Luciano César Garcia Pinto).

15 **τέχνη.** f. < savoir-faire dans un métier > (métallurgie, par ex.), < métier, technique, art > d'où parfois < ruse, tromperie > et dans um sens general < manière de faire, moyen > In: *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots*. Tome III: Λ – Π. Paris: C. Klincksieck, 1974, p. 1112.

16 “Heitor, as reprimendas que tu me diriges são justas. Teu coração é tão duro quanto um machado manejado por um homem que constrói com arte (*téchne*) um navio” (In: ARAGÃO, 1988, p. 58. Trad.: Maria Lúcia Poggi de Aragão).

17 “Sócrates: E marceneiro é todo o que tem arte (habilidade)? Hermógenes: o que tem arte (*téchne*)” (In: MURACHCO, 1998, p. 11.: Trad.: Henrique Graciano Murachco).

como o fragmento B 59 de Demócrito¹⁸, atestando que nem a arte nem a sabedoria são coisa acessível se não se aprende; como *Od.* 3, 432-5, cujo verso diz do ourives possuidor da forja para bater o ouro¹⁹. Seria cabível pensar na retórica, por sua vez, como um conhecimento ou habilidade de identificar e executar em cada caso os expedientes adequados com o fim de persuadir, adaptando o que é dito por Aristóteles²⁰.

Alguns autores antigos nos legaram definições que auxiliam na compreensão do conceito de *ars*. O preceptor anônimo da *Retórica a Herênio* enxerga *ars* como um preceito que dá método e sistematização para o discursar (*ars est praeceptio quae dat certam viam rationemque dicendi*)²¹. Quintiliano (35-96 d.C.) a define como aquilo que se alcança com o aprendizado (*ars erit quae disciplina percipi debet*)²². O filósofo estoico Sêneca (4-64 d.C.) afirma que toda arte é uma imitação da natureza (*omnis ars naturae imitatio est*)²³. Lalande (1999, p. 65-6) atribui a um certo Galeno de Pérgamo (130-219 d.C.) a ideia de que arte é um sistema de preceitos universais, verdadeiros, produtivos e harmoniosos que se estendem a um único e mesmo fim (*ars est systema praeceptorum uniuersalium, uerorum, utilium, consentientium, ad unum eundemque finem tendentium*). Agostinho de Hipona (354-430 a.C.), por sua vez, entende que arte é o funcionamento correto de algumas produções (*ars est recta ratio aliquorum operum*)²⁴. Existem também outras duas definições de *ars*, supostamente cunhadas por Cícero e disseminadas durante a Idade Média, mas que, na prática, não se verificam na obra remanescente do orador. A primeira foi atribuída ao gramático Diomedes (KEIL, 1857, p. 421). Ele imputa a Cícero a definição de *ars* como organização de preceitos comprovados que visam a um fim único e útil para a vida (*Tullius hoc modo eam definit ars est perceptionum exercitatarum constructio ad unum exitum utilem uitae pertinentium*). O filósofo Alberto Magno (1200-1280) atribui a Cícero a definição de arte como um conjunto de princípios cujo objetivo se realiza nas suas obras (*Ars enim, ut dicit Tullius, est collectio principiorum ad eundem finem operis sui tendentium*)²⁵.

Em primeira análise, a definição de Quintiliano se mostra a mais díspar de todas. Além de demasiado sucinta, ela é deveras simples: tudo aquilo que exige dedicação ou aprendizado pode ser considerado arte. O mestre não faz menção a funcionamento ou a manufatura, nem retoma a ideia de encaixe ou ajuste que vimos latente na etimologia da palavra, ao contrário do que parece ocorrer com as outras três. Duas delas, a de Galeno e a do anônimo da *Retórica a Herênio*, citam *praeceptio* ou *praeceptum*, que denotam preceito, ensinamento ou mesmo diretriz, donde se depreende um certo teor prescritivo ou normativo da arte, confirmado pelo que se segue. Com aparente exceção de Quintiliano, os autores se utilizam de palavras que designam método, procedimento ou modo de fazer: *ratio* e *systema*. Há também a menção a trabalhos ou a produções, que devem ater-se a determinadas diretrizes para que se realizem da forma correta. Sêneca é o único que relaciona a arte à natureza, forjando uma relação de imitação da primeira para com a segunda. Supõe-se que, num esforço por estabelecer um elo entre o que diz

18 “Nem a arte (*téchne*) nem a sabedoria são coisa acessível se não se aprende” (Diels-Kranz 2, 157, 16; In: MURACHCO, *op. cit.*, p. 13.; Trad.: Henrique Graciano Murachco).

19 “Veio o ourives que tinha em suas mãos a sua forja, os instrumentos de sua arte (*téchne*), que serviam para bater o ouro” (In: ARAGÃO, *op. cit.*, p. 59. Trad.: Maria Lúcia Poggi de Aragão).

20 “Entendamos por retórica a capacidade de descobrir o que é adequado a cada caso com o fim de persuadir” (*Rh.* 1355b; In: ARISTÓTELES, 2005, p. 95. Trad.: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena).

21 Cf. *Rhet. Her.* 1, 3.

22 Cf. *Inst.* 2, 14, 5

23 Cf. *Ep.* 65, 3.

24 Cf. *Sum.* 4, 4, 1

25 Cf. *Eth.* 1, 6, 10.

o filósofo e os demais, a natureza dá o correto modo de funcionamento das coisas que a arte imitará por meio de procedimentos artificiais. Conclui-se dessas definições que a arte se relaciona à forma correta e segura de realizar determinadas tarefas.

No que concerne às definições atribuídas a Cícero, nota-se a permanência do teor prescritivo e normativo representado no uso das palavras *perceptio* e *principium*, mas também surge uma ênfase na ideia de conjunto ou sistema organizado, presente nas palavras *collectio* e *constructio*, voltado à realização de uma tarefa útil para a vida. Essa ideia de conjunto de regras faz com que muitos autores deem aos seus compêndios de retórica o nome de *Ars Rhetorica*, fato mencionado por Quintiliano²⁶. Por esse motivo, muitos compêndios gramaticais ganharam o nome *Ars Grammatica*, por guardarem os preceitos e princípios do bem falar²⁷. A utilidade também parece ter entrado em jogo, vinculando *ars* ao alcance de um objetivo, introduzindo um aspecto de profissão, de ofício rotineiro e processual, pois essas definições parecem recuperar aquela acepção primitiva de ajuste de algo externo à própria arte. A arte, com efeito, deve apresentar-se de maneira organizada e fechada em seus preceitos e princípios, que regulam a produção de um objeto externo a si bem feito e bem ajustado, algo muito próximo da noção de *téchne* que há pouco vimos.

Cumpramos dizer que as definições vistas são demasiado técnicas, pois foram extraídas, senão todas, a maioria, de tratados retórico-filosóficos, e, por terem sido registradas nesses gêneros, é natural que seus autores primassem pela precisão, pela linguagem e por um certo grau de abstração nos seus enunciados. Mas encontramos registros, digamos, fora do eixo filosófico, que parecem expandir o conceito de *ars* adentrando em contextos menos técnicos e mostrando que o termo também pode designar, de maneira menos precisa e rigorosa, profissão, ofício, atividade, trabalho²⁸. Por conseguinte, pode-se dizer que *ars* é um vocábulo polissêmico cuja tradução para o português irá variar de acordo com o contexto de uso.

Porém, é hora de introduzirmos alguns pontos importantes que nos levarão a compreender não apenas os seus pontos de contato com a retórica e com a poesia como a proposta de interpretação do *summus orator* em *Do orador* 1 e do *summus poeta* na *Defesa*. Chega, portanto, o momento de abordarmos as noções de natureza, teoria e prática que aventamos na seção anterior. Em primeiro lugar, para explicarmos agora não o que é a arte, mas sobre quais elementos ela se fundamenta, precisamos utilizar um jargão técnico. E, como ocorre em outras formas de conhecimento, a compreensão do jargão revela muito do modo de proceder dos que a elas se dedicam. Sendo assim, começamos a exposição frisando que parece haver uma discordância a respeito da origem das *artes*: há quem diga que é resultado da experiência humana, expressa em latim como *usus* ou *exercitatio*, assim como há quem diga que é fruto da pesquisa e da meditação a respeito da natureza dos homens, em latim, *natura* e *ingenium*. Não compete a este trabalho aprofundar-se nessas reflexões, tampouco escolher entre ambas. Cabe a nós, antes, dizer que as duas preveem que, no princípio, quando ainda não existia *ars*, havia indivíduos vocacionados a determinadas tarefas, mas desprovidos de quaisquer *ars* ou *uia* (técnica e método) abalizada e atestada acerca dessas tarefas, guiados apenas pelo próprio *ingenium* (engenho) e por alguma especulação sobre os resultados obtidos na prática. A

26 “É evidente que nenhum dos autores que nos transmitiram as regras do discurso duvidou disto. Quem otestemunha são os próprios títulos de seus livros: Arte Retórica” (*Quod quidem adeo ex iis qui praecepta dicendi tradiderunt nemo dubitavit ut etiam ipsis librorum titulis testatum sit scriptos eos de arte rhetorica*)” (*Inst.* 2, 17, 2; In: FÁLCÓN, 2015, p. 70. Trad.: Rafael Sento-Sé Guimarães Falcón).

27 Cf. *Ars Grammatica*, de Donato; *Ars Grammatica*, de Diomedes.

28 **Ars**, ~tis. f. 7 a A profession, art, craft, trade, occupation. b a business, task, pursuit; a type of activity, exercise. In: *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: The Clarendon Press, 1968, p. 175. 7 a Profissão, arte, comércio, construção, ocupação. b Negócio, tarefa, carreira; tipo de atividade, exercício.

ciência e a arte chegam aos homens através da experiência, pois a arte é feita das muitas observações experimentais que geram um juízo universal sobre casos semelhantes²⁹. Esse teria sido o caso dos oradores gregos antes do desenvolvimento da *téchne rhetorikê* por Córax e Tísias, bem como dos romanos que atuavam antes da chegada dos mestres de retórica gregos à Urbe. Crasso diz que os cidadãos desenvolveram a eloquência e que a especulação e o talento lhes permitiram, de modo que a produção oratória, certamente, poderia ser considerada casual ou mesmo experimental³⁰. Em *Brut.* 46, Cícero diz, apoiado em Aristóteles, que, depois da expulsão dos tiranos da Sicília, após longo período de despotismo, os siracusanos, perspicazes e nascidos para a controvérsia, buscaram requerer nos tribunais a posse de suas propriedades particulares³¹. Os relatos do que aconteceu à retórica em Roma e em Siracusa fornecem uma hipótese para a questão da origem das artes. No princípio, a *natura* e o *ingenium* dos homens orientam os modos de executar determinadas tarefas que constituirão uma forma de experiência (*exercitatio, consuetudo, usus*), da qual serão extraídos os preceitos para a criação de um método, uma técnica. Neste sentido, de fato, a arte nasceu da observação da experiência humana.

A natural superioridade de uns sobre os outros, na prática cotidiana dos afazeres, fez com que se verificassem expedientes mais ou menos eficientes. Essas características foram associadas a uma natureza (*natura*) propícia à tarefa, e o trabalho desses homens foi sendo convertido em identidade ideal, donde os primeiros tratadistas extraíram os primeiros esboços dos seus manuais (CHIAPPETTA, 2001, p. 48). A partir daí, foi-se criando uma espécie de sistematização dessa natureza propícia, como expôs o personagem Sócrates³², para garantir a todos um método, no sentido etimológico mesmo da palavra, uma via por onde seguir, seguro, no sentido de tentar reduzir ações do acaso, a fim de atingir um objetivo; no caso da retórica, a persuasão. É em meio a essa reflexão que surge a ideia de que todas as artes importantes são fruto da pesquisa e da meditação a respeito da natureza, algo não por acaso presente em *Orat.* 183. O texto ciceroniano diz que a notação e a observação da natureza originaram a arte (*notatio naturae, et animaduversio peperit artem*), afirmação também muito próxima, em certo sentido, daquela cunhada por Sêneca. Quase ilustrando isso, Lúcio Crasso, em explicação sobre a arte retórica em *De orat.* 3, 143-4 (*eloquentiam ex artificio, sed artificium ex eloquentia natum*) diz que a eloquência artificial da *ars* originou-se da sistematização da eloquência espontânea de nomes naturalmente eloquentes e que, por isso, pode concluir com segurança que foi a eloquência (*naturalis*) a genitora da técnica, a artificialidade oratória, assim como o som

29 “A experiência [*empeiria*] parece, de certo modo, semelhante à ciência [*episteme*] e à arte [*techne*], mas a ciência e a arte chegam aos homens através da experiência. Pois a experiência faz a arte, como disse Polo, e a inexperiência, o acaso. A arte nasce quando de muitas observações experimentais surge uma noção universal sobre os casos semelhantes” (*Metaph.* 1, 981a, 3-6; In: VALLANDRO, 1969, p. 36-7. Trad.: Leonel Vallandro).

30 Vide nota 10.

31 “Assim, Aristóteles afirma que depois da expulsão dos tiranos da Sicília, as propriedades particulares, após longo período de interrupção, passaram a ser reclamadas em tribunal, então pela primeira vez, pois aquela gente era perspicaz e nascida para a controvérsia, os sicilianos Córax e Tísias redigiram um manual de preceitos – de fato, antes disso ninguém costumava discursar com método e técnica, muito embora alguns o fizessem com zelo e precisão” (*Itaque, ait Aristoteles, cum sublatis in Sicilia tyrannis res priuatae longo interuallo iudiciis repeterentur, tum primum, quod esset acuta illa gens et controuersiae nata, artem et praecepta Siculos Coracem et Tisiam conscripsisse—nam antea neminem solitum uia nec arte, sed accurate tamen et descripte plerosque dicere*) (*Brut.* 46; In: ALMEIDA, 2014, p. 73. Trad.: Olavo Vinicius Barbosa de Almeida).

32 “Todas as artes importantes devem basear-se na pesquisa e na meditação da Natureza, pois é daí que parece advir-lhes essa sublimidade de pensamento que nelas se encontra, ao lado da perfeição. Péricles assim procedeu, juntando aos seus dons naturais os dons acima apontados. Teve a grande felicidade de conhecer Anaxágoras, um homem deste quilate, pois se dedicou à investigação da física, estudou a natureza do espírito e a carência de espírito (...) e transplantou-as para a sua arte retórica, do que tirou grande proveito” (*Phdr.* 270a; In: PLATÃO, 2000, p. 114-5. Trad.: Pinharanda Gomes).

existia antes de ser criada a música, exemplo extraído de *Inst.* 2, 17, 10³³. Por esse viés, não há motivos para discordar de que a arte é fruto da observação da natureza. De todo modo, a técnica traz uma sistematização (*ratio*), que surge, inicialmente, como resultado da experiência de muitos casos individuais ou como generalização, que assume a forma de *praecepta* (preceitos), *principia* (princípios), *regulae* (regras) e *uiae* (métodos) (HANSEN, 2013, p. 31). Isto não significa que não haja alguém experiente e engenhoso embora desprovido de conhecimento, mas a técnica fornece um tipo de conhecimento oriundo da experiência e do engenho que é ensinável, formando um corpus de procedimentos transmissíveis em latim, uma *ars*, uma *doctrina*, uma *ratio*, um *studium* ou uma *scientia* (*ibid.*, p. 31). Quintiliano aborda a questão da origem da arte com a mesma opinião aparentemente do Sócrates platônico e de Cícero. Ele cita o exemplo da medicina, também citada pelo mestre no *Fedro*, que teve seus procedimentos todos baseados no correto funcionamento da saúde natural do corpo³⁴, uma ciência inteira criada e dedicada à tentativa de reprodução e imitação artificial do estado natural de saúde. É nesse contexto que surge a associação de *ars à imitatio* (imitação) da natureza, porque a natureza não apenas preexiste à arte, mas, sobretudo, influencia diretamente as suas criações e as regras.

Mas essas sistematizações parecem ter surgido de duas demandas distintas. A primeira é do indivíduo dotado de natureza apta (*ingeniosus*), que poderia eventualmente não discursar bem por diversos motivos, como, por exemplo, por ter começado por onde, na verdade, deveria ter concluído, ou por ter elencado argumentos contraditórios, ou mesmo por não ter memorizado aquilo que discursaria *etc*³⁵. Seus erros decorreriam do desconhecimento completo dos procedimentos que devem reger a composição de um discurso. Para que o acaso não ocorresse, criou-se o método. A segunda seria a do indivíduo não dotado, que, embora limitado pela sua própria condição, seja por não ter uma boa memória, uma boa argumentação ou mesmo uma boa dicção natural, poderia ainda produzir um discurso apropriado a ponto de superar alguém talentoso, mas desconhecedor dos procedimentos técnicos³⁶. Com o objetivo de minimizar as limitações inerentes à sua

33 “Basta recordar-nos que tudo o que a arte torna perfeito tem sua origem na natureza. Caso contrário, sumamos com a medicina, que foi descoberta pela observação de quais coisas conduziam à saúde, quais à doença. De acordo com alguns, ela é inteiramente baseada na experiência: alguém já tinha atado uma ferida antes que a arte existisse, e aliviado uma febre por meio de descanso e jejum; não porque tenha visto qualquer motivo teórico para isso, mas porque a saúde mesma do paciente o exigia. Tampouco permitamos que a construção seja uma arte: homens primitivos construíam sem arte suas casas” (*Illud enim admonere satis est, omnia quae ars consummauerit a natura initia duxisse: aut tollatur medicina, quae ex obseruatione salubrium atque his contrariorum reperta est et, ut quibusdam placet, tota constat experimentis [nam et uulnus deligauit aliquis antequam haec ars esset, et febrem quiete et abstinentia, non quia rationem uidebat, sed quia id ualetudo ipsa coegerat, mitigauit], nec fabrica sit ars [casas enim primi illi sine arte fecerunt], nec musica [cantatur ac saltatur per omnis gentes aliquo modo]*)” (*Inst.* 2, 17, 9; In: FÁLCON, 2015, p. 71. Trad.: Rafael Sento-Sé Guimarães Falcón).

34 Vide nota anterior.

35 “Disse então Antônio: – Muitas vezes notei, Crasso, que, como dizes, não só tu, como os demais grandes oradores (embora, em minha opinião, jamais tenha havido alguém semelhante a ti), mostravam-se agitados no exórdio de seus discursos. Ao examinar a razão disso, qual era o motivo de, quanto maior a habilidade de um orador, maior ser o seu medo, encontrava estas duas causas: a primeira é que aqueles que aprenderam com a prática e a natureza percebem que, por vezes, mesmo no caso dos maiores oradores, o resultado do discurso pode não sair de acordo com o previsto; desse modo, não sem motivo, temiam sempre que discursavam, que acontecesse naquela exata ocasião o que a qualquer momento podia acontecer” (*Tum Antonius: Saepe, ut dicis, inquit animaduerti, Crasse, et te et ceteros summos oratores, quamquam tibi par mea sententia nemo unquam fuit, in dicendi exordio permoueri. Cuius quidem rei cum causam quaererem, quidnam esset cur, ut in quoque oratore plurimum esset, ita maxime is pertimesceret, has causas inueniebam duas: unam, quod intellegent ei, quos usus ac natura docuisset, nonnumquam summis oratoribus non satis ex sententia euentum dicendi procedere*) (*De orat.* 1, 122-3).

36 “E não faço tais afirmações com a intenção de afastar completamente do estudo da oratória os jovens que acaso não tenham vocação para ela. De fato, quem não nota que o próprio fato de ser medianamente versado na oratória (como quer que ela fosse) conferiu grande respeito a Célio, meu contemporâneo, mesmo sendo um homem novo? Quem não percebe que o vosso contemporâneo, Q. Vário, homem grosseiro e repugnante, obteve grande reconhecimento na cidade devido àquela mesma capacidade, qualquer que tenha sido?” (*Neque haec in eam sententiam disputo, ut homines adulescentes, si quid naturale forte non habeant, omnino a dicendi studio deterream. Quis enim non uidet, C. Coelio, aequali meo, magno honori fuisse, homini nouo, illam ipsam, quamcumque assequi poterit, in dicendo mediocritatem?*).

própria natureza, sejam elas de caráter físico ou psicológico, criou-se o método. Surgem, com efeito, inúmeras *artes*, isto é, manuais de como realizar determinadas tarefas da forma correta, e.g., *ars grammatica* (arte do falar e do escrever corretamente), *ars rhetorica* (arte do discursar), *ars mnemonica* (arte da memória), *ars poetica* (arte poética). Retórica e Gramática formaram, juntamente com outras importantes áreas do conhecimento, as famosas *sete artes liberais*: dialética (arte de distinguir o verdadeiro do falso), aritmética (arte dos números), música (arte do som e do canto), geometria (arte das medidas e dimensões da terra) e astronomia (arte da lei dos astros), todos sistemas fechados. Cada um com a sua *scientia* (conhecimento), denominando um ramo de estudo (*studium*) específico e gerando um conhecimento (*doctrina*). Eram verdadeiros compêndios de princípios e de regras destinados à transmissão dos conhecimentos práticos adquiridos através da experiência e da observação dos homens. Em razão disso, esses métodos possuíam um forte teor injuntivo de modelar a atuação dos que a eles se dedicavam e transmitir a maneira correta de trabalhar para chegar até um fim, como se pode ver nas *artes rhetoricae*. Segundo Emanuelle Narducci em seu prólogo à tradução italiana do *Pro Archia* por Giovanni Bertonati, esses manuais de retórica seguiam o protocolo de ter, na estrutura, uma divisão rígida e pouco mutável; na linguagem, um tom doutrinal e irredutível, como podemos constatar na *Retórica a Herênio*, praxe quebrada, no campo da retórica, apenas com a publicação do *Diálogo do orador*, de Cícero (CICERONE, 1992, p. 15-8). É o momento em que definitivamente atividades como retórica, poesia e medicina deixam de ser “instintivas” e se tornam campos de conhecimento estabelecidos.

Encaminhamo-nos, com isso, ao aspecto transmissível. As *artes*, na medida em que são repletas de regras e princípios, precisam de um *magister* (mestre) que as domine e as ensine. No caso da gramática, será o *grammaticus*; no da retórica, será o *rhetor*. Uma das tarefas referentes a esse ofício é a de identificar em cada indivíduo o tipo de *ingenium* que lhe pertence e a ele adaptar os seus ensinamentos. Hansen (2013, p. 34-5) lista três espécies de engenho: o natural, o furioso e o exercitado. Diz o estudioso que o engenho natural aplica a técnica com a perspicácia e a versatilidade do talento espontâneo. Sua perspicácia associa-se à dialética e à faculdade de penetrar nas matérias e dividi-las pela análise, apresentando definições dos conceitos que a constituem, e sua versatilidade tem a memória das palavras da *elocutio* e, com frequência, encontra as palavras adequadas para transformar as definições dos conceitos em argumentos proporcionados ao gênero do discurso. O outro gênero de engenho, o melancólico, segundo os gregos, era afetado pela bile negra ou melancolia, era *furor*, na tradução que Cícero faz do grego *melankholía*³⁷. Obra de um autor *furiosus* pode aparecer como *átechnos*, sem técnica, para os que desconhecem sua arte, pois o tipo furioso produz imagens que não seguem regra do juízo. Por isso, muitas vezes é conveniente que se finja a fúria, que se finja o tipo furioso na *actio* ou dramatização do discurso, pois o orador que parece apaixonado, entusiasmado e mesmo fora de si é mais persuasivo que o orador frio (HANSEN, 2013, p. 36). O terceiro apresentado por Hansen seria o engenho exercitado (*exercitatus*). Em tese, ele reproduziria escolarmente os modelos de sua arte devido aos exercícios da imitação chamados *meditationes* (preparações). O estudioso fornece como exemplo Quintiliano,

(*De orat.* 1, 117) “Mesmo aqueles a quem tais elementos foram concedidos em menor proporção pela natureza podem conseguir fazer uso dos elementos que têm de maneira moderada, judiciosa e que não seja inadequada” (*Quae quibus a natura minora data sunt, tamen illud assequi possunt, ut eis, quae habeant, modice et scienter utantur, et ut ne dedeant*) (*De orat.* 1, 132).

³⁷ “Alguns gregos famosos desejam distinguir, mas carecem de um termo: eles chamam *melankholía* o que conhecemos por furor. A mente, porém, é como que movida pela bile negra e algumas raras vezes por uma ira violenta ou um temor ou uma dor” (*Graeci uolunt illi quidem, sed parum ualent uerbo: quem nos furorem, μελαγχολίαν illi uocant; quasi uero atra bili solum mens ac non saepe uel iracundia grauiore uel timore uel dolore moueatur*) (*Tusc.* 3, 11).

que propõe, como *meditatio* e *exercitatio* (exercício) que os oradores leiam e conheçam de cor a *enarratio auctorum* ou os *elencha auctorum*, os elencos dos autores que são consagrados como autoridades pelo costume, fazendo exercícios de imitação deles. No entanto, exercitado, como o próprio nome diz, parece-nos qualquer engenho submetido a um processo de exercício, seja ele da espécie que for, de modo a restarem apenas dois gêneros de *ingenium*. Porque, de todo modo, os engenhos desprovidos da técnica tendem a se tornar *atechnoi* abandonados à própria sorte, como é o caso de algumas figuras que, por força da inspiração desmedida, gritam a todo instante, movimentam-se demasiado, arfiam, gesticulam e balançam a cabeça com violência excessiva³⁸. Deve-se ter em mente ainda que a arte serve a todos, como mostra Quintiliano ao lembrar o tratamento dessemelhante que Sócrates dispensou a Éforo e Teopompo: o primeiro precisava de arreios; o segundo, de esporas. Sendo assim, ele diz que cabe ao mestre de retórica reconhecer qual o tratamento e o gênero discursivo mais adequados a cada engenho³⁹. A natureza do discípulo, em resumo, tanto quanto a sagacidade do mestre para detectá-la, tornam-se elementos de suma relevância para a transmissão da *ars*, na medida em que decidem a ênfase e o gênero a serem privilegiados no processo de educação do indivíduo⁴⁰.

Por esse ângulo, surge um outro aspecto dessa transmissão: a educação, a formação. A *ars* se revela uma educação na medida em que exige um longo período de aprendizado e de extenuantes sessões de exercício, tudo isso sob a batuta de um mestre que oriente esse processo. Talvez o maior exemplo dessa dura faceta formativa da *ars* seja a extensa *Institutio*

38 “Porém, esses oradores reivindicam uma reputação de oratória ‘forte’ por causa da sua performance. Gritam a todo momento e mitem tudo ‘com a mão erguida’, como costumam dizer, correndo muito para cima e para baixo, arfando, gesticulando violentamente e sacudindo suas cabeças como loucos” (*Verum hi pronuntiatione quoque famam dicendi fortius quaerunt; nam et clamant ubique et omnia leuata, ut ipsi uocant, manu emugiunt, multo discursu anhelitu, iactatione, gestus, motu capitis furentes. Iam collidere manus, terrae pedem incutere, femur pectus frontem caedere, mire ad pullatum circum facit*) (*Inst.* 2, 12, 9; In: FÁLCÓN, 2015, p. 56. Trad.: Rafael Sento-Sé Guimarães Falcón). “Afro, então, elegantemente disse que Mânlio Sura (um tipo que enquanto discursava movia-se bastante, saltava, agitava as mãos, deixava a toga cair e a recolocava) não fazia um discurso [agere], mas um percurso [satagere]” (*Afer enim uenuste Manlium Suram multum in agendo discursantem salientem, manus iactantem, togam deicientem et reponentem, non agere dixit sed satagere*) (*Inst.* 6, 3, 54; In: MIOTTI, 2010, p. 66. Trad.: Charlene Martins Miotti).

39 “Pessoalmente, não combato a natureza; em minha opinião, não se deve, de fato, renunciar às boas inclinações inatas, se há algumas, mas desenvolver e estimular aquelas que ficam para trás. Assim Sócrates, o mais brilhante dos mestres, cujas obras testemunham sua perfeição oratória como o juízo de seus discípulos atesta seu valor pedagógico, quando julgava Éforo e Teopompo, dizendo que um precisava de freios, e o outro de esporas, porventura esperava que seus ensinamentos deviam favorecer a indolência de um, que era um pouco lento, e a precipitação do outro, que praticamente corria de cabeça baixa?” (*Neque ego contra naturam pugno: non enim deserendum id bonum, si quod ingenitum est, existimo, sed augendum, addendumque quod cessat. An uero clarissimus ille praeceptor Socrates, quem non magis libri bene dixisse quam discipuli bene docuisse testantur, cum de Ephoro atque Theopompo sic iudicaret ut alteri frenis, alteri calcaribus opus esse diceret, aut in illo lentiore tarditatem aut in illo paene praecipiti concitationem adiuiuandam docendo existimauit, cum alterum alterius natura miscendum arbitraretur?*) (*Inst.* 2, 8, 11-3; In: FÁLCÓN, 2015, p. 50. Trad.: Rafael Sento-Sé Guimarães Falcón).

40 “Por isso a maioria considerou útil que se educasse cada um de modo a favorecer, por uma boa educação, as propriedades de sua natureza, e a auxiliar preferencialmente as tendências dos diversos talentos. Como quando um experiente mestre de ginástica, tendo entrado num ginásio cheio de crianças, estuda por toda sorte de testes o seu corpo e o seu espírito e, assim, acaba por discernir a que tipo de prova deve-se preparar cada um deles; do mesmo modo o professor de eloquência, depois de sondar sagazmente o gosto dos alunos, seja ele por um estilo serrado e limado, seja por um vivo, grave, doce, áspero, brilhante, urbano, deverá acomodar-se a essas diversas tendências, a fim de que cada um seja direcionado ao gênero em que mais se destaca. Assim a natureza, auxiliada pelo cuidado, fortificar-se-á; aquele, ao contrário, que for conduzido em sentidos diferentes, por um lado não poderá ser bem-sucedido em campos para os quais possui menos aptidão; e por outro, abandonando a atividade para a qual parecia nascido, ele enfraquece seu rendimento” (*Vtile deinde plerisque uisum est ita quemque instituere ut propria naturae bona doctrina fouerent, et in id potissimum ingenia quo tenderent adiuiuarentur: ut si quis palaestrae peritus, cum in aliquod plenum pueris gymnasium uenerit, expertus eorum omni modo corpus animumque discernat cui quisque certamini praeparandus sit, ita praeceptorem eloquentiae, cum sagaciter fuerit intuitus cuius ingenium presso limatoque genere dicendi, cuius acri graui dulci aspero nitido urbano maxime gaudeat, ita se commodaturum singulis ut in eo quo quisque eminent prouehatur, quod et adiuta cura natura magis eualescat et qui in diuersa ducatur neque in iis quibus minus aptus est satis possit efficere et ea in quae natus uidetur deserendo faciat infirmiora*) (*Inst.* 2, 8, 3-5; In: FÁLCÓN, 2015, p. 49. Trad.: Rafael Sento-Sé Guimarães Falcón).

oratoria de Marco Fábio Quintiliano, publicada por volta de 95 a.C. A *Institutio* é uma obra composta de doze livros que tratam de todas as minúcias referentes à educação oratória. Os livros, na verdade, descrevem um longo percurso, que vai do berço à aposentadoria, se não mesmo até o túmulo, nas palavras de Kennedy (1962, p. 132), num esforço hercúleo de descrever ou prescrever os ditames da educação do orador perfeito, os quais, visto amiúde esgarçarem os limites do conhecimento oratório, chegam a adquirir feições humanistas. Esse viés de educação também pode ser visto, embora bem mais conciso, no livro 1 das Etimologias (*Etymologiae*), de Isidoro de Sevilha, em que podemos encontrar uma série de preceitos sobre gramática, texto de estrutura tratadística, de conteúdo sistematizado e de preceituário inflexível. No fim das contas, trata-se de um processo de aquisição da *doctrina*, outro termo caro às artes, o qual designa o objeto de conhecimento daquele que ensina (*docet*), o *doctor*. Em meio a tudo isso, devia o aluno demonstrar a sua *disciplina*, isto é, a qualidade do *discipulus*, que consiste numa conduta de busca pela educação, uma disposição mantida durante o treinamento⁴¹. Outra virtude também demandada do aluno era o chamado *studium*, ou seja, a assídua e veemente dedicação do espírito, com grande volúpia, a uma matéria, como filosofia, poesia, geometria e letras (*studium est autem animi assidua et uehementer ad aliquam rem adplicata magna cum uoluptate occupatio, ut philosophiae, poeticae, geometricae, litterarum*)⁴². Essas virtudes seriam mobilizadas para o discípulo adquirir o *habitus*, que pode ser resumido numa perfeição constante e absoluta adquirida pela dedicação e pela diligência⁴³.

A aplicação prática desse conhecimento, que se denominará, em latim, *exercitatio*, mas também, por vezes, *usus*, se dará no cotidiano do artífice⁴⁴. Esses termos dão conta

41 **Disciplina**, ~ae. f. **4 a** Orderly conduct based on moral training, discipline. **b** order maintained in a body of people under command or sim. In: *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: The Clarendon Press, 1968, p. 550. **4 a** Conduta metodicamente calçada no treinamento moral, disciplina. **b** ordem mantida num corpo sob o comando ou algo do gênero. 42 Cf. *Inu.* 1, 36.

43 “Ora, chamamos de hábito a perfeição constante e absoluta do corpo e do espírito em alguma matéria, como o aprendizado de alguma técnica ou de certa virtude ou ainda o conhecimento e também uma espécie de simetria corporal não dada pela natureza, mas adquirida pela dedicação e pela diligência” (*Habitu autem appellamus animi aut corporis constantem et absolutam aliqua in re perfectionem, ut uirtutis aut artis alicuius perceptionem aut quamuis scientiam et item corporis aliquam commoditatem non natura datam, sed studio et industria partam*) (*Inu.* 1, 36).

44 “E costumes por vezes discordar de mim neste assunto, porque eu afirmo que a eloquência depende das realizações dos homens mais instruídos, tu, em contrapartida, julgas que ela deve ser separada do refinamento da doutrina e confiada a determinado tipo de talento e prática” (*Solesque non numquam hac de re a me in disputationibus nostris dissentire, quod ego prudentissimorum hominum artibus eloquentiam contineri statuam; tu autem illam ab elegantia doctrinae segregandam putes, et in quodam ingenii atque exercitationis genere ponendam*) (*De orat.* 1, 5). “Comecei, então: – Pois bem, fazer o elogio da eloquência e relevar quão grande é seu poder e quanto prestígio ela confere àqueles que a alcançaram não é nosso propósito aqui nem é algo necessário. Mas isto eu poderia assegurar sem nenhuma hesitação: quer ela seja produzida por alguma arte, quer pelo treinamento constante, quer pela disposição natural, não há nada no mundo mais difícil” (*Hic ego: laudare igitur eloquentiam et quanta uis sit eius expromere quantamque eis, qui sint eam consecuti, dignitatem afferat, neque propositum nobis est hoc loco neque necessarium. Hoc uero sine ulla dubitatione confirmauerim, siue illa arte pariatum aliqua siue exercitatione quadam siue natura, rem unam esse omnium difficillimam*) (*Brut.* 25; In: ALMEIDA, 2014, p. 66. Trad.: Olavo Vinícius Barbosa de Almeida). “São outros auxílios nascidos com cada um: a voz, os pulmões resistentes ao trabalho, saúde, a perseverança, a beleza que, se foram dados pela natureza, podem ser ampliados pela técnica, mas, por vezes, faltam de modo tal que arruinam os préstimos do talento e do empenho, assim como esses mesmos préstimos, sem um mestre competente, sem o estudo perseverante, sem a prática contínua e abundante da leitura, da escrita, por si próprias não encontram serventia” (*Sunt et alia ingenita cuique adiumenta, uox, latus patiens laboris, ualetudo, constantia, decor, quae si modica obtigerunt, possunt ratione ampliari, sed nonnumquam ita desunt, ut bona etiam ingenii studiique corrumpant; sicut et haec ipsa sine doctore perito, studio pertinaci, scribendi, legendi, dicendi multa et continua exercitatione per se nihil prosunt*) (*Inst.* 1, *proo.*, 27). “O orador deve ter invenção, disposição, elocução, memória e pronúnciação. Invenção é a descoberta de coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem a causa provável. Disposição é a ordenação e distribuição dessas coisas: mostra o que deve ser colocado em cada lugar. Elocução é a acomodação de palavras e sentenças adequadas à invenção. Memória é a firme apreensão, no ânimo, das coisas, das palavras e da disposição. Pronúnciação é a moderação, com encanto, de voz, semblante e gesto. Tudo isso poderemos alcançar por três meios: arte, imitação e exercício. Arte é o preceito que dá método e sistematização ao discurso” (*Oportet igitur esse in oratore inuentione, dispositione, elocutione, memoriam, pronuntiatione. Inuentio est excogitatio rerum uerarum aut ueri similium quae causam*

de uma dimensão prática da *ars* e representam uma etapa fundamental para que se adquira a excelência no seu ofício. No ambiente da retórica romana, arte da qual mais se tem notícia, essa aplicação pode ocorrer tanto no exercício mesmo da função quanto na escola do rétor, pois a palavra *exercitatio* deixa essa brecha semântica. A tal respeito, Clark (1977, p. 5) anuncia que esse elemento da *ars* se conecta à prática ou ao exercício e que pode ser interpretado por esses dois vieses. Pode significar aprendizagem por meio de tentativa e erro a exemplo de “alguém que levanta e cai de uma bicicleta até que, pela prática, se torna capaz de se equilibrar e de ir a qualquer lugar” (*sic*), situação que Clark considera mais ou menos pararela à que viviam os romanos antes da chegada dos rétores gregos na Urbe. Ainda pode nomear tarefas de sala de aula específicas, requisitadas pelo mestre e desempenhadas com grande esforço pelo discípulo. Cícero confirma a primeira possibilidade de entendimento quando diz que a eloquência romana não tinha qualquer sistematização ou método, mas tinha *usus* e *consuetudo*, isto é, um certo costume e uma tradição de anos e anos de práticas oratórias frequentes, as quais, mais tarde, tornaram, segundo o arpinate, os oradores romanos melhores que os seus mestres gregos⁴⁵. Não esqueçamos que uma etapa importantíssima da educação oratória praticada em Roma era o *tirocinium fori*, período de um ano durante o qual o jovem romano acompanharia um político experiente e respeitado (MARROU, 1990, p. 364). Ou seja, não há outra coisa senão a observação da *exercitatio*, do *usus* e da *consuetudo* oratória dos políticos romanos. No outro espectro, Cícero também apresenta, por meio de Crasso, os *exercitia* de ordem escolar. Como veremos, em *De orat.* 1, 149-159, Crasso menciona exercícios de escrita, exercícios de memória, de voz, de respiração, como meios de potencializar os dotes naturais do orador. Quintiliano, mestre de retórica, também sinaliza para o grande efeito que o exercício pode gerar no molde da natureza do indivíduo⁴⁶. Em vista de todas essas questões, a *exercitatio* reafirma seu pertencimento ao âmbito da educação, na medida em que auxilia a instrução técnica dos mestres no aprimoramento do talento do discípulo.

Ao passo que a *ars* se converte numa educação, como no caso da retórica, surgem as reflexões sobre esse novo traço. Surgem, portanto, obras com esse viés reflexivo, tais como os discursos *Sobre a troca* e *Contra os sofistas* de Isócrates, os diálogos *Do orador*, *Bruto* (*Brutus*) e *O orador* (*Orator*), a *Institutio oratoria* e a obra perdida *Das causas da corrupção da eloquência* (*De causis corruptae eloquentiae*) de Quintiliano, obras que não apenas apresentam um ideal de educação oratória, mas que criticam os rumos tomados

probabilem reddant. Dispositio est ordo et distributivo rerum, quae demonstrat quid quibus locis sit conlocandum. Elocutio est idoneorum uerborum et sententiarum ad inuentione adcommoatio. Memoria est firma animi rerum et uerborum et dispositionis perceptio. Pronuntiatio est uocis, uultus, gestus, moderatio cum uenustate. Haec omnia tribus rebus adsequi poterimus: arte, imitatione, exercitatione. Ars est praeceptio, quae dat certam uiam rationemque dicendi (*Rhet. Her.* 1, 3; In: [CÍCERO], 2005, p. 55. Trad.: Ana Paula Celestina Faria e Adriana Seabra). “Portanto, o orador é um homem justo, um proficiente no discursar. Um homem justo consiste de natureza, caráter e instrução. Um indivíduo proficiente no discursar caracteriza-se por ter uma eloquência artificiosa, que consta de cinco partes: invenção, disposição, elocução, memória e pronúncia; com o dever de persuadir sobre algo. A proficiência no discursar é obtida por meio de três coisas: natureza, teoria e prática. A natureza consiste no talento, a teoria no conhecimento, a prática na assiduidade. Pois é isso que se espera não somente do orador, mas de qualquer artífice que produza algo” (*Orator est igitur uir bonus, dicendi peritus. Vir bonus consistit natura, moribus, artibus. Dicendi peritus consistit artificiosa eloquentia, quae constat partibus quinque: inuentione, dispositione, elocutione, memoria, pronuntiatione, et fine officii, quod est aliquid persuadere. Ipsa autem peritia dicendi in tribus rebus consistit: natura, doctrina, usu. Natura ingenio, doctrina scientia, usus adsiduitate. Haec sunt enim quae non solum in oratore, sed in unoquoque homine artifice expectantur, ut aliquid efficiat*) (*Etym.* 2, 3, 2). 45 Vide nota 10.

46 “Não obstante, deve-se admitir que a educação leva algo embora – como uma lima leva algo de uma superfície ríspida; ou a pedra de amolar, da lâmina cega; ou o envelhecimento do vinho – mas o que ela leva são os defeitos, e a obra que foi limada pelo letramento é diminuída apenas na medida em que é melhorada” (*Nihilominus confitendum est etiam detrahere doctrinam aliquid, ut limam rudibus et cotes hebetibus et uino uetustatem, sed uitia detrahit, atque eo solo minus est quod litterae perpolierunt quo melius*) (*Inst.* 2, 12; In: FALCÓN, 2015, p. 56. Trad.: Rafael Sento-Sé Guimarães Falcón).

pelos oradores e rétores que a representam na sua época. Aí nascem também algumas teses, dentre as quais uma será destacada. Ela, não por acaso, está presente nesses seis textos, bem como no *Phdr.* 270a já citado, e foi designada por Monteiro Júnior (2016, p. 116) como o trinômio pedagógico. Esse argumento, exposto em *Antid.* 180-193 e em *C. soph.* 9-16, alega que todas as artes se fundamentam em três elementos: natureza, educação e exercício. A relação entre os elementos se estabelece de modo que em qualquer que seja a arte, a cada um, discípulo e mestre, cabe uma responsabilidade: ao primeiro cabe trazer consigo o pré-requisito de seu talento natural (*phýsis*); ao segundo, ser capaz de transmitir a educação (*paidéia*) a esse discípulo. O elemento conciliador de ambos é o exercício da experiência prática. A natureza (*phýsis*) é o mais importante dos três elementos do trinômio, pois, mesmo sem um grande aprimoramento ou uma instrução diferenciada dos demais, um indivíduo dotado de qualidades naturais no caso da retórica – inventar, memorizar, falar desinibido junto ao seu agir prudente – pode vir a tornar-se um orador de grande envergadura⁴⁷.

Portanto, há uma cadeia gradativa a ser respeitada e que garantirá o êxito do discípulo: em primeiro lugar, deve-se ter habilidade natural (*phýsis*), caracteres inatos, de modo que não deveriam prometer ensinar técnica oratória a todos (LACERDA, 2011, p. 19). Neste sentido, é importante frisar que o mestre entendia a natureza como elemento basilar muito em função de acreditar na superioridade helênica em relação aos demais povos, e, por crer nessa superioridade, que os gregos estariam mais aptos a aprender a arte oratória (LACERDA, 2011, p. 15-6). Daí, então, o indivíduo adquire experiência com a prática de exercícios de oratória, tendo por modelo a figura do mestre. Essa etapa do processo, portanto, que diz respeito à noção de *empeiría*, está muito ligada à imitação e à repetição, que serão responsáveis por aprimorar a natureza física do aluno (LACERDA, 2011, p. 17). Trata-se do segundo elemento na escala de importância no pensamento de Isócrates. Por fim, há o estágio da *paidéia*, ou da educação, em Isócrates. Seu papel restringe-se a dar direcionamentos àqueles que já cumpriram os requisitos da natureza e que ainda passam pelo processo de experiência⁴⁸. Ela não possui o poder de mudar o

47 “Digo-lhes que quem pretende ser proeminente seja nos discursos, nas ações, ou nas demais atividades, deve, antes de tudo, ser bem-dotado por natureza para realizar aquilo para o qual foram designados; em seguida, ser educado e adquirir o conhecimento de cada assunto; por fim, dedicar-se e exercitar o uso e a experiência prática daquilo que foi aprendido. Sob essas condições, pois, alcança-se a perfeição em todas as atividades, destacando-se em muito dos demais. Cada um deles, mestres e aprendizes, tem uma responsabilidade em particular: aos aprendizes, cabe trazerem consigo o pré-requisito de seu talento natural; aos mestres, por sua vez, serem capazes de educar discípulos de tal envergadura. O que há em comum entre ambos, porém, é o exercício da experiência prática. Mestres, pois, devem orientar atentamente seus aprendizes; estes, por sua vez, seguir com rigidez as orientações. Isso vale para todas as artes. Todavia, se alguém, ignorando as demais, me perguntasse qual desses pré-requisitos é o mais eficaz na educação através dos discursos, eu responderia que o talento natural é insuperável e se destaca muito mais do que os outros. Pois quem possui a alma assim dotada é capaz de inventar, aprender, trabalhar, e memorizar; a voz e a dicção são tão claras que, não somente pelas palavras, mas também pela boa disposição delas, é capaz de persuadir os ouvintes; além de ser ousado, não como sinal de falta de vergonha, mas porque prepara a alma com prudência para que tenha tanta confiança quando discursa perante todos os seus concidadãos quanto quando raciocina consigo próprio – quem não sabe que, ainda que tal sujeito não receba uma educação esmerada, mas geral e comum a todos, poderia ser um orador de tamanha envergadura que não sei se já houve alguém assim entre os gregos? Sabemos, aliás, que aqueles que não possuem talento natural, mas demonstram excelência em experiência e dedicação, superam não somente a si próprios como também aqueles que são naturalmente talentosos, mas negligenciaram demais seus respectivos talentos. Por conseguinte, cada um desses fatores poderia tornar um sujeito habilidoso em discursos e ações, porém ambos, quando estão presentes na mesma pessoa, produzem um homem insuperável pelos demais. Isso é, portanto, aquilo que penso sobre talento natural e experiência prática. Sobre a educação, todavia, não possa repetir o mesmo argumento: seu poder não é igual nem mesmo semelhante aos anteriores. Pois, se alguém ouvisse até o fim todas as lições sobre os discursos e as examinasse com maior rigor do que os demais, poderia, quiçá, tornar-se um compositor de discursos mais elegante do que a maioria, mas, se fosse colocado diante de multidão, e lhe faltasse somente uma coisa, a ousadia, não seria capaz de proferir nem mesmo uma única palavra” (*Antid.* 187-192; In: LACERDA, 2016, p. 184. Trad.: Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda).

48 “No entanto se é preciso não somente acusar os outros, mas também expor a minha própria reflexão, creio que todos

patamar de qualidade da natureza a ponto de transformar um indivíduo sem o menor talento numa figura de relevância na sua arte. Ela entra em jogo apenas quando o mestre precisa dar sentido aos esforços empreendidos pelos discípulos.

Muito do que sabemos a respeito dessa ideia foi-nos legado através da *Educação das crianças* de Plutarco, autor do séc. I d.C. Nesse texto, o autor diz que as artes e ciências seguem a mesma linha da virtude, isto é, exigem a congregação de três elementos, natureza (*phýsis*), razão (*lógos*) e costume (*éthos*). Afirma que a natureza sem instrução é cega, do mesmo modo que a aprendizagem separada da natureza é insuficiente e que o exercício separado das duas coisas não produz resultados. A educação das crianças, para ele, é comparável à agricultura. Tal como para a agricultura é necessário, em primeiro lugar, haver uma terra fértil, depois um agricultor habilitado e sementes adequadas, assim também a natureza é semelhante à terra, o educador ao agricultor e os preceitos à semente⁴⁹. Jaeger (1995, p. 364) e Pinheiro (PLUTARCO, 2008, p. 12) concordam em dizer que Plutarco, ao utilizar essa metáfora, deixa entrever uma longa lista de filósofos que alegavam o mesmo, de modo que se torna possível encontrar ecos de autores importantes. É importante dizer que, segundo Shorey (1909, p. 190-1), essa metáfora, nesses mesmos moldes, foi adotada, sobretudo, por sofistas e rétores, em protrépticos e apologias, para defenderem sua atividade de mal-entendidos. Eles tinham, primeiro, de provar a pertinência de seu trabalho aos conservadores e incrédulos que os questionavam no sentido de haver artistas não educados nas suas respectivas artes, mas que superavam os entendidos nelas, e em segundo lugar, os professores podiam resguardar-se das acusações de charlatanismo, ao advertirem que não prometem coisas impossíveis.

Pinheiro, em prefácio à sua tradução da *Educação das Crianças* (PLUTARCO, 2008, p. 34) visualiza essa mesma ideia, embora desprovida da metáfora, no *Phdr.* 269d, passagem que traz o que ele chama “doutrina dos três elementos”⁵⁰ no exemplo de Péricles exposto em *Phdr.* 270a, já citado. Sócrates responde a Fedro dizendo, a exemplo do que ocorre ao atleta com a sua excelência, que ele conquistará a arte retórica se conseguir unir *phýsis* (natureza), *meleté* (prática) e *epistéme* (conhecimento). Logo em seguida, ele cita o caso de Péricles para confirmar sua tese. Péricles juntou a pesquisa e a meditação da natureza, elementos nos quais baseiam as artes os seus dons naturais para aplicá-

os homens sensatos concordariam comigo que muitos dos que se dedicaram à filosofia continuaram sendo homens comuns, ao passo que alguns outros, mesmo sem jamais terem convivido com os sofistas, tornaram-se prodigiosos no discurso e na prática política. Pois o poder dos discursos e de todos os outros ofícios surge naqueles que têm boa natureza e são treinados na experiência, enquanto a educação os torna mais habilidosos e mais engenhosos na atividade de investigação, pois, quando eles por acaso se encontram errantes em determinadas situações, ela os ensina a captá-las de prontidão; por outro lado os que têm uma natureza inferior, ela não poderia torná-los bons competidores ou compositores de discursos, embora poderia fazê-los progredir e torná-los homens mais inteligentes em muitas coisas” (*C. soph.*, 14-5, In: LACERDA, 2011, p. 59-60.: Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda).

49 “De uma forma geral, aquilo que se diz sobre a virtude é o que costumamos afirmar sobre as artes e as ciências; para uma conduta justa é necessário congregar, em absoluto, três elementos: a natureza, a razão e o costume ao exercício. Chamo aprendizagem e costume à prática. Os princípios advêm da natureza e os progressos da educação; a prática advêm dos exercícios e a perfeição resulta de todas estas coisas. Porém, se, por destino, faltasse alguma destas coisas, a virtude ficaria imperfeita. É que, de fato, natureza sem instrução é cega, do mesmo modo que a instrução separada da natureza é insuficiente e o exercício separado das duas não produz resultados. Tal como a agricultura, é necessário, em primeiro lugar, haver uma terra fértil e depois um agricultor sabedor e sementes adequadas, assim também a natureza é semelhante à terra, o educador ao agricultor e os ensinamentos e os preceitos à semente” (*Educ.* 2a-2b; In: PLUTARCO, 2008, p. 12. Trad.: Joaquim Pinheiro).

50 Esta será a denominação que adotaremos para designar as reflexões pedagógicas que reconhecem o êxito do ensino atrelado ao dom natural, seja ele qual for, a toda forma de conhecimento e experiência. Por vezes, utilizaremos as palavras “teoria” e “prática”, reconhecendo que não traduzem com fidelidade as noções implicadas em *ars*, *doctrina*, *scientia*, *exercitatio*, *usus* e *consuetudo*, mas porque remetem ao leitor leigo, isto é, não estudioso de Letras Clássicas ou História Antiga, à organização do ensino contemporâneo, adotado frequentemente em escolas e universidades, que distingue a aula teórica da aula prática, sendo a primeira um momento de exposição e aprendizado do conteúdo ministrado pelo professor, e a segunda a aplicação simulada desse conhecimento no cotidiano laboral.

los no exercício da sua profissão política. Porque, do contrário, isto é, caso guiasse a sua prática apenas pelos dons naturais, o orador como um cego desprovido de arte e método; nesse caso, seria necessária a *epistème* para tornar-se visível o verdadeiro objeto da sua profissão retórica, a alma humana (*Phdr.* 270d). Ele também aponta essa doutrina quando o personagem que dá nome ao diálogo pergunta a Sócrates, em *Men.* 70a, se a virtude é coisa que se ensina, que se aprende, ou que se adquire pelo exercício e pela prática, e na exposição de Protágoras, em *Prt.* 323d, que diz acreditar que a virtude é adquirida pelo estudo e pelo exercício, não apenas trazida de berço, o que avaliza a sua atividade de sofista. No fim de *Mênnon*, Sócrates, juntamente com Ânito, percebe que não há mestres de virtude e que os homens considerados bons poucas vezes conseguiram transmitir aos seus filhos a sua boa condição moral (*Men.* 93a-96d). Em *Protágoras*, por outro lado, Protágoras afirma que é opinião corrente entre os atenienses que a virtude pode ser ensinada, haja vista as punições impostas por eles aos infratores com o intuito de melhorar a sua índole e inculcar-lhes a virtude (323d-324d). Além disso, a virtude é objeto de toda a educação de Atenas, desde a primeira infância com os pais e a ama até o aprendizado das leis na maturidade (324e-325e). O estudioso aponta também a presença da doutrina dos três elementos em textos aristotélicos como *Política* e *Ética a Nicômaco*. Em *Pol.* 1332a, o mestre de Estagira declara que existem três coisas capazes de produzir bons e virtuosos homens: *phýsis* (natureza), *éthos* (hábito) e *lógos* (razão). Ele argumenta que, para a virtude, deve nascer homem, não animal, com certas qualidades de corpo e alma, as quais podem ser melhoradas ou pioradas a depender da natureza dos hábitos posteriores. Para ele, os outros animais vivem guiados pela natureza e pelo hábito, mas o homem pode ser guiado pela razão que possui, de modo a colocar esses três elementos em harmonia⁵¹. Em *Eth. Nic.* 1179b, vemos a mesma ideia de construção da virtude pela *phýsis* (natureza), pelo *éthos* (hábito) e pelo *lógos* (razão) ser referida por Aristóteles⁵². Pode-se afirmar, porquanto, que Pinheiro estava certo quanto ao aproveitamento por Plutarco de ideias antigas referentes à educação dos homens: a tese que vincula o ensino da virtude à natureza, à educação e ao exercício pôde ser vista nos autores e obras elencados. Inicialmente, no *Phdr.* 269d de Platão, o contexto de utilização das três noções era a reflexão sobre a aquisição da arte retórica, depois, foi-se encaminhando à possibilidade de ensino da virtude, pauta trabalhada em Aristóteles. Em resumo, a despeito de algumas diferenças no uso dos termos, ao final, a questão do ensino fica vinculada ao talento do discípulo, à prática e à educação teórica, seja ela retórica ou ética.

O caráter dessas considerações denuncia o contexto de reflexão crítica dos filósofos sobre o ensino das *téchnai* em Atenas. Elas se formularam, no contexto grego do séc. V, de modo que permitisse a proliferação dos tratados técnicos a respeito dos mais

51 “Ora, alguns pensam que nos tornamos bons por natureza, outros pelo hábito e outros ainda pelo ensino. A contribuição da natureza evidentemente não depende de nós, mas, em resultado de certas causas divinas, está presente naqueles que são verdadeiramente afortunados. Quanto à argumentação e ao ensino, suspeitamos de que não tenham uma influência poderosa em todos os homens, mas é preciso cultivar primeiro a alma do estudioso por meio de hábitos, tornando-a capaz de nobres aversões, como se prepara a terra que deve nutrir a semente” (*Eth. Nic.* 1179b, 20-5; In: ARISTÓTELES, 1984, p. 232-3; Trad. de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim).

52 “Existem três factores para os homens se tornarem bons e íntegros: natureza, hábito e razão. Em primeiro lugar, é preciso nascer como ser humano e não como qualquer outro animal; e além disso, com uma certa qualidade de corpo e alma. Há qualidades que de nada servem à nascença porque os hábitos modificam-nas: a natureza fê-las capazes de serem modificadas, pela força do hábito, para melhor ou para pior. Os outros seres animados vivem por um impulso natural, embora alguns sejam tenuemente guiados pelo hábito. Mas o homem, para além da natureza e do hábito, é também guiado pela razão que só ele possui; por isso estes três factores devem estar sintonizados. Muitas vezes os homens, com efeito são levados a não seguir a natureza e o hábito, se a razão os persuade de que outro caminho é melhor. Definimos já, pois, que condições é necessário terem os cidadãos, para serem mais facilmente moldados pelo legislador. Tudo o mais diz respeito à educação; aprenderão em parte pelo hábito, em parte por instrução” (*Pol.* 1332a-b; In: ARISTÓTELES, 1998, p. 531; Trad. de António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes).

diversos temas, como a botânica, a culinária, a dança e a agricultura, e que permitisse, sobretudo, o crescimento do movimento sofista que buscava sistematizar o conhecimento reclamado para si, a virtude política (*areté politiké*) (JARESKI, 2006, p. 17; CURADO, 2010, p. 27). Em Roma, cerca de quatro séculos depois, já na época de Cícero (106-44 a.C.), autor dos dois textos que serviram de base para a nossa pesquisa, ocorreu um movimento parecido no que diz respeito à retórica. Depois que os cidadãos gregos, entre eles, também mestres de retórica, exportaram o seu conhecimento oratório para Roma devido ao progressivo avanço romano ao sul da península itálica, até então território grego, sobretudo a partir de 338, ano da conquista do sul italiano, começam a ganhar espaço mestres de retórica romanos (*rhetores latini*) que traduzem a retórica grega para o latim e que empreendem uma adaptação do seu sistema educativo para a realidade latina, criando um fenômeno de disseminação da oratória grega (MARROU, 1990, p. 383-91). Com a progressiva sistematização da eloquência romana, surge a figura de Cícero, com suas obras, para questioná-la, assim como ocorreu na Atenas de Platão, Aristóteles e Isócrates. A questão é que a popularização da retórica em Roma, com o transcorrer dos anos, gerou o que Chiappetta (2001, p. 54) chama de retorização da sociedade romana, pois toda a crítica e a produção textual praticada em Roma passou a reportar-se a critérios retóricos de composição e avaliação. A retórica tornou-se uma privilegiada instância teórica e doutrinal dessa tradição comum, tornou-se a forma de análise crítica conhecida da Antiguidade, cujo papel era examinar a maneira pela qual os discursos eram constituídos a fim de obter certos efeitos (CHIAPPETTA, 1997, p. 20). Ela não se preocupava se o objeto de sua investigação era oral ou escrito, poesia ou filosofia, ficção ou história: seu horizonte era apenas o campo da prática discursiva na sociedade, como um todo, e seu interesse particular estava em ver tais práticas como formas de poder e de desempenho (EAGLETON, 1994, p. 221). Segundo Pernot (2000, p. 257), há um processo pelo qual formas e procedimentos pertencentes ao domínio da retórica são transpostos para a literatura, e a sistematização retórica, nessas condições, se estende a todas as composições literárias, incluindo ainda demonstrações filosóficas e tratados científicos. Em suma, num momento em que não havia um equivalente da atual Teoria da Literatura, a retórica foi fornecedora de todo o instrumental teórico e vocabular da crítica literária (CHIAPPETTA, 1997, p. 20).

Apontam nessa direção estudos como o de McDill (1933) e sua análise dos discursos da *Eneida* 10, os comentários concisos de Clarke (1949), as considerações técnicas de Cícero e Horácio observadas por Fontán (1973), o primeiro capítulo de Achcar (1994), a tradução e os comentários de Rosado Fernandes à *Arte Poética* de Horácio (1992) e a discussão dos aspectos retóricos e filosóficos em Silva (2017). São estudos antigos e recentes que buscam comentar e evidenciar a utilização de expedientes retóricos na produção poética latina. A própria proposta de Chiappetta (1997) de viabilizar uma interpretação literária em *Dos deveres* (*De officiis*) e *As divisões da retórica* (*Partitiones oratoriae*) de Cícero insere-se nessa tentativa de aproximar-nos da crítica literária retorizada de Cícero e Horácio e desprender-nos da atual Teoria da Literatura.

Mas, como falávamos, o fato de a retórica ter influenciado a análise de inúmeras *artes* fez com que também a poesia se “contaminasse” com essa retorização, de modo que ambas se tornassem como que irmãs. De acordo com Chiappetta (1997, p. 20), em Roma, poesia e oratória eram disciplinas afins que se estendiam por territórios contínuos, e seus autores compartilhavam das mesmas técnicas e integravam-se numa tradição comum. Neste sentido, Crasso assevera que o poeta está muito próximo do orador: um pouco mais limitado pelo metro mais livre, porém, pela licença no uso das palavras, colega e quase irmão nos gêneros de ornamento e na impossibilidade de abusar da sua copiosidade e

da sua habilidade⁵³. Mais à frente, ainda nessa linha, a mesma personagem defende que os poetas são diferentes uns dos outros assim como os oradores, visto que diferem, de acordo com as suas virtudes e as suas naturezas, quanto aos gêneros utilizados e quanto à sua própria individualidade⁵⁴. São elementos que distanciam da poesia a inspiração sem técnica e que, ao mesmo tempo, a aproximam da atividade eivada de regras. Tal como a retórica, a poesia constitui-se como *ars* na medida em que o poeta deve adequar metro (*modus*), ritmo (*numerus*), tom (*uerba*), gênero (*genus*) e assunto (*res*) (FONTÁN, 1974, p. 209). Etimologicamente, poderíamos pensar no fazer poético como um ajustar dos elementos da sua obra, o conteúdo, o vocabulário, a métrica e o elenco num poema, comparando-o ao construtor de carros e casas que ajusta em conjunto as suas criações com o fim primordial de agradar e, por vezes, de ensinar (ASSUNÇÃO, 2010, p. 190). Isso quer dizer que, assim como o orador, o poeta se realiza em enunciados possuidores de uma força capaz de gerar no interlocutor um determinado efeito e que, por conta disso, é permitido aos falantes de uma língua exercer vários tipos de atos, tais como a ordem, a promessa e o pedido. Pode-se dizer que eles também permitem o exercício do discurso poético. É preciso haver uma correspondência entre o tema (*res*) e o modo de expressão (*uerba*), isto é, uma adequação da forma ao conteúdo. O conteúdo elegerá uma forma de expressão que lhe seja adequada segundo a história, a cultura e os valores de uma sociedade. A forma, em contrapartida, fornecerá a esse conteúdo um conjunto de componentes linguísticos, como o metro, o tom, as figuras e o gênero (prosa ou poesia), que permitirão ao ouvinte reconhecer aquele texto como pertencente a um determinado gênero e, com base nas convenções deste, deleitar-se e instruir-se (*Ars P.* 320-5; *Ars P.* 333)⁵⁵. Essas necessidades poéticas são, na verdade, oriundas do *decorum* retórico:

Ao forjarem suas ficções, os poetas observam o decoro quando cada personagem que criam fala e comporta-se em consequência do caráter forjado. Se conseguem construir personagens decorosas nesse sentido, conseguem (...) o aplauso para si. Os poetas podem julgar o que convém a cada personagem a partir do caráter que lhe atribuem; manejam uma grande variedade de caracteres, cada um deles único e determinado; podem até escolher um caráter perverso e conseguir aplauso, se este agir segundo a natureza dos perversos (CHIAPPETTA, 1997, p. 151).

53 “De fato, o poeta está muito próximo do orador: um pouco mais limitado pelo metro, mais livre, porém, em virtude da licença no uso das palavras, colega e quase igual nos gêneros de ornamento; certamente quase idênticos num ponto: não circunscrever ou restringir por quaisquer limites o seu direito, sem que lhes seja permitido vagar à vontade pelo uso daquela mesma faculdade e copiosidade” (*Est enim finitimus oratori poeta, numeris astrictior paulo, uerborum autem licentia liberior, multis uero ornandi generibus socius, ac paene par; in hoc quidem certe prope idem, nullis ut terminis circumscribat aut definiat ius suum, quo minus ei liceat eadem illa facultate et copia uagari, qua uelit*) (*De orat.* 1, 70).

54 “E, em primeiro lugar, é possível notar entre os poetas, que têm um parentesco próximo com os oradores, o quanto Ênio, Pacúvio e Ácio são diferentes uns dos outros, bem como, entre os gregos, Êsquilo, Sófocles, Eurípides, embora se atribua a todos eles um mérito quase igual num gênero de escrita diferente. Considerai agora os homens cuja faculdade investigamos e observai que diferença existe entre as inclinações e as naturezas dos oradores. Isócrates tinha encanto, Lísias, precisão, Hipérides, vivacidade, Êsquines, clamor, Demóstenes, força” (*Atque id primum in poetis cerni licet, quibus est proxima cognatio cum oratoribus, quam sunt inter sese Ennius, Pacuuius Acciusque dissimiles; quam apud Graecos Aeschylus, Sophocles, Euripides, quamquam omnibus par paene laus in dissimili scribendi genere tribuitur. Aspiciunt nunc eos homines atque intuemini quorum de facultate quaerimus [quid intersit inter oratorum studia atque naturas]. Suauitatem Isocrates, subtilitatem Lysias, acumen Hyperides, sonitum Aeschines, uim Demosthenes habuit*) (*De orat.* 3, 27).

55 “Comédias há, por vezes, que, embora parcas de elegância, medida e arte, por apresentarem temas atraentes e caracteres bem delineados agradam mais ao público e o prendem muito mais do que versos sem realidade, ou harmoniosas bagatelas poéticas” (*Interdum speciosa locis morataque recte fabula nullius ueneris, sine pondere et arte, ualdius oblectat populum meliusque moratur quam uersus inopes rerum nugaeque canorae*)” (*Ars P.* 320-5; 1992, p. 103. Trad.: R. M. Rosado Fernandes). “Os poetas ou querem ser úteis ou dar prazer” (*Aut prodesse uolunt aut delectare poetae*) (*Ars P.* 333; 1992, p. 105. Trad.: R. M. Rosado Fernandes).

De uma maneira concisa, considerar a retórica uma *arte* é também enxergá-la como uma atividade sistematizada pertinente a um âmbito delimitado e a um objeto específico. Com efeito, uma arte que se estabelece terá de servir-se de uma série de palavras técnicas para dar conta das realidades específicas com que pretende lidar, o que acarretará um jargão próprio de cada uma (LIMA, 2014, p. 82). No caso da arte retórica, o seu vocabulário parece ter sido adotado na análise da poesia, como se pode ver nas recomendações de Horácio na *Arte poética*⁵⁶. A instituição retórica, no período de Cícero, é que determina a circulação dos discursos ordenados em geral e os efeitos da comoção e da ficção. Isto significa que o discurso pode ser o de um orador pronunciando uma defesa em praça pública, de um historiador escrevendo seus comentários sobre a última guerra, um poeta recitando um elogio a seu protetor ou um arquiteto descrevendo a planta de uma casa (CHIAPPETTA, 1997, p. 15). Era uma fase de retorização da poesia na qual os antigos enxergavam a produção do poeta como reposição de uma identidade ideal, e os críticos julgavam, com base na eloquência, o decoro dessa reposição (CHIAPPETTA, 2001, p. 48). Assim sendo, torna-se razoável sustentar que uma figura como Cícero pode ter utilizado elementos da arte retórica numa breve digressão sobre a natureza da poesia e a condição do poeta.

Ora, nesse contexto, há que se lembrar que os futuros poetas tinham a mesma educação dos futuros oradores e futuros generais, ou seja, a educação oratória. Passavam pela escola de gramática, em que aprendiam a escrita, o uso, o emprego de sinônimos e figuras no discurso, bem como as regras de prosódia. Estudavam escritores do passado clássico e escreviam exercícios elementares em verso e prosa. Passavam para a escola de retórica, estudavam os discursos famosos e os tradicionais exercícios retóricos de declamação (CLARK, 1977, p. 21-2). Isto se confirma ao conferirmos o relato de Ovídio, contando que frequentou a escola junto de seu irmão, mas que não possuía a veia para as disputas judiciais, dado que tudo o que escrevia saía em forma de versos por força de sua inclinação⁵⁷. Horácio diz algo nessa linha quando relembra os tempos em que estudava os versos puros, belos, quase perfeitos de Lívio Andronico sob a tutela do severíssimo (*plagosus*) Lúcio Orbílio⁵⁸. O efeito imediato dessa prática seria “retorizar” o processo de criação poética e afastá-lo de qualquer tese pautada na inspiração sem técnica das Musas, conforme, segundo Crasso, diziam Platão e Demócrito⁵⁹. Aliás, Horácio (*Ars P. 295 et seq.*) entendia que esse *uesanus poeta* (poeta inspirado) é o que mais se opõe ao bom poeta, o qual se apoia sobre os seus dons naturais e sobre a sua técnica poética. A própria ideia de

56 Vide comentários de Rosado Fernandes à *Poética* em Horácio (1992).

57 “Desde a infância, fomos educados e, por cuidado de nosso pai, enviados até os mestres de Roma, ilustres por sua arte. Desde a flor da idade, meu irmão inclinava-se à eloquência, nascido para suas contendas do fórum loquaz. Mas a mim, ainda criança, deleitavam os ritos sublimes, a Musa furtivamente arrastava-me a sua arte. Meu pai amiúde dizia: ‘Por que tentas um estudo inútil? Nem o próprio Meónida deixou bem algum’. Abalavam-me tais dizeres e, abandonado todo o Hélicon, arriscava palavras livres de metro: Mas, por si vinha a poesia no metro adequado, e o que tentava escrever saía em verso” (*Protinus excolimur teneri, curaque parentis imus ad insignes Urbis ab arte uiros. Frater ad eloquium uiridi tendebat ab aeuo, fortia uerbosi natus ad arma fori; at mihi iam puero caelestia sacra placebant, inque suum furtim Musa trahebat opus. Saepe pater dixit ‘studium quid inutile temptas? Maeonides nullas ipse reliquit opes.’ Motus eram dictis, totoque Helicone relicto scribere temptabam uerba soluta modis. Sponte sua carmen numeros ueniebat ad aptos, et quod temptabam scribere uersus erat*) (Tr. 4, 10, 15-40; In: PRATA, 2007, p. 341-3. Trad.: Patrícia Prata).

58 “Com toda certeza, amaldiçoou ou penso que devem ser destruídos os poemas de Lívio. Lembro os poemas que o torturante Orbílio ditava para mim, quando criança, mas me fascina parecerem corretos, e belos, e em nada distantes da perfeição” (*Non equidem insector delendaue carmina Liui esse reor, memini quae plagosum mihi paruo Orbilium dictare; sed emendata uideri pulchraque et exactis minimum distantia miror*) (Ep. 2, 1, 68-71).

59 “De fato, ouvi muitas vezes dizer que ninguém pode ser um bom poeta (tal como afirmam ter sido transmitido por Demócrito e Platão em seus escritos) sem uma inflamação dos ânimos e sem um sopro, por assim dizer, de loucura (*Saepe enim audiui poetam bonum neminem – id quod a Democrito et Platone in scriptis relictum esse dicunt – sine inflammatione animorum existere posse et sine quodam adflatu quasi furoris*)” (*De orat.* 2, 194).

Crasso considerar o poeta (também o músico e o gramático) um artista de pouca monta, dado que seu ofício e conhecimento são de fácil identificação se comparado ao orador, já sinaliza um pensamento técnico sobre a questão⁶⁰. Sinaliza também para uma crítica retORIZADA que encara o poeta como um indivíduo que precisa passar pela educação para atingir a perfeição naquilo que produz, não mais refém do próprio talento, por vezes, imprevisível. Por isso, no caso do *Pro Archia*, entendemos que Cícero se utilizou do discurso retórico vigente, baseado na doutrina dos três elementos (talento, teoria e prática), para criar um poeta ideal.

60 “E, passando aos estudos das artes menos importantes, se investigássemos o músico, o gramático, o poeta, poderia, de maneira semelhante, explicar o que cada um deles promete e até que limite se deve exigir de cada um” (*Atque, ut iam ad leuiores artium studia ueniam, si musicus, si grammaticus, si poeta quaeratur, possim similiter explicare, quid eorum quisque profiteatur et quo non amplius ab quoque sit postulandum*) (*De orat.* 1, 212).

Capítulo 2

A DOCTRINA DOS TRÊS ELEMENTOS NO *DIÁLOGO DO ORADOR 1*

Considerações iniciais ao *Diálogo do orador 1*

Engenho, estudo e experiência: os fundamentos da retórica no *Diálogo do orador 1*

CONSIDERAÇÕES INICIAIS AO DIÁLOGO DO ORADOR I

O *Diálogo do orador* compõe-se de três tomos publicados em 55 a.C. que encenam reuniões, em 91 a.C., na residência de um dos antigos mestres de Cícero, Lúcio Licínio Crasso (140-91 a.C.), na antiga cidade de *Tusculum*. Lá, entre os convidados, destaca-se Marco Antônio (143-86 a.C.), seu principal interlocutor, que debate com seu anfitrião temas como a abrangência dos conhecimentos do orador, os seus dons naturais, o humor no discurso e a disputa entre filosofia e retórica, visando o estabelecimento do orador ideal. *Do orador* compõe, junto ao *Bruto* (46), um diálogo sobre a história da oratória romana, e *O orador* (46), uma espécie de tratado sobre o orador ideal e sobre a prosa rítmica, a tríade dos textos retóricos mais importantes da carreira de Cícero conhecida como *rhetorica maior* (JESUS, 2008, p. 23).

Com esse diálogo, Cícero não apenas inaugura sua produção filosófica como também estabelece uma inovação: trata-se do primeiro texto retórico romano em forma de diálogo filosófico. Os mestres de retórica, no geral, seguidores da tradição sofística, transmitiam ao aluno preceitos técnicos por meio de manuais chamados *ars rhetorica* (VASCONCELOS, 2000, p. 179-180). Utilizavam esses manuais repletos de definições, explicações (*explanationes*), preceitos (*praecepta*), exemplos (*exempla*) e exercícios (*exercitia*), como uma espécie de material de apoio para o aprendizado da arte retórica, donde se depreende seu caráter predominantemente normativo. Através da estrutura dialógica, *De oratore* discute as práticas e prescrições dos manuais convencionais⁶¹ e aponta as limitações que apresentam. Cícero distribui, nas intervenções das personagens Lúcio Licínio Crasso, Marco Antônio, Múcio Cévola, Sulpício Rufo, Aurélio Cota, Lutácio Cátulo e Júlio César Estrabão, todos expoentes da classe dirigente romana, os elementos de uma doutrina complexa e vastíssima. Para Narducci, ele apresenta os preceitos dos manuais de retórica com interpretações diversas, ancoradas no arbítrio dos interlocutores, que trazem consigo a autoridade da competência teórica e da experiência oratória (CICERONE, 1992, p. 17-8). Nenhum argumento é tratado de forma exaustiva e definitiva, prevalecendo o critério e o juízo pessoal de cada um, daí o andamento aparentemente errático da

61 Como, por exemplo, *Retórica a Herênio* (*Ad Herennium*) e o próprio *Sobre a invenção* (*De inuentione*).

conversação (*ibid.*, p. 17-8). A estrutura dialógica e a utilização de personagens permitem a Cícero propor questionamentos, apresentar perspectivas e analisar argumentos com criticidade e sem dogmatismo, coisas que um manual de retórica da sua época não poderia oferecer. Por esses motivos, podemos dizer que, em *Do orador*, temos a revisão e discussão do que no geral era proposto pelos rétores latinos e gregos à época.

Esse modelo dialógico, utilizado por Platão e Aristóteles, é de fundamental importância para a análise do *Diálogo do orador* 1. Em verdade, essa estrutura inovadora é, ainda para Narducci, uma expressão vigorosa do método neoacadêmico da *disputatio in utramque partem* de investigação filosófica, cuja orientação é buscar o provável através do confronto de diversos posicionamentos (CICERONE, 1992, p. 18-9). O estudioso lembra ainda que como a verdade, para os filósofos da Nova Academia, escola filosófica que exerceu grande influência sobre o pensamento de Cícero, não é nem simples nem absoluta, a opinião principal prevalecerá, mas não sem restrições apontadas pelos argumentos contrários (CICÉRON, 2009, p. viii-ix). Lima (2004, p. 56) nos mostra que, na obra de Cícero, havia uma preocupação ligada à forma como o discurso filosófico será conduzido. O orador de Arpino aprecia o diálogo com discursos contínuos (*orationes perpetuae*), a exemplo dos oradores (*rhetorice disputare*)⁶², como meio de exposição filosófica, embora faça importantes ressalvas a esse modo de expressão: ele não permite que os participantes da discussão se demorem sobre as questões mais controversas e estabeleçam os pontos em que concordam e os pontos em que discordam (LIMA, *op. cit.*, p. 57)⁶³. Se a *oratio perpetua* é vista com alguma desconfiança por parte de Cícero, é porque deve haver outra maneira para se expressar (*ibid.*, p. 58). O modo socrático, associado aos dialéticos (*dialectice disputare*), consistia em conversações (*sermões*), a princípio, sem nada afirmar, depois, da coleta, por assim dizer, das opiniões de seus interlocutores e, por fim, da refutação dos outros com aquilo que se pensava, ou, nas palavras de Cícero, com o que lhe parecesse (*ibid.*, *loc. cit.*). Porém, esse método de perguntas e respostas dá espaço a raciocínios intrincados e capciosos que visam a confundir o interlocutor e levá-lo à contradição e ao silêncio (*ibid.*, p. 59). O autor opta por compor *De oratore* com discursos contínuos, à maneira dos oradores, mas não apenas dos oradores.

Esse diálogo com discursos longos, como se transferisse a oratória sofisticada dos tribunais e das tribunas para a realidade amistosa da conversa entre amigos, é conhecido como diálogo aristotélico. A crítica adota esse nome porque o próprio Cícero chama a argumentação em favor de ambas as partes e, em todas as questões, apresenta dois discursos contrários⁶⁴. O orador de Arpino, contudo, afasta-se do estagirita na medida em que trabalha os aspectos ficcionais dos seus diálogos, segundo Lima (2004, p. 61),

62 “Que discutamos à maneira dos rétores (...) tu achas melhor do que à maneira dos dialéticos. Ora, como se o discurso contínuo fosse dos rétores apenas e não dos filósofos também” (*Rhetorice igitur, inquam, nos mauis quam dialectice disputare? Quasi uero, inquit, perpetua oratio rhetorum solum, non etiam philosophorum sit*) (Fin. 2, 17; In: LIMA, 2004, p. 59. Trad.: Sidney Calheiros de Lima).

63 “Torquato, de fato, não somente disse o que pensava, mas também as razões por que assim pensava. Quanto a mim, ainda que tenha apreciado bastante seu discurso contínuo [*oratione perpetua*], todavia julgo ser mais vantajoso quando te detinhas em cada coisa particularmente e entendas com o que cada qual concorda, o que recusa, partindo de coisas acordadas, concluíres o que desejas e alcançares o termo da discussão” (*Non enim solum Torquatus dixit quid sentiret, sed etiam cur. Ego autem arbitrar, quamquam admodum delectatus sum eius oratione perpetua, tamen commodius, cum in rebus singulis insistas et intellegas quid quisque concedat, quid abnuat, ex rebus concessis concludi quod uelis et ad exitum perueniri*) (Fin. 2, 3; In: LIMA, 2004, p. 57. Trad.: Sidney Calheiros de Lima).

64 “Mas se algum dia existir alguém que seja capaz, à maneira de Aristóteles, de falar sobre os dois lados de qualquer questão e de desenvolver, em qualquer causa, duas orações contrárias depois de ter aprendido os seus preceitos, ou que, à maneira de Arcesilau e Carnéades, disserte contra qualquer coisa que lhe seja proposta, e que acrescente a esse método e a esse exercício esta prática e este costume retórico do discurso, esse será o verdadeiro, o perfeito, o único orador” (*Sin aliquis exstiterit aliquando, qui Aristotelico more de omnibus rebus in utramque sententiam possit dicere et in omni causa duas contrarias orationes praeceptis illius cognitis explicare aut hoc Arcesilae modo et Carneadis contra omne quod propositum sit disserat, quique ad eam rationem adiungat hunc usum exercitationemque dicendi, is sit uerus, is perfectus, is solus orator*) (*De orat.* 3, 80).

inexistentes em Aristóteles. Neste sentido, Cícero se aproxima de Platão, que descreve os encontros fortuitos de Sócrates com os outros personagens e que vai emoldurando as discussões filosóficas com elementos relacionados a personagens e cenários (*ibid.*, *loc. cit*)⁶⁵. Tomando a função de narrador, ele faz questão de apresentar elementos que estabelecem o lugar e o tempo em que se dá o encontro entre as personagens e outros elementos que tornam plausível a ocorrência do diálogo mesmo (*ibid.* p. 63). O diálogo ciceroniano tem a preocupação de conferir plausibilidade às ações que se desenvolvem no texto e deixa ao leitor a tarefa de lidar com coisas verdadeiras ou verossímeis.

A propósito, as circunstâncias de tempo e de lugar compõem um dado importante para a análise do nosso diálogo. O diálogo encena um encontro privado na vila de Crasso motivado pela necessidade de retorno do anfitrião à sua residência em virtude de um mal súbito sofrido durante uma sessão no Senado. O texto reproduz as supostas conversas que ele teria tido com seus convidados no período entre o seu regresso e a sua morte sete dias depois⁶⁶. Embora Cícero descreva o ocorrido com muito pesar, demonstra certo alívio por seu mestre não ter visto a Itália consumida pelas chamas da guerra, nem o senado ardendo pela inveja, nem os crimes dos estadistas, nem as perseguições sobrevindas com a Guerra Social Romana em setembro de 91 a.C., a Guerra Civil de 88 a.C. e a ditadura de Sula⁶⁷. Este último, durante seu governo, teria reduzido a participação de tribunos da plebe no senado, ampliado o número de senadores e a proscrição de milhares de opositores, entre eles Marco Antônio, personagem do *Diálogo*. Sua cabeça foi exposta nos *rostra*, junto com as das outras vítimas da perseguição de Sula⁶⁸.

Cícero sinaliza, bem no início do primeiro prólogo⁶⁹, para a crise contemporânea à escrita do *Diálogo*, quando a política romana estava sendo dominada pelo triunvirato

65 Ruch (1958, p. 36), inferindo que o diálogo principal de *Teeteto* tenha ocorrido em 399 a.C., ano do processo de Sócrates, afirma que a personagem Euclides não poderia fazer visitas frequentes ao mestre.

66 “De fato, ouviamos que, enquanto discursava, seu flanco começara a doer, seguido de muito suor; como começou a tremer por causa disso, voltou para casa com febre e sucumbiu ao sétimo dia pela dor no flanco” (*Namque tum latus ei dicenti condoluisse sudoremque multum consecutum esse audiebamus; ex quo cum cohorrisset, cum febris domum rediit dieque septimo lateris dolore consumptus est*) (*De orat.* 3, 6).

67 “Isso foi pesaroso para os seus, amargo para a pátria, grave para todos os bons. Contudo, tais foram as desventuras que sobrevieram à República, que me parece, não que a vida tenha sido tirada de L. Crasso pelos deuses imortais, mas que a morte lhe foi concedida: ele não viu a Itália consumida pelas chamas da guerra, nem o senado ardendo pela inveja, nem os líderes do estado culpados de um crime abominável, nem a dor de sua filha, nem o exílio de seu genro, nem a amaríssima fuga de Mário, nem a crudelíssima matança geral, depois de seu retorno, nem, em suma, deformada em todos os gêneros a cidade em que, em seu auge, ultrapassara a muitos pela glória” (*Fuit hoc luctuosum suis, acerbum patriae, graue bonis omnibus; sed ei tamen reipublicae casus secuti sunt, ut mihi non erepta L. Crasso a dis immortalibus uita, sed donata mors esse uideatur. Non uidit flagrantem bello Italiam, non ardentem inuidia senatum, non sceleris nefarii principes ciuitatis reos, non luctum filiae, non exsilium generi, non acerbissimam C. Mari fugam, non illam post reditum eius caedem omnium crudelissimam, non denique in omni genere deformatam eam ciuitatem? in qua ipse florentissima multum omnibus praestitisset*) (*De orat.* 3, 8).

68 “Já nos próprios rostros, em que defendera, como cônsul, a República com extrema constância e que ornara com os despojos de general, foi colocada a cabeça de M. Antônio, que preservara as cabeças de muitos cidadãos” (*Iam M. Antoni in eis ipsis rostris, in quibus ille rem publicam constantissime consul defenderat quaeque censor imperatoris manubiis ornat, positum caput illud fuit a quo erant multorum ciuium capita seruata*) (*De orat.* 3, 10).

69 “Refletindo inúmeras vezes e rememorando os tempos antigos, Quinto, meu querido irmão, costumam parecer-me extremamente ditosos aqueles que, no apogeu da República, ao se distinguirem tanto pelas honrarias quanto pela glória de seus feitos, puderam conduzir suas vidas de modo a estar fora de perigo em seus negócios ou, no ócio, com dignidade; e houve uma época em que julgava que também a mim seria lícito, e concedido por quase todos, que passasse a ter descanso e a voltar novamente minha atenção para aqueles nossos ilustres estudos, caso o infinito trabalho das atividades no fórum, a ocupação com as candidaturas na carreira política e mesmo o declinar da idade o permitissem. Tal esperança, nutrida em nossas reflexões e nossos planos, desenganaram-na não apenas as graves desventuras das circunstâncias gerais, mas também as diversas outras que se abateram sobre nós. De fato, exatamente no momento que seria, a julgar pelas aparências, o mais pleno de repouso e tranquilidade, sobrevieram o maior número de inquietações e as mais turbulentas tempestades; nem nos foi concedido, embora fosse nosso desejo e aspiração, desfrutar do ócio para praticar e cultivar novamente, junto contigo, aquelas artes a que nos dedicamos desde meninos. De fato, quando jovens, deparamo-nos com a perturbação da antiga ordem, e, em nosso consulado, atingimos o centro da disputa e da crise relativas a todas as questões; e, durante todo esse tempo após o consulado, lançamo-nos contra os vagalhões

de César, Pompeu e Crasso. O autor se mostra admirador daqueles que, no apogeu da República e no ocaso da vida pública, puderam retirar-se com dignidade aos estudos, coisa que ele não pôde fazer devido às numerosas turbulências vividas pela República romana naquela época. Momentos depois, já no terceiro tomo, o arpinate diz que a morte livrou Crasso de presenciar a morte da pátria e o domínio (devido à matança indiscriminada de cidadãos) dos ímprobos, males apenas mitigados com a filosofia⁷⁰. Em meio a tão atribulado cenário político, Cícero advoga, por meio da personagem de seu mestre Crasso, em favor de uma atuação abrangente e sensível à situação da República, em favor de um orador capaz de, com auxílio da filosofia e da retórica, conduzir os concidadãos e dirimir as questões públicas entre os pares no senado e privadas entre os demais⁷¹. É possível que o período turbulento que serve de pano de fundo para os três diálogos justifique a idealização de uma figura de grande sabedoria filosófica e atuação política.

Ainda na senda da construção da plausibilidade, uma característica também a ser observada está nas opiniões veiculadas pelo texto. Cícero se utiliza de inúmeras personagens para dar vazão a ideias distintas sobre oratória. No primeiro tomo do *De oratore*, caberá a Crasso o dever de veicular a opinião principal do texto: o *summus orator*, ou o orador ideal, deve ser um sujeito da mais vasta erudição e cultivado na literatura, na história, na filosofia, na jurisprudência e em elementos das mais diversas artes (CICERONE, 1992, p. 18). O orador ideal de Crasso é perpassado pela cultura humanística e consciente do valor da eloquência não somente como instrumento de persuasão, mas ainda como expressão política e filosófica. Seu principal interlocutor será Marco Antônio, por sua vez, o porta-voz de Quinto Túlio Cícero, irmão do nosso autor.

que, desviados por nós da ruína geral, recaíram sobre nós mesmos. No entanto, seja em meio a tais adversidades da situação ou a tal falta de tempo, ocupar-me-ei de nossos estudos, e o quanto a perfídia dos inimigos, as causas dos amigos ou a república concederem-me de ócio, eu o dedicarei sobretudo a escrever” (*Cogitanti mihi saepenumero et memoria uetera repetenti perbeati fuisse, Quinte frater, illi uideri solent, qui in optima re publica, cum et honoribus et rerum gestarum gloria florent, eum uitae cursum tenere potuerunt, ut uel in negotio sine periculo, uel in otio cum dignitate esse possent. Ac fuit quidem, cum mihi quoque initium requiescendi, atque animum ad utriusque nostrum praeclara studia referendi, fore iustum et prope ab omnibus concessum arbitrari, si infinitus forensium rerum labor, et ambitionis occupatio, decursu honorum, etiam aetatis flexu, constitisset. Quam spem cogitationum et consiliorum meorum, cum graves communium temporum, tum uarii nostri casus fefellerunt. Nam qui locus quietis et tranquillitatis plenissimus fore uidebatur, in eo maximae moles molestiarum, et turbulentissimae tempestates extiterunt. Neque uero nobis cupientibus atque exoptantibus fructus otii datus est ad eas artes, quibus a pueris dediti fuimus, celebrandas, inter nosque recolendas. Nam prima aetate incidimus in ipsam perturbationem disciplinae ueteris; et consulatu deuenimus in medium rerum omnium certamen atque discrimen; et hoc tempus omne post consulatum obiecimus eis fluctibus, qui, per nos a communi peste depulsi, in nosmet ipsos redundarunt. Sed tamen in his uel asperitatibus rerum, uel angustiis temporis, obsequar studiis nostris; et, quantum mihi uel fraus inimicorum, uel causae amicorum, uel res publica tribuet otii, ad scribendum potissimum conferam*) (*De orat.* 1, 1-3).

70 “De minha parte, Crasso, creio que foste ornado e morreste por um designio divino, tanto pela flor da vida, quanto pela oportunidade da morte. De fato, tiveste de sofrer a crueldade do ferro dos cidadãos proporcional ao valor e à constância de teu ânimo, ou, se alguma fortuna te houvesse livrado da atrocidade da morte, ela teria te obrigado a ser espectador da morte da pátria; e não apenas o domínio dos ímprobos teria sido motivo de tristeza, mas também a vitória dos bons, devido à matança indiscriminada de cidadãos. (...) Porém, uma vez que essas questões já não podem mais ter liberdade de escolha e que nossos sofrimentos extremos são mitigados pela compreensão de uma grande glória, passemos àquele consolo que pode ser não apenas prazeroso por apaziguar nossos pesares, como também saudável enquanto ainda está aderido a nós (...)” (*Ego uero te, Crasse, cum uitae flore, tum mortis opportunitate diuino consilio et ornatum et exstinctum esse arbitror; nam tibi aut pro uirtute animi constantiaque tua ciuilis ferri subeunda fuit crudelitas aut, si qua te fortuna ab atrocitate mortis uindicasset, eadem esse te funerum patriae spectatorem coegisset; neque solum tibi improborum dominatus sed etiam propter admixtam ciuium caedem bonorum uictoria maerori fuisset [...]. Sed quoniam haec iam neque in integro nobis esse possunt et summi labores nostri magna compensati gloria mitigantur, pergamus ad ea solatia quae non modo sedatis molestiis iucunda sed etiam haerentibus salutaria nobis esse possunt [...]*) (*De orat.* 3, 12 et 14).

71 “Dentre aqueles que ainda existem, aquela filosofia que assumiu a defesa do prazer, embora possa parecer correta a alguém, está distante daquele homem que procuramos e que pretendemos que seja conselheiro da opinião pública, líder no governo do estado, primeiro homem, pelo pensamento e pela eloquência, no senado, em meio ao povo, nas causas públicas” (*Ex illis autem quae remanente ea philosophia quae suscepit patrociniū uoluptatis, etsi cui uera uideatur, procul abest tamen ab eo uiro quem quaerimus et quem auctorem publici consilii et regendae ciuitatis ducem et sententia atque eloquentiae principem in senatu, in populo, in causis publicis esse uolumus*) (*De orat.* 3, 63).

Defensor de uma oratória mais realista e enxuta, ele alega que o orador deve restringir-se a discursar de maneira adequada à realidade do fórum e do senado, além de conhecer os caminhos para persuadir os inúmeros tipos humanos existentes.

A escolha dos interlocutores também contribui para a plausibilidade do diálogo e para a construção do clima formal e aristocrático, a despeito da ambientação da conversação na residência de Crasso e da proximidade das personagens. Exponentes da classe dirigente romana, eles defendem, conforme explica Courbaud, uma oratória erudita: erudita porque, de tão vasta, torna-se quase inacessível e circumspecta, e romana porque é uma arte tão nobre que os interlocutores, como que para honrá-la, jamais abandonam a solenidade, mesmo quando brincam, sempre prezando pelo seu caráter grave (CICÉRON, 2009, p. ix). Mas, segundo Wisse (2002, p. 377), essa erudição também faz parte de um jogo literário do autor, e o conhecimento dos verdadeiros Crasso e Marco Antônio não era suficiente para sustentar os argumentos colocados em suas bocas. Além disso, continua o estudioso, os argumentos que lemos em *Do orador*, sobretudo os relacionados à amplidão dos conhecimentos técnicos e filosóficos do orador, podem ser encontrados com relativa facilidade no *Bruto*⁷², no *Orador*⁷³ e, aqui incluímos, na *Defesa de Árcuias*, como veremos adiante.

Nascido em 140 a.C., Lúcio Licínio Crasso destaca-se por ser considerado o mais ilustre orador da Roma pré-ciceroniana e por ter sido preceptor do pequeno Cícero enquanto o arpinate ainda estudava retórica em Roma. Foi eleito cônsul em 95 a.C. e censor em 92 a.C. Um dos feitos memoráveis de sua censura foi ter fechado a escola de retórica de Lúcio Plócio Galo, inaugurada em 93 a.C., cerceando a atuação dos rétores latinos na Urbe sob o pretexto de que essas inovações eram contrárias aos costumes e à tradição dos antigos, fato explicado por ele próprio nesse diálogo (MARROU, 1990, p. 390)⁷⁴. De acordo com Marrou (1990, p. 391), a medida visou impedir a disseminação da doutrina oratória pelas camadas menos favorecidas. Daí, podemos conjecturar que muito do ideal oratório de Crasso (e, portanto, de Cícero), calcado na vasta cultura (*doctrina*), pode

72 “Não direi nada sobre mim, direi sobre os outros, dos quais não havia ninguém que parecesse mais empenhado do que a maioria dos homens no estudo das letras, nas quais está contida a fonte de uma eloquência plena; ninguém cuja formação abarcasse a filosofia, mãe de todo bem agir e bem dizer; ninguém que tivesse aprendido direito civil, o que é extremamente necessário para as causas privadas e para o conhecimento prático do orador; ninguém que conhecesse a história romana, da qual, quando necessário, podem ser evocados riquíssimos testemunhos dos mortos” (*Nihil de me dicam: dicam de ceteris, quorum nemo erat qui uideretur exquisitius quam uolgens hominum studuisse litteris, quibus fons perfectae eloquentiae continetur; nemo qui philosophiam complexus esset matrem omnium bene factorum beneque dictorum; nemo qui ius ciuile didicisset rem ad priuatas causas et ad oratoris prudentiam maxime necessariam; nemo qui memoriam rerum Romanarum teneret, ex qua, si quando opus esset, ab inferis locupletissimos testes excitaret*) (*Brut.* 322; In: ALMEIDA, 2014, p. 191. Trad.: Olavo Vinícius Barbosa de Almeida).

73 “Que não seja apenas instruído em Diálectica, mas tenha conhecidos e exercitados todos os tópicos da Filosofia. Pois nada sobre a honra, a morte, a piedade, o amor da pátria, o bem e o mal, as virtudes e os vícios, os deveres, a dor, a volúpia, as paixões do espírito e o erro – questões que, muitas vezes, aparecem nas causas, mas são tratadas com grande pobreza – nada, dizia eu, sem aquela ciência que descrevi, pode ser dito e explicado viva, ampla e abundantemente” (*Nec uero a dialecticis modo sit instructus, sed habeat omnis philosophiae notos ac tractatos locos. Nihil enim de religione, nihil de morte, nihil de pietate, nihil de caritate patriae, nihil de bonis rebus aut malis, nihil de uirtutibus aut uititiis, nihil de officiis, nihil de dolore, nihil de uoluptate, nihil de perturbationibus animi et erroribus – quae saepe cadunt in causas, sed ieiunius aguntur – nihil, inquam, sine ea scientia, quam dixi, grauiter ample copiose dici et explicari potest*) (*Orat.* 118; In: GONÇALVES, 2017, p. 181. Trad.: Soraia Nascimento Gonçalves).

74 “É fácil o método ou a prática sem método de escolher as palavras, dispô-las, encerrá-las em cláusulas. Grande é a matéria e, como os gregos já não a dominassem e nossa juventude praticamente a desaprendesse enquanto aprendia, surgiram também professores latinos – podeis acreditar? – nos últimos dois anos. Quando censor, eu os abolira em meu édito, não por não querer, como se afirmava que não sei quem dizia, que se aguçassem os engenhos dos jovens, mas, pelo contrário, por não desejar que os engenhos embotassem, que a impudência se fortificasse” (*Verborum eligendorum et collocandorum et concludendorum facilis est uel ratio uel sine ratione ipsa exercitatio; rerum est silua magna, quam cum Graeci iam non tenerent ob eamque causam iuuentus nostra dedisceret paene discendo, etiam Latini, si dis placet, hoc biennio magistri dicendi exstiterunt; quos ego censor edicto meo sustuleram, non quo, ut nescio quos dicere aiebant, acui ingenia adulescentium nollem, sed contra ingenia obtundi nolui, conrobore impudentiam*) (*De orat.* 3, 93).

ser um ataque velado a eventuais figuras oriundas de camadas emergentes da sociedade romana. Porque, se, por um lado, haveria um movimento de democratização da educação oratória, o que daria, como corolário, mais espaço para os *homines noui* na política, por outro, a humanismo e a cultura, de origem grega e de cunho helenístico, permaneceriam restritos à elite. Em vista disso, a personagem fictícia, que carrega elementos do real, sem dúvida, torna-se, no nosso contexto de análise, um representante da elite aristocrática romana e modelo das virtudes e atuação política desse grupo social.

Da vida de Antônio, o principal interlocutor de Crasso no primeiro dia de diálogo, temos poucas informações. Consta que nasceu em 143 a.C., que foi pai do pretor Marco Antônio Crético, do cônsul Caio Antônio Híbrida e avô do triúmviro Marco Antônio. Embora tenha gerado descendentes ilustres, não vinha de família nobre. Um autêntico *homo nous*, granjeou reconhecimento de início na prática forense, depois ingressou na política romana como pretor em 103 a.C., período no qual triunfou sobre os piratas da Cilícia, região mediterrânea da Anatólia, na Turquia atual. Posteriormente exerceu o cargo de censor e, em 99 a.C, chega ao consulado (CICERO, 1967, p. 13; VALÉRIO, 2016, p. 46). Nas palavras de Cícero, Marco Antônio, sozinho ou ao lado de Crasso, representou o pináculo da oratória romana (VALÉRIO, 2016, p. 42)⁷⁵, sendo sempre lembrado pela sua memória proeminente e pela sua autoridade moral.

No entanto, alerta Valério (2016, p. 42), embasado em *Fam.* 7, 32, 2, que no *Diálogo do orador*, Marco Antônio é uma *persona*. Pois, no referido excerto, Cícero revela que, valendo-se da personagem de Antônio, discutiu o ridículo no segundo tomo do *Diálogo*⁷⁶. Portanto, temos uma indicação de que, ao menos, parte dos argumentos do autor estão presentes no seu texto. O caráter fictício de Marco Antônio, porém, não acarreta necessariamente a mesma condição para Crasso, que, segundo Cícero, assim como seu interlocutor, era dono de uma vasta erudição⁷⁷. Consta que Crasso foi educado, na infância, por Lúcio Célio Antípatro, notável conhecedor do Direito e da História que, na Ásia, onde passou o ano de 109 a.C. como questor, estudara com o filósofo acadêmico Metrodoro de Cépisis e, que, em viagem de retorno da Ásia, passou por Atenas, onde

75 “De fato, que grande número de oradores já foi lembrado e há quanto tempo nos ocupamos em enumerá-los. E, no entanto, só lentamente e a custo é que, tal como alcançamos antes Demóstenes e Hipérides, chegamos assim também agora a Antônio e Crasso. De fato, eu penso o seguinte: esses foram os maiores oradores, e com eles pela primeira vez a copiosidade da oratória latina se igualou à dos gregos” (*Quam multi enim iam oratores commemorati sunt et quam diu in eorum enumeratione uersamur, cum tamen spisse atque uix, ut dudum ad Demosthenen et Hyperiden, sic nunc ad Antonium Crassumque peruenimus. Nam ego sic existimo, hos oratores fuisse maximos et in his primum cum Graecorum gloria Latine dicendi copiam aequatam*) (*Brut.* 138; In: ALMEIDA, 2014, p. 111. Trad.: Olavo Vinícius Barbosa de Almeida). “Mas Cina ordenou que cortassem a cabeça de Cneu Otávio, cônsul e seu aliado, de Públio Crasso e de L. César, os mais nobres homens, cuja virtude fora reconhecida em casa e em batalha, de Marco Antônio, o mais eloquente que já ouvi, e de C. César, no qual me parece ter havido um gênero de humanidade, de suavidade, de jovialidade e de elegância” (*At Cinna collegae sui consulis Cn. Octauii, praecidi caput iussit, P. Crassi L. Caesaris, nobilissimorum hominum, quorum uirtus fuerat domi militiaeque cognita, M. Antoni, omnium eloquentissimi quos ego audierim, C. Caesaris, in quo mihi uidetur specimen fuisse humanitatis, salis, suauitatis, leporis*) (*Tusc.* 5, 55).

76 “Mas quando há tanta escória na cidade que nada seja tão ἀκύθηρον que pareça bonito a alguém, luta, se me estimas, de modo que solenemente contestes se, de fato, são de minha autoria, se não parecer a ἀμφιβολία (ambiguidade) perspicaz, se não parecer a ὑπερβολή (hipérbole) refinada, se não parecer a παράγραμμα (jogo de palavras) graciosa, não parecer a παρά προσδοκίαν (quebra da expectativa) cômica, se não parecerem ἔντεχνα (artísticas) e sábias as demais coisas discutidas por mim sobre o risível no segundo livro *De oratore* por intermédio da personagem Antônio” (*Sed quando tanta faex est in urbe ut nihil tam sit ἀκύθηρον quod non alicui uenustum esse uideatur, pugna, si me amas, nisi acuta ἀμφιβολία, nisi elegans ὑπερβολή, nisi παράγραμμα bellum, nisi ridiculum παρά προσδοκίαν, nisi cetera, quae sunt a me in secundo libro de Oratore per Antoni personam disputata de ridiculis, ἔντεχνα et arguta apparebunt, ut sacramento contendas, mea non esse*) (*Fam.* 7, 32, 2).

77 “Na verdade, nosso Crasso, a meu ver, descreveu a faculdade do orador, não dentro dos limites daquela arte, mas das fronteiras quase ilimitadas de seu engenho, de fato, em seu parecer, confiou até mesmo os lemes dos governos dos estados ao orador” (*Crassus uero mihi noster uisus est oratoris facultatem non illius artis terminis, sed ingenii sui finibus, immensis paene, describere; nam et ciuitatum regendarum oratori gubernacula sententia sua tradidit*) (*De orat.* 1, 214).

teve oportunidade de receber instruções de Cármas e outros filósofos e rétores gregos famosos⁷⁸. O contato com os mestres, seja na infância, seja na maturidade, seriam indícios de uma cultura algo elevada.

Devemos ressaltar, por outro lado, uma corrente que levanta ressalvas contra a instrução de Crasso. Hendrickson (1906, p. 184) diz que o diálogo ciceroniano, reminescente das origens do diálogo enquanto forma literária, e situado numa metrópole de oradores uma geração antes da difusão geral dos livros, ainda busca manter a ficção de que o discurso falado é o meio apropriado para a comunicação e transmissão do pensamento. Por conta disso, na maior parte do tempo, não se verificam alusões a livros. O conhecimento das regras ou das opiniões é mencionado através da exposição oral, ou seja, as personagens expõem a doutrina filosófica relembrando as discussões que travaram com os filósofos criadores dessa doutrina ou reproduzindo o relato de um discípulo ou amigo que com eles estudou ou conversou (*ibid.*, *loc. cit.*). Para o estudioso, esse foi o cenário de composição do *De oratore*. As referências não apenas de Crasso, mas de Antônio e Cévola, com efeito, consistiriam num artifício literário em que se cria uma relação entre as personagens e os autores que ele próprio consultou (*op. cit.*, p. 187-8). Para tal, o escritor faria uso, inclusive, de fatos da vida da personagem para adequar o discurso aos interesses da ficção (SCATOLIN, 2009, p. 24), como parece ser o caso de Crasso. Cícero teria aproveitado a passagem do ex-cônsul pela Ásia e pela Grécia para construir encontros fictícios com rétores e filósofos famosos como Cármas. Desse modo, o autor incluiria a sua pesquisa sobre a filosofia de Cármas, que remonta à sua própria época de estudo com Filo de Larissa e os acadêmicos em *Tusc.* 2, 9⁷⁹ e *Orat.* 12⁸⁰, respeitando a biografia da personagem e, a partir disso, construiria o plausível.

Também é importante salientar que, além da revisão e crítica dos manuais de retórica, o livro também faz referências a figuras de relevo na reflexão sobre a técnica em questão, como Platão e Sócrates. Como se defendesse a oratória contra as críticas do fundador da Academia, a afirmação de Crasso de que é necessário ao orador possuir uma ampla cultura parece responder às questões socráticas que, em poucas palavras, exigem do orador conhecimento que paute os discursos⁸¹. Ora, um discurso sem substância há de ser não mais que palavras vazias, que é justamente o que Crasso alega ser o vilão do qual a oratória deve fugir⁸². Por esse motivo, o orador romano cobra um empenho em familiarizar-se com inúmeras áreas do conhecimento. Outro exemplo pode ser visto com relação ao modo de operar da retórica. No entender de Sócrates, para falar ou escrever, é necessário definir cada elemento, classificá-lo à maneira de um texto didático, e apenas discursos que se dedicassem ao justo, ao belo e ao bom deveriam ser aceitos (*Phdr.* 277b-c-278a). Além disso, ele defende que o discurso seria necessariamente consequência de um ensinamento anterior, de modo que fosse sustentado por um conhecimento verdadeiro,

78 L. LICINIVS CRASSVS. In: SMITH, Willian. *Dictionary of greek and roman biography and mythology*: Abaeus – Dysponteus (v. I). Boston: Little, Brown and Company, 1870, p. 879.

79 “Em nossa época, Filo, a quem ouvimos com regularidade, decidiu ensinar preceitos retóricos num momento, filosóficos em outro” (*Nostra autem memoria Philon, quem nos frequenter audiuiimus, instituit alio tempore rhetorum praecepta tradere, alio philosophorum*) (*Tusc.* 2, 9; In: SCATOLIN, 2009, p. 29. Trad.: Adriano Scatolin).

80 “(...) E confesso que me sobressaí como orador não com base nas oficinas dos rétores, mas nos passeios pela Academia” ([...] *et fateor me oratorem [...] non e rhetorum officinis, sed ex acadmiae spatiis exstitisse*) (*Orat.* 12; In: SCATOLIN, 2009, p. 29. Trad.: Adriano Scatolin).

81 Há uma pergunta feita por Sócrates, em *Górgias* 449d, que parece reverberar no *De oratore*: qual seria, afinal, o objeto da arte retórica? A questão é fundamental na medida em que impõe um impasse à designação grega de *téchne* à retórica, pois as *téchnai* deviam ter, por obrigação, um objeto concreto delimitado (Cf. *Ion*, 532 c-d; *Grg.*, 491; JARESKI, 2006, p. 23).

82 “De fato, o que há de tão insano quanto o som vazio das palavras, mesmo as melhores e mais distintas, sem um pensamento ou conhecimento subjacente?” (*Quid est enim tam furiosum, quam uerborum uel optimorum atque ornatissimorum sonitus inanis, nulla subiecta, sententia nec scientia?*) (*De orat.* 1, 51).

não por teses casuísticas. Antônio declara que não se dedica completamente à filosofia, mas apenas um pouco⁸³, porque, embora os conhecimentos dos filósofos fossem apropriados à descoberta de argumentos na elaboração dos discursos, não serviriam como modelos, pois seu tom mais calmo seria mais adequado ao ensino do que ao direito e à política⁸⁴.

Um item platônico a ser comentado, visto ser retomado por Crasso e Antônio no *Do orador*, é a referência velada à doutrina dos três elementos em que parece estar fundada a retórica:

Se a eloquência (*rhetoriké*) é da tua natureza (*phýsis*), serás um orador (*rhétor*) apreciado, se cumprires a condição de juntar a essa vocação a prática (*epistéme*) e o exercício (*meleté*). No entanto, se te faltar uma dessas condições, acabarás por ser um orador pouco competente. Qual seja a arte que corresponde às necessidades acima, não creio que o seu método se possa aprender segundo os caminhos de Lísias e de Trasímaco. (...) Todas as artes importantes devem basear-se na pesquisa e na meditação da Natureza, pois é daí que parece advir-lhes essa sublimidade de pensamento que nelas se encontra, ao lado da perfeição. Péricles assim procedeu, juntando aos seus dons naturais os dons acima apontados (...). Tanto em uma [retórica] como em outra [medicina] cumpre efectuar a análise de uma natureza: na primeira, a análise da natureza do corpo e, na segunda, a análise da natureza da alma. Tem de se levar isto em conta se, de acordo com a arte, e não só pela prática empírica e pela rotina, quiseses dar saúde e vigor a um e à outra, ministrando remédios e alimentos a um e infundir noutra as tuas convicções, de modo a torná-la virtuosa, mediante os discursos e a argumentação honesta (*Phdr.* 269d-270c; PLATÃO, 2000, p. 109. Trad.: Pinharanda Gomes).

Sócrates afirma a seu amigo Fedro que a oratória será consumada se houver dons naturais favoráveis ou uma vocação para ser orador, aliada ao conhecimento da técnica retórica (*epistéme*) e ao exercício (*meleté*) da mesma. Adiante, ele critica Trasímaco e Lísias, mestres de retórica que, além de a transmitirem como uma arte capaz de versar sobre todos os temas, negligenciavam a natureza do discípulo e a prática do conhecimento adquirido. O mestre reitera o argumento com o exemplo de Péricles, que juntou a sua vocação ou talento (*phýsis*) ao seu conhecimento do espírito humano e à sua prática profissional, pois a arte é resultado da observação e reflexão sobre a natureza em si, neste caso, sobre a sua própria natureza, de modo a lapidá-la, potencializá-la, aperfeiçoá-la. Por fim, finaliza com uma analogia entre medicina e oratória: a oratória é uma análise da alma que precisa da prática empírica (*empeiría*) e da técnica (*téchne*). Em resumo, fica patente que todas as artes necessitam desses três elementos para chegar à sua plenitude: talento, teoria e prática. Não por acaso, são as duas noções presentes no preâmbulo ao primeiro tomo do *Diálogo do orador*: *ingenium* e *exercitatio*, correspondentes respectivamente à *phýsis* e *meleté/empeiría*. A parte do conhecimento fica mais próxima de Sócrates.

Em Sócrates, especificamente, podemos fazer apontamentos importantes. Ele critica os sofistas de sua época por acreditarem possuir os preceitos necessários e suficientes para a

83 “Não desaprovo esses estudos, contanto que sejam moderados; considero que a reputação desses estudos e a suspeita de artifício da parte daqueles que julgarão o caso é adversa ao orador, pois diminui tanto a autoridade deste quanto a credibilidade do discurso” (*Ego ista studia non improbo, moderata modo sint: opinionem istorum studiorum et suspicionem artificii apud eos, qui res iudicent, oratori aduersariam esse arbitror, imminuit enim et oratoris auctoritatem et orationis fidem*) (*De orat.* 2, 156).

84 “Falam [os filósofos] com pessoas dotas, cujos espíritos preferem acalmar a incitar se falam para ensinar e não cativar sobre assuntos serenos e nada turbulentos, de tal maneira que nisso, mesmo que procurem ao falar algum deleite, parece que fazem algo mais do que é necessário” (*Loquuntur cum doctis, quorum sedare animos malunt quam incitare, si de rebus placatis ac minime turbulentis docendi causa non capiendi loquuntur, ut in eo ipso quod delectationem aliquam dicendo aucupentur, plus nonnullis quam necesse sit facere uideantur*) (*Orat.* 63; In: GONÇALVES, 2017, p. 125. Trad.: Soraia Nascimento Gonçalves).

transformação de seus discípulos em oradores⁸⁵ e por desconsiderarem fatores, na visão de Isócrates, essenciais à educação como os atributos físicos e psicológicos do discípulo, bem como a sua prática⁸⁶. Nesse argumento, o mestre ateniense mobiliza três conceitos que Cícero reaproveitará, quais sejam: *phýsis*⁸⁷, *paidéia*⁸⁸ e *empeiria*⁸⁹. O primeiro representa os atributos do discípulo; o segundo, a educação; e o último, a sua prática. Quanto à *phýsis*, Cícero, através de Crasso, a toma por natura ou *ingenium* para designar os atributos essenciais à oratória, sem os quais é impossível tornar-se orador. Em relação à *paidéia*, à *doctrina* ou mesmo à *humanitas* latinas, mais uma vez, por meio das palavras de Crasso, é defendida a tese de que o orador deve possuir uma instrução tão abrangente e profunda a ponto de poder ser chamado filósofo⁹⁰. Por fim, já no tocante à *empeiria*, *exercitatio* para os romanos, o orador não deve apenas buscar instrução e os exercícios dos mestres de retórica, mas, sobretudo, deve tomar gosto pela atuação no fórum, pela observação dos mais experientes e pela eleição de modelos. Em outras palavras, Crasso valoriza a vivência e o conhecimento da realidade jurídica romana em detrimento da teorização e do excessivo apego às regras do sistema retórico grego.

Em *Do orador*, teremos uma idealização, criada pelas personagens Crasso e Antônio: o *summus orator*. Teremos um orador modelar ou perfeito, em torno do qual acontecerá toda a discussão proposta nos seus três tomos desse texto. Na referida idealização, três noções serão bastante utilizadas pelas personagens: o talento, a teoria (seja ela menor ou mais ampla) e a prática.

85 “Portanto, dos sofistas que recentemente surgiram e ultimamente têm se dado às charlatanices, eu bem vejo que, mesmo que agora eles exagerem nisso, todos se inclinarão a essa minha tese. Os restantes são os que surgiram antes de nós e que tiveram a soberba de escrever as chamadas *Artes*, os quais não devemos permitir que fiquem impunes: eles prometeram ensinar a dar sentenças no tribunal, escolhendo as palavras mais desagradáveis, – o que seria trabalho para invejosos e não para defensores de tal educação – e esta prática, enquanto ensinável, pode ser útil tanto para os discursos jurídicos quanto para todos os outros. Eles se tornaram piores do que os que se dedicam às disputas verbais: ao discorrerem sobre coisas de pouco valor, o que pode tornar imediatamente maléficis em tudo os discípulos que guiarem as próprias ações por intermédio desses discursos, ensinaram, contudo, a virtude e a temperança acerca de tais assuntos, ao passo que aqueles, exortando os demais aos discursos políticos e negligenciando os outros bens presentes a eles, colocam-se como professores de intriga e ambição” (*C. soph.*, 19-20; In: LACERDA, 2011, p. 61-2. Trad.: Ticiano Curvelo Estrela Lacerda). 86 Vide nota 47 e 48.

87 **φύσις**. 1. origin, growth. 2. the natural form or constitution of a person or thing as the result of growth, outward form, appearance, constitution, temperament, natural place or position of a bone or joint, of the mind, one’s nature, character, instinct in animals, etc. 3. the regular order of nature. 4. nature as an originating power, elementary substance, concrete, the creation, “Nature”. 5. creature, (nature) of plants or material substances. 6. kind, sort, species. 7. sex, the characteristic of sex. In: LIDDELL, Henry George. SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Oxford. Clarendon Press, 1940 (on-line). 1. Origem, crescimento. 2. Forma ou constituição natural de uma pessoa ou coisa assim como o resultado de seu crescimento, aparência, compleição, temperamento, região ou posição natural de um osso ou de uma junta, natureza de um indivíduo, caráter, instinto nos animais etc. 3. A ordem regular da natureza. 4. Natureza como um poder criador, substância elementar, concreta, a criação, “Natureza”. 5. Criatura, natureza das plantas ou substâncias materiais. 6. Tipo, gênero, espécie. 7. Sexo, a característica do sexo.

88 **παιδεία** 1. a rearing of a child. 2. training and teaching, education, opp. τροφή. 3. its result, mental culture, learning, education. 4. culture of trees. 5. the twisted handwork of Egypt, i.e. (acc. to Sch.) ropes of papyrus. 6. anything taught or learned, art, science, π. ιερή, of medicine. 7. Chastisement, youth, childhood. In: LIDDELL, Henry George. SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Oxford. Clarendon Press, 1940 (on-line). 1. Educação de uma criança. 2. Treinamento e ensino, educação, quando oposto a τροφή (comida, nutrição). 3. Resultado da educação, cultura mental, aprendizado, educação. 4. Cultivo de árvores. 5. Trabalho manual retorcido proveniente do Egito, i. e. (de acordo com os *Scholía*) cordas de papiro. 6. Qualquer ensinamento ou aprendizado, arte, ciência, π. ιερή, de medicina. 7. Castigo, juventude, infância.

89 **ἐμπεiria**. 1. experience, experience in, acquaintance with. 2. practice without knowledge of principles, esp. in Medicine, empirism, craft. In: LIDDELL, Henry George. SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Oxford. Clarendon Press, 1940 (on-line). 1. Experiência, experiência em algo, conhecimento de algo. 2. Prática sem conhecimento de princípios, especificamente na Medicina, empirismo, construção.

90 “Se preferir chamar de filósofo esse orador que, segundo afirmo, tem a sabedoria unida à eloquência, eu não o impedirei, com a condição de que fique claro que não se deve louvar a dificuldade de expressão daquele que conhece um assunto mas não é capaz de explicá-lo pela fala, nem o desconhecimento daquele que não tenha preparado o conteúdo, mas a quem não falem palavras” (*Sive hunc oratorem quem ego dico sapientiam iunctam habere eloquentiae philosophum appellare malit, non impediam: dum modo hoc constet, neque infantiam eius qui rem norit sed eam explicare dicendo non queat, neque inscientiam illius cui res non suppetat, uerba non desint, esse laudandam*) (*De orat.* 3, 142).

ENGENHO, ESTUDO E EXPERIÊNCIA: OS FUNDAMENTOS DA RETÓRICA NO DIÁLOGO DO ORADOR 1

Não há como ignorar a presença das noções de talento, teoria e prática no preâmbulo do diálogo⁹¹. Cícero, o autor que fala no preâmbulo ao primeiro diálogo, revela:

[...] *Solesque nonnumquam hac de re a me in disputationibus nostris dissentire, quod ego prudentissimorum hominum artibus eloquentiam contineri statuum; tu autem illam ab elegantia doctrinae segregandam putes, et in quodam ingenii atque exercitationis genere ponendam* (De orat. 1, 5).

(...) E costumas por vezes discordar de mim neste assunto, porque eu afirmo que a eloquência depende das realizações dos homens mais instruídos, tu, em contrapartida, julgas que ela deve ser separada do refinamento da doutrina e confiada a determinado tipo de talento e prática.

O prefácio insere uma suposta querela entre os irmãos que girava em torno dos supostos pilares da eloquência: Cícero sustentava que a oratória estava contida nas artes dos mais eruditos (*eruditissimorum hominum artes*), enquanto Quinto defendia que o talento (*ingenium*) e a prática (*exercitatio*) bastavam ao orador. A partir daí, surgem alguns comentários. Fantham (2007, p. 82) afirma que *ars*, isto é, a teoria retórica, parece um pouco marginalizada e reduzida a um sumário de seções em favor dos dois outros elementos. Segundo a estudiosa, Cícero esteve atento às noções platônicas de *phýsis* (natureza), *epistéme* (conhecimento) e *meléte* (prática), prescritas em *Phdr.* 269d, e às isocráticas *phýsis*, *paidéia* (educação) e *empeiría* (experiência) verificados em *Antid.* 180-192. Vasconcelos (2000, p. 184), por sua vez, também reconhece o valor dessas três noções ciceronianas, mas defende que a *uita* e a *sapientia* também podem ser incluídas entre os fundamentos da educação oratória aventada em *Do orador*. Taisne (2000, p. 39) não apenas associa Cícero a Quintiliano, mas também chega a propor uma divisão do livro primeiro em que os parágrafos 113-133 versam sobre os dons naturais, 134-147 sobre a arte e 147-160 sobre os exercícios. Courbaud (CICÉRON, 2009, p. 5) também elabora

91 O título do capítulo é uma alusão aos versos de Camões: “Nem me falta na vida honesto estudo / com longa experiência misturado, nem engenho, que aqui vereis presente, cousas que juntas se acham raramente” (*Lus.* 10, 154).

uma divisão do texto em três partes correspondentes a cada item do trinômio: 107-113 sobre o *ingenium*, 134-147 sobre a *ars* e 147-160 sobre a *exercitatio*.

Muitos estudos sinalizam para o fato de que o orador ideal preconizado pelas personagens do primeiro diálogo do *Diálogo* consta de natureza prodigiosa, de instrução abrangente e de uma experiência prática⁹². Esses três pilares reaparecem discretamente, mais adiante, ora juntos, ora separados, como quando, ainda no prefácio, se diz que os romanos, desconhecedores de qualquer método ou técnica retóricos, levaram-na adiante apenas pelo seu próprio engenho e reflexão:

Ac primo quidem totius rationis ignari, qui neque exercitationis ullam uiam neque aliquod praeceptum artis esse arbitrarentur, tantum, quantum ingenio et cogitatione poterant, consequebantur. Post autem, auditis oratoribus Graecis, cognitisque eorum litteris, adhibitisque doctoribus, incredibili quodam nostri homines discendi studio flagrauerunt. Excitabat eos magnitudo, uarietas, multitudoque in omni genere causarum, ut ad eam doctrinam, quam suo quisque studio assecutus esset, adiungeretur usus frequens, qui omnium magistrorum praecepta superaret. Erant autem huic studio maxima, quae nunc quoque sunt, exposita praemia, uel ad gratiam, uel ad opes, uel ad dignitatem. Ingenia uero (ut multis rebus possumus iudicare) nostrorum hominum multum ceteris hominibus omnium gentium praestiterunt (De orat. 1, 14-6).

Num primeiro momento, desconhecedores de qualquer teoria, aqueles que pensavam não haver qualquer método de exercícios ou qualquer preceito de arte atingiam o quanto podiam pelo engenho e pela reflexão; depois, quando se ouviram os oradores gregos, conheceram-se os seus escritos e empregaram-se os seus mestres, os latinos inflamaram-se com um inacreditável desejo de aprender. Movia-os a magnitude, a variedade e a amplidão das causas de toda espécie, de modo que, à teoria alcançada pelo estudo de cada um, acrescia-se a prática frequente, que superaria os preceitos de todos os mestres. Para tal estudo, eram oferecidas, tal como hoje em dia, as maiores recompensas concernentes à influência, às riquezas ou ao prestígio. Quanto ao engenho, segundo podemos julgar por muitos indícios, o dos latinos superava em muito o de todos os demais povos.

Os romanos, segundo Cícero, tinham vocação para o discurso, pois refletiam e discursavam guiados somente pelo talento e pela reflexão, de modo que muito do que se produzia, certamente, poderia ser considerado casual ou mesmo experimental. O povo, embora procurasse discursar com cuidado e ordem, desconhecia qualquer método (*uia*) ou técnica (*ars*), assim como ocorrera aos siracusanos⁹³. No entanto, a natural superioridade de uns oradores sobre os outros fez com que se verificassem, na sua fala, expedientes mais ou menos eficientes na persuasão. Essas características foram associadas a uma natureza (*natura*) propícia à tarefa, uma natureza física e psicológica que garantisse a boa execução daquele ofício: boa memória, facilidade para argumentar, boa voz, bom fôlego, bom caráter e traços afins, capazes de granjear a boa vontade.

Daí surge uma relação de complementaridade entre esse polo da natureza e o da doutrina. Já que uma natureza favorável não é condição suficiente para a oratória perfeita, tampouco a técnica, o ideal seria poder unir esses dois polos na educação do orador. No que se refere ao excerto em questão, Cícero parece colocar os romanos na condição de um povo vocacionado ao discurso, mas carente de reflexão aprofundada sobre o tema,

92 Cf. Cicero, 1892, p. xvii-xix; Clark, 1918, p. 80; Clark, 1977, p. 4-23; Schütrumpf, 1990, p. 310-321; Taisne, 2000, p. 39; Vasconcelos, 2000, p. 180; Müller, 2001, p. 319-346; May, 2002, p. 1; Fantham, 2006, p. 82.

93 Vide nota 31.

condição impeditiva de que se desenvolvessem ainda mais. Portanto, segundo foi dito, o discurso, digamos, espontâneo dos oradores romanos naturalmente talentosos (*ingeniosi*) vigorava até a chegada da retórica grega. Nesse sentido, Crasso diz:

Sic igitur, inquit Crassus, sentio naturam primum, atque ingenium ad dicendum uim afferre maximam; neque uero istis, de quibus paulo ante dixit Antonius scriptoribus artis, rationem dicendi et uiam, sed naturam defuisse: Nam et animi atque ingenii celeres quidam motus esse debent, qui et ad excogitandum acuti, et ad explicandum ornandumque sint uberes, et ad memoriam firmi atque diuturni. Et si quis est, qui haec putet arte accipi posse, quod falsum est – praeclare enim res se habeat, si haec accendi, aut commoueri arte possint: inseri quidem, et donari ab arte non possunt omnia, sunt enim illa dona naturae –: quid de illis dicet, quae certe cum ipso homine nascuntur? linguae solutio, uocis sonus, latera, uires, conformatio quaedam et figura totius oris et corporis? Neque haec ita dico, ut ars aliquid limare non possit – neque enim ignoro, et quae bona sint, fieri meliora posse doctrina, et quae non optima, aliquo modo acui tamen et corrigi posse – sed sunt quidam aut ita lingua haesitantes, aut ita uoce absoni, aut ita uultu, motuque corporis uasti atque agrestes, ut, etiamsi ingeniis atque arte ualeant, tamen in oratorum numerum uenire non possint. Sunt autem quidam ita in eisdem rebus habiles, ita naturae muneribus ornati, ut non nati, sed ab aliquo deo ficti esse uideantur (De orat. 1, 113-5).

Disse Crasso: – Penso, então, que, em primeiro lugar, a natureza e o engenho conferem o maior poder à oratória e que, na verdade, não faltou, a esses escritores de manuais mencionados há pouco por Antônio, doutrina ou método oratórios, mas talento. De fato, é preciso que alguns reflexos da mente e da inteligência sejam rápidos, de modo a serem perspicazes na reflexão e no desenvolvimento, férteis no ornar, poderosos e duradouros na memória. E, se houver alguém que julgue que tais coisas podem ser adquiridas pela arte (o que é falso: de fato, já será algo admirável se tais coisas puderem ganhar estímulo e impulso por meio da arte; elas não podem, porém, ser implantadas ou concedidas pela arte, pois são, todas elas, dádivas da natureza), que dizer daquelas que com certeza nascem com o próprio homem: a desenvoltura da fala, o som da voz, os pulmões, as forças, certa conformação e aspecto da face em geral e do corpo? Com efeito, não afirmo que a arte não possa aperfeiçoar a alguns, bem como não ignoro que o que é bom possa se tornar melhor por meio da formação teórica, e o que não é muito bom possa ser aguçado e corrigido; mas há outros de fala tão hesitante ou de voz tão desarmoniosa, ou de expressão e movimentos corporais tão excessivos e grosseiros, que ainda que lhes valha a inteligência e a arte, não podem entrar para o número de oradores; em contrapartida, há outros de tal forma hábeis nesses mesmos quesitos, de tal forma adornados com os dons da natureza, que parecem ter não nascido, mas sido moldados por alguma divindade.

É interessante perceber, na passagem acima, como o entendimento de Crasso sobre a oratória passa por noções como *natura*, *ingenium*, *ars*. O orador parece-lhe, a todo momento, um indivíduo possuidor de dons naturais (*dona naturae*) que devem ser aprimorados por uma educação (*doctrina*) ou técnica (*ars*). No entanto, perceba-se a nítida primazia da natureza, representada pelos termos *natura* e *ingenium*, sobre a educação, aí referida *ars*. Crasso, para ressaltar o argumento, critica os autores de manuais, alegando que lhes faltava talento e apontando as limitações dos seus métodos, numa espécie de tentativa de desautorizar a sua prática. De acordo com Crasso, a natureza (*natura*) e o talento (*ingenium*) oferecem a maior contribuição possível à oratória. Logo em seguida, é listada uma série de requisitos entendidos como primordiais para o pleno desenvolvimento do discursar: movimentos da mente e da inteligência (*animi atque ingenii*

celeris quidam motus) que permitam ao orador raciocinar e demonstrar com argúcia e presteza, embelezar com abundância e memorizar com firmeza e duração (*qui et ad excogitandum acuti et ad explicandum ornandumque sint uberes et ad memoriam firmi atque diuturni*). Esses primeiros elementos parecem dizer respeito à natureza psicológica do discípulo: perspicácia, presteza, uma espécie de criatividade e memória. Logo à frente, como que em oposição, teremos elementos mais físicos: desenvoltura da fala, o som da voz, os pulmões, as forças, certa conformação e aspecto da face em geral e do corpo (*linguae solutio, uocis sonus, latera, uires, conformatio quaedam et figura totius oris et corporis*).

Todavia, não fica claro no excerto se ambos os termos, *natura* e *ingenium*, podem referir-se à natureza física e psicológica do indivíduo, se apenas um deles pode fazê-lo, se cada um é específico de uma determinada natureza. Segundo consta de Pellicer (1966, p. 18-9), *natura*, por ser mais ampla que *ingenium*, pode denotar temperamento, caráter, personalidade ou ainda dons naturais em geral, compreendendo também as qualidades físicas indispensáveis à oratória. Essa acepção aparece sobretudo quando o termo vem acompanhado de determinante ou está empregado no plural, situações bastante restritas (*ibid.*, *loc. cit.*). Diz ele que *natura* pode significar noções abstratas de inerência também quando em oposição a outros que signifiquem artificialidade, tais como *ars*, *ratio*, *doctrina* e *studium*, ou em contextos menos técnicos, e, por isso, menos precisos; contextos, enfim, diferentes do de reflexão retórica que encontramos no *Diálogo*. Apesar da versatilidade de *natura*, *ingenium* aparece na imensa maioria dos casos como termo latino preciso para designar as faculdades intelectuais do indivíduo, o que lhe faz dizer que, no período clássico, *ingenium* fosse o termo próprio para significar inteligência, dotes do espírito (*ibid.*, p. 17). Se nos fosse lícito usar de linguagem lógica para sintetizar o que diz Pellicer (1966), diríamos que *ingenium*, ou o conjunto das qualidades abarcadas por esse termo, está contido num conjunto maior chamado *natura*, capaz de abranger igualmente todas as aptidões conferidas pela natureza.

Müller (2001, p. 321), por sua vez, relembra que o termo *ingenium* origina-se de *in-gigno*, expressão cujo sentido é de “incutido de nascença”. A palavra, segundo refere a estudiosa, se aplicada a uma coisa, diz das suas qualidades naturais, mas, se aplicada a um ser humano, antes de tudo, adquire um sentido global: disposições naturais desse indivíduo, temperamento, a sua própria natureza ou caráter. Pode se referir também às disposições intelectuais como a inteligência ou a sensibilidade, que dariam origem à acepção de talento natural, de dons naturais, muito usado por autores que tematizam a retórica ou a educação oratória. Müller ressalta que, nessa última possibilidade, parece estar contida a ideia moderna de *engenho*, isto é, talento, gênio, como faculdade responsável pela invenção, pela imaginação ou mesmo pela inspiração. O dicionário apresenta as seguintes acepções:

ingenium – (i)ĩ, n. [INⁱ- + gen- (GIGNO) + - IUM]⁹⁴ **1** (of persons) Natural disposition, temperament. **b** (meton.) one having a specified disposition. **c** temporary disposition, mood. **2** Inherent quality or character (of things). **3** Natural inclination or desire. **4** Mental powers, natural abilities, talent, intellect, etc. (esp. w. implication of excellence). **b** (meton.) one having (good) mental

94 *Ingenium* é oriundo da junção da preposição *in* ao verbo *gigno* e ao sufixo formador de substantivo *-ium*. A preposição detém a ideia de algo que está, de fato, dentro mesmo de uma pessoa ou de um objeto e frequentemente se une a verbos assumindo função de prefixo, mas ainda mantendo seu sentido preposicional. O verbo *gigno*, por sua vez, significa, no sentido próprio, engendrar, gerar ou causar o nascimento ou mesmo o desenvolvimento de criaturas viventes; pode também significar, por extensão, criar ou produzir objetos a partir de si mesmo, como no caso da natureza; por fim, chega-se à acepção de criar ou produzir coisas através de meios intelectuais. O sufixo *-ius* ou *-ium* finaliza a formação da palavra, conferindo a ideia de substância.

powers, abilities, or sim. c the mind (as the seat of thoughts, ideias) **5** (spec.) Literary or poetic talent, inspiration, etc. **b** (meton.) a man of literary abilities, a gifted writer, or sim. **6** Cleverness, skill, ingenuity. **b** (quasi-concr.) a clever device, contrivance⁹⁵.

Além dessa definição, extensa e quase exaustiva, Cícero fornece outra, menos extensa e exaustiva, porém mais filosófica, relacionando-a às partes da alma:

Animi autem et eius animi partis quae princeps est quaeque mens nominatur plures sunt uirtutes, sed duo prima genera, unum earum quae ingenerantur suapte natura appellanturque non uoluntariae, alterum autem earum quae in uoluntate positae magis proprio nomine appellari solent, quarum est excellens in animorum laude praestantia. Prioris generis est docilitas, memoria; quae fere omnia appellantur uno ingenii nomine, easque uirtutes qui habent ingeniosi uocantur.

Pois bem, da alma e desta parte da alma que tem a primazia, e que é denominada mente, múltiplas são as virtudes, mas são, primeiramente, de dois gêneros: um, o daquelas que são inatas por sua própria natureza e que são chamadas não-voluntárias; o outro, por sua vez, o daquelas que, tendo fundamento na vontade, costumam ser chamadas virtudes em sentido mais próprio, às quais pertence a mais alta excelência que se louva nas almas. Do primeiro gênero são a facilidade de aprender e a memória e quase todas as coisas que, numa só palavra, são chamadas engenho; essas virtudes, quem as possui, é dito 'dotado de engenho' (*Fin.* 5, 36. In: LIMA, 2009, p. 583. Trad.: Sidney Calheiros de Lima).

Dessas definições de *ingenium*, chamamos atenção para algumas questões: não há referências a caracteres físicos. As sugestões de tradução para *ingenium* parecem relacionar o termo apenas à natureza psicológica do indivíduo, “*natural dispositions, temperament, talent, inherent quality of character, mind*”. Percebe-se também alguma semelhança entre *acuti* e *uberes* do *ingenium* oratório de Cícero e *cleverness* e *ingenuity* da sexta acepção de *OLD*, ou seja, a rapidez e a facilidade da mente no aprendizado seriam características fundamentais, ao que parece, para classificar um indivíduo como *ingeniosus*. Da mesma forma, podemos inferir da quarta acepção, que fala de capacidades e habilidades mentais e intelectuais como a memória e a astúcia (*ingeni acuti*), que se opõem à *tarditas ingenii*.

Seguindo as considerações de Pellicer (1966), assim como as definições de Cícero presentes no *OLD*, que nos levam a crer que *ingenium* seria mais interno, por assim dizer, os indícios da sua presença no indivíduo seriam a presteza da inteligência, a perspicácia na reflexão, a fertilidade no ornar. De acordo com Müller (2000, p. 326), essas qualidades intelectuais são específicas do talento do orador e se relacionam aos conceitos fundamentais da retórica: *inuentio* (invenção)⁹⁶, *elocutio* (elocução)⁹⁷, *copia rerum et uerborum* (riqueza de temas e palavras)⁹⁸. A primeira qualidade do espírito e do talento na caracterização do homem eloquente é a perspicácia (a sutileza penetrante na invenção).

95 **Ingenium**, ~i. In: *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: The Clarendon Press, 1968, p. 906-7.

96 “A invenção é a descoberta de coisas verdadeiras ou verossímeis que tornem a causa provável” (*Inuentio est excogitatio rerum uerarum aut ueri similitum quae causam probabilem reddant*) (*Rhet. Her.* 1, 2, 3; In: [CÍCERO], 2005, p. 55. Trad.: Ana Paula Celestina Faria e Adriana Seabra).

97 “Elocução é a acomodação de palavras e sentenças adequadas à invenção” (*Elocutio est idoneorum uerborum et sententiarum ad iuentionem adcommodatio*) (*Rhet. Her.* 1, 2, 3; In: [CÍCERO], 2005, p. 55. Trad.: Ana Paula Celestina Faria e Adriana Seabra).

98 “Na retórica clássica res estava associada ao cultivo da *inuentio*, enquanto as *uerba* (palavras) compreendiam não apenas as unidades léxicas como sinônimos, mas também os tropos e outras figuras verbais, sendo a *elocutio* o seu domínio. Ainda que com campos diferenciados e independentes, a combinação entre a *copia rerum* (riqueza de temas) e a *copia uerborum* (riqueza de palavras), era fundamental para a realização de um bom discurso” (PINTO, 2006, p. 206).

Neste sentido, podemos entrever outras relações. Quanto à perspicácia (*acuitas*), é possível entrever uma certa relação com a *narratio*, etapa em que o orador deve apresentar e interpretar os fatos a fim de demonstrar os pontos favoráveis à sua causa e criar nos ouvintes uma convicção (TRENK, 1997, p. 145). A facilidade com que o discípulo constrói relações de verossimilhança e compatibilidade entre as narrativas e seus personagens (e suas respectivas índoles), sejam eles acusados ou acusadores, levando em consideração o lugar e o tempo, assim como as prováveis refutações do adversário, é um elemento observável fundamental para que se desenvolva. De modo oposto, a perspicácia e a presteza poderão ser vistas quando o discípulo desfizer a convicção do público na narrativa adversária através da rápida e atenta percepção dos vícios que ela apresenta e através da refutação, por meio dos seus apontamentos, das relações mal estabelecidas entre os seus argumentos. Por fim, seguindo a ordem da fala de Crasso, é preciso ainda que o discípulo demonstre uma memória capaz de guardar com firmeza e duração não apenas as palavras e o conteúdo (*uerba e res*), mas, sobretudo, a cadência, a entonação, a gesticulação e a expressão preestabelecidas. Quintiliano também faz menção ao exercício de recontar histórias do fim ao início ou mesmo do meio para qualquer dos dois sentidos⁹⁹.

A propósito, há, na *Institutio* de Quintiliano, admirador e leitor de Cícero, algumas passagens que aludem aos mesmos caracteres mentais referidos pelo arpinate:

Falsa enim est querela, paucissimis hominibus uim percipiendi quae tradantur esse concessam, plerosque uero laborem ac tempora tarditate ingenii perdere. Nam contra plures reperias et faciles in excogitando et ad descendum promptos. [...] Ita nobis propria est mentis agitatio atque sollertia: unde origo animi caelestis creditur.

Porque é falsa a queixa que sustenta ser concedida a pouquíssimos homens a capacidade de aprender e que a maioria, na verdade, perde tempo e trabalho com a lerdeza da inteligência. Pelo contrário, pois encontrarias muitos tanto férteis para refletir quanto prontos para aprender. (...) Assim, a agitação e a agilidade da mente são inerentes a nós: daí creditarem a origem do espírito aos céus (*Inst.* 1, 1, 1).

Tradito sibi puero docendi peritus ingenium eius in primis naturamque perspiciet. Ingenii signum in paruís praecipuum memoria est. Eius duplex uirtus, facile percipere et fideliter continere. Proximum imitatio; nam id quoque est docilis naturae, sic tamen ut ea quae discit effingat [...].

Tendo-lhe sido entregue o pequeno, o mestre examinará seu engenho e seu caráter. O primeiro indício de talento nos pequenos é a memória, a dupla virtude de aprender com facilidade e fixar com fidelidade. O próximo indício é a imitação, pois, ela também está presente nos temperamentos maleáveis, para que reproduza aquilo que aprende (...) (*Inst.* 1, 3, 1).

Vitium utrumque, peius tamen illud quod ex inopia quam quod ex copia uenit. Nam in pueris oratio perfecta nec exigi nec sperari potest: melior autem indoles laeta generosique conatus et uel plura iusto concipiens interim spiritus.

É pior, contudo, o vício da indigência que o da abundância. De meninos não se pode nem exigir nem esperar um discurso perfeito, mas o melhor é o gênio

⁹⁹ “De início, quando os meninos estão aprendendo a falar, repetir o que ouviram é útil para desenvolver sua facilidade de linguagem, e com proveito são eles obrigados a expor as estórias de trás para a frente, ou partir do meio para qualquer das duas direções. Com isso vão fortalecendo a memória” (*Nam ut primo, cum sermo instituitur, dicere quae audierint utile est pueris ad loquendi facultatem, ideoque et retro agere expositionem et a media in utramque partem discurrere sane merito cogantur, sed ad gremium praeceptoris et dum non possunt et dum res ac uerba conectere incipiunt, ut protinus memoriam firment*) (*Inst.* 2, 4, 15. Trad.: Rafael Sento-Sé Guimarães Falcón).

fértil, os esforços ambiciosos e a inspiração que, ocasionalmente, vai mais longe do que seria apropriado (*Inst.* 2, 4, 4; In: FALCÓN, 2015, p. 35. Trad.: Rafael Sento-Sé Guimarães Falcón).

Quintiliano, ao passo que fornece ao mestre de retórica que o lê indícios (*signa*) de natureza favorável à oratória, pede atenção à *natura* e ao *ingenium* do aluno, atributos abstratos que indicarão se o discípulo possui ou não os dons necessários à arte retórica. Cícero, por não ser seu objetivo descer a minúcias da educação oratória apenas os menciona de passagem. Quintiliano, mestre de retórica interessado em preparar uma formação oratória que vai da infância à velhice, quando os cita, justifica a sua menção: a memória é importante porque permitirá aprender e fixar com facilidade; a abundância porque, na oratória, diz ele, é preferível podar os vícios a desenvolver as virtudes¹⁰⁰. De qualquer modo, são apontadas características bastante próximas: agitação e agilidade da mente (*mentis agitatio atque sollertia*), lentidão da inteligência (*tarditas ingeni*), facilidade para refletir (*facilitas in excogitando*), temperamento maleável (*docilis natura*), gênio fértil (*indoles laeta*), memória (*memoria*) e inspiração (*spiritus*); todos, enfim, caracteres da *natura* e do *ingenium* demandados pela oratória.

Os demais usos de *ingenium* em *Do orador* 1, trinta e quatro no total, referir-se-ão ao talento, à inteligência ou aos demais dotes naturais intangíveis das personagens como, por exemplo, em *ingenium Scaeuolae* (*De orat.* 1, 243), ou *ingenia nostrorum hominum* (*De orat.* 1, 16), ou em *summos homines ac summis ingeniis praeditos* (*De orat.* 1, 6), *quid censes, si ad alicuius ingenium uel maius illa, quae ego non attingi, accesserint, qualem illum et quantum oratorem futurum* (*De orat.* 1, 79), ou ainda em *Antoni incredibilis quaedam et prope singularis et diuina uis ingeni* (*De orat.* 1, 172). Esses enunciados como que nos obrigam a retomar *Fin.* 5, 36 para aduzir a um aspecto interessante do *ingenium*: sua relação com a vontade (*uoluntas*) e com a alma (*anima*)¹⁰¹. O *ingenium* parece algo que independe das vontades (*uoluntates*) do indivíduo, uma espécie de capacidade mental tão inerente e, ao mesmo tempo, tão individual, no sentido de constituinte da alma do indivíduo, por isso, algo modificado ou transferido a grandes custos.

Levando a questão dos dons naturais, ainda com base em *De orat.* 1, 113-5, aos caracteres físicos que nascem com o indivíduo, veremos aparecerem a fala desenvolvida, o som da voz, os pulmões e a aparência (*quae certe cum ipso homine nascuntur, linguae solutio, uocis sonus, latera, uires, conformatio quaedam et figura totius oris et corporis*). Esses dons da natureza (*dona naturae*), tão caros à oratória, a princípio distinguiam os indivíduos dotados de uma natureza física propícia à atividade. Mas cumpre, antes de tudo, verificar se as afirmações de Pellicer (1966) são endossadas pelo dicionário:

nātūrā -ae, f. [nascor + -VRA] **1** The conditions of birth (sts. personified) as determining: **a** physical characteristics. **b** character, ability, etc. **c** status, relationships, etc. **2** Nature (as the power which determines the physical properties of animals, plants and the other natural products). **b** (As the power which regulates physical requirements). **c** (as determining the span of life). **3** Nature as the power which determines the innate character and feelings of human beings. **4** Nature as the power which governs the physical universe and directs all natural processes. **b** (as the creator of the world and all it contains); ~ā (alb., also *per ~am*), as the result of natural growth of processes, naturally. **5 a** (phil.) Nature as the guiding principle in life. **b** natural order as a source of law. **6** The natural course (of events), the way things happen; (esp.) -a rerum.

100 “Fácil é remediar a fartura; sobre o que é estéril, contudo, não há esforço que prevaleça” (*Facile remedium est ubertatis, sterilia nullo labore uincuntur*) (*Inst.* 2, 4, 6; In: FALCÓN, 2015, p. 35. Trad.: Rafael Sento-Sé Guimarães Falcón).

101 Cf. citação direta em p. 49.

b *in (rerum) ~ā esse*, to a possible contingency. **c** *~ā (abl.)*, by the nature of things, naturally. **7** The physical world, creation. **8** The physical characteristics, size, shape, structure, etc. of a person **b** the nature of the physical features (of a district, town, etc.). **9** The nature of a thing regarded as determined by its function of properties, constitution. **c** the natural or proper meaning (of a word); (gram.) the force (of a case or voice). **d** (periphr. w. gen. = a thing being constituted as it is). **10 a** A particular distinctive feature or characteristic. **b** a natural power or faculty. **11** Character, temperament, nature. **b** the character (of men in general), (human) nature. **12** Abilities, natural endowments. **b** *sua ~ā (abl.)*, by its inherent nature, of its own accord. **13** A natural appearance, naturalness (art). **14** Category of existence, order of being. **b** (w. defining gen.) *~a rerum*, the natural order. **C** (w. defining adj.) **15** The external organs of generation, the private parts¹⁰².

A primeira observação a ser apontada é que *natura* é, de longe, um termo muito mais abrangente que *ingenium*, conforme antecipou Pellicer (1996). A segunda seria que, à parte as acepções 2, 4, 5, 6, 14, 15, pertinentes à natureza das coisas, à natureza enquanto categoria ou ainda à natureza em si, que parecem distar um pouco da nossa discussão, sobriam possibilidades bastante similares e atinentes a caracteres inerentes ao homem, sejam eles físicos ou “espirituais”, confirmando o que fora dito por Pellicer (1996) e a nossa analogia dos conjuntos. A terceira ficaria a cargo das referências à natureza física presentes nas acepções 1, 7, 8 e 9, mas totalmente ausentes em *ingenium*. Isso nos leva a pensar, considerando o contexto do *Diálogo* 1, que, de fato, *ingenium* seja utilizada para designar os caracteres psicológicos, e *natura*, os físicos e psicológicos, embora em *De orat.* I, 113-5 esteja associada apenas aos físicos.

Se pudéssemos relacionar esses dotes físicos a alguma etapa ou termo do discurso oratório, como fizemos há pouco, relacioná-los-íamos, sem dúvidas, à *actio*. *Actio*, diz Garavelli (2000, p. 324), provém do termo grego *hypócrisis*, que, no início, significava a interpretação do ator (*hypokrités*), a ação teatral, associada à modulação da voz, à gesticulação e à movimentação. A retórica apropriou-se do termo para designar a ação de pronunciar o discurso, que naturalmente também requer boa utilização da voz e dos movimentos. Nesse particular, o autor da *Retórica a Herênio* tece uma série de recomendações, por vezes, de natureza terapêutica, com vistas a adequar a atuação do orador, por assim dizer, às etapas do discurso. No exórdio, por exemplo, deve usar uma voz suave e pausada para não causar danos à traqueia, dado que ela ainda não está suficientemente aquecida para suportar grandes exclamações. Era esperado também que o orador apresentasse uma modulação adequada das feições, bem como gestos moderados. Na narração, é preciso utilizar várias vozes de modo a mostrar que narramos cada coisa assim como aconteceu, adequando, claro, o rosto e o gestual ao teor das palavras e ao caráter das personagens. A amplificação, por outro lado, será pronunciada com uma voz aguda, ininterrupta e rápida. É evidente que os pulmões devem suportar esse fluxo de palavras de modo a garantir a potência, altura e duração. Esse pronunciamento, claro, precisa ser acompanhado de gestual e movimentação congêneres. Todos esses detalhes da *actio*, ressalta o autor da *Retórica a Herênio*, tornam mais prováveis o discurso, porque fazem parecer que ele brota do ânimo (*pronuntationem bonam id proficere, ut res ex animo agi uideatur*)¹⁰³ e fazem dela, segundo o autor, a etapa mais útil e mais persuasiva de todas¹⁰⁴.

102 **Natura, ae.** In: *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: The Clarendon Press, 1968, p. 1158-9.

103 Cf. *Rhet. Her.* 3, 26-7.

104 “Muitos disseram que a pronúncia é o que há de mais útil ao orador e de maior eficácia para persuadir. Nós não diríamos tão facilmente, sem receio, que uma das cinco partes possa mais que as outras; mas, sem receio,

Em vista de tudo isso, gostaríamos de apontar algumas impressões. Primeiro, vê-se que *actio* é uma etapa essencialmente física e bastante ligada aos caracteres físicos listados por Cícero em *De orat.* 1, 113-5. Segundo, há algumas semelhanças entre o referido excerto e *Inst.* 1, *prooemium*, 27:

Sunt et alia ingenita cuique adiumenta, uox, latus patiens laboris, ualetudo, constantia, decor; quae si modica optigerunt, possunt ratione ampliari, sed nonnumquam ita desunt, ut bona etiam ingenii studiique corrumpant; sicut et haec ipsa sine doctore perito, studio pertinaci, scribendi, legendi, dicendi multa et continua exercitatione per se nihil prosunt (*Inst.* 1, *proo.*, 27).

Há outros auxílios nascidos com cada um: a voz, os pulmões resistentes ao trabalho, saúde, perseverança, beleza, que, se foram dados pela natureza, podem ser ampliados pela técnica, mas, por vezes, faltam de modo tal que arruinam os préstimos do talento e do empenho, assim como esses mesmos préstimos, sem um mestre competente, sem o estudo perseverante, sem a prática contínua e abundante da leitura, da escrita, por si próprias não encontram serventia.

Com evidente exceção de constância e perseverança, todos os aspectos apontados também estão presentes na passagem ciceroniana. Note-se também a consideração, a princípio, congênere à do arpinate acerca dos caracteres artificiais, como o preceptor competente, o empenho e o exercício, ou seja, fazendo concessões aos estudos retóricos. Quintiliano, porém, ainda marca seu posicionamento de mestre ao afirmar que também não servem de nada os dons naturais, sejam eles do espírito ou do corpo, sem o auxílio do trabalho técnico. Também o faz o preceptor da *Retórica a Herênio*. Diz ele, em *Rhet. Her.* 3, 20, que a configuração da voz pode ser desenvolvida pelo método e pela diligência (*ratione et industria*), que a magnitude da voz é em grande parte dada pela natureza (*natura*) e que a flexibilidade pode ser trabalhada pelo exercício (*exercitatio*)¹⁰⁵.

Para finalizar o comentário acerca de *natura* com base em *De orat.* 1, 113-5, vemos que o aspecto físico é novamente considerado fator determinante para a manutenção ou desistência do discípulo na educação oratória. Segundo Crasso, há quem tenha a língua tão hesitante, uma voz tão desagradável, expressão e movimentos tão grosseiros que, ainda que treinasse bastante, jamais poderia se tornar orador (*sunt quidam aut ita lingua haesitantes aut ita uoce absoni aut ita uultu motuque corporis uasti atque agrestes, ut, etiam si ingeniis atque arte ualeant, tamen in oratorum numerum uenire non possint*). De fato, novamente temos apenas caracteres físicos, e, nessa esteira, Cícero afirma, em *Off.* 1, 126, que a adequação (*decorum*), subentendida na “*actio*”, é discernível em todos os feitos, ditos e até no momento e na atitude do corpo, e consiste na beleza, na ordem e no

asseguraríamos que há utilidade particularmente grande na pronúncia. Sem pronúncia, a invenção cômoda, a elocução harmoniosa das palavras, a disposição artificiosa das partes e a memória zelosa de tudo não valerão mais do que, sem elas, poderia valer a pronúncia sozinha” (*Pronuntiationem multi maxime utilem oratori dixerunt esse et ad persuadendum plurimum ualere. Nos quidem unum de quinque rebus plurimum posse non facile dixerimus, egregie magnam esse utilitatem in pronuntiatione audacter confirmauerimus. Nam commodae inuentione et concinnae uerborum elocutione et partium causae artificiosae dispositione et horum omnium diligens memoria sine pronuntiatione non plus, quam sine his rebus pronuntatio sola ualere poterit*) (*Rhet. Her.* 3, 19; In: [CÍCERO], 2005, p. 172-3. Trad.: Ana Paula Celestina Faria e Adriana Seabra).

105 “A configuração da voz é o que lhe confere caráter próprio, alcançado com método e esforço. (...) Por isso, quanto à magnitude e à estabilidade da voz, já que uma é dada pela natureza e a outra se obtém com o cultivo, nada nos concerne aconselhar senão que se busque o método de cultivar a voz com aqueles que não ignoram essa arte” (*Figura uocis est ea quae suum quandam possidet habitum ratione et industria comparatum. [...] Quapropter de magnitudine uocis et firmitudinis parte, quoniam altera natura paritur, altera cura comparatur, nihil nos adinet commonere nisi ut ab iis qui non inscii sunt eius artificii ratio curandae uocis petatur*) (*Rhet. Her.* 3, 20; In: [CÍCERO], 2005, p. 173. Trad.: Ana Paula Celestina Faria e Adriana Seabra).

ornamento adequado para a ação (*in corporis denique motu et statu, cernitur idque positum est in tribus rebus, formositate, ordine, ornatu ad actionem apto*)¹⁰⁶. A desobediência a essa adequação geraria os chamados vícios (*uitia*), opostos às virtudes (*uirtutes*).

Quanto à *uox absona*, o arpinate diz, em *De orat.* 3, 40-1¹⁰⁷, que ela (não) pode ser tanto *mollis* e *muliebris* quanto *absonus* e *absurdus*. A fala *absona*, ou seja, afastada do som apropriado, seria caracterizada por ser uma fala com pouco volume, quase inaudível (DEUR, 1997, p. 58). Ainda sobre o som, quanto à *lingua haesitans*, imagina-se que Cícero se referisse a indivíduos com gagueira ou com alguma dificuldade, talvez fisiológica, na pronúncia das palavras, até porque, segundo ele, a voz deve ser clara e suave, em nada obscura, com o som nítido e agradável, conforme a natureza¹⁰⁸. Quanto ao *uultus motusque corporis uasti atque agrestes*, Cícero recomenda que se deve prezar pela adequação também nos movimentos, isto é, o indivíduo precisa seguir a sua natureza e fugir de tudo que seja repugnante aos olhos e ouvidos, mantendo o decoro na quietude, no andar, no sentar, no rosto, nos olhos, nos movimentos das mãos, evitando tudo que seja efeminado ou rústico¹⁰⁹. Devem ser evitados excessos grandiloquentes e o caráter feminil, buscando a mediania até mesmo nas roupas.

106 “Mas o decoro é discernido em todos os feitos, ditos e até no movimento e na atitude do corpo, e está colocado em três coisas, na beleza, na ordem e no ornamento apto para ação” (*Sed quoniam decorum illud in omnibus factis, dictis, in corporis denique motu et statu cernitur idque positum est in tribus rebus, formositate, ordine, ornatu ad actionem apto*) (Off. 1, 126; In: CHIAPPETTA, 1997, p. 278-9. Trad.: Angélica Chiappetta).

107 “E, para falar corretamente, não apenas devemos atentar para que pronunciemos palavras que não deem motivo para censura e para que as preservemos em relação a casos, tempos, gênero e número de tal forma que não haja nenhuma confusão, discrepância ou inversão, mas também controlar a fala, a respiração e o próprio tom da voz. Não quero que as letras sejam pronunciadas com afetação, não quero que se pronuncie indistintamente, com descuido. Não quero que as palavras saiam fracas e ofegantes, não quero que saiam altas e com dificuldade, pesadamente. De fato, ainda não estou falando da voz no que diz respeito à atuação, mas no que parece estar ligado à fala, por assim dizer. Há certos vícios que todos desejam evitar: uma voz mole, efeminada ou dissonante além da medida, por assim dizer, e desagradável ao ouvido” (*Atque ut Latine loquamur non solum uidendum est ut et uerba efferamus ea quae nemo iure reprehendat, et ea sic et casibus et temporibus et genere et numero conseruemus ut ne quid perturbatum ac discrepans aut praeposterum sit, sed etiam lingua et spiritus et uocis sonus est ipse moderandus. Nolo exprimi litteras putidius, nolo obscurari neglegentius; nolo uerba exiliter exanimata exire, nolo inflata et quasi anhelata grauius. Nam de uoce nondum ea dico, quae sunt actionis, sed hoc quod mihi cum sermone quasi coniunctum uidetur: sunt enim certa uitia quae nemo est quin effugere cupiat – mollis uox aut muliebris aut quasi extra modum absona atque absurda*) (*De orat.* 3, 40-1).

108 “Já que temos a voz como registro do discurso e na voz seguimos duas coisas, que seja clara, que seja suave, cada uma das duas deve ser tirada inteiramente da natureza; o exercício aumentará uma, a imitação dos que falam concisa e suavemente, outra. Nada houve nos Cátulos para achares que usaram de um julgamento apurado das letras, embora fossem letrados, mas também outros o eram; por outro lado, considerava-se que esses usavam a língua latina otimamente; o som era doce e as letras não eram nem espremidas nem oprimidas, para que o som não ficasse obscuro nem afetado” (*Sed cum orationis indicem uocem habeamus, in uoce autem duo sequamur, ut clara sit, ut suauis, utrumque omnino a natura petundum est, uerum alterum exercitatio augebit, alterum imitatio presse loquentium et leniter. Nihil fuit in Catulis, ut eos exquisito iudicio putares uti litterarum, quamquam erant litterati; sed et alii; hi autem optime uti lingua Latina putabantur; sonus erat dulcis, litterae neque expressae neque oppressae, ne aut obscurum esset aut putidum, sine contentione uox nec languens nec canora*) (Off. 1, 133; In: CHIAPPETTA, 1997, p. 281. Trad.: Angélica Chiappetta).

109 “Sigamos nós a natureza e fuja-mos de tudo que repugna à aprovação dos olhos e dos ouvidos; a quietude, o andar, o sentar, o colocar-se à mesa, o rosto, os olhos, o movimento das mãos mantenham aquele decoro. Nisso, duas coisas devem ser evitadas acima de tudo: que nada seja efeminado ou mole nem duro ou rústico. Nem aos atores e oradores deve ser concedido que sejam aptas essas coisas, dissolutas para nós. (...) Há dois tipos de beleza, num dos quais há encanto, no outro, dignidade; devemos julgar o encanto feminino, a dignidade, viril. Logo, seja removido da aparência todo ornamento não digno do homem e, no gesto e no movimento, seja evitado todo vício semelhante a esse. (...) A dignidade da aparência deve ser mantida graças à boa cor; e a cor, graças aos exercícios do corpo. Além disso, deve ser aplicada uma elegância não odiosa nem requintada em demasia, somente aquela que evite uma negligência agreste e desumana. A mesma regra deve ser mantida para o vestuário, no qual, como na maioria das coisas, a mediania é o melhor” (*Nos autem naturam sequamur et ab omni, quod abhorret ab oculorum auriumque approbatione, fugiamus; status incessus, sessio accubitio, uultus oculi manuum motus teneat illud decorum. Quibus in rebus duo maxime sunt fugienda, ne quid effeminatum aut molle et ne quid durum aut rusticum sit. Nec uero histrionibus oratoribusque concedendum est, ut iis haec apta sint, nobis dissoluta [...]. Cum autem pulchritudinis duo genera sint, quorum in altero uenustas sit, in altero dignitas, uenustatem muliebrem ducere debemus, dignitatem uirilem. Ergo et a forma remoueat omnis uiro non dignus ornatus, et huic simile uitium in gestu motuque caueatur. [...] Adhibenda praeterea munditia est non odiosa neque exquisita nimis, tantum quae fugiat agrestem et inhumanam neglegentiam. Eadem ratio est habenda uestitus, in quo, sicut in plerisque rebus, mediocritas optima est*) (Off. 1, 128-130; In: CHIAPPETTA, 1997, p. 278-9. Trad.: Angélica Chiappetta).

Um aspecto a ser ressaltado a respeito desses caracteres físicos, segundo Cícero, dados pela natureza, é a possibilidade de associação à *actio*, aliás, citada pelo autor em *Off.* 1, 128-133. Como expusemos há pouco, a *actio* diz respeito ao pronunciamento do discurso em público, e um indivíduo de língua hesitante, seja ele gago ou portador de alguma espécie de dificuldade grave de comunicação ou pronúncia, poderia pronunciar esse discurso de modo a não ser compreendido pelos ouvintes. De igual modo, isso poderia ocorrer ao gestual e à expressão. As paixões suscitadas devem ser acompanhadas por gestos que manifestem o assunto, que sejam condizentes com ele, por mãos que acompanhem as palavras e até mesmo por batidas dos pés. Também desempenham papel fundamental na oratória o rosto e, sobretudo, os olhos. Porque toda a atuação diz respeito ao ânimo, cujo reflexo está na expressão e no olhar. É que todas as paixões existentes, diz Crasso, podem ser expressas e transformadas com os movimentos dos olhos, sem os quais seria impossível fazê-lo. Mas deve-se prezar pela mediania também nesse ponto para garantir a sobriedade do pronunciamento¹¹⁰.

Nessa esteira, o que se mostra em boa parte da exposição de Crasso é, de fato, uma valorização do *ingenium* e da *natura* do orador, colocando-os como um elemento fundamental para a educação e para o seu êxito. Na mesma linha, em um trecho mais à frente, Antônio inicia uma exposição que vai ao encontro das ideias de Crasso ao introduzir o exemplo de um certo mestre de retórica chamado Apolônio de Alabanda:

*Illud uero, quod a te dictum est, esse permulta, quae orator a natura nisi haberet, non multum a magistro adiuuaretur, ualde tibi adsentior inque eo uel maxime probaui summum illum doctorem, Alabandensem Apollonium, qui cum mercede doceret, tamen non patiebatur eos, quos iudicabat non posse oratores euaderet, operam apud sese perdere, dimittebatque et ad quam quemque artem putabat esse aptum, ad eam impellere atque hortari solebat. Satis est enim in ceteris artificiis percipiendis tantum modo similem esse hominis et id, quod tradatur uel etiam inculcetur, si qui forte sit tardior, posse percipere animo et memoria custodire; non quaeritur mobilitas linguae, **non celeritas uerborum, non denique ea, quae nobis non possumus fingere, facies, uultus, sonus: in oratore autem acumen dialecticorum, sententiae philosophorum, uerba prope poetarum, memoria iuris consultorum, uox tragoedorum, gestus paene summorum actorum est requirendus; quam ob rem nihil in hominum genere rarius perfecto oratore inueniri potest; quae enim, singularum rerum artifices singula si mediocriter adepti sunt, probantur, ea nisi omnia sunt in oratore summa, probari non possunt** (De orat. 1, 126-8).*

110 “Todas essas paixões devem ser acompanhadas por gestos, mas não os do teatro, que representam as palavras, mas que manifestem todo o assunto e todo o pensamento por um sinal, não por uma demonstração, com esta inflexão forte e viril dos pulmões, proveniente, não do teatro e dos atores, mas do exército ou mesmo do ginásio. A mão menos evidente, que siga, não represente, as palavras com os dedos; a batida do pé no começo ou no fim dos embates. Mas tudo está no rosto: é exatamente nele que se encontra todo o poder dos olhos. Por isso agiram com mais acerto aqueles nossos velhos, que não elogiavam fortemente nem mesmo Róscio com a máscara. De fato, toda a atuação diz respeito ao ânimo, e a imagem do ânimo é a expressão, seus indícios, os olhos. É que esta é a única parte do corpo que é capaz de realizar as demonstrações e mudanças de todas as paixões que existem e, na verdade, não há ninguém que possa o mesmo de olhos fechados. (...) Por isso é importante o controle dos olhos. De fato, não se deve mudar excessivamente o aspecto do rosto para que não sejamos rebaixados a impertinências ou a alguma deformidade” (*Omnes autem hos motus subsequi debet gestus, non hic uerba exprimens scenicus sed uniuersam rem et sententiam non demonstratione sed significatione declarans, laterum inflexione hac forti ac uirili non ab scena et histrionibus sed ab armis aut etiam a palaestra; manus autem minus arguta, digitis subsequens uerba, non exprimens, brachium procerius proiectum quasi quoddam telum orationis, suppletio pedis in contentionibus aut incipiendis aut finiendis. Sed in ore sunt omnia, in eo autem ipso dominatus est omnis oculorum; quo melius nostri illi senes qui personatum ne Roscium quidem magnopere laudabant. Animi est enim omnis actio, et imago animi uultus, indices oculi: nam haec est una pars corporis quae quot animi motus sunt tot significationes et commutationes possit efficere, neque uero est quisquam qui eadem conuivens efficiat. [...] Quare oculorum esto magna moderatio; nam oris non est nimium mutanda species ne aut ad ineptias aut ad prauitatem aliquam deferamur; oculi sunt, quorum tum intentione, tum remissione, tum coniectu, tum hilaritate motus animorum significemus apte cum genere ipso orationis. Est enim actio quasi sermo corporis, quo magis menti congruens esse debet; oculos autem natura nobis, ut equo aut leoni iubas, caudam, aures, ad motus animorum declarandos dedit, quare in hac nostra actione secundum uocem uultus ualeat*) (De orat. 3, 220-3).

Quanto àquilo que disseste, que há inúmeras coisas que, se o orador não apresentar por natureza, não terá grande ajuda de um professor, concordo plenamente contigo e sobretudo nisso aprovava aquele grande sábio, Apolônio de Alabanda, que, embora ensinasse mediante pagamento, não tolerava que perdessem tempo com ele aqueles que não julgava capazes de se tornarem oradores, dispensava-os e costumava impelir e exortar cada um deles à arte a que julgava apto. De fato, para a compreensão das demais artes, basta apenas ser semelhante a um ser humano e poder guardar na mente e confiar à memória o que é ensinado ou, mesmo, inculcado, se acaso se tratar de alguém mais lento; **não se busca a rapidez da língua, nem a velocidade com as palavras, nem, enfim, aquilo que não podemos forjar para nós mesmos, o rosto, a expressão, a voz; já no orador, deve-se exigir a agudeza dos dialéticos, as máximas dos filósofos, as palavras, praticamente, dos poetas, a memória dos juristas, a voz dos atores trágicos, os gestos, quase, dos grandes atores;** por essa razão, nada é mais raro, no gênero humano, do que encontrar um orador perfeito; de fato, se os representantes das demais artes alcançaram medianamente cada uma dessas coisas, são aprovados; mas, **a não ser que todas elas estejam presentes no orador em seu ponto mais alto, não podem ser aprovadas.**

Os atributos naturais dos discípulos serviam de indícios aos professores de retórica para identificar aqueles que poderiam se tornar os futuros oradores de destaque, da mesma forma que serviram outrora para identificar os bons oradores espontâneos, mais ou menos nos moldes indicados por Quintiliano aqui já referidos¹¹¹. Vê-se que são virtudes conferidas pela natureza (*natura*) e, de certo modo, refratárias ao trabalho do mestre de retórica, constituindo um referente tão marcadamente seletivo a ponto de haver quem fosse mais radical e dispensasse logo cedo aqueles que não apresentassem os atributos esperados. Aliás, Antônio distingue a oratória das demais atividades, que lhe parecem mecânicas, rotineiras, apáticas, talvez aludindo às *artes*, conforme supracitado¹¹², isto é, uma atividade sistematizada e transmissível, pertinente a um âmbito delimitado e a um objeto específico (*Ion*, 536e-542b; In: JARESKI, 2006, p. 23). Porque, diz ele, para as demais artes bastava ser humano e ter boa memória para memorizar as regras (*regulae*), nada mais que isso; não havia espaço para o *ingenium* e para a *natura* como expressão da individualidade do orador, conforme hipótese levantada por Müller (2001, p. 329).

Havia precaução, alerta Müller (2000, p. 328), com relação à superabundância, o excesso dessa *natura* que Crasso tanto exalta. A natureza dotada em demasia não é conveniente, segundo a estudiosa, à atividade fechada e cotidiana que é a retórica, pois, haja vista a dimensão do talento do orador, entraria no grau de sacralidade, segundo alguns, comum aos poetas, por isso, muito mais próxima à poesia (MÜLLER, 2000, p. 330). Em *De oratore*, para a estudiosa, encontra-se o risco do que Müller associa a Górgias e aos sofistas: um estilo grandiloquente, evasivo, vazio, distante da virtude e em nada coadunado com a arte oratória¹¹³. Nessa linha, verificam-se as referências físicas e

111 Vide citações diretas da *Institutio oratoria* em p. 50-1.

112 “De fato, para a compreensão das demais artes, basta apenas ser semelhante a um ser humano e poder guardar na mente e confiar à memória o que é ensinado ou, mesmo inculcado se acaso se tratar de alguém mais lento; não se busca a rapidez da língua, nem a velocidade com as palavras, enfim, aquilo que não podemos forjar para nós mesmos, o rosto, a expressão, a voz” (*Satis est enim in ceteris artificii percipiendis, tantummodo similem esse hominis; et id, quod tradatur, uel etiam inculcetur, si quis forte sit tardior, posse percipere animo et memoria custodire. Non quaeritur mobilitas linguae, non celeritas uerborum, non denique ea, quae nobis non possumus fingere, facies, uultus, sonus*) (*De orat.* 1, 127).

113 “Vindes agora propor a mim, como a um greguinho desocupado e falastrão (ainda que, talvez, douto e erudito), tal questiúncula, para dela falar segundo minha vontade? Ora, em que momento julgais que me detive ou refleti sobre tais coisas, em vez de sempre zombar da impudência daqueles homens que, assim que tomam assento nas escolas, mandam perguntar à imensa multidão se tem alguma pergunta a fazer? Dizem que o primeiro a fazer tal coisa foi Górgias de Leontinos, que imaginava empreender e prometer algo grandioso, ao se declarar preparado para todos os

mentais, sejam elas a agudeza dos dialéticos, as sentenças dos filósofos, as palavras dos poetas, a memória dos juriconsultos, a voz dos tragediógrafos e os gestos dos atores (*acumen dialecticorum, sententiae philosophorum, uerba prope poetarum, memoria iuris consultorum, uox tragoedorum, gestus paene summorum actorum est requirendus*), que muito se coadunam com o estilo elevado que Antônio, personagem d'O Orador concebido a partir da mesma figura histórica, preconiza alhures¹¹⁴, qualidades essenciais para a caracterização do estilo elevado, o estilo magnífico, opulento, majestoso e ornado em que se encontra o máximo vigor, a cuja beleza, fluência e sonoridade muitos contemplam e almejam. Daí decorre também a ressalva de que o orador que adotasse esse estilo, por, em tese, visar "impressionar e prender a atenção do auditório por meio da fluidez, da dicção e das imagens belas e abundantes, ou por meio da composição epigramática", corria mais riscos que os outros, mais moderados e presos à repetição das regras técnicas (JESUS, 2008, p. 23).

Perceba-se que são tantas as demandas para esse estilo oratório e para esse orador, a ponto de ultrapassarem os limites da sua própria técnica, mas não se deve perder de vista o fato de Crasso e Antônio estarem falando de um ideal de orador. Crasso chega a alertar, em dois momentos¹¹⁵, que não pretende afastar ou dissuadir os jovens que, por acaso, não possuíssem aquele quê natural (*quid naturale*) que os condicionasse à oratória ou fossem menos favorecidos pela natureza (*quae quibus a natura minora data sunt*). Daí surge a ressalva de Antônio, dizendo que serão aceitos esses dotes de ator, filósofo, jurista e poeta apenas se eles forem perfeitos. Contudo, deve-se ressaltar que, embora conste de Courbaud (CICÉRON, 2009, p. 5) e Taisne (1997, p. 38) que *De orat.* 1, 128 esteja contido na parte em que se fala dos dons naturais, ali se mencionam e pontuam

temas acerca dos quais qualquer pessoa quisesse ouvir; depois, porém, começou a se fazer isso por toda parte e ainda se faz, não havendo tema algum tão grandioso, tão imprevisto ou tão desconhecido de que não se prometa dizer tudo que pode ser dito" ("– *Atque*" inquit "– Sulpicius, hoc primum ex te, de quo modo Antonius exposuit, quid sentias, quaerimus: existimesne artem aliquam esse dicendi?" – "Quid? Mihi uos nunc" inquit "Crassus, tanquam alicui Graeculo otioso et loquaci, et fortasse docto atque erudito, quaestiunculam, de qua meo arbitrato loquar, ponitis? Quando enim me ista curasse aut cogitasse arbitramini, et non semper irrisisse potius eorum hominum impudentiam, qui cum in schola adsedissent, ex magna hominum frequentia dicere iuberent, si quis quid quaereret? Quod primum ferunt Leontinum fecisse Gorgiam; qui permagnum quiddam suscipere ac profiteri uidebatur, cum se ad omnia, de quibus quisque audire uellet, esse paratum denuntiaret. Postea uero uulgo hoc facere coeperunt, hodieque faciunt; ut nulla sit res, neque tanta, neque tam improvisa, neque tam noua, de qua se non omnia, quae dici possint, profiteantur esse dicturos") (*De orat.* 1, 102-3). "Nem careço de um mestre grego que me repise preceitos banais, sendo que ele mesmo nunca viu o fórum, nunca viu um único julgamento; tal como se diz de Formião, o famoso peripatético, quando Aníbal, expulso de Cartago, partira para o exílio em Éfeso, na casa de Antíoco, e, em sua atenção, porque sua reputação era muito gloriosa entre todos, fora convidado por seus anfitriões a ouvir, se o quisesse, esse a que fiz menção; e quando ele disse que poderia ser, conta-se que esse homem copioso falou durante algumas horas acerca do ofício de general e da arte militar em geral. Então, pelo fato de os demais que o haviam ouvido muito se deleitarem, perguntaram a Aníbal sua opinião acerca daquele filósofo. Conta-se que esse cartaginês respondeu, não em bom grego, mas francamente, que vira muitos velhos delirantes em diversas ocasiões, mas que não vira alguém que delirasse tanto quanto Formião" (*Nec mihi opus est Graeco aliquo doctore, qui mihi pervulgata praecepta decantet, cum ipse nunquam forum, nunquam ullum iudicium aspexerit: ut Peripateticus ille dicitur Phormio, cum Hannibal Carthagine expulsus Ephesum ad Antiochum uenisset exsul, proque eo, quod eius nomen erat magna apud omnes gloria, inuitatus esset ab hospitibus suis, ut eum, quem dixi, si uellet, audiret; cumque is se non nolle dixisset, locutus esse dicitur homo copiosus aliquot horas de imperatoris officio, et de omni re militari. Tum, cum ceteri, qui illum audierant, uehementer essent delectati, quaerebant ab Hannibale, quidnam ipse de illo philosopho iudicare; hic Poenus non optime Graece, sed tamen libere respondisse fertur, multos se deliros senes saepe uidisse, sed qui magis quam Phormio deliraret, uidisse neminem*) (*De orat.* 2, 75).

114 "O terceiro estilo é aquele magnífico, opulento, majestoso e ornado em que se encontra o máximo vigor. É este o estilo de discurso cuja beleza e fluência fizeram que as admiradas gentes dessem à eloquência uma grande influência na sociedade, mas esta é a eloquência que avança com grande sonoridade e um grandioso cortejo e que todos contemplam e admiram e desesperam de poder alcançar" (*Tertius est ille amplius copiosus, grauis ornatus, in quo profecto uis maxima est. Hic est enim, cuius ornatum dicendi et copiam admiratae gentes eloquentiam in ciuitatibus plurimum ualere passae sunt, sed hanc eloquentiam, quae cursu magno sonituque ferretur, quam suspicerent omnes, quam admirarentur*) (*Orat.* 97; In: GONÇALVES, 2017, p. 157. Trad.: Soraia Nascimento Gonçalves).

115 Vide nota 36.

o papel e o valor da *ars*. Afinal, é custoso imaginar que alguém chegasse a esse nível de oratória, primeiramente, sem o auxílio de um mestre bastante atento a qualquer vício apresentado no decorrer da educação ou mesmo que não demonstrasse dificuldades em alguma etapa do processo de aprendizado. Depois, que esse alguém não tivesse de passar por uma observação, estudo e amadurecimento do aprendizado no fórum e no senado, junto dos oradores mais experientes.

Portanto, ao que parece, pelo menos analisando esses dois emblemáticos trechos, fica patente a forte valorização dos dons naturais do orador, sejam eles referidos por *ingenium* ou por *natura*. Vimos que tanto os caracteres físicos quanto os psicológicos citados no livro 1 do diálogo *De oratore* podem ser identificados também na *Institutio oratoria* e na *Retórica a Herênio*, textos relativamente próximos no tempo, e que eles eram ou deveriam ser tratados, pelo mestre de retórica, como indícios de talento ou vocação para a retórica.

Mas, se, até então, por um lado, temos a assunção dos caracteres naturais, temos, por outro, a depreciação do papel do componente técnico artificial, em especial, quando se fala da *doctrina* dos mestres de retórica ou do papel destes na apresentação do orador ideal. Embora não tenhamos focado, até então, esse aspecto, não podíamos ignorar a presença de noções como *ars*, *artifex*, *doctrina*, *ratio* e *uia*, utilizadas em *De orat.* 1, 113-5 e 126-8, e integrantes do vocabulário das *artes* em geral, assim como a descrença, ou, no mínimo, a desconfiança de Crasso e Antônio com relação a elas. Confirmando as indicações deixadas por Courbaud e Taisne de que começa em *De orat.* 1, 134 e termina em *De orat.* 1, 147 o tratamento dessa parte técnica da educação oratória, Crasso inicia uma exposição dos tais preceitos batidos e repisados (*ista omnium communia et contrita praecepta*), mas podemos afirmar seguramente que a visão dos oradores sobre o papel da educação na idealização das personagens não se esgota nesses treze parágrafos. Porque, neles, Crasso se limita a fornecer um rápido apanhado dos ensinamentos tradicionais da retórica e parece fazer questão de encerrar afirmando que tais preceitos servem apenas de indicação ou meio de memorização para o orador (*ad commonendum oratorem*) do caminho a respeitar para a composição de um bom discurso. Servir-se de um método, neste sentido, seria tentar ordenar o trajeto através do qual se possam alcançar os objetivos projetados, no caso da retórica preconizada por Crasso, a persuasão (*De orat.* 1, 145)¹¹⁶. Pode haver uma associação da *ars* ao *méthodos*, que justifique a utilização, em *De orat.* 1, 113, da palavra *uia*, cujo sentido primário é de caminho e estrada, mas que também pode significar modo de proceder ou método para fazer algo. Talvez por esse motivo, o ex-cônsul diga aos ouvintes que não considera de todo inútil a arte retórica e que reconhece os seus méritos de ajudar aqueles que eventualmente não foram tão dotados pela natureza ou aqueles que apresentam qualquer espécie de vício, como foi o caso de C. Célio, que conseguiu reconhecimento apenas pelo conhecimento básico de oratória. Mas é que, no seu entender, esses tantos preceitos que os mestres de retórica, em geral gregos, ensinavam nas escolas eram nada mais que constatações provenientes da observação e classificação daquilo que os eloquentes já faziam desde muito tempo e de maneira espontânea. Tal posicionamento faz com que Crasso, à guisa de conclusão, anuncie que foi a eloquência que originou a técnica (retórica), não o contrário. Neste sentido, Courbaud (2009, p. X-XI), comentando as ideias do texto, assevera:

116 “Toda a doutrina desses artifícios ocupa-se, quase sempre, dessas questões; se disser que em nada ajudam, estarei mentindo. De fato, apresentam certos elementos que servem, por assim dizer, de lembrete ao orador, a que possa referir cada ponto e, observando-o, não se afastar do que quer que tenha estabelecido como meta” (*In his enim fere rebus omnis istorum artificum doctrina uersatur, quam ego si nihil dicam adiuuare, mentiar. habet enim quaedam quasi ad commonendum oratorem, quo quidque referat, et quo intuens ab eo, quodcumque sibi proposuerit, minus aberret*) (*De orat.* 1, 145).

Regras, não mais que regras. Acreditamos na eficácia soberana das regras. Define-se, classifica-se, distingue-se. (...) Divide-se e subdivide-se até o infinito. (...) Esse trabalho faz com que o pupilo apenas siga docilmente os preceitos, os quais, se bem aplicados, devem infalivelmente produzir um bom discurso. Assim, como que usando uma receita de cozinha, tenciona-se produzir um orador. O jogo de regras, por si só, substituirá as aptidões naturais (será inútil, então, ser bem favorecido), substituirá da mesma maneira a meditação pessoal, o esforço fecundo e vário que se renova a cada caso, a cada discurso (inútil então raciocinar). Sem dúvida, em Roma, todos os pupilos poderiam falar, e bem, no entanto, todos da mesma forma, visto terem sido ensinados no mesmo molde ou formados sob o mesmo padrão: o mecanismo mataria a originalidade (...). As regras têm sua utilidade, mas é uma utilidade restrita, pois, de outro modo, esquecer-se-ia que “não foi a eloquência que nasceu da retórica, mas a retórica que nasceu da eloquência (*De orat.* 1, 146) (...) A retórica, portanto, é apenas um meio, ela não é o objetivo (...).

Isso se deve ao fato de que não havia, desde a fundação de Roma até a conquista do sul italiano, educação formal ou mesmo um currículo voltados à formação de oradores: o que havia, na verdade, era uma iniciação progressiva à vida aristocrática tradicional (MARROU, 1990, p. 360). O pequeno romano vivia dezesseis anos sob a tutela dos pais: primeiramente, permanecia até os sete anos sob a supervisão da mãe, a quem cabia dar-lhe jogos e brinquedos que lhe ensinassem os rudimentos da moral e da severidade romana, depois, passava à responsabilidade do pai, que o levaria a conhecer a vida urbana e senatorial, instruindo-o com seus preceitos e, em especial, com seu exemplo (MARROU, 1990, p. 362). Aos dezesseis anos, o filho da aristocracia romana vivencia o seu *début*: conduzido pelo seu pai e pela primeira vez vestindo a *toga uirilis*, ele adentra o *Forum Romanum*. Passa um ano a observar e a estudar a vida pública acompanhando um político de experiência, em geral, amigo da família, período conhecido como *tirocinium fori*. Nessa etapa, o jovem tinha a oportunidade de ouvir todos os discursos do seu patrono nos tribunais ou nos comícios. Podia escutá-lo argumentando ou debatendo, assim como a se expressar corretamente¹¹⁷. Passada essa fase, ingressava, por fim, no serviço militar, último estágio da educação e responsável por dar ao jovem experiência, autoridade e força. Ao que tudo indica, o modelo romano tradicional de educação é muito mais orientado pelo costume dos ancestrais (*mos maiorum*), pelas demandas do fórum e pela letra das leis. Havia necessidade de conservar a distinção das normas de conduta sociais da aristocracia que lhes reafirmariam a autoridade para ditá-las e até mesmo o modelo de correção linguística aristocrático que os distinguiria da plebe em termos do uso do idioma (DEUR, 2005, p. 28; MARROU, 1990, p. 365).

O ponto culminante dessa educação arcaica não é a erudição filosófica ou literária, mas a formação do caráter. Segundo May (2002, p. 60), o caráter (*mos; éthos*) era um elemento extraordinariamente importante no contexto sociopolítico da oratória “natural” de Roma. O orador romano da época de Crasso e de Marco Antônio devia ser um indivíduo para quem as virtudes tradicionais, assim como o *mos maiorum*, tornaram-se uma espécie de religião e para quem a autoridade pessoal (*auctoritas*) era motivo de

117 “Desse modo, entre nossos antepassados, o jovem que se preparava para o fórum e para a eloquência, já imbuído da instrução doméstica e abastecido dos estudos sérios, era conduzido pelo pai ou pelos familiares até o orador que tinha a reputação mais destacada na comunidade. Esse jovem costumava segui-lo, acompanhá-lo, estar presente nos seus pronunciamentos, seja nos tribunais, seja nas assembleias públicas, de tal modo que também assistisse aos debates judiciais e presenciasse as querelas, para que, assim eu o diria, na própria batalha, aprendesse a lutar” (*Ergo apud maiores nostros iuuenis ille qui foro et eloquentiae parabatur, imbutus iam domestica disciplina, refertus honestis studiis, deducebatur a patre uel a propinquis ad eum oratorem qui principem in ciuitate locum obtinebat. Hunc sectari, hunc prosequi, huius omnibus dictionibus interesse siue in iudiciis siue in contionibus adsuescebat, ita ut altercationes quoque exciperet et iurgis interesset, utque sic dixerim, pugnare in proelio disceret*) (*Dial.* 34, 1-2; In: TÁCITO, 2014, p. 101. Trad.: Antônio Martinez de Rezende e Júlia Batista Castilho de Avellar).

extremo cuidado, pois serviriam de baliza para as suas decisões políticas (MAY, 2002, p. 53). Segundo Cícero, havia um rumor, em Roma, de que Crasso não tivera mais que a doutrina pueril com que os romanos se instruíam e de que Antônio desconhecera qualquer forma de instrução. No prólogo do *Do orador 2*, é retomada uma lembrança de que muitos costumavam fazer coro a essa crença para questionar o interesse de seu pai em instruir os filhos Marco e Quinto. Se homens desprovidos de erudição atingiram prudência e eloquência incríveis, de que serviria tamanho empenho em educar-se¹¹⁸? Essa educação pautada na experiência prática e na tradição era bastante distinta da propagada pelos sofistas gregos em suas escolas de retórica em voga, na Urbe, à época de Crasso e Marco Antônio. Enquanto os “greguinhos” (*graeculi*) ociosos e loquazes, termo utilizado em *De orat.* 1, 102 com flagrante tom pejorativo pelos interlocutores do *Diálogo*, baseavam-se em causas fictícias, segundo eles, um tanto desconectados da realidade do fórum¹¹⁹, o método proposto pelos romanos é de aprender eloquência por palavras eloquentes e fazê-lo estudando homens de grande experiência política e distinção cívica, respeitando assim o caráter patricio da educação romana tradicional (VASCONCELOS, 2000, p. 180).

A verdade, no entanto, é que os próprios oradores-personagens alimentavam o rumor de que não possuíam instrução¹²⁰, pois, se fossem vistos como incultos, seus discursos soariam mais prováveis aos seus conterrâneos, tendo Marco Antônio afirmado que nem mesmo conhecera os gregos. Cícero sublinha os relatos de seus ancestrais e suas próprias memórias das conversas que tivera com Crasso, ocasião em que tomou conhecimento de que seu mestre dominava não só a língua grega, mas também variados temas, de modo que nada lhe parecesse alheio. De igual forma, relembra os relatos das discussões de Marco Antônio com os filósofos gregos em Rodes. O episódio ilustra o peso e a autoridade do caráter na oratória de Cícero. O orador constrói para si mesmo

118 “Quando éramos jovens, Quinto, meu querido irmão, se o recordas, havia um grande rumor de que L. Crasso não adquirira maior formação teórica do que lhe permitira aquela sua primeira educação juvenil, e de que M. Antônio era completamente destituído e desconhecedor de qualquer forma de instrução; e havia muitos que, embora julgassem que tal não era o caso, para com maior facilidade afastar dos estudos teóricos a nós, inflamados que estávamos pelo desejo de aprender, declaravam o que mencionei acerca daqueles oradores, de que, se homens desprovidos de instrução haviam atingido uma prudência extrema e uma incrível eloquência, todo o nosso empenho pareceria vão, e tolo o cuidado de nosso pai, excelente e prudentíssimo varão, em nos instruir” (*Magna nobis pueris, Quinte frater, si memoria tenes, opinio fuit, L. Crassum non plus attigisse doctrinae, quam quantum prima illa puerili institutione potuisset; M. autem Antonium omnino omnis eruditionis expertem atque ignarum fuisse. Erantque multi qui, quanquam non ita sese rem habere arbitrarentur, tamen, quo facilius nos incensos studio discendi a doctrina deterrent, libenter id quod dixi, de illis oratoribus praedicarent, ut, si homines non eruditi summam essent prudentiam atque incredibilem eloquentiam consecuti, inanis omnis noster esse labor, et stultum in nobis erudiendis, patris nostri, optimi ac prudentissimi uiri, studium uideretur*) (*De orat.* 2, 1).

119 “Isso não é ensinado na escola, pois se confiam causas fáceis aos meninos; uma lei proíbe que um estrangeiro escale a muralha; ele escala, repele os inimigos, é acusado. De nada vale conhecer uma causa desse tipo. Portanto, nada ensinam corretamente acerca do aprendizado de uma, (pois esta é quase sempre uma fórmula das causas na escola). No fórum, porém, deve-se tomar conhecimento integral de contratos, testemunhos, pactos, convenções, promessas, parentescos, afinidades, decretos, oráculos, da vida, enfim, daqueles que se ocupam da causa. Notamos que é pela negligência de tais elementos que a maior parte das causas – e sobretudo as privadas, pois muitas vezes são bastante obscuras – é perdida” (*Hoc in ludo non praecipitur: faciles enim causae ad pueros deferuntur. Lex peregrinum uetat in murum ascendere; ascendit; hostis reppulit; accusatur. Nihil est negotii eius modi causam cognoscere: recte igitur nihil de causa discenda praecipunt: haec est enim in ludo causarum fere formula. At uero in foro, tabulae, testimonia, pacta conuenta stipulationes, cognationes, affinitates, decreta responsa, uita denique eorum qui in causa uersantur, tota cognoscenda est: quarum rerum negligentia plerasque causas et, maxime priuatas [sunt enim multo saepe obscuriores] uidemus amitti*) (*De orat.* 2, 100).

120 “Ora, as coisas se passavam para os dois da seguinte forma: Crasso preferia não tanto que julgassem que não estudara, quanto que desprezava tais coisas, colocando acima dos gregos a prudência de nossos conterrâneos em todo tipo de assunto; Antônio, por outro lado, considerava que seu discurso resultaria mais plausível a um povo como este nosso se pensassem que não tinha qualquer instrução; e assim, ambos aparentariam maior seriedade se um parecesse desprezar, e o outro, simplesmente desconhecer os gregos” (*Sed fuit hoc in utroque eorum, ut Crassus non tam existimari uellet non didicisse, quam illa despiciere, et nostrorum hominum in omni genere prudentiam Graecis anteferre; Antonius autem probabiliorem hoc populo orationem fore censebat suam, si omnino didicisse nunquam putaretur. Atque ita se uterque grauiorem fore, si alter contemnere, alter ne nosse quidem Graecos uideretur*) (*De Orat.*, 2, 4).

uma imagem adequada às circunstâncias da enunciação, isto é, deverá construir um *éthos* positivo para si, podendo até fingi-lo, inventá-lo, pois, a um povo afeito à oratória natural, algo que emerge da própria força do caráter, era muito conveniente não parecer artificioso e criar uma imagem de orador espontâneo (VASCONCELOS, 2016, p. 182). Percebemos, portanto, que as personagens enxergavam no excesso dessas novas técnicas gregas uma espécie de negação tanto do *ingenium* quanto da tradição oratória romana. A técnica dos gregos, para Antônio, não se adequa à realidade do fórum romano, pois privilegia exercícios, fórmulas e repetições, como se a arte por si própria pudesse sobrepor-se ao engenho e formar oradores como que saídos de uma mesma forma inflexível.

Existe uma crítica velada de Cícero ao método grego de ensino e uma defesa do amplo conhecimento que transcendesse os limites da técnica. Em primeiro lugar, o arpinate demandava que os oradores se tornassem familiares com o seu próprio contexto sociopolítico e que a ele adaptassem seus discursos (MAY, 2002, p. 49). Através de Crasso, seu porta-voz no diálogo, ele diz:

Legendi etiam poetae, cognoscendae historiae, omnium bonarum artium scriptores ac doctores et legendi, et peruolutandi, et exercitationis causa laudandi, interpretandi, corrigendi, uituperandi, refellendi; disputandumque de omni re in contrarias partes, et, quidquid erit in quaque re, quod probabile uideri possit, eliciendum atque dicendum; perdiscendum ius ciuile, cognoscendae leges, percipienda omnis antiquitas, senatoria consuetudo, disciplina reipublicae, iura sociorum, foedera, pactiones, causa imperii cognoscenda est (De Orat. 1, 158-9).

É preciso ler também os poetas, conhecer as histórias, ler e folhear com assiduidade os mestres e escritores de todas as artes liberais, bem como citá-los como exercício, interpretá-los, corrigi-los, criticá-los, refutá-los; acerca de qualquer tema, deve-se discutir os dois lados da questão, bem como evocar e mencionar, em cada tema, qualquer elemento que possa parecer provável. É preciso aprender todo o direito civil, conhecer as leis, estudar toda a antiguidade, conhecer a tradição do senado, a disciplina do estado, os juramentos dos aliados, os tratados, os pactos, a causa do poder.

Depois, valendo-se do mesmo artifício, defende:

Namque quod illud, Scaeuola, negasti te fuisse laturum, nisi in meo regno esses, quod in omni genere sermonis, in omni parte humanitatis dixerim oratorem perfectum esse debere, nunquam mehercule hoc dicerem, si eum, quem fingo, me ipsum esse arbitrarer. Sed, ut solebat C. Lucilius saepe dicere, homo tibi subiratus, mihi propter eam ipsam causam minus, quam uolebat, familiaris, sed tamen et doctus, et perurbanus, sic sentio, neminem esse in oratorum numero habendum, qui non sit omnibus eis artibus, quae sunt libero dignae, perpolitus; quibus ipsis, si in dicendo non utimur, tamen apparet atque exstat, utrum simus earum rudes, an didicerimus. [...] Sic in orationibus hisce ipsis iudiciorum, contionum, Senatus, etiamsi proprie ceterae non adhibeantur artes, tamen facile declaratur, utrum is, qui dicat, tantummodo in hoc declamatorio sit opere iactatus, an ad dicendum omnibus ingenuis artibus instructus accesserit (De orat. 1, 71-3).

Pois aquilo que afirmaste, Cévola, que não tolerarias caso não estivesses em minha propriedade – **que todo orador deve ser perfeito em toda espécie de discurso, em todos os domínios da cultura** –, nunca, por Hércules, o diria se julgasse ser eu mesmo o orador que concebo. Ora, concordo com o que C. Lucílio, uma pessoa um tanto agastada contra ti – e, por isso mesmo, menos próxima de mim do que desejava –, porém culta e extremamente engenhosa, costumava repetir: ninguém que não seja completo em todas as artes dignas de um homem livre deve ser contado entre os oradores; ainda que não as usemos ao

discursar, torna-se claro e manifesto se somos ignorantes ou se as cultivamos. (...) Desse modo, nesses mesmos discursos dos tribunais, das assembleias populares, do senado, ainda que não empreguem propriamente as demais artes, logo fica claro se aquele que está discursando é versado apenas nesta obra declamatória ou se empreendeu discursar instruído em todas as artes liberais.

O orador deve estudar, além do direito civil e das artes liberais, a história, a poesia, a filosofia, o que diferia demasiadamente da educação retórica engessada e, em parte, tecnicista dos preceptores gregos. O ponto fundamental que emerge com absoluta clareza, afirma Narducci (CICERONE, 1992, p. 18-9), é que a cultura do orador deverá ser geral e não especializada. A grande eloquência não é restrita e tem por objeto tudo quanto puder ser matéria de debate entre os homens, e a essência do orador ideal, segundo ele, está no versar, de modo sábio, ordenado, elegante e digno, sobre qualquer tema digno e em qualquer gênero de discurso (*ibid.*, p. 18-9). Cícero, em resumo, temia que os preceitos inúmeros e rígidos não tolhessem somente o talento enquanto individualidade, mas também a sabedoria. A arte deve ser aquilo que fornece ao indivíduo o perfeito domínio das suas faculdades naturais e, por esse motivo, jamais deve sobrepô-las, mas aprimorá-las. Neste ponto, somos capazes de perceber o teor da crítica de Cícero à retórica enquanto *ars*. Porque a retórica, para ele, não pode se reduzir a um mero instrumento formal, nem o orador a uma personagem inepta do fórum. O orador perfeito de Cícero coincide com o *doctus orator* de base cultural firme e de capacidade de investigar com lucidez e agir com prudência (TRINGALI, 1988, p. 35-6).

A fala de Crasso seguramente está pautada no ideal de humanidade (*humanitas*), e as disciplinas que o orador deve dominar levariam a ela. A filosofia, a história, o direito civil, a poesia são todos estudos que, de alguma maneira, dizem respeito à convivência dos homens em sociedade e, portanto, fornecem elementos para que se conheça o gênero humano e se aprofunde na compreensão e aprimoramento de si mesmo e do mundo que o cerca. Já que esses estudos guardam entre si um vínculo, em dominando-os, torna-se o orador uma figura não só mais erudita, porém, sobremaneira, mais humana. Deparamos com a *doctrina*, a reunião desses estudos, a responsável pela transformação do homem em *doctus*, como elemento forjador do caráter e de elevação da natureza humana. Neste sentido, flagra-se a fragilidade moral da educação da *ars*, algo específico, técnico, em função da robustez de uma formação liberal holística, ampla, humanizadora.

Na época republicana, os pronunciamentos de discursos não conferem somente a ocasião de avaliar as capacidades oratórias de um orador: além desse reconhecimento técnico, o que está em jogo é um ser social, um estatuto de poder e reconhecimento de uma excelência ética (DUPONT, 2000, p. 91). O *Diálogo do orador*, por isso, trata menos dos preceitos da retórica que da própria formação do orador. Cícero confia ao personagem Crasso, principalmente, a opinião de que o orador ideal deve ter uma cultura vasta, acrescentando acrescentando ao conjunto das artes liberais um saber superior, designado pelo termo *doctrina*, presente 16 vezes no livro I do diálogo. Etimologicamente, a *doctrina* significava a profissão, a arte de ensinar, e a evolução semântica do conceito mantém o aspecto de ensinamento, ora relacionado ao conteúdo, ora ao resultado ou ao processo (ORBAN, 1957, p. 177). O corolário de todo desenvolvimento individual é a cultura, no sentido perfectivo, humanizador, não preparatório, do homem verdadeiramente homem, porque desenvolvido em todas as suas potencialidades (TRENK, 1997, p. 37). Apesar de suas diversas nuances de significações, inclusive permitindo o intercâmbio com outros termos como *ratio*, *ars*, *disciplina*, *humanitas*, há um aspecto no valor de *doctrina* que a distingue – é o acento na noção de um saber mais elevado que o do senso comum e colocado a serviço de um propósito superior (ORBAN, 1957, p. 181).

A doutrina ainda avança para além desses limites, em sua grande maioria, técnicos da *ars*. O domínio de um extenso cabedal de assuntos deve garantir que o orador seja capaz de disputar questões filosóficas, como a natureza dos deuses, o bem e o mal, o conceito de justiça e as virtudes e os vícios, bem como questões deliberativas, como a aprovação de leis, a permissão para invasões, a imposição de impostos e a religião. Embora Crasso pareça demonstrar grande entusiasmo no *Do orador* para com a natureza do orador em detrimento da sua arte, seu real objetivo é esgarçar os limites da mesma e fazer com que os novos oradores busquem a sabedoria, tanto prática quanto teórica, como prioridade, ao invés do mero conhecimento técnico-prático, para usá-la ao seu favor, seja no fórum como orador ou juiz, seja na política, como senador ou cônsul. Como resultado dessa longa jornada de desenvolvimento técnico e filosófico, o indivíduo terá ao seu alcance todas as possibilidades que sua natureza lhe dispôs e chegará ao ápice de sua humanidade.

Marco Antônio, de alguma maneira, impõe rédeas ao ímpeto de Crasso quando traz a retórica de volta aos limites da *ars*, cuja definição segue abaixo:

ars ~tis, f. **1** Professional, artistic, or technical skill as something acquired and exercised in practice, skilled work, craftsmanship, art. ~te, per ~tem, skillfully, artistically. **2** (spec. where a contrast w. *natura*, *ingenium*, etc., is stated or implied) Artificial methods, human ingenuity, artificiality, art. **3** A crafty action, trick, wile, stratagem; craftiness, guile; (mil.) a tactical device. c ~te, craftily, cunningly. **4** (usu. w. spec. adjs. and in pl.) A personal characteristic or quality as manifested in action, a practice. (pl.) behaviour. **b** a good quality, accomplishment. **c** (pl., w. *istae*, etc.) evil practices or habits, bad ways. **5 a** A systematic body of knowledge and practical techniques, an art or science. **b** (w. adj. or explanatory gen.; examples under this section are closely related to senses 1 and 7). **c** (pregn., applied to spec. arts or sciences). **d** magic, the 'black art'. **6** *bonae*, etc., ~tes, **a** Cultural, pursuits, liberal studies. **b** (without spec. adj.) one of the fine or liberal arts, liberal culture. **7 a** A profession, art, craft, trade, occupation. **b** a business, task, pursuit; a type of activity, exercise. **8 a** Artistic achievement or performance, a person's art or artistry; an artistic design or representation. **b** (concr.) a word of art; an invention, device, or contrivance. **9 a** (sg. or pl.) The rules or principles of an art, theoretical considerations, theory. **b** the rules or principles of an art in written form, a text-book, treatise. **c** per ~tem, in accordance with recognized procedure; ex ~te, systematically. **10** A method, system, procedure; a principle of classification¹²¹.

Quintiliano inicia suas considerações acerca da retórica conceituando *ars* e discriminando seu objetivo como segue:

121 **Ars**, ~tis. **1** Habilidade profissional, artística ou técnica como algo adquirido e exercitado na prática, trabalho hábil, perícia, arte. ~te, per ~tem, habilmente, artisticamente. **2** (Especificamente quando referido ou inferido em contraste com *natura*, *ingenium*, etc.) Métodos artificiais, engenhosidade humana, artificialidade, arte. **3** Uma ação astuciosa, truque, astúcia, estratégia, manha, malícia. (em contextos militares) dispositivo tático. **c** ~te, Com astúcia, com destreza. **4** (Frequentemente com adjetivos específicos e plurais) Característica pessoal ou qualidade manifesta em ação, prática. (pl.) comportamento. **b** Uma qualidade boa, compromisso. **c** (pl. com *istae* ou similares) práticas ou hábitos ruins, meios escusos. **5 a** Corpo sistemático de conhecimentos e técnicas práticas, arte ou ciência. **b** (Com adjetivos ou genitivo descritivo; os exemplos desta seção estão estritamente relacionados aos significados 1 e 7). **c** (aplicados produtivamente a artes ou a ciências específicas). **d** mágica, "magia negra". **6** *bonae* entre outras, -tes, **a** Artes liberais, percursos culturais. **b** (sem adjetivos específicos) uma das artes liberais ou das belas artes, cultura liberal. **7 a** Profissão, arte, construção, comércio, ocupação. **b** negócio, tarefa, carreira; um tipo de atividade, exercício. **8 a** Performance ou realização artística, arte ou maestria pessoal; um projeto ou representação artística. **b** (sentido concreto) palavra de arte; invenção, dispositivo ou artifício. **9 a** (sg. ou pl.) Regras ou princípios de uma arte, considerações teóricas, teoria. **b** Regras ou princípios de uma arte na forma escrita, considerações, tratado. **c** per ~tem, de acordo com procedimento reconhecido; ex ~te, sistematicamente. **10** Método, Sistema, procedimento; princípio de classificação. In: *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: The Clarendon Press, 1968, p. 175.

Igitur rhetorice (iam enim sine metu cauillationis utemur hac appellatione) sic, ut opinor, optime diuidetur ut de arte, de artifice, de opere dicamus. Ars erit quae disciplina percipi debet: ea est bene dicendi scientia. Artifex est qui percepit hanc artem: id est orator, cuius est summa bene dicere. Opus, quod efficitur ab artifice: id est bona oratio.

Destarte, dividiremos a retórica (pois já usarei este nome sem medo de críticas) com precisão, segundo penso, se falarmos de arte, artifice e obra. “Arte” é o que deve ser aprendido pelo estudo: isto é, a ciência de discursar bem. “Artifice” é quem aprendeu esta arte: ou seja, o orador, cuja aspiração é discursar bem. “Obra” é o que o artifice produz: ou seja, o bom discurso (*Inst.* 2, 14, 5; In: FALCÓN, 2015, p. 60. Trad.: Rafael Sento-Sé Guimarães Falcón).

Na *Retórica a Herênio*, temos uma pequena definição de *ars*:

Oratoris officium est de iis rebus posse dicere quae res ad usum ciuilem moribus et legibus constitutae sunt, cum adsensione auditorum quoad eius fieri poterit. [...] Ars est praeceptio, quae dat certam uiam rationemque dicendi.

O ofício do orador é poder discorrer sobre as coisas que o costume e as leis instituíram para o uso civil, mantendo o assentimento dos ouvintes até onde for possível. (...) Arte é o preceito que dá método e sistematização ao discurso (*Rhet. Her.* 1, 2, 2-3; In: [CÍCERO], 2005, p. 55. Trad.: Ana Paula Celestina Faria e Adriana Seabra).

Com relação às possibilidades de tradução fornecidas por *OLD*, excetuando 5d, 6 e 9a, em nossa visão, relacionadas a contextos abstratos como *magic, black art, cultural and liberal arts or studies e theory*, as demais aludem a métodos, técnicas, regras, sistema, truque por vezes, até ocupação e comércio. As acepções de *ars* não nos oferecem espaço para grandes pretensões humanísticas ou filosóficas. Parecem restringir seu alcance ao universo prático, material, terreno. Se verificarmos as definições presentes na *Institutio oratoria* e na *Retórica a Herênio*, não haverá também espaço para devaneios idealizadores: de um lado, temos Quintiliano conceituando *ars* como conhecimento técnico advindo do estudo (*disciplina*), de outro, um tratadista para o qual técnica é aquilo que fornece método e sistematização, acepções atreladas a um conhecimento artificial, laborado com procedimentos rigorosos e precisos, de certa maneira, opostas ao universo espontâneo da *natura* e do *ingenium*. Além disso, à parte as acepções fornecidas por *OLD*, contamos com duas que relacionam a arte a um objetivo, a um fim: no caso da retórica, pronunciar um bom discurso, para Quintiliano, dizer dos costumes e das leis sem perder a atenção dos ouvintes, para o tratadista anônimo da *Retórica a Herênio*.

Antônio parece seguir a mesma linha desses dois últimos. De certo modo, representa a contraposição à longa e idealizada exposição de Crasso e a retração da retórica aos seus próprios limites. Em *De orat.* 1, 213, vemos que o orador antonino é:

[...] Atque eum puto esse, qui et uerbis ad audiendum iucundis, et sententiis ad probandum accommodatis uti possit in causis forensibus atque communibus. Hunc ego appello oratorem, eumque esse praeterea instructum uoce, et actione, et lepore quodam uolo.

(...) Aquele que é capaz de empregar palavras agradáveis de se ouvir e ideias adequadas a uma demonstração nas causas forenses e públicas. A este eu denomino orador, e desejo, além disso, que ele seja dotado de voz, atuação e algum encanto.

Lendo este excerto, pensamos que Narducci (CICERONE, 1992, p. 18) parece ter razão em seu prefácio quando diz que a função de Antônio é recolocar “os pés do diálogo” novamente no chão, de compensar os saltos, por vezes, utópicos de Crasso com elementos de realismo que demandam uma lúcida consciência de fatores que condicionam a situação efetiva da eloquência. Porque nessa exposição, ele, de fato, se mostra distante de Crasso. Ele está muito mais próximo daquilo que expunham o tratadista da *Retórica a Herênio* e Quintiliano se pensarmos em concisão e objetividade na delimitação do objeto do orador. Na verdade, o intuito de Antônio parece ser delinear os aspectos da *téchne* grega, em poucas palavras, uma atividade sistematizada e transmissível pertinente a um âmbito delimitado e a um objeto específico, nas palavras de Jareski (2006, p. 23; *Ion*, 536e-542b):

Artem uero negabat esse ullam, nisi quae cognitis, penitusque perspectis, et in unum exitum spectantibus et nunquam fallentibus rebus contineretur; haec autem omnia, quae tractarentur ab oratoribus, dubia esse et incerta; cum et dicerentur ab eis, qui omnia ea non plane tenerent, et audirentur ab eis, quibus non scientia esset tradenda, sed exigui temporis aut falsa, aut certe obscura opinio. Quid multa? Sic mihi tum persuadere uidebatur, neque artificium ullum esse dicendi, neque quemquam posse, nisi qui illa, quae a doctissimis hominibus in philosophia dicerentur, cognosset, aut callide aut copiose dicere (De orat. 1, 92).

Afirmava (Cármadas) ainda não haver qualquer arte que não fosse constituída de elementos conhecidos, totalmente compreendidos, voltados a um único fim e sempre claros; e todos os temas tratados pelos oradores são duvidosos e incertos, uma vez que discursam aqueles que não têm seu total domínio, e ouvem aqueles a quem se deve transmitir, não um conhecimento exato, mas uma opinião de momento, falsa ou, ao menos, obscura. Por que me alongar? Assim, ele parecia convencer-me, além disso, de que não existe qualquer artifício oratório e que, sem o conhecimento do que dizem os filósofos mais eruditos, ninguém é capaz de discursar de modo hábil e copioso.

Essa postura visa defender a retórica do ataque dos filósofos, como Cármadas, que negavam a sua existência enquanto técnica (*ars* ou *téchne*) por não conseguirem enxergar um objeto delimitado de estudo ou de conhecimento próprio do homem eloquente e por ter havido oradores famosos sem nenhum conhecimento da pretensa arte. O objeto da oratória, que, no contexto de Crasso e Antônio, era, sobretudo, política e jurídica, era o caráter dos homens, e a sua finalidade, portanto, pronunciar discursos adequados à coisa pública e privada. Além disso, também pertence à oratória ser pedagógico e descer às noções comuns para se adaptar à plateia, uma vez que demonstrar ciência das coisas não garante o convencimento de certos ouvintes. Portanto, a retórica é útil. Em resumo, Antônio, embora discretamente, livra a retórica dos eventuais ataques filosóficos na medida em que lhe fornece um artífice, o político ou o orador judicial, um espaço ou âmbito restritos, o senado ou o tribunal, e um objeto delimitado, o caráter dos homens, obedecendo assim aos requisitos da *téchne* grega¹²².

122 A argumentação de Antônio talvez responda ou, melhor, tente responder também à questão colocada por Sócrates no diálogo *Górgias*: afinal, qual o objeto da retórica, tema tratado pelo personagem ciceroniano (449d)? *Górgias*, a princípio, diz ser a palavra (449d). A palavra, contudo, serve de instrumento para diversas ciências, aponta Sócrates, citando a medicina, a ginástica e as finanças (450). O sofista responde que, na verdade, a retórica confere ao orador o poder de assegurar a liberdade pessoal e o governo dos concidadãos pelo domínio persuasivo dos tribunais (452d), donde Sócrates deduz que a oratória é uma produtora de persuasão (453a). Refuta-se tal definição dado que a aritmética, assim como outras disciplinas, também persuade (454a). Experimenta-se então dizer que a oratória trata da persuasão sobre o justo e sobre o injusto (454b), o que é novamente refutado tendo em vista que os oradores, com frequência, levam a população a cultivar crenças falsas (454d). *Górgias* afirma que essas ocorrências não se devem à arte, mas à

Mais à frente, em *De orat.* 1, 218, ele continua na mesma linha:

Ac, si iam placet omnes artes oratori subiungere, tolerabilius est, sic potius dicere, ut, quoniam dicendi facultas non debeat esse ieiuna atque nuda, sed aspersa atque distincta multarum rerum iucunda quadam uarietate, sit boni oratoris multa auribus accepisse, multa uidisse, multa animo et cogitatione, multa etiam legendo percucurrisse; neque ea, ut sua, possedisse; sed, ut aliena, libasse.

E se agora parece bem subordinar todas as artes ao orador, é mais tolerável antes falar da seguinte forma: uma vez que a faculdade do discurso não deve ser árida e desnuda, mas distinta e banhada numa agradável variedade de elementos, seja próprio do bom orador ter ouvido muito, ter visto muito, ter percorrido muito em sua mente e em seu pensamento, muito também em leituras, e que não se apoderou de tais elementos como seus, mas os provou como alheios.

Antônio impõe uma demanda até pouco citada: uma certa experiência de vida. Com relação a isso, Vasconcelos (2000, p. 182-3) afirma que a doutrina dos mestres é de grande importância para o orador, mas este não deve dedicar ao aprendizado dela mais tempo que o estritamente necessário. Afinal de contas, havia mais coisas que devem ter lugar na formação oratória. O verdadeiro orador não podia, consumindo seu tempo no estudo, negligenciar a vida e a experiência práticas que também conferiam poder à oratória, até porque não se devia esquecer, primeiramente, que parte da educação romana consistia, não por acaso, num período de vivência e observação da vida no fórum e, depois, num período no exército. Ao cabo do processo, o orador teria não apenas conhecimento técnico, mas também uma certa experiência de vida. Em segundo lugar, não se deve perder de vista que o principal objetivo da educação oratória sempre fora, desde os sofistas gregos, a formação do político, de um homem público capaz de assumir os deveres do Estado. Por isso, Antônio representa a manutenção da tradição romana de privilegiar o que Vasconcelos (*ibid.*, *loc. cit.*) chama de *uita* e que traduziríamos por “experiência de vida”.

Antônio insiste na questão do âmbito da *ars*, dessa vez em *De orat.* 1, 223:

Sed aliud quiddam, longe aliud, Crasse, quaerimus. Acuto homine nobis opus est, et natura usuque callido, qui sagaciter peruestiget, quid sui ciues, eique homines, quibus aliquid dicendo persuadere uelit, cogitent, sentiant, opinentur, exspectent. Teneat oportet uenas cuiusque generis, aetatis, ordinis, et eorum, apud quos aliquid aget, aut erit acturus, mentes sensusque degustet.

Precisamos de um homem agudo e habilidoso por natureza e prática, que investigue, de maneira perspicaz, o que pensam, sentem, julgam, esperam seus concidadãos e os homens que quer persuadir de algo pelo discurso. É preciso que domine a essência de cada estirpe, idade, ordem, e forme um julgamento sobre as mentes e os sentimentos daqueles perante os quais defende ou está para defender uma causa.

Antônio, por fim, insiste na questão do objeto da oratória e, dessa vez, para tal posto elege a alma humana, numa suposta referência ao *Fedro* platônico. No curto *Phdr.*

índole do orador (457c), pois cabe à oratória mesma, a despeito de fazer parecerem sabedores os ignorantes, bem como o contrário (456c), prever o ensino da persuasão acerca do que é justo, entrando em contradição com aquilo que fora dito, já que o orador feito devia, por força de sua pretensa formação, levar ao público o conhecimento da verdade, não das aparências (461b). Essas ideias perpassam não apenas o primeiro momento do diálogo, protagonizado por Sócrates e Górgias, mas também seu fecho. O protagonista, durante todo o texto, empreende uma busca por objeto em torno do qual gravitaria o conhecimento da oratória, mas conclui que a oratória não é uma arte ou técnica, mas uma mera prática (463a-463b) (PLATÃO, 1970, p. 47-74).

271d-272b, Sócrates afirma que quem pretendesse tornar-se um orador de talento deveria necessariamente conhecer quantas são as formas existentes na alma. Segundo ele, há muitas espécies de homens, cada um com um caráter particular; haveria, com isso, tantas variedades de discurso quanto caracteres humanos. Nessa linha, o orador deve discernir com rapidez o tipo de discurso que caberá dizer para persuadir o ouvinte em questão, como quem diz a si mesmo: eis o homem, eis a natureza que os mestres descreveram; agora que se encontra na minha presença, eis que vou utilizar o discurso apropriado para o persuadir da maneira conveniente. Aliás, ele diz que essa é uma virtude do orador: saber identificar rapidamente circunstâncias favoráveis à persuasão. O mestre grego, inclusive, finaliza esse tópico determinando que não se pode acreditar naquele que se considera um orador perfeito sem ter conhecimento dessa condução das almas (*psychagogía*).

No entanto, Crasso estabelece outros parâmetros para avaliar a situação da retórica:

Nam si ars ita definitur, ut paulo ante posuit Antonius, ex rebus penitus perspectis planeque cognitis, atque ab opinionis arbitrio seiunctis, scientiaque comprehensis, non mihi uideatur ars oratoris esse ulla. Sunt enim varia, et ad vulgarem popularemque sensum accommodata omnia genera huius forensis nostrae dictionis. Sin autem ea, quae obseruata sunt in usu ac ratione dicendi, haec ab hominibus callidis ac peritis animaduersa ac notata, uerbis definita, generibus illustrata, partibus distributa sunt – id quod uideo potuisse uideo –: non intellego, quam ob rem non, si minus illa subtili definitione, at hac uulgari opinione, ars esse uideatur. Sed siue est ars siue artis quaedam similitudo, non est quidem ea neglegenda; uerum intellegendum est, alia quaedam ad consequendam eloquentiam esse maiora (De orat. 1, 108-9).

De fato, se uma arte, tal como há pouco expôs Antônio, se define por temas totalmente compreendidos, perfeitamente entendidos, afastados do arbítrio da opinião e abrangidos por uma ciência, não creio que haja uma arte do orador. É que todas as espécies deste nosso discurso do fórum são variadas e adequadas ao senso comum e popular. Mas se as características observadas no uso e na prática da oratória foram percebidas e notadas por homens hábeis e experientes, definidas em termos, elucidadas em gêneros, distribuídas em partes – como percebo ser possível acontecer –, não vejo por que, se não naquela definição precisa, ao menos nesta opinião comum, não possa parecer uma arte. Mas, quer se trate de uma arte, quer de uma aparência de arte, ela não é de se desprezar; deve-se ter em mente, no entanto, que há elementos mais importantes para atingir a eloquência.

Segundo Ferreira Lima (2016, p. 131), a percepção de *ars*, por que ordinariamente traduzimos *téchne*, não parece mais, nesse período, um modo de apreensão da realidade, centrada naquele que produz, pela qual o homem chega ao saber das coisas que podem ser produzidas, mas o próprio conhecimento adquirido de um processo sócio-histórico de acumulação de formas que devem se refletir na escrita de novos textos. E esse excerto parece encaixar-se perfeitamente no comentário de Ferreira Lima, dado que privilegia a observação, o acúmulo e a transformação da experiência oratória em conhecimento e pretere qualquer outro elemento gnosiológico. Em outras palavras, Crasso parece simplificar a análise da retórica, substituindo os aspectos de natureza gnosiológica da *téchne* grega por traços mais palpáveis. Ao invés de falar da natureza do conhecimento e do trabalho do artífice, ele prefere focar a experiência e a organização da técnica, que é o que parece caracterizar a noção romana de *ars*.

Como havíamos dito antes, a discussão sobre a *ars rhetorica* no *Diálogo* não se resume a *De orat.* 1, 134-147, momento em que Crasso tece seus comentários a respeito da doutrina oratória aventada pelos rétores. Na verdade, o primeiro tomo inteiro toca,

de alguma maneira, a questão do conhecimento do orador perfeito, porque essa figura precisa, segundo as personagens, adquiri-lo por meio um processo educativo. O orador idealizado tanto por Crasso quanto por Antônio está atrelado também a um conhecimento não menos idealizado. Mas a designação desse conhecimento no texto ciceroniano pode ocorrer através de várias palavras, cada uma marcando um posicionamento diferente. Percebe-se uma disputa interessante entre Crasso e Marco Antônio, que parece refletir a disputa juvenil de Cícero e Quinto: de um lado temos uma visão idealizadora, favorável à expansão e contrária à especialização do conhecimento, amparada nos exemplos dos mais ilustres governantes dos passados grego e romano, de outro, uma posição comedida, devedora, sim, dos outros especialistas, e atenta aos seus limites. *Ars* ou *ratio* remetem à doutrina dos rétores gregos, um conhecimento técnico, fechado ou restrito, mais alinhado à opinião de Antônio. A *doctrina* deveria ser algo bem mais abrangente, apoiada nas artes liberais e no ideal de humanidade (*humanitas*), alinhado à visão de Crasso, representante de Cícero no diálogo (CICERONE, 1992, p. 14). Veremos, no próximo capítulo, que Cícero registra esse ideal de humanidade já no *Discurso em defesa de Árcuias*. Dito isto, fica patente, embora reste dúvida acerca de quão abrangente é esse ofício oratório e com que ele pode ser designado no texto, a necessidade de que um dos pilares da idealização ciceroniana de orador seja o conhecimento, seja ele enciclopédico ou apenas oratório.

O terceiro pilar sobre o qual está fundada a figura do orador ideal é a *exercitatio*, não perdendo de vista aqueles três termos aventados por Cícero e seu irmão Quinto no prefácio ao *Do orador* 1. A noção de *exercitatio* está atrelada à aplicação do conhecimento com vistas a conquistar uma proficiência sólida, chamada por Quintiliano de *firma facilitas*¹²³. Segundo o mestre, essa firma *facilitas* era adquirida somente através de intensos exercícios de escrita, de leitura e da própria prática da oratória. Essa noção é definida pelo autor da Retórica a Herênio como a prática assídua e o costume de discursar (*exercitatio est adsiduus usus consuetudoque dicendi*) e apontada como fundamental, juntamente com a *ars* e a *imitatio*, para que o orador alcance o domínio das cinco partes da retórica: invenção, disposição, elocução, memória e pronúncia¹²⁴. Vê-se logo que *exercitatio* designou tarefas de sala de aula específicas, requisitadas pelo mestre e desempenhadas com grande esforço pelo aluno (CLARK, 1977, p. 5), a fim de fixar regras (*regulae*), preceitos (*praecepta*) e a doutrina (*doctrina*) aprendidos na escola de retórica. O dicionário apresenta *exercitatio* da seguinte forma:

Exercitatio ~onis, f. [EXERCITO +-TIO] **1 a** Physical work, exercise; (pl.) forms of exercise. **b** the working (of soil in agriculture), cultivation. **2** Agitation, movement. **3 a** Exercise (in a physical or mental activity) leading to proficiency, practice. **b** exercises to promote proficiency. **4** Skill (acquired by practice), proficiency. **5** Habitual performance; conduct (of legal proceedings)¹²⁵.

123 “Mas estes preceitos de conduta relativos ao falar, tanto quanto são necessários para se obter o conhecimento teórico da eloquência, não são suficientes para formar a competência oratória, a não ser que a eles se venha ajuntar uma certa **facilidade consolidada**, que entre os gregos se denomina ἕξις. A esta facilidade se tem acesso pelo exercício do escrever, prioritariamente do ler e do próprio praticar da oratória: este é o caminho pelo qual, eu sei, se costuma buscá-la” (*Sed haec eloquendi praecepta, sicut cogitationi sunt necessaria, ita non satis ad uim dicendi ualent, nisi illis firma quaedam facilitas, quae apud Graecos ἕξις [hexis] nominatur, accesserit: ad quam scribendo plus an legendo an dicendo conferatur, solere quaeri scio*) (Inst. 10, 1, 1; In: REZENDE, 2009, p. 186. Trad.: Antônio Martinez de Rezende).
124 Vide nota 44.

125 **Exercitatio**, ~onis. [EXERCITO +-TIO] **1 a** Trabalho físico, exercício; (pl.) formas de exercício. **b** o trabalhador (de soja na agricultura), cultivo. **2** Agitação, movimento. **3 a** Exercício (numa atividade física ou mental) tendente à proficiência, prática. **b** exercícios para promover a proficiência. **4** Habilidade (adquirida pela prática), proficiência. **5** Performance habitual; conduta (de procedimentos legais). In: *Oxford Latin Dictionary*. Oxford: The Clarendon Press, 1968, p. 640-1.

Esses exercícios (*exercitia*) estão inseridos no universo da arte retórica (*ars*), que auxilia no aprimoramento e na amplificação das competências naturais (*natura*) do homem. A voz, a fala, a memória, o movimento, o conhecimento e o argumento são desenvolvidos pelos procedimentos da educação oratória, de modo que a voz preencha os espaços do fórum, que a fala seja ornada e articulada, que as narrativas sejam comoventes e convincentes, que os movimentos sejam graciosos e eloquentes, que a variedade de assuntos e palavras seja amplo, que a memória os retenha com fidelidade e, por fim, que tudo isto se apresente ao público da maneira mais natural possível. A demanda pela prática dos preceitos ensinados pelo mestre vem desde Isócrates. Diz o mestre grego que o discípulo, assim como o seu preceptor, deve possuir uma boa natureza, ser bem instruído e conhecedor da sua matéria, além de se dedicar ao exercício e à prática do seu conhecimento. A palavra grega utilizada por ele para designar essa noção era a *empeiria*. Atrás apenas dos dons naturais em grau de importância e acima do conhecimento, Isócrates deu muita ênfase a esse elemento porque ele designava a prática, o treino e a experiência, por isso estava muito atrelado à repetição e à imitação dos paradigmas propostos pelo mestre¹²⁶. Esses fatores fizeram com que o sofista grego associasse a *empeiria* à ginástica. Os professores de ginástica ensinam a seus alunos os movimentos a criarem com vistas às competições, ao passo que os de filosofia expõem a seus discípulos todos os elementos empregados pelo discurso. Após torná-los experientes nessas coisas e examiná-los minuciosamente, repetem os exercícios com os alunos, acostumam-nos ao trabalho árduo e os forçam a sintetizar cada uma das lições aprendidas, a fim de que as retenham com mais solidez, e suas opiniões se tornam mais adaptadas às ocasiões¹²⁷. Portanto, similares ao entender de Isócrates, as demandas de Crasso com relação à *exercitatio*, no excerto *De orat.* 147-160: exercícios de declamação, de tradução, de voz e de memória, leitura e crítica dos poetas, estudos gerais de direito e de história.

Algo a ser apontado no que se refere à *exercitatio* é sua relação com a *imitatio* (imitação) e com o *tirocinium fori* (recrutamento para o Fórum). A vivência do fórum e a observação dos políticos experientes reuniam em si o trabalho constante, a prática habitual, a elaboração rotineira que é a oratória para os romanos antigos. Os jovens aprendizes pouco se detinham em experiências de sala de aula, como será comum na época de Quintiliano; importa-lhes mais tomar conhecimento das leis, dos contratos, dos decretos, dos pactos, dos parentescos, dos testemunhos¹²⁸, o que poderia ocorrer somente com o exercício da função. Neste sentido, Crasso confessa que suas mestras foram a prática (*usus*), as instituições do povo romano, o costume dos ancestrais (*mos maiorum*)¹²⁹. Com

126 Vide nota 47.

127 “Assim sendo, quando alguns de nossos mais remotos ancestrais perceberam que muitas outras técnicas já haviam sido estabelecidas, mas que nenhuma de tal espécie havia sido instituída para o corpo e para a alma, criaram duas disciplinas e nos deixaram como legado: para o corpo, a educação física, da qual a ginástica faz parte; para a alma, a filosofia, a respeito da qual pretendo discorrer. Ambas são paralelamente correlatas e concordantes uma com a outra, por meio das quais quem as adquire torna a alma mais inteligente e o corpo mais útil, sem separar essas disciplinas uma da outra, mas utilizando-as conjuntamente em seus métodos, exercícios e demais cuidados. Quando recebem discípulos, os professores de educação física ensinam a seus alunos os movimentos que criaram em vista das competições, ao passo que os de filosofia expõem a seus discípulos todos os elementos empregados pelo discurso” (*Antid.* 181-3; In: LACERDA, 2016, p. 183. Trad.: Ticiano Curvelo Estrela de Lacerda).

128 Vide nota 120.

129 “Sendo assim, pedirei alguma clemência por minha pessoa e solicitarei a vós que considereis que me refiro não a mim mesmo, mas ao orador, naquilo que digo. De fato, eu sou um homem que, tendo sido educado, quando menino, com o extremo esforço de meu pai e tendo levado ao fórum tanto engenho quanto percebo, não tanto quanto talvez vos pareça, não poderia dizer que aprendi esses elementos que agora abranjo do modo como afirmo que devem ser aprendidos, sobretudo porque passei às causas públicas mais cedo do que qualquer um e aos vinte e um anos de idade acusei um homem extremamente famoso e eloquente; um homem que teve o fórum como escola, como mestre, a prática, as leis, as instituições do povo romano e a tradição dos antepassados” (*Quae cum ita sint, paululum equidem*

o avanço de suas carreiras, os oradores inapelavelmente moldavam o seu discurso ao sistema de ideias, às opiniões, aos conceitos, aos modos de pensar e de se portar dos seus ouvintes (DILUZIO, 2014, p. 128). Dessa forma, também não é fora de lugar pensar que a própria maneira de discursar no fórum fosse moldada à dos políticos mais experientes. Outrossim, os mais jovens deviam procurar alguém a quem imitar de acordo com sua própria natureza, assim como ocorre com o jovem Sulpício: palavras em excesso, discurso arrebatado veloz e enérgico, a quem foi indicado imitar o estilo magnífico e preclaro de Crasso¹³⁰. Meses depois, segundo Antônio, de tal modo foram reparados os seus vícios que o mestre considerou incrível o seu avanço. A imitação (*imitatio*), portanto, é vista como etapa da *exercitatio*, na medida em que apresenta virtudes a serem incorporadas pelo discípulo ao seu repertório retórico, por assim dizer.

A *exercitatio* pode ser associada a vários termos e etapas da retórica antiga. Crasso começa seu discurso fazendo alusão àqueles que se enganavam por ter ouvido dizer que os homens aprendiam a discursar discursando e que, por isso, queriam discursar de improviso sempre, ignorando o momento e a oportunidade. Como remédio, Crasso considera a escrita a mais importante aliada do discurso, porque entende que quanto mais burilado e preparado for o discurso, tanto melhor e mais coerente ele será que o discurso improvisado, pois, com o tempo e com o hábito da escrita, começa a moldar-se a fala espontânea às convenções da escrita¹³¹. Na verdade, aí reside uma relação com a memória; o ex-cônsul supõe que existe uma relação entre a escrita, que por si tende a ser mais organizada e precisa, e a repetição, que fortaleceria a fixação das palavras e da ordem das frases, da sequência de argumentos e contra-argumentos, o uso de figuras (de linguagem) e imagens.

Esse exercício também pode ser complementado pela paráfrase e tradução de poemas e discursos em grego, esforçando-se por empregar as palavras adequadas e criar termos precisos por analogia. Além disso, Crasso, retomando o seu ideal de conhecimento

de me deprecabor, et petam a uobis ut ea quae dicam non de memet ipso sed de oratore dicere putetis. Ego enim sum is qui cum summo studio patris in pueritia doctus essem et in forum ingenii tantum, quantum ipse sentio, non tantum quantum forsitan uobis uidear detulisse, non possim dicere me haec quae nunc complector perinde ut dicam discenda esse didicisse: quippe qui omnium maturime ad publicas causas accesserim annosque natus unum et uiginti nobilissimum hominem et eloquentissimum in iudicium uocarim – cui disciplina fuerit forum, magister usus et leges et instituta populi Romani mosque maiorum) (De orat. 3, 74).

130 “E, para começar por um amigo nosso, Cátulo, da primeira vez que ouvi este Sulpício aqui presente, ainda jovem, numa causa sem importância, apresentou voz, aparência, movimentos corporais e demais elementos adequados para este ofício que investigamos, um discurso veloz e arrebatado, o que era de sua natureza, mas palavras numerosas e um pouco em excesso, o que era da idade. (...) De uma maneira geral, era a própria natureza que o conduzia àquele gênero magnífico e ilustre de Crasso, mas isso não lhe poderia ter sido muito proveitoso, se não o tivesse reforçado pelo mesmo zelo e imitação e se acostumado a discursar de tal forma a contemplar Crasso com toda sua mente e todo o seu ânimo” (*Atque, ut a familiari nostro exordiar, hunc ego, Catule, Sulpicium primum, in causa paruula adulescentulum audiui: uoce et forma, et motu corporis, et reliquis rebus aptis ad hoc munus, de quo quaerimus; oratione autem celeri et concitata, quod erat ingenii, et uerbis efferuescentibus, et paulo nimium redundantibus, quod erat aetatis. [...] Omnino in illud genus eum Crassi magnificum atque praeclarum natura ipsa ducebat: sed ea non satis proficere potuisset, nisi eodem studio atque imitatione intendisset, atque ita dicere consuisset, ut tota mente Crassum atque omni animo intueretur) (De orat. 2, 88-89).*

131 “O ponto principal é o que, a bem da verdade, menos fazemos, pois demanda grande trabalho, o que a maioria de nós evita: escrever o máximo possível. A escrita é a melhor e mais importante realizadora e mestre do discurso; e não há insulto nisso: se a preparação e a reflexão superam o discurso improvisado e fortuito, é evidente que a escrita assídua e cuidadosa será superior a ela. (...) Além disso, aquele que passa do hábito de escrever à prática do discurso traz consigo tal capacidade que, mesmo discursando de improviso, o que fala parece semelhante ao que escreve; e, se alguma vez, em seu discurso, trouxe uma parte escrita, ao terminá-la, o restante do discurso seguirá de maneira semelhante” (*Caput autem est, quod, ut uere dicam, minime facimus – est enim magni laboris, quem plerique fugimus –, quam plurimum scribere. Stilus optimus et praestantissimus dicendi effector ac magister: neque iniuria. Nam si subitam et fortuitam orationem commentatio et cogitatio facile uincit; hanc ipsam profecto adsidua ac diligens scriptura superabit. [...] Et qui a scribendi consuetudine ad dicendum uenit, hanc affert facultatem, ut, etiam subito si dicat, tamen illa, quae dicantur, similia scriptorum esse uideantur; atque etiam, si quando in dicendo scriptum attulerit aliquid, cum ab eo discesserit, reliqua similis oratio consequetur) (De orat. 1, 150-2).*

abrangente do orador, sugere, como exercício, que sejam lidos e conhecidos poetas, historiadores e demais mestres das artes liberais, mas que também os cite, os interprete, os critique, os refute e os emende. A esses, poder-se-á acrescentar a memorização do maior número de escritos, se possível utilizando método de lugares mnemônicos¹³². Neste sentido, talvez em menor grau no primeiro exercício citado, mas evidente no segundo, é possível apontar uma relação com a *enarratio poetarum*, aquela atividade de análise, descrição, interpretação e juízo ministrada pelo mestre de gramática (REVILLA, 2005, p. 347). Mas, na explicação dos poetas (*enarratio poetarum*), além dessa tarefa hermenêutica, também havia as leituras preliminares, chamadas *praelectiones*, em que se analisavam a sintaxe, o léxico e as figuras (*ibid., loc. cit.*). Os exercícios de traduções (*translationes*) eram feitos também nessas etapas, haja vista a situação de bilinguismo vivida por Roma e seus habitantes à época de Cícero (*ibid., loc. cit.*). Quanto à memorização, era altamente recomendável, aponta Quintiliano, que os alunos decorassem passagens selecionadas de discursos ou obras históricas, pois eles se acostumarão aos melhores modelos e sempre terão na memória algo a imitar. Com isso, eles reproduzirão espontaneamente o modo de discursar desses modelos, com um vocabulário abundante e seletivo, domínio da sintaxe e das figuras, serão capazes de evocar todos os autores de maneira oportuna e fiel nos processos, trazendo autoridade aos seus discursos¹³³.

A escrita também é relacionada por Crasso à apreensão dos lugares comuns. Ela teria a função de auxiliar o discípulo a fixar na memória os lugares de onde extrair argumentos para defender e acusar. Essa doutrina relaciona-se com a *inuentio*, parte da retórica que trata de como encontrar argumentos adequados a uma tese plausível (GARAVELLI, 2000, p. 67). O orador precisa saber que certos argumentos podem ser garantidos a partir dos atributos pessoais ou profissionais. Consideram-se atributos pessoais o nome, a natureza, o gênero de vida, a sorte, as atribuições, a dedicação, os feitos, os interesses, as decisões, os discursos (*Ac personis has res adtributas putamus: nomen, naturam, uictum, fortunam, habitum, affectionem, studia, consilia, facta, casus, orationes*)¹³⁴. Podem ser ressaltados

132 Durante a grande festa, Simônides cantou um poema em homenagem ao anfitrião, incluindo passagens em louvor a Castor e Pólux. Scopas, enciumado, disse então ao poeta que só pagaria metade do preço combinado, que ele fosse conseguir o resto com a dupla de deuses gêmeos. Pouco depois, Simônides recebeu o recado que dois jovens estavam esperando por ele lá fora. Saiu, mas não encontrou ninguém. Quando voltava, todo salão do banquete desabou, matando Scopas e seus convidados. Os corpos ficaram tão mutilados, que era impossível a identificação das vítimas para o enterro. Simônides, lembrando o lugar em que cada pessoa estava sentada, pôde indicar às famílias quais eram seus parentes mortos. O episódio desastroso ajudou o poeta a estabelecer as bases de sua técnica, a criação de lugares em ordem e a colocação de imagens fortes nos lugares criados (COIMBRA, 1989, p. 147).

133 “Se por um lado eu certamente aprovo que os meninos escrevam e se ocupem principalmente com essa atividade, por outro eu aconselharia ainda mais que decorassem passagens selecionadas de discursos ou obras históricas, ou ainda de outro tipo de livros que sejam dignos de tal cuidado. A memória será assim exercitada com mais eficácia, ao dominar o que é alheio, em vez do que é próprio; também se acostumarão aos melhores modelos e sempre terão na memória algo que possam imitar; e reproduzirão, mesmo sem saber, o modo de discursar que imprimiram profundamente em suas inteligências. Além disso, terão um vocabulário abundante e seletivo, domínio da sintaxe e figuras que já não é preciso procurar, pois surgem espontaneamente como que de um tesouro bem guardado. Soma-se a tudo isso a capacidade de evocar citações de todos os autores, que são oportunas numa conversa, e úteis nos processos, pois carregam mais autoridade os dizeres que não foram preparados em vista do litígio do momento; e conquistam mais aplausos do que se fossem nossos” (*Nam ut scribere pueros plurimumque esse in hoc opere plane uelim, sic ediscere electos ex orationibus uel historiis alioque quo genere dignorum ea cura uoluminum locos multo magis suadeam. Nam et exercebitur acrius memoria aliena complectendo quam sua, et qui erunt in difficiliore huius laboris genere uersati sine molestia quae ipsi composuerint iam familiaria animo suo adfigent, et adsuescent optimis, semperque habebunt intra se quod imitentur, et iam non sentientes formam orationis illam quam mente penitus acceperint expriment. Abundabunt autem copia uerborum optimorum et compositione ac figuris iam non quaesitis sed sponte et ex reposito uelut thesauro se offerentibus. Accedit his et iucunda in sermone bene a quoque ditorum relatio et in causis utilis. Nam et plus auctoritatis adferunt ea quae non praesentis gratia litis sunt comparata, et laudem saepe maiorem quam si nostra sint conciliant*) (Inst. 2, 7, 2-5; In: FALCÓN, 2015, p. 47-8. Trad.: Rafael Sento-Sé Guimarães Falcón).

134 Inu. 1, 34.

também estirpe, dinheiro, parentes, amigos, recursos, saúde, beleza, forças e engenho, procurando dizer que o réu os utilizou bem e que demonstrou sabedoria, nobreza, coragem, justiça, grandeza, piedade, gratidão e humanidade quando os perdeu¹³⁵. Deve-se associar essas virtudes ou vícios à moderação com o próprio negócio, à administração do negócio, às coisas atreladas a esse negócio e ao produto desse negócio¹³⁶. Além disso, deve dominar os tipos de argumentos verossímeis, que servem de premissas ao raciocínio retórico, tendo em vista o justo e o injusto quando se tratar de gênero judicial, o útil e o inútil se estiver em jogo uma disputa deliberativa, o belo e o feio em caso de gênero epidítico, sendo aplicáveis aos três tipos discursivos o possível e o impossível e o real e o irreal¹³⁷. Estes são, na verdade, recursos da linguagem que servem como ponto de partida ou fonte para uma argumentação, de modo que quem se predispõe a assumir o papel de questionado deve encontrar o lugar a partir do qual vai conduzir a sua argumentação.

As referências a exercícios mais físicos são tão pouco numerosas quanto detalhadas. A primeira, tão tímida quanto depreciativa: Crasso, como dissemos há pouco, consente que os alunos tentem aprender a discursar discursando, mas condena que, nessas práticas, exercitem apenas a voz¹³⁸. Para ele, a voz, bem como os movimentos e a respiração, carece menos de arte (*ars*) que trabalho (*labor*), além da imitação não somente de oradores, mas também de atores, a fim de fugir a qualquer vício¹³⁹. De novo, estamos a ver a relação entre retórica e teatro e

135 “De fato, estabelecido aquilo que Crasso disse no início daquele discurso que, como censor, pronunciou contra seu colega: no que a natureza ou a fortuna concederam aos homens, podia suportar tranquilamente ser superado; naquilo que os próprios homens podem granjear para si, não podia suportar ser vencido; quem louvar alguém, notará que deve tratar dos bens da fortuna; tais são os de estirpe, dinheiro, parentes, amigos, recursos, saúde, beleza, forças, engenho e demais coisas que são do corpo ou externas; se os teve, que fez bom uso deles; se não os teve, que passou sem eles com sabedoria; se os perdeu, que o suportou com moderação; depois, o que aquele a quem se louvar fez ou suportou com sabedoria, nobreza, coragem, justiça, grandeza, piedade, gratidão, humanidade, enfim, com alguma virtude. Aquele que quiser louvar perceberá facilmente esses pontos e os deste gênero; aquele que quiser vituperar, os seus contrários” (*Positis enim eis rebus, quas Crassus in illius orationis suae, quam contra collegam censor habuit, principio dixit, ‘Quae natura aut fortuna darentur hominibus, in eis rebus se uinci posse animo aequo pati; quae ipsi sibi homines parare possent, in eis rebus se pati non posse uinci: qui laudabit quempiam, intellet, exponenda sibi esse fortunae bona. Ea sunt generis, pecuniae, propinquorum, amicorum, opum, ualetudinis, formae, uirium, ingenii, ceterarumque rerum, quae sunt aut corporis, aut extraneae: si habuerit, bene rebus eis usum; si non habuerit, sapienter caruisse; si amiserit, moderate tulisse; deinde, quid sapienter is, quem laudet, quid liberaliter, quid fortiter, quid iuste, quid magnifice, quid pie, quid grate, quid humaniter, quid denique cum aliqua uirtute aut fecerit, aut tulerit. Haec, et quae sunt eius generis, facile uidebit, qui uolet laudare; et qui uituperare, contraria*) (*De orat.* 2, 45-6).

136 “Sobre o meio de vida, deve-se considerar por qual mestre, segundo qual costume, pelo arbítrio de qual figura a pessoa foi educada, quais foram os seus mestres das artes liberais, seus os preceptores do viver, de quais amigos gozou, a qual ofício, trabalho e sustento se dedicou, de que modo administrava os negócios familiares e com qual costume tocou os negócios domésticos” (*In uictu considerare oportet, apud quem et quo more et cuius arbitratu sit educatus, quos habuerit artium liberalium magistros, quos uiuendi praeceptores, quibus amicis utatur, quo in negotio, quaestu, artificio sit occupatus, quo modo rem familiarem administret, qua consuetudine domestica sit*) (*Inu.* 1, 35).

137 “É necessário que o orador deliberativo, o judicial e o epidítico tenham premissas sobre o possível e o impossível, se algo aconteceu ou não, e se virá a ter ou não lugar. Além disso, como todos os oradores, quando elogiam ou censuram, exortem ou dissuadem, acusam ou defendem, não só se esforçam por provar o que disseram, mas também que o bom ou o mau, o belo ou o feio, o justo ou o injusto são grandes ou pequenos, quer falem das coisas em si, quer as comparem entre si, é evidente que seria também necessário ter premissas sobre o grande e o pequeno, o mais e o menos, tanto em geral como em particular; como, por exemplo, qual é o maior ou menor bem, a maior ou menor ação justa ou injusta; e o mesmo em relação às demais coisas. Acabámos de referir os lugares onde devemos necessariamente ir buscar as premissas” (*Rh.* 1359a; In: ARISTÓTELES, 2005, p. 106. Trad.: Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena).

138 “No que me concerne, eu aprovo, respondeu Crasso, isso que costumais fazer: uma vez proposta uma causa semelhante às causas que são levadas ao fórum, discursais da maneira mais adequada possível à realidade. A maioria, porém, exercita apenas a voz nesses exercícios – e isso de maneira estúpida – bem como suas forças, e incita a rapidez da língua, deleitando-se com a frequência das palavras” (*Equidem probo ista, Crassus inquit, quae uos facere soletis, ut, causa aliqua posita consimili causarum earum, quae in forum deferuntur, dicatis quam maxime ad ueritatem accommodate. Sed plerique in hoc uocem modo, neque eam scienter, et uiris exercent suas et linguae celeritatem incitant uerborumque frequentia delectantur*) (*De orat.* 1, 149).

139 “Já os movimentos e os exercícios de voz, respiração, de todo o corpo e da própria língua carecem não tanto de arte quanto de trabalho; em tais pontos, deve-se ter extremo cuidado ao escolher quem imitaremos, a quem desejamos

elementos da *pronuntiatio*¹⁴⁰. Depreende-se então que, naquele excerto em que se recomenda a Sulpício imitar o estilo grandiloquente de Crasso, devesse o jovem orador atentar também para a forma como o ex-cônsul se movimentava e conduzia sua voz e respiração.

Diferentemente do que ocorreu com o segundo fundamento da edificação do orador ideal no primeiro livro do *Diálogo do orador*, não houve uma discussão dos personagens em torno da *exercitatio*, tampouco alusões anteriores ou posteriores, exceto a de Quinto, localizada ainda no prefácio do texto, que deixassem entrever um posicionamento ou uma recomendação a esse respeito. Mas essa escassez de excertos sobre esse elemento pode ser justificada se retomarmos algumas questões postas anteriormente. Se a *téchne* grega e a *ars* latina significaram, *grosso modo*, regras sistematicamente reunidas, princípios e preceitos que um garoto deve aprender com o apoio de um manual e a partir das conferências do seu mestre, não seria de todo descabido conceber etapas desse processo de aquisição da técnica por meio de exercícios e que estes fizessem parte daquela, de modo que os exercícios estivessem contidos na arte ou, pelo menos, no seu aprendizado (CLARK, 1977, p. 5). Não obstante, isso não impediu grandes pensadores antigos como Platão¹⁴¹, por meio de Sócrates, Isócrates¹⁴², Aristóteles, segundo consta de Diógenes Laércio¹⁴³, e Cícero de incluir esse elemento prático e técnico entre os fundamentos da retórica, formando uma espécie de tríade, juntamente com os dons naturais e o conhecimento.

Ao longo de uma breve incursão pelo livro primeiro do *Diálogo*, fica claro que o ensino retórico que se disseminava à sua época pouco importava às suas personagens. Antes da formação técnica do orador, decerto não desconhecida pelas personagens, interessava-lhes a delineação de um determinado tipo humano ideal, que não pode ser outra figura senão o orador, um homem de conhecimento e de atuação na sociedade. Mas, para criar essa imagem de um orador perfeito, digno de chefiar estados e fundar cidades, como sugere Crasso ainda no início do diálogo¹⁴⁴, deve-se preencher três requisitos fundamentais: ter uma natureza (*natura*), uma inteligência (*ingenium, facultas*) privilegiadas, conhecimento vastíssimo (*ratio, doctrina, scientia, studium*) e exercício da técnica retórica (*ars, exercitatio, consuetudo, usus*). Neste sentido, seus “interlocutores” devem ter em mente que Crasso não estava a falar de si mesmo, porque, ainda que não lhe tenham faltado engenho (*ingenium*) e experiência (*exercitatio*), faltaram-lhe essa formação oratória ampla (*doctrina*), o tempo livre (*otium*) e afinco (*studium*). Ambos reconhecem que o início precoce, observando os mais eloquentes, furtou-lhes o acesso à cultura (*doctrina*) e à literatura (*litterae*) que trouxeram os gregos. Além das considerações de Crasso acerca da sua formação oratória, devem ser ressaltados os três critérios utilizados por ele para avaliar seu desempenho e para idealizar o orador perfeito: o talento admirável (*ingenium*), a erudição liberal (*doctrina*) e a prática oratória (*exercitatio*)¹⁴⁵.

nos assemelhar. Devemos observar não apenas os oradores, mas também os atores, para não os alcançarmos, por algum mau costume, alguma deformidade ou defeito” (*Iam uocis, et spiritus, et totius corporis, et ipsius linguae motus et exercitationes, non tam artis indigente, quam laboris; quibus in rebus habenda est ratio diligenter, quos imitemur, quorum similes uelimus esse. Intuendi nobis sunt non solum oratores, sed etiam actores, ne mala consuetudine ad aliquam deformitatem prauitatemque ueniamus*) (*De orat.* 1, 156).

140 Cf. Miotti (2016) e Pontes (2017).

141 *Vide Phdr.* 269d-270c.

142 *Vide nota* 85.

143 “O filósofo costumava dizer que três coisas são indispensáveis à educação: dotes naturais, estudo e prática constantes” (*Vit. phil.* 5, 1, 18; In: DIÓGENES LAÉRCIO, 1987, p. 133. Trad.: Mário da Gama Kury).

144 “Mas, passando já ao que é mais importante, que outro poder foi capaz de reunir os homens dispersos num único lugar, ou conduzi-los da vida selvagem e bruta para nosso atual tipo de vida, humano e em sociedade, ou, ainda, depois de já constituídas as cidades, estabelecer leis, tribunais, direitos?” (*Vt uero iam ad illa summa ueniamus; quae uis alia potuit aut dispersos homines unum in locum congregare, aut a fera agrestique uita ad hunc humanum cultum ciuilemque deducere, aut iam constitutis ciuitatibus leges, iudicia, iura describere?*) (*De orat.* 1, 33).

145 Cf. *De orat.* 1, 78-9.

Cícero, nesse momento, faz uso da ideia de que tanto na retórica quanto em outras artes, é raríssimo ver reunidos em alguém todo o engenho (*ingenium*), toda a instrução (*doctrina*) e toda a experiência (*exercitium*)¹⁴⁶ e, com isso, insere a si mesmo ou o seu texto numa espécie de tradição de divulgadores da mesma ideia. Em *De inuentione*, por exemplo, manual de retórica produzido na juventude de Cícero, afirma-se que a eloquência não pode ser atingida apenas pela natureza (*natura*) ou pelos exercícios (*exercitium*), mas também necessita de uma espécie de arte (*artificium*)¹⁴⁷. A *Retórica a Herênio* também indica três elementos parecidos: ora afirma que a natureza se aperfeiçoa com talento, com instrução e com preceito¹⁴⁸, ora afirma que todos os gêneros e partes do discurso podem ser alcançados com arte, imitação e exercício¹⁴⁹. Já em *Bruto*, o personagem Cícero afirma que a oratória, quer por arte, quer por exercício, quer por natureza, é a coisa mais difícil de alcançar¹⁵⁰. Quintiliano afirma que a capacidade de discursar é levada à perfeição com natureza, arte e exercício. A imitação, o mestre a inclui sob o domínio da arte, embora reconheça haver quem a entenda como um quarto elemento¹⁵¹. Isidoro de Sevilha, bem mais tarde, irá afirmar que a perfeição no discursar consiste em natureza, instrução e prática. A natureza consiste no engenho, a instrução, no conhecimento, e a prática, na assiduidade¹⁵². A diferença do *Diálogo*, estabelecida pela maior utilização de *doctrina*, em vez de *ars*, para designar o conhecimento do orador, justifica-se pela proposta de Crasso, seu falante mais frequente, de contestar a mera especialização (*ars*) e propor uma formação ampla (*doctrina*) para o orador.

Um indício do valor dessas três noções é dado pelo número de vezes que palavras como *natura*, *ingenium*, *facultas*, *scientia*, *doctrina*, *ars*, *studium*, *exercitatio* e *usus* aparecem relacionadas no texto e, neste momento, citamos exemplos dos três tomos do diálogo: *De orat.* 1, 5, 11, 14-6, 22-3, 38, 46, 75, 79, 80, 89, 90, 93-5, 102, 104, 113-5, 131, 151, 180, 191, 214, 219; *De orat.* 2, 2, 11, 37-8, 70, 108-9, 119, 131, 150, 162, 175, 247, 298-9, 356, 363; *De orat.* 3, 16, 28, 35-6, 48, 57, 59, 72, 74-7, 79, 86-8, 93-4, 125, 140-1, 194, 209, 225, 229-30. No fim das contas, duas coisas: a discussão das personagens parece, pelo menos em parte, perpassada por essas noções, e Cícero se mostra próximo de Sócrates; afinal, ambos entendiam que é certo que não existe arte de falar sem os dotes naturais, *natura*, sem técnica, *ars*, e a exercitação por meio de declamações e outras práticas, *exercitatio*; mas essa técnica deve ser expandida para a aquisição da cultura enciclopédica (TRENK, 1997, p. 102). O conhecimento e a experiência servirão para lapidar a natureza do indivíduo e levá-lo à *humanitas*, o cume da idealização de Cícero.

146 “Pois em toda arte, ou ocupação, ou em qualquer campo de conhecimento, ou na própria virtude, tudo que há de mais excelente é muitíssimo raro” (*In omni enim arte uel studio uel quauis scientia, uel in ipsa uirtute, optimum quidque rarissimum est*) (*Fin.* 2, 25, 81; In: LIMA, 2009, p. 359. Trad.: Sidney Calheiros de Lima).

147 “Se isso, por acaso, não se faz apenas por natureza ou por prática, mas também se consegue por uma espécie de artifício, não seria estranho observar o que dizem aqueles que nos legaram alguns preceitos nessa questão” (*Hoc si forte non natura modo neque exercitatione conficitur, uerum etiam artificium quodam comparatur, non alienum est videre, quae dicant ei qui quaedam eius rei praecepta nobis reliquerunt*) (*Inu.* 1, 5).

148 Vide nota 44.

149 Vide nota 46.

150 “Mas isto eu poderia assegurar sem nenhuma hesitação: quer ela seja produzida por alguma arte, quer pelo treinamento constante, quer pela disposição natural, não há nada no mundo mais difícil” (*Hoc uero sine ulla dubitatione confirmauerim, siue illa arte pariatur aliqua siue exercitatione quadam siue natura, rem unam esse omnium difficillimam*) (*Brut.* 25; In: ALMEIDA, 2014, p. 66. Trad.: Olavo Vinicius Barbosa de Almeida).

151 “A capacidade de discursar é consumada com natureza, técnica, exercício. Alguns acrescentam a esse grupo um quarto integrante, a imitação, a qual submetemos à técnica” (*Facultas orandi consummatur natura, arte, exercitatione, cui partem quartam adiiciunt quidam imitationis, quam nos arti subiicimus*) (*Inst.* 3, v, 1).

152 Vide nota 42.

Capítulo 3

REFORMULAÇÃO DA DOCTRINA DOS TRÊS ELEMENTOS NA *DEFESA DE ÁRQUIAS*

Preâmbulo à *Defesa de Árquias*

Engenho e arte: requisitos do poeta ideal na *Defesa de Árquias*

PREÂMBULO À DEFESA DE ÁRQUIAS

Para apresentar, com concisão, a *Defesa de Árquias* (*Pro A. Licinio Archia oratio*), de modo a mencionar seus principais aspectos, diríamos que consistiu num discurso proferido por Cícero no ano de 63 a.C. em defesa do epigramatista grego Aulo Licínio Árquias, acusado, por um certo Grácio, de falsear sua cidadania romana. Com isso, evidenciamos elementos fundamentais do texto: o seu gênero oratório, o seu autor, o ano da sua exposição, o acusado, o acusador e a acusação; alguns dos quais perpassarão nossa análise em algum momento e de algum modo.

Importa à análise conhecer a razão e a maneira pelas quais Cícero se permite utilizar argumentos epidícticos para refutar acusações cíveis. Importa à análise conhecer o autor e suas convicções para que se compreenda a utilização desses argumentos. Importa, talvez em menor proporção, conhecer a data da *Defesa* para tentar identificar prenúncios do que viria a ser dito em *Do orador*. Importa à análise conhecer o acusado, ainda que apenas para tentar compreender a construção da sua imagem enquanto poeta por Cícero. Em menor grau, importa à análise, senão conhecer, ao menos comentar a figura do acusador ou do grupo, para que fiquem claras as motivações que levaram Cícero a assumir a defesa. Por fim, importa à análise, em menor grau, conhecer as alegações acusatórias porque, entendendo-as, poderemos ter uma ideia do que levou o orador a apelar à argumentação epidíctica.

Para começar, podemos dizer que a acusação estava pautada na Lei Plúcia-Papíria (*Lex Plautia Papiria*), promulgada em 89 a.C. pelos tribunos Marco Plúcio Silvano e Caio Papírio Carbão, que dizia respeito à concessão da cidadania romana aos aliados. Com ela, os estrangeiros nascidos em províncias romanas adquiririam um estatuto jurídico (*ius ciuile*), que se referia, sobretudo, ao direito privado e ao penal, o que significa ter amparadas pelo direito comum suas relações pessoais, familiares, políticas, patrimoniais, comerciais e jurídicas (NICOLET, 1992, p. 24). A contagem e o controle dessa população apoiavam-se numa espécie de recenseamento (*census*) feito pelo pretor, que recebia as declarações daqueles domiciliados na Itália dentro de um prazo de sessenta dias. Tendo isso em vista, a acusação teria alegado que Árquias, natural de Antioquia, não se registrara junto ao censor em Heracleia enquanto acompanhava o

séquito de Lúculo e apresentava como prova o único e exclusivo fato de que seu nome não constava dos registros públicos heracleenses¹⁵³.

De acordo com Pérez-Peix, em anotações preliminares a sua tradução espanhola da *Defesa*, Grácio é o obscuro oponente de Cícero nesse processo. Nada se sabe sobre ele, e acredita-se que a denúncia não passasse de um subterfúgio de Pompeu Magno para atingir os Lúculos, seus adversários políticos, prática comum na época (CICERÓN, 1940, p. 9; VENTURINI, 1999, p. 300-3). O processo, muitas vezes, apresentava teor político, já que a acusação pretendia atacar, na verdade, o clã ou a facção do adversário. A defesa, então, procura inocentar o réu, e, por extensão, também seu grupo político (DEUR, 2005, p. 26-7). No fundo, essa prática funda-se na relação de patronato e clientela romanos. Em poucas palavras, plebeus e escravos – os *clientes* – ligavam-se a um aristocrata – patrono – compondo seu séquito por motivos econômicos e sociais. O patrono, dispendo de dinheiro, autoridade e influência, fazia questão de arregimentar clientes para ostentar sua superioridade e seu capital político; o cliente oferecia sua presença e apoio em assembleias e julgamentos públicos (*ibid.*, p. 25). Essa era uma prática muito comum porque assim os marginalizados garantiam proteção social, e os poderosos, fidelidade política. No caso dos poetas, muitos deles gregos, por não considerarem honroso trabalhar como plebeus, no geral, associavam-se a patronos para viverem às suas expensas (*ibid.*, *loc. cit.*).

Esse foi o caso de Aulo Licínio Árquias, compositor de epigramas, nascido em Antioquia, cidade da Síria, anexada ao território romano por Pompeu em 64 a.C. (TRENK, 1997, p. 200). Da sua obra poética, restam apenas trinta e cinco epigramas, a alusão a poemas narrativos da Guerra Cimbria¹⁵⁴ e da Guerra Mitridática, bem como a promessa de poema narrativo sobre a atuação de Cícero na conjuração de Catilina¹⁵⁵. Além disso, restam duas referências na obra do ex-cônsul, no *Sobre a adivinhação*¹⁵⁶ e nas *Cartas a Ático*, esta última, aliás, bem depreciativa:

Epigrammatis tuis, quae in Amaltheo posuisti, contenti erimus, praesertim cum et Thyillus nos reliquerit, et Archias nihil de me scripserit. Ac ueeor, ne, Lucullis quoniam Graecum poema condidit, nunc ad Caecilianam fabulam spectet (Att. 1, 16, 15).

Ficaremos contentes com seus epigramas que você pôs no Amalteo, sobretudo quando Tilo nos abandonou e Árquias nada escreveu sobre mim. Também receio que ele tenha escrito um poema em grego para os Lúculos e planeje escrever uma peça ceciliana.

153 “Pela lei de Silvano e Carbão, a cidadania romana foi concedida àqueles que tivessem sido registrados nas cidades aliadas, que, na época da promulgação da lei, tivessem tido domicílio na Itália e que, dentro de sessenta dias, tivessem feito a declaração ao pretor; tendo este, Árquias, seu domicílio em Roma há muitos anos, fez a declaração diante do pretor Quinto Metelo, seu íntimo amigo” (*Data est ciuitas Siluani lege et Carbonis, “Si qui foederatis ciuitatibus ascripti fuissent; si tum, cum lex ferebatur, in Italia domicilium habuissent et si sexaginta diebus apud praetorem essent professi.” Cum hic domicilium Romae multos iam annos haberet, professus est apud praetore, Q. Metellum familiarissimum suum*) (Arch. 7).

154 “Repudiaremos nós a este, vivo, que é nosso, por vontade própria e pelas leis, sobretudo quando Árquias aplicou, de longa data, todo o seu interesse e talento na celebração da glória e do louvor do povo romano? Pois, na juventude, não somente se ocupou das Guerras Címbrias, mas ainda agradou aquele Gaio Mário que parecia demasiado rude para tais estudos” (*Nos hunc uiuum, qui et uoluntate et legibus noster est, repudiabimus? Praesertim cum omne olim studium atque omne ingenium contulerit Archias ad populi Romani gloriam laudemque celebrandam. Nam et Cimbricas res adulescens attigit et ipsi illi C. Mario, qui durior ad haec studia uidebatur, iucundus fuit*) (Arch. 19).

155 “Pois os atos que nós realizamos durante o consulado, juntamente convosco pela salvação deste império, da mesma forma que pela vida dos cidadãos e por toda a República, este Árquias recolheu e começou a pôr em versos” (*Nam, quas res nos in consulatu nostro uobiscum simul pro salute huius imperii et pro uita ciuium proque uniuersa re publica gessimus, attigit hic uersibus atque inchoauit*) (Arch. 28).

156 “E Pasiteles gravou esse caso particular em prata e o nosso Árquias expressou em versos” (*Atque hanc speciem Pasiteles caelauit argento et noster expressit Archias uersibus*) (*Diu.* 1, 79. In: GRATTI, 2009, p. 80. Trad.: Beatris Gratti).

O fato é que seu nome entrou para a história muito mais por ter sido defendido por Cícero do que por seus próprios méritos. Aliás, nem no próprio discurso Árquias é protagonista, pois o que, de fato, chama atenção do leitor é a defesa da poesia e a idealização do poeta, e não a pessoa do acusado. Porque, afinal de contas, o acusado mesmo, segundo Cícero, cumpria todos os requisitos da lei Plúcia Papíria. O réu inscreveu-se em Heracleia e fixou residência em Roma¹⁵⁷, tendo apresentado a declaração ao pretor no prazo¹⁵⁸. No outro sentido, como objeção, a defesa alega que, durante o período correspondente aos dois primeiros censos depois da promulgação da lei Plúcia Papíria, o poeta esteve ausente por estar em expedição pela Ásia com Lúculo (TRENK, 1997, p. 133)¹⁵⁹.

No entanto, essa discussão técnica resume-se a *Arch.* 6-11, que, num tribunal, seriam proferidos em menos de dez minutos. A partir dessa etapa, Cícero inicia uma argumentação própria ao gênero epidítico. Também conhecido como *demonstrativo*, esse gênero comporta o elogio ou o vitupério de alguém, os quais se baseiam nas coisas do corpo e do espírito como a beleza, a força, o talento, a virtude, ou mesmo nos aspectos teoricamente fortuitos como a ascendência, a educação, a riqueza, a cidadania e as amizades¹⁶⁰. Esses argumentos muito diferem da esfera jurídica, na qual temos

157 “Acaso não teve domicílio em Roma este que, por tantos, mesmo antes de concedida a cidadania, em Roma estabeleceu a sede de todos os seus interesses e bens? (...) Não só fez diversas vezes testamento conforme as nossas leis, como ainda recebeu heranças de cidadãos romanos e, enfim, na lista das gratificações, teve seu nome apresentado ao tesouro pelo procônsul Lúculo” (*An domicilium Romae non habuit is, qui tot annis ante ciuitatem datam sedem omnium rerum ac fortunarum suarum Romae collocauit? [...] Et testamentum saepe fecit nostris legibus, et adiit hereditates ciuium Romanorum et in beneficiis ad aerarium delatus est a L. Lucullo pro consule*) (*Arch.* 9-11).

158 “Entretanto, após um longo período, tendo partido para a Sicília com Lúcio Lúculo e retirando-se dessa província com o mesmo Lúculo, veio para Heracleia. Visto que essa cidade aliada usufruía de uma perfeita igualdade de direito, Árquias desejou inscrever-se ali e, tanto por ele mesmo ser considerado digno, como graças ao prestígio e influência de Lúculo, isso ele obteve dos heracleenses (*Interim satis longo interuallo, cum esset cum M. Lucullo in Siciliam profectus, et cum ex ea prouincia cum eodem Lucullo decederet, uenit Heracliam: quae cum esset ciuitas aequissimo iure ac foedere, ascribi se in eam ciuitatem uoluit; idque, cum ipse per se dignus putaretur, tum auctoritate et gratia Luculli ab Heracliensibus impetrauit*) (*Arch.* 6).

159 “De fato, é difícilimo compreender que, na época dos últimos censores, ele estava junto ao exército com o brilhantíssimo general Lúcio Lúculo” (*Est enim obscurum proximis censoribus hunc cum clarissimo imperatore L. Lucullo apud exercitum fuisse*) (*Arch.* 11).

160 “Passemos agora ao gênero demonstrativo. Como as causas desse gênero se dividem em elogio e vitupério, o vitupério será obtido com tópicos contrários àqueles que usarmos para compor o elogio. O elogio, então, pode ser das coisas externas, do corpo e do ânimo. Coisas externas são aquelas que podem acontecer por obra do acaso ou da fortuna, favorável ou adversa: ascendência, educação, riqueza, poder, glória, cidadania, amizades, enfim, coisas dessa ordem e seus contrários. Ao corpo pertence o que a natureza lhe atribuiu de vantajoso ou desvantajoso: rapidez, força, beleza, saúde, e seus contrários. Dizem respeito ao ânimo as coisas que comportam nossa deliberação e reflexão: prudência, justiça, coraçaõ, modéstia e seus contrários. Esses serão nossos tópicos a confirmar e refutar nesse tipo de causa. A introdução é tirada ou de nossa pessoa, ou da pessoa de quem falamos, ou da pessoa dos ouvintes, ou do próprio assunto. De nossa pessoa, se estivermos elogiando, diremos que é por dever, pois assim exige a amizade; ou que é por zelo, pois tal virtude todos hão de querer recordar, ou porque é certo mostrar, elogiando outros, qual seja nosso próprio ânimo. Se estivermos vituperando, diremos que é merecido, pelo modo como fomos tratados; ou que é por zelo, pois julgamos útil a todos; ou porque agrada mostrar, com o vitupério de outros, o que nos agrada. Da pessoa de quem falamos, se estivermos elogiando, diremos que tememos não poder igualar seus feitos com palavras, que todos os homens devem proclamar tais virtudes, que os fatos em si superam a eloquência de todos os apologistas. Se estivermos vituperando, diremos o contrário dessas coisas, o que sabemos ser possível fazer com a troca de umas poucas palavras, conforme se exemplificou acima” (*Nunc ad demonstratiuum genus causae transeamus. Quoniam haec causa diuiditur in laudem et uituperationem, quibus ex rebus laudem constituerimus, ex contrariis rebus erit uituperatio comparata. Laus igitur potest esse rerum externarum, corporis, animi. Rerum externarum sunt ea, quae casu aut fortuna secunda aut aduersa accidere possunt: genus, educatio, diuitiae, potestates, gloriae, ciuitas, amicitiae, et quae huiusmodi sunt et quae his contraria. Corporis sunt ea quae natura corpori adtribuit commoda aut incommoda: uelocitas, uires, dignitas, ualetudo, et quae contraia sunt. Animi sunt ea quae consilio et cogitatioe nostra constant: prudentia, iustitia, fortitudo, modestia, et quae contraria sunt. Erit igitur haec confirmatio et confutatio nobis in huiusmodi causa. Principium sumitur aut ab nostra, aut ab eius, de quo loquemur, aut ab eorum qui audiente persona, aut ab re. Ab nostra, si laudabimus: aut officio facere, quod causa necessitudinis intercedat; aut studio, quod eiusmodi uirtute sit ut omnes commemorare debeant uelle; aut quod rectum sit ex aliorum laude ostendere qualis ipsius animus sit. Si uituperabimus: aut merito facere, quod ita tractati simus; aut studio, quod utile putemus esse ab omnibus unicum malitiam atque nequitiam cognosci; aut quod*

uma acusação e uma defesa que, por meio de provas, testemunhos e argumentos, empreendem convencer um juiz a considerar legal ou não uma ação já consumada com base na verificação da natureza e do número das razões pelas quais se comete uma injustiça, assim como na disposição e no caráter dos que a cometem e dos que a sofrem¹⁶¹. Cícero concentra mais da metade do seu discurso no elogio às virtudes, qualidades morais e à erudição de seu cliente, o talento poético e a excelência de sua obra, a fim de captar a simpatia dos juizes e, por conseguinte, justificar a sua absolvição (TRENK, 1997, p. 151). Esse momento, denominado pelos estudiosos¹⁶² “argumentação *extra causam*”, encontra-se em *Arch.* 12-30, em que se defende a presença do poeta como vantajosa para a República, uma vez que, através da poesia, contam-se episódios históricos, exaltam-se a glória e o nome do povo romano¹⁶³ e fogem ao esquecimento os grandes heróis¹⁶⁴. Além disso, os poetas, em algumas regiões, eram reverenciados devido à sua relação com as Musas¹⁶⁵ e à sua suposta capacidade de aplacar a fúria das bestas selvagens com seus versos, numa clara referência ao mito de Orfeu¹⁶⁶. Essa busca de Cícero cativa a atenção de estudiosos, explorando o valor cultural da poesia e dos seus autores (DUGAN, 2001, p. 36), de modo que os juizes fossem levados a considerar Árquias merecedor da cidadania romana, a despeito de qualquer acusação. Dessa forma, Cícero estabelece uma estrutura bipartida, na qual o cliente não somente satisfaz os requisitos legais como *merece* a decisão favorável (CRAIG, 1985, p. 136).

Convém frisar ainda que muito daquilo que Cícero diz sobre os juizes, sobre as testemunhas, sobre as figuras históricas, bem como sobre si próprio e sobre o réu,

placeat ostendi quod nobis placeat ex aliorum uituperatione. Ab eius persona de quo loquemur, si laudabimus: uereri nos ut illius facta uerbis conspici possimus; omnes homines illius uirtutes praedicare oportere; ipsa facta omnium laudatorum eloquentiam anteire. Si uituperabimus, ea, quae uidemus contrarie paucis uerbis commutatis dici posse dicemus, ut paulo supra exempli causa demonstratum est) (Rhet. Her. 3, 10-1; In: [CÍCERO], 2005, p. 161-3. Trad.: Ana Paula Celestina Faria e Adriana Seabra).

161 Vide nota 1.

162 Cf. Brasil (2002, p. 17); D’Ors & Perez-Peix (1970, p. 13; CÍCERÓN); Santos (2015, p. 177).

163 “Na verdade, foi o povo romano, sob o comando de Lúculo, que desobstruiu o Ponto, outrora defendido tanto pelas forças do rei como pela própria posição geográfica; o exército do povo romano, estando com o mesmo general, desbaratou com um pequeno contingente as tropas inumeráveis dos Armênios; é glória do povo romano que a cidade de Cízico, aliada fiel, tenha sido, graças à estratégia do mesmo chefe, preservada de qualquer ataque régio e arrebatada da boca faminta de toda uma guerra; será sempre referida e apregoada como nossa, estando Lúculo combatendo, também aquela incrível batalha naval junto a Tênedos, quando, depois de mortos os comandantes, a esquadra inimiga foi a pique: nossos são os troféus, nossos os monumentos, nossos os triunfos. E graças àqueles cujos talento divulgam tais feitos, a glória do povo romano é celebrada” (*Populus enim Romanus aperuit Lucullo imperante Pontum et regis quondam opibus et ipsa naturae regione uallatum; populi Romani exercitus eodem duce non maxima manu innumerabiles Armeniorum copias fudit; populi Romani laus est urbem amicissimam Cyzicenorum eiusdem consilio ex omni impetu regio atque totius belli ore ac faucibus ereptam esse atque seruatam; nostra semper feretur et praedicabitur L. Lucullo dimicante cum interfectis ducibus depressa hostium classis, et incredibilis apud Tenedum pugna illa naualis: nostra sunt tropaea, nostra monumenta, nostri triumphus. Quae quorum ingeniis efferuntur, ab eis populi Romani fama celebratur) (Arch. 21).*

164 “Quantos historiadores dos seus feitos se diz que teve consigo o famoso Alexandre Magno! (...) E, realmente; pois, se para um tal herói não tivesse existido aquela arte, o mesmo túmulo que envolvera seu corpo lhe teria também sepultado o nome” (*Quam multos scriptores rerum suarum magnus ille Alexander secum habuisse dicitur! [...] Et uere; nam nisi Illias illa exstitisset, idem tumulus, qui corpus eius contexerat, nomen etiam obruisset) (Arch. 24).*

165 “É certo que Décimo Bruto, importante cidadão e general embelezou com poemas de Ácio, seu devotado amigo, a entrada dos seus templos e monumentos. Ademais, aquele outro que lutou contra os Etólios, tendo Ênio em sua comitiva, Fúlvio, não hesitou em consagrar às Musas o butim de Marte, numa cidade em que os generais quase em armas respeitaram o nome dos poetas e os santuários das Musas, nela não devem os juizes togados esquivar-se do culto às Musas e da salvaguarda aos poetas” (*Decimus quidem Brutus, summus uir et imperator, Accii, amicissimi sui, carminibus templorum ac monimentorum aditus exornauit suorum. Iam uero ille, qui cum Aetolis Ennio comite bellauit, Fuluius non dubitauit Martis manubias Musis consecrare. Quare, in qua urbe imperatores prope armati poetarum nomen et Musarum delubra coluerunt, in ea non debent togati iudices a Musarum honore et a poetarum salute abhorrere) (Arch. 27).*

166 “Seja, pois, sagrado perante vós, ó juizes, homens de cultura, este nome de poeta, jamais profanado por barbárie alguma. Os rochedos e os ermos respondem à voz, as feras cruéis não raro se enternecem com o canto e param” (*Sit igitur, iudices, sanctum apud uos, humanissimos homines, hoc poetae nomen, quod nulla umquam barbaria uiolauit. Saxa et solitudines uoci respondent, bestiae saepe immanes cantu flectuntur atque consistunt) (Arch. 19).*

compõe uma autêntica tentativa de criar *personae*. Como adverte Trenk (1997, p. 138-9), ao serem mencionadas, mesmo com seus nomes reais, como Cícero, Árquias, Grácio são construções do texto retórico, personagens, cuja análise se inicia na sua real atuação no mundo empírico, mas também se estende à construção retórica. Portanto, fazer com que os juízes, de fato, acreditassem na imagem de um Árquias dotado de enorme talento e arauto da República romana era fundamental dentro da estratégia da defesa.

Pode-se dizer que a questão do poeta e da poesia foi abordada em obras gregas. Num rápido exercício de memória, para citar um, lembremos o *Íon* de Platão. Nesse diálogo, produzido na juventude do autor, o filósofo Sócrates indaga o rapsodo Íon, para sondar a natureza do seu conhecimento a respeito da obra de Homero. O rapsodo revela uma inexplicável incapacidade de dissertar isoladamente sobre os numerosos assuntos que Homero canta, tampouco de versejar sobre os assuntos que Homero, digamos, compartilhava com outros poetas (*Ion*, 531a-532c). Isso inviabiliza qualquer hipótese de conhecimento, seja ele técnico, empírico ou epistêmico, por parte de Íon, pois Sócrates mostra que a atividade deve pertencer a um âmbito muito bem delimitado, dizer respeito a um objeto específico de conhecimento e deve ser racionalizada de modo a permitir o ensino, transmitir aquilo em que se é perito, as características da *téchne* enquanto conhecimento (*Ion*, 536e-542b; JARESKI, 2006, p. 23). Ao final do diálogo, fica patente que a verdadeira fonte do conhecimento do rapsodo Íon é o entusiasmo (*enthousiasmós*) proporcionado pelas Musas (*Ion*, 542a-542b). Essa inspiração de origem divina se apresenta como uma oposição à atividade inteligente da técnica, pois, enquanto a atividade técnica pressupõe um controle sobre o resultado de sua prática, o estado de entusiasmo é uma aptidão concedida sobre a qual não há como ter controle (RIBEIRO, 2008, p. 40). As Musas determinam a produção do rapsodo por meio de uma força inspiradora, como se elas doassem a eles o poder da palavra (*lógos*) e o conteúdo abordado, assim como a forma em que eles conduzem o discurso (*léxis*) (*ibid.*, p. 39). Outro texto importante que pode ser brevemente abordado é a *Poética* de Aristóteles. Nela, o autor afirma que a poesia é uma imitação (*mímesis*) das ações humanas (*práxis*), resultado da aptidão natural do homem de imitar e se comprazer com imitações¹⁶⁷. A poesia é uma imitação por meios auditivos: voz, sons, ritmo e palavras; imitação das ações humanas e, portanto, dos caracteres éticos, sejam quais forem; imitação pela narrativa, pelo ditirambo ou pela epopeia (*Poet.* 1447a-1448b). Para ele, o ofício do poeta não é descrever coisas acontecidas, ou ocorrência de fatos, mas fatos que podem acontecer, seguindo as leis da verossimilhança e da necessidade (*Poet.*, 1451a-1451b). A doutrina aristotélica, então, considera a poesia uma espécie de idealização da realidade, admite qualquer objeto como argumento artístico e enxerga a própria imitação como fonte de prazer estético (SPINA, 1967, p. 83).

Esses dois textos são importantes porque nos mostram alguns caminhos para compreender a reflexão sobre a poesia. No *Íon*, temos a tentativa de desqualificação do poeta enquanto *technítes*, a figura que detém a *téchne*, e o apelo às Musas como elemento fundamental para a criação poética. Em Aristóteles, na sua *Poética*, encontramos o argumento da poesia como técnica e imitação, além de uma série de considerações acerca dessa técnica. Tratar-se-ia de uma certa mistificação da produção poética, de uma inspiração divina sobre a qual o indivíduo não tinha o mínimo controle, algo próximo ao transe divinatório em que o adivinho estava fora de si, no momento do entusiasmo, para ser manipulado pelo deus, que fazia dele um verdadeiro instrumento de seus oráculos (ROCHA, 2000, p. 102). No *Íon*, essa noção parece persistir por todo o

¹⁶⁷ Vide nota 21.

diálogo, mas, na *Poética*, não. Esse último texto já traz a ideia de uma poesia mais ligada à técnica. Aristóteles, inclusive, já enumera uma série de “regras” e classificações a serem consideradas pelo poeta. Depreende-se disso a necessidade de que o poeta estude e domine a sua função, de modo a tornar-se consciente e responsável por todo o processo de criação poética. Podemos apontar, por conta disso, uma evidente estruturação do ofício poético.

Não é absurdo pensar, a partir do que foi dito, que a *Defesa de Arquias* converteu-se aos olhos da crítica num valioso documento da admiração de Cícero pela arte poética e, em alguma medida, pelo estudo das artes liberais. Neste sentido, acreditamos que na *Defesa* pode, de algum modo, servir de objeto de investigação e estudo aos interessados na visão do orador sobre a poesia e o poeta, e propomos uma leitura que interprete essa obra como uma possível representação do ponto de vista de Cícero acerca do poeta. Para tanto, buscaremos demonstrar de que modo e com que elementos o orador, a princípio, constrói uma imagem de poeta perfeito (*summus poeta*) e a associa a Arquias no decorrer do texto. O capítulo, portanto, apoia-se na hipótese de que o poeta ideal ciceroniano reúne em si disposições inatas (*natura* e *ingenium*) favoráveis à sua atividade, um conhecimento técnico, mas que também pode abarcar as demais artes liberais (*ars* e *doctrina*), e, subentendida, uma prática geradora de uma espécie de riqueza de assuntos e palavras (*copia rerum et uerborum*) tocantes à poesia.

ENGENHO E ARTE: REQUISITOS DO POETA IDEAL NA *DEFESA DE ÁRQUIAS*¹⁶⁸

A despeito de ainda utilizar o argumento socrático do *furor poeticus*, como veremos, Cícero, na *Defesa de Árquias*, se mostrará atento a essa progressiva racionalização da poética (MARTÍN, 2003, p. 35-6). O orador, em alguma medida, parece concentrar os fundamentos da mesma na doutrina dos três elementos, dada a reincidência dos elementos ligados à arte no texto, tais como *doctrina*, *ratio*, *studium*, *ars*, *ingenium*, *natura* e *facultas*.

Começando pelo talento, constatamos que a palavra *ingenium*, por exemplo, aplica-se ao poeta Árquias em dezesseis momentos, sempre visando ressaltar sua singularidade e mostrar aos juízes o quão especial é sua natureza se comparada à dos demais. O primeiro uso dessa palavra ocorre no segundo parágrafo, num contexto em que Cícero, a princípio, marca uma distinção entre a sua atividade, muito mais ligada ao método (*ratio*) e à disciplina (*exercitatio*), e a de Árquias, que depende de outra capacidade do engenho (*facultas ingenii*).

Ac, ne quis a nobis hoc ita dici forte miretur, quod alia quaedam in hoc facultas sit ingenii neque haec dicendi ratio aut disciplina, ne nos quidem huic uni studio penitus umquam dediti fuimus. Etenim omnes artes, quae ad humanitatem pertinent, habent quoddam commune uinclum et quasi cognatione quadam inter se continentur (Arch. 2).

E para que talvez ninguém se admire de assim falarmos, por possuir este meu cliente bem **outra aptidão natural** e não **esta arte e prática oratória**, o certo é que nem nós mesmos fomos jamais absorvidos exclusivamente por este único estudo. **Na verdade, todas as artes que dizem respeito à formação humana têm uma espécie de vínculo comum e estão, por assim dizer, unidas entre si por um certo parentesco.**

168 O título do capítulo é uma alusão aos célebres e sintomáticos versos de Camões: “E aqueles que por obras valerosas se vão da lei da morte libertando cantando espalharei por toda parte se a tanto me ajudar o engenho e arte” (*Lus.* 1, 2; In: VERDELHO, 2012).

É quase instantânea a relação que podemos estabelecer entre esse excerto e o aforismo romano *os poetas nascem, os oradores se fazem* (*poetae nascuntur, fiunt oratores*¹⁶⁹), que deixa evidente a diferença supostamente existente entre ambas as figuras. No que diz respeito ao poeta, não se trata de sistema (*ratio*) ou de dedicação (*disciplina*), mas de outra coisa: algo que não pode ser alcançado, mas apenas admirado. A referência é à capacidade intelectual (*facultas*), algo muito mais abstrato que emerge da natureza mesma do sujeito, que jamais poderá ser modificada e que sempre o distinguirá dos demais. Os caracteres naturais do poeta, intangíveis, parecem predominar na sua atividade, enquanto na oratória o fazem a educação e o trabalho, virtudes ou aspectos demasiado palpáveis. Portanto, pode ser notada a ideia, talvez ainda mistificada, do poeta como homem de talento instintivo e natural.

Essa busca de Cícero por mostrar ao público que Árquias era especial pelo seu talento perpassa todo o texto. No próximo parágrafo, a defesa afirma que, já nos primeiros anos de mocidade, o réu se destacava pelo seu *ingenium*, granjeando fama e admiração conquistadas na sua terra natal, lugar já acostumado a receber grandes figuras.

Nam, ut primum ex pueris excessit archias atque ab iis artibus, quibus aetas puerilis ad humanitatem informari solet, se ad scribendi studium contulit, primum Antiochiae – nam ibi natus est loco nobili – celebri quondam urbe et copiosa atque eruditissimis hominibus liberalissimisque studiis adfluente, celeriter antecellere omnibus ingenii gloria contigit. Post in ceteris Asiae partibus cunctaque Graeciae sic eius aduentus celebrabantur, ut famam ingenii exspectatio hominis, exspectationem ipsius aduentus admiratioque superaret (Arch. 4).

De fato, logo que **Árquias deixou a infância e, das disciplinas com que habitualmente se educa a criança para a cultura geral, passou à atividade literária, rapidamente conseguiu exceder a todos pelo brilho de seu talento**, primeiro em Antioquia – pois aí nascera de uma família distinta – cidade outrora rica e populosa, repleta de homens eruditíssimos e dos mais dignos estudos. Depois, no restante da Ásia e em toda a Grécia, as suas vindas eram de tal modo festejadas que a presença dele próprio superava a fama do seu **gênio**, a expectativa e a admiração.

O poeta, mais uma vez, é colocado como alguém que precisa do talento natural, mas, dessa vez, depreende-se que o *ingenium* poético se manifesta desde cedo, muito antes da ação modeladora (*informare*) das artes. Perceba-se a metáfora da escultura estabelecida pelo uso do verbo *informare*, modelar, moldar, dar forma, ou, por extensão, moldar a mente de alguém (ou esse alguém) por meio da instrução: a natureza do indivíduo é vista como uma pedra bruta sobre a qual deve recair o trabalho do artista. Depreende-se uma certa *docilitas*, conforme se diz em *Fin.* 5, 36, relacionada ao orador no comentário a *De orat.* 1, 113, pode indicar também que o poeta, a exemplo do *summus orator*, é alguém que aprende com facilidade e rapidez.

O mesmo expediente é utilizado quando Cícero relata a concessão da cidadania honorária e de distinções a Árquias em cidades da Itália Meridional, como em Tarento, em Nápoles e em Régio, por reconhecimento ao seu talento, situação retomada posteriormente¹⁷⁰.

169 Cf. De Mauri, 2010, p. 468.

170 “Pois se na Magna Grécia, gratificavam, mesmo de má vontade, com o direito de cidadania, a muitas pessoas insignificantes possuidoras ou de nenhuma profissão ou de um trabalho modesto, estou achando que os reginos ou os locrenses ou os napolitanos ou os Tarentinos não quiseram conceder a este homem, possuidor de uma glória incomparável, o que costumavam dar generosamente aos artistas cênicos” (*Etenim, cum mediocribus multis et aut nulla aut humili*

Itaque hunc et Tarentini et Regini et Napolitani ciuitate ceterisque praemiis donarunt et omnes, qui aliquid de ingenii poterant iudicare, cognitione atque hospitio dignum existimarunt. Hac tanta celebritate famae cum esset iam absentibus notus, Romam uenit Mario consule et Catulo. Nactus est primum consules eos, quorum alter res ad scribendum maximas, alter cum res gestas tum etiam studium atque aures adhibere posset. Statim Luculli, cum praetextatus etiam tum archias esset, eum domum suam receperunt. Sic etiam hoc non solum ingenii ac litterarum, uerum etiam naturae atque uirtutis, ut domus, quae huius adulescentiae prima fuit, eadem esset familiarissima senectuti (Arch. 5).

Assim, os habitantes de Tarento, de Locros, de Régio, e de Nápoles concederam a cidadania e demais distinções a meu cliente, e todos os que podiam minimamente julgar **talentos** consideraram-no digno de suas relações e hospitalidade. Com a imensa difusão de sua fama, visto que já era conhecido nos lugares distantes, veio para Roma durante o consulado de Mário e Cátulo. Primeiramente encontrou tais cônsules, dos quais um podia oferecer grandes feitos para serem celebrados; o outro, não somente gestas gloriosas, mas também o gosto literário e os ouvidos. Os Lúculos, embora Árquias ainda então usasse a toga pretexta, o acolheram em sua casa sem demora. Mas ainda uma prova não só de seu **talento** e cultura, como também de seu **caráter** e virtude é o fato de a mesma casa, que foi a primeira para sua juventude, continuar a ser a mais familiar para sua velhice.

Segundo o autor, essas concessões o tornaram famoso ainda durante a mocidade, a ponto de despertar a atenção de Mário e Cátulo, cônsules romanos, os quais se teriam interessado pela possibilidade de verem cantados seus feitos em versos. No entanto, pelo pouco que se sabe da vida do poeta, foi “adotado” ainda *praetextatus* pelo clã dos Lúculos, em cuja casa permaneceu até a velhice, fato atribuído, insiste Cícero, em reconhecimento ao seu talento. No parágrafo seguinte, o orador amplia a lista de clientes notáveis, por assim dizer, do poeta Árquias e homenagens a ele rendidas¹⁷¹.

A tese do poeta como um indivíduo de natureza particular explica-se a partir da sua especificação e singularidade no núcleo do gênero humano, porque, no entender de Müller (2000, p. 321), Cícero leva a crer que a poesia se desenvolve como uma atividade apropriada à personalidade excepcional, à excelência individual, a única capaz de entregar uma criação poética. Ao contrário do orador, vinculado a uma atividade em tese corriqueira e pragmática, comumente associada às regras e ao sistema, o poeta, com sua personalidade demasiado talentosa, parece prescindir dessas regras e encontra guarida apenas em uma atividade considerada “sagrada”, devido à raridade e complexidade do seu talento (*ibid.*, p. 330). Um aforismo, sugerido por Tosi (1996, p. 165), que diz respeito ao poeta, que ressalta a sua raridade e vem ao encontro do que expomos até aqui, é *solus aut rex aut poeta non quotannis nascitur* (apenas os reis e os poetas não nascem todos os dias). Em comparação com o adágio anterior, temos a presença do verbo *nasci* (nascer)

aliqua arte praeditis grauatim ciuitatem in Graecia homines impertiebant, Reginos credo aut Locrenses aut Napolitanos aut Tarentinos, quod scaenicis artificibus largiri solebant, id huic summa ingenii praedito gloria noluisse! (Arch. 10).

171 “Naquela época, ele agradava ao célebre Quinto Metelo, o Numídico, e a seu filho Pio; era escutado por Marco Emílio; convivia com Quinto Cátulo, o pai e o filho, por Lúcio Crasso era considerado; e ainda, mantendo os Lúculos e Druso e os Otávios e Catão e toda a casa dos Hortênsios estreitados por sua amizade, era tratado com as maiores honras, pois não somente o respeitavam aqueles que tinham gosto em ouvir e aprender algo, mas também os que eventualmente o simulavam” (*Erat temporibus illis iucundus Q. Metello illi Numidico et eius Pio filio, audiebatur a M. Aemilio, uiuebat cum Q. Catulo et patre et filio, a L. Crasso colebatur, Lucullos uero et Drusum et Octauios et Catonem et totam Hortensiorum domum deuinctam consuetudine cum teneret, adficiebatur summo honore, quod eum non solum colebant qui aliquid percipere atque audire studebant, uerum etiam si qui forte simulabant. Interim, satis longo interuallo, cum esset cum M. Lucullo in Siciliam profectus et cum ex ea prouincia cum eodem Lucullo decederet, uenit Heracleam. Quae cum esset ciuitas aequissimo iure ac foedere, adscribi se in eam ciuitatem uoluit, idque, cum ipse per se dignus putaretur, tum auctoritate et gratia Luculli ab Heracliensibus impetrauit*) (Arch. 6).

nas duas sentenças, mas, dessa vez, a sabedoria antiga alega que o poeta é uma figura difícil de ser encontrada, que nascem pouquíssimos, e isso os torna excepcionais. E, de fato, um dos aspectos que Cícero pretende mostrar ao júri é que a causa diz respeito a uma criatura especial, considerada por alguns, inclusive, Cátulo, em *De orat.* 2, 194¹⁷², receptáculo do entusiasmo das Musas. E isso será ressaltado mais à frente.

Após os parágrafos quinto e sexto, Cícero inicia suas alegações jurídicas, as quais tomam basicamente quatro parágrafos do discurso. O arpinate afirma que Árquias, durante a campanha militar de Lúcio Lúculo em Heracleia, aí se inscreveu perante o então pretor Quinto Metelo Pio¹⁷³, presente como testemunha de defesa, fato atestado pelos embaixadores heracleenses, também presentes no tribunal¹⁷⁴. Além disso, a defesa alega que era impossível consultar o censo dos heracleenses porque este fora destruído durante um incêndio na cidade, fato conhecido mas deliberadamente, segundo a defesa, omitido pela acusação¹⁷⁵. Em acréscimo, afirma-se que o réu possuía e administrava negócios particulares em Roma, benefício conferido apenas a quem possuísse o *ius commercii* romano¹⁷⁶. Cícero continua citando a presença do nome do poeta também nos registros de Quinto Metelo Pio, que, aliás, foram considerados dignos de autoridade¹⁷⁷. A defesa técnica, por assim dizer, é finalizada com a alegação de que as sucessivas viagens com os Lúculos e a não realização dos recenseamentos nos dois primeiros anos seguintes à promulgação da lei impossibilitaram o réu de se apresentar ao alistamento, e com a menção de que Árquias não apenas fez diversos testamentos conforme a lei romana, mas também recebeu heranças e doações, fatos atestadores do reconhecimento de Árquias como cidadão romano¹⁷⁸.

172 “De fato, Demócrito nega que possa existir algum grande poeta sem furor, o que também diz Platão. Se agrada, que ele nomeie isso furor, contanto que tal furor seja assim elogiado como no Fedro de Platão foi elogiado” (*Negat enim sine furore Democritus quemquam poetam magnum esse posse, quod idem dicit Plato. Quem, si placet, appellet furorem, dum modo is furor ita laudetur ut in Phaedro Platonis laudatus est*) (*Diu.* 1, 79; In: GRATTI, 2009, p. 82. Trad.: Beatris Gratti).
173 Quinto Metelo Pio foi pretor em 89 a.C., cônsul em 80 a.C. e procônsul no ano seguinte na Espanha Ulterior (TRENK, 1997, p. 202).

174 “Tendo este, Árquias, seu domicílio em Roma há muitos anos, fez a declaração diante do pretor Quinto Metelo Pio, seu íntimo amigo. (...) Estão aqui os enviados de Heracleia, homens notabilíssimos – vieram por causa deste julgamento e com mandatos e com testemunho público –, os quais afirmam que meu cliente se inscreveu em Heracleia” (*Cum hic domicilium Romae multos iam annos haberet, professus est apud praetorem Q. Metellum, familiarissimum suum. [...] Adsunt Heraclienses legati, nobilissimi homines; huius iudicii causa cum mandatis et cum publico testimonio uenerunt, qui hunc adscriptum Heracliensem dicunt*) (*Arch.* 7-8).

175 “E agora tu pedes os registros públicos dos heracleenses, que, todos nós sabemos, se extinguíram com o incêndio dos arquivos durante a Guerra Social” (*Hic tu tabulas desideras Heracliensium publicas, quas Italico bello incendio tabulario interisse scimus omnes*) (*Arch.* 8).

176 “Acaso não teve domicílio em Roma este que, por tantos anos, mesmo antes de concedida a cidadania, em Roma estabeleceu a sede de todos os seus interesses e bens?” (*An domicilium Romae non habuit is, qui tot annis ante ciuitatem datam sedem omnium rerum ac fortunarum suarum Romae collocauit?*) (*Arch.* 9).

177 “Metelo, o mais íntegro e escrupuloso entre os demais era de tal rigor, que veio à presença do pretor Lúcio Léntulo e dos juízes para declarar que estava perturbado com a rasura de um único nome. Ora, nestes registros não vedes nenhuma rasura no nome de Aulo Licínio” (*Metellus, homo sanctissimus modestissimusque omnium, tanta diligentia fuit, ut ad L. Lentulum praetorem et ad iudices uenerit et unius nominis litura se commotum esse dixerit. His igitur tabulis nullam lituram in nomen A. Licinii uidetis*) (*Arch.* 9).

178 “De fato, é difícilimo compreender que, na época dos últimos censores, ele estava junto ao exército com o brilhantíssimo general Lúcio Lúculo; que, na dos precedentes, estava na Ásia com o mesmo Lúculo, então questor, e que, na dos primeiros, Júlio e Crasso, nenhuma parte da população foi recenseada. De qualquer maneira, como o censo não prova o direito de cidadania, mas apenas indica que o recenseado já procedia como um cidadão, pois bem, nessa época, quem tu acusas de não estar, em opinião dele próprio, na condição jurídica dos cidadãos romanos, não só fez diversas vezes testamento conforme as nossas leis, como ainda recebeu heranças de cidadãos romanos e, enfim, na lista de gratificações, teve seu nome apresentado ao tesouro pelo procônsul Lúculo” (*Est enim obscurum proximis censoribus hunc cum clarissimo imperatore L. Lucullo apud exercitum fuisse, superioribus cum eodem quaestore fuisse in Asia, primis Iulio et Crasso nullam populi partem esse censam. Sed, quoniam census non ius ciuitatis confirmat ac tantum modo indicat eum, qui sit census, ita se iam tum gessisse pro ciue, hic iis temporibus, quem tu criminari ne ipsius quidem iudicio in ciuium Romanorum iure esse uersatum, et testamentum saepe fecit nostris legibus et adiit hereditates*

No entanto, temendo suspeitas quanto à escassez das provas, quanto à veracidade da inscrição heracleense apresentada por Quinto Metelo Pio e quanto à idoneidade dos embaixadores de Heracleia, Cícero constrói uma espécie de panegírico de Árquias, ressaltando suas qualidades morais, seu talento poético e sua obra, além da própria poesia, lembrando o profundo respeito de inúmeros povos pela poesia, da sua possível ligação com as Musas, dos modelos de virtude presentes nela e dos heróis romanos que a ela se dedicaram, a fim de captar a simpatia dos juízes e, por conseguinte, tornar bastante aceitável a absolvição (TRENK, 1997, p. 151).

Fazendo um salto até o fim de *Arch.* 17-8¹⁷⁹, temos alguns aspectos interessantes a serem apontados:

[...] Nos **animorum incredibiles motus celeritatemque ingeniorum neglegemus?** Quotiens ego hunc archiam uidi, iudices, [...] quotiens ego hunc uidi, cum litteram scripsisset nullam, magnum numerum optimorum uersuum de iis ipsis rebus, quae tum agerentur, dicere ex tempore! Quotiens reuocatum eandem rem dicere, commutatis uerbis atque sententiis! Quae uero accurate cogitateque scripsisset, ea sic uidi probari, ut ad ueterum scriptorum laudem perueniret. [...] Atque sic a summis hominibus eruditissimisque accepimus, ceterarum rerum studia et doctrina et praeceptis et arte constare, **poetam natura ipsa ualere et mentis uiribus excitari et quasi diuino quodam spiritu inflari.** Quare suo iure noster ille Ennius sanctos appellat poetas, quod quasi deorum aliquo dono atque munere commendati nobis esse uideantur.

(...) Nós desprezaremos **os incríveis movimentos do espírito e a presteza da imaginação?** Quantas vezes eu vi este Árquias, ó juízes, (...) quantas vezes eu o vi improvisar, sem ter escrito nenhuma letra, grande número de belíssimos versos sobre os fatos que então ocorriam! Quantas vezes, chamado de volta, repetir o mesmo tema com palavras e ideias modificadas! Porém aquilo que tinha escrito com esmero e reflexão, eu vi a tal ponto aplaudido, que ele chegava à glória dos antigos escritores. (...) Ademais, assim aprendemos com os homens mais eminentes e eruditos, que os estudos das outras matérias constam de instrução, preceitos, técnicas, ao passo que **o poeta se vale da própria natureza, é estimulado pelas forças do pensamento e inspirado como por um sopro divino.** Por isso, com todo o direito, o nosso grande Ênio chama sagrados aos poetas, pelo fato de darem a impressão de que nos foram confiados como que por um certo dom e favor dos deuses.

Para comentarmos esse parágrafo, podemos tomar dois caminhos distintos e válidos: o de Wallach (1989), que o relaciona com o *ingenium* e a *natura* aventados nos Tópicos (Topica), escrito ciceroniano datado de 44 a.C., e o de Stok (1982), que enxerga um comentário embasado na *celeritas animi* de *De orat.* 1, 113. Segundo a primeira, devemos levar em conta que o apelo ao *ingenium* num discurso como a *Defesa*, cujo objeto é uma pessoa, é também um apelo à sua natureza (*natura*). A *natura* do indivíduo, isto é, o caráter, o temperamento, o conjunto de traços da personalidade, confere ao indivíduo o grau máximo de autoridade sobre a opinião do público¹⁸⁰. E a relação entre *natura* e *ingenium* nos Tópicos emerge na medida em que são enumerados os fatores capazes de forjar a autoridade perante a opinião do povo. Segundo o autor, conferem autoridade o

ciuium Romanorum et in beneficiis ad aerarium delatus est a L. Lucullo pro consule) (*Arch.* 11).

179 Analisaremos os parágrafos omitidos no fim do capítulo.

180 "A maior autoridade advinda do caráter está na virtude. Ora, muitos são elementos que conferem autoridade: talento, recursos, idade, sorte, técnica, costume, necessidade e a afluência constante de coisas fortuitas" (*Naturae auctoritas in uirtute inest maxima, in tempore autem multa sunt quae afferant auctoritatem: ingenium, opes, aetas, fortuna, ars, usus, necessitas, concursio etiam non numquam rerum fortuitarum*) (*Top.* 73).

talento, os recursos, a sorte, a arte, o costume, necessidade, afluência frequente de coisas fortuitas. Com efeito, está implicitamente dito que os filósofos, historiadores e poetas, *ingeniosi* que se dedicam a estudos de alta relevância, não apenas fornecem modelos inúmeros de virtude em suas narrativas, mas também despontam como figuras de ampla credibilidade na República. Dessa forma, o poeta Árquias é representado como um cidadão digno de reverência por força de seu talento natural e por histórico positivo dos *ingeniosi* quanto à moral romana¹⁸¹ (WALLACH, 1989, p. 320). Stok (1982), por outro lado, interessa-se pela suposta celeridade da alma utilizada por Cícero para explicar o *furor poeticus*. Retornando *Arch.* 17-8, o orador imputa à alma do poeta uma celeridade da mente (*celeritatem ingeniorum*), responsável pela quase instantânea criação de versos de Árquias. Essa ação de manusear ou movimentar com a mente um grande número de coisas em um curto espaço de tempo, assemelhada à agilidade do corpo, de modo a ser capaz de redizer e improvisar é que compõe a *celeritas ingenii*, uma espécie de movimento rápido da inteligência que serve ao orador e ao poeta, apontada como virtude digna de louvor mais tarde nas *Discussões em Túsculo* (*Tusculanae disputationes*)¹⁸². Espera-se deles uma profusão de palavras própria de cada atividade: a do orador vem da técnica e do método, os seus guias, enquanto a do poeta, não dita, parece provir do próprio espírito ou, nos dizeres de Cícero na *Defesa*, das forças da mente (*mentis uiribus*)¹⁸³. A profusão com que Árquias improvisava os versos e, sobretudo, conservava sua beleza, posta no discurso como congênita não somente a ele como a outros poetas, vem da impressionante velocidade com que sua inteligência processa o grande número de informações e as transforma em versos. Esse movimento veloz da inteligência comove os admiradores a ponto de acharem que, de fato, se trata de algo divino.

Após essas considerações sobre o metafórico movimento da alma, Stok (1982) enfoca a metáfora ígnea ou pneumática. Os comentários ainda são pertinentes aos mesmos parágrafos 17 e 18 e enfocam os termos latinos *inflare* (soprar) e *spiritus* (sopro), utilizados por Cícero para tentar explicar o que ocorre ao poeta no momento de composição. O pesquisador italiano inicia seu estudo lembrando a passagem das *Cartas a Quinto Túlio Cícero* (*Epistulae ad Quinctum fratrem*) em que Cícero declina o pedido do irmão para que escrevesse versos porque lhe falta o *enthousiasmós*¹⁸⁴ conforme segue abaixo:

“[...] De uersibus, quos tibi a me scribi uis, deest mihi quidem opera, quae non modo tempus, sed etiam animum uacuum ab omni cura desiderato; sed abest etiam ἐνθουσιασμός”.

Sobre os versos que desejas que eu escreva para ti, em verdade, falta-me dedicação, que exige não apenas tempo e espírito livre de qualquer preocupação, mas também o *furor poético* (*Q. fr.*, 3, 4, 4).

181 “E mesmo se nós próprios não fôssemos capazes nem de os compreender, nem de degustá-los com a nossa sensibilidade, deveríamos, no entanto, admirá-los, mesmo vendo-os nos outros (*Quod si ipsi haec neque attingere neque sensu nostro gustare possemus, tamen ea mirari deberemus, etiam cum in aliis uideremus*) (*Arch.* 17).

182 “Portanto, a celeridade do corpo é chamada velocidade. A celeridade da inteligência também é digna de elogio em função do exame de muitas coisas num curto espaço de tempo” (*Velocitas autem corporis celeritas appellatur, quae eadem ingenii etiam laus habetur propter animi multarum rerum breui tempore percursionem*) (*Tusc.* 4, 8, 31).

183 “Pois mesmo se alguns, dotados de grande engenho, alcançaram a fecundidade do discurso mesmo sem um método racional, a arte, entretanto, é um guia mais seguro do que a natureza. Pois uma coisa é verter palavras, em profusão, ao modo dos poetas, outra é selecionar o que dizes por meio da razão e da arte” (*Quod etsi ingeniis magnis praediti quidam dicendi copiam sine ratione consequuntur, ars tamen est dux certior quam natura. Aliud est enim poëtarum more uerba fundere, aliud ea quae dicas ratione et arte distinguere*) (*Fin.* 4, 10; In: LIMA, 2009, p. 516. Trad.: Sidney Calheiros de Lima).

184 ἐνθουσιασμός. A Inspiration, enthusiasm, frenzy. In: LIDDELL, Henry George. SCOTT, Robert. *A Greek-English Lexicon*. Oxford. Clarendon Press. 1940. A Inspiração, entusiasmo, frenesi.

Essa passagem é relacionada ao *furor*, registrado em *Diu.* 1, 79¹⁸⁵, à *inflammatio animi* e ao *adflatus furoris*, utilizados em *De orat.* 2, 194¹⁸⁶, sob a justificativa de que essas opções tradutórias visam dar conta do entusiasmo musaico (*enthousiasmós*) de que fala Sócrates em *Ion*, 542a–542b. Em *Arch.* 18, o arpinate atribui a Ênio, antigo poeta romano, a classificação dos seus companheiros de ofício, digamos, como sagrados. Em *Diu.* 1, 79 e *De orat.* 2, 194, há a citação nominal de Platão relacionando-o à tese do entusiasmo musaico, que é referido como *furor*. A diferença entre Platão e Cícero presente nos textos do arpinate parece estar na modalização. É perceptível que Cícero sempre se refere à tese atribuindo-a a outrem. Logo mais, no parágrafo vinte, o orador afirma que não há quem seja tão avesso às Musas que não queira ter cantados seus feitos¹⁸⁷. Mas note-se a metonímia. A figura aqui cria uma espécie de recurso à tradição, isto é, fala-se a partir de certo lugar-comum que relaciona o poeta às Musas, mas que não necessariamente corresponde à visão do autor ou à visão ponderada sobre algo. Encaminhando-se ao epílogo do discurso, ele adverte que, numa cidade em que até mesmo os generais respeitavam o culto às Musas e aos poetas, não poderiam os juízes furtarem-se ao mesmo respeito¹⁸⁸. Já no penúltimo parágrafo do texto, ele mesmo ressalta por duas vezes a relação entre o poeta e essas divindades, mas nunca assumindo ele próprio tal posicionamento¹⁸⁹.

Tendo isso em vista, percebe-se a associação da copiosidade poética (*copia uerborum*) à agitação da alma provocada por um sopro violento (*furor*), algo que ventila como que dentro do indivíduo e o inspira a criar versos. É como se, nessa metáfora, o fogo, que corresponderia à alma do indivíduo, fosse alimentado, incitado, por um sopro violento, capaz de tirá-lo de si e lhe causar um êxtase poético difícil de ser compreendido. Mas não se pode ignorar a afirmação de que o poeta prescinde de instrução, preceitos e técnica (*et doctrina et praeceptis et arte*) e em favor da atuação de sua natureza (*poetam natura ipsa ualere, et mentis uiribus excitari, et quasi diuino quodam spiritu inflari*), da agitação das forças da mente e da inspiração de uma espécie de sopro divino. Dada a falta de uma explicação mais clara ou adequada à raridade do fenômeno, usa-se a metáfora do sopro divino, mas o que parece ser o sentido da passagem, em comparação ao que foi dito, é que o poeta recorre à sua própria natureza (*natura*) e às forças do seu próprio pensamento, isto é, do seu talento, da sua inteligência, de si mesmo e não de outrem:

Sit igitur, iudices, sanctum apud uos, humanissimos homines, hoc poetae nomen, quod nulla unquam barbaria uiolauit. Saxa et solitudines uoci respondent, bestiae saepe immanes cantu flectuntur atque consistunt: nos, instituti rebus optimis, non poetarum uoce moueamur? [...] Nos hunc uiuum, qui et uoluntate et legibus noster est, repudiabimus? Praesertim cum omne olim studium atque omne ingenium contulerit archias ad populi Romani gloriam laudemque celebrandam? [...] Itaque ille Marius item eximie L. Plotium dilexit, cuius ingenio putabat ea, quae gesserat, posse celebrari. [...] Quae quorum ingeniis efferuntur, ab eis populi Romani fama celebratur (Arch. 19-21).

185 Vide nota 176.

186 Vide nota 57.

187 “Pois não há ninguém tão avesso às Musas a ponto de não permitir de bom grado que seja confiada aos versos a proclamação imortal das suas obras” (*Neque enim quisquam est tam auersus a Musis, qui non mandari uersibus aeternum suorum laborum facile praeconium patiatur*) (*Arch.* 20).

188 Vide nota 168

189 “Sendo assim, juízes, se alguma recomendação não só humana, mas ainda divina, deve existir nesses grandiosos gênios, eu vos peço que este homem, que (...) pertence ao número dos que sempre, entre todos os povos, são tidos e lembrados como sagrados, vós o aceiteis sob vossa proteção” (*Quae cum ita sint, petimus a uobis, iudices, si qua non modo humana, uerum etiam diuina in tantis ingeniis commendatio debet esse, ut eum qui [...] semper apud omnes sancti sunt habitus itaque dicti, sic in uestram accipiatis fidem*) (*Arch.* 31).

Seja, pois, sagrado perante vós, ó juízes, **homens de cultura**, este nome de poeta, jamais profanado por barbárie alguma. Os rochedos e os ermos respondem à voz, as feras cruéis não raro se enternecem com o canto e param: nós, educados nas melhores artes, não nos comoveremos com a voz dos poetas? (...) Repudiaremos nós a este, vivo, que é nosso, por vontade própria e pelas leis, sobretudo quando Árquias aplicou, de longa data, **todo o seu interesse e talento** na celebração da glória e do louvor do povo romano? (...) Também por isso o famoso Mário estimou particularmente Lúcio Plócio, por cujo talento pensava que se poderiam divulgar os feitos que realizara. (...) E graças àqueles cujos **talentos** divulgam tais feitos, a glória do povo romano é celebrizada.

Não querendo correr o risco de excluir pessoas da audiência, Cícero não o cita nominalmente, contudo, segundo Steel (2006, p. 93), só existe um poeta capaz de afetar a natureza através do seu canto, Orfeu. Árquias é comparado ao arquétipo de poeta inspirado e irresistível, numa passagem a ser lida como descrição hiperbólica do poder da poesia e talvez do próprio *ingenium* do réu. No entanto, afirma Steel (*op. cit.*, p. 94), existe um problema na descrição feita por Cícero do mito órfico que, certamente, seria apontado por alguém que conhecesse o mito: uma das partes fixas do mito é que Orfeu foi violentamente assassinado por mãos humanas. Essa parte, diz o estudioso, é omitida de propósito. O defensor, ao omitir, ressalta: Árquias é, como Orfeu, um poeta em perigo, e o júri não se comportará como as trácias, ou seja, não permitirá que o poeta sofra em suas mãos (*ibid.*, p. 94).

Outro aspecto a ser apontado é a relação do *ingenium* com a glória dos heróis romanos. Cícero fala de poetas que cantavam vitórias romanas, que, na verdade, são também a própria história romana de alguma maneira. Ele aparenta atribuir à poesia um forte papel moralizante de educar a juventude através da apresentação de modelos de virtude, imputando-lhe, portanto, uma certa necessidade de sabedoria e moralidade. Além disso, parece haver uma certa ligação do caráter de Árquias a esse gênero, como se houvesse a necessidade de o poeta ser digno dos caracteres e batalhas que canta.

Essa questão é mais bem desenvolvida no recente estudo publicado por Vasconcellos (2016). O estudioso afirma, com base em algumas passagens da obra de Cícero, que o orador de Arpino comentava a produção poética dos autores de poesia amorosa sem fazer distinção alguma entre autor histórico e persona poética (VASCONCELLOS, 2016, p. 156). Vasconcellos aponta que, ao mencionar Alceu, Cícero não somente toma o que o *eu poético* canta por uma revelação autobiográfica como também aponta a suposta incongruência de um homem reconhecido pela bravura escrevendo coisas indecorosas em seus poemas¹⁹⁰. O autor acrescenta uma passagem em que Cícero comenta o caso de poetas que revelaram sobre si mesmos coisas indignas e dos dramaturgos que representavam personagens expressando-se de maneira indecorosa (*ibid.*, p. 157)¹⁹¹. Talvez, por esse motivo, ele seja contrário aos poetas novos (*poetae noui*), que tinham uma vocação, por assim dizer, mais lírica. Com tais exemplos, ilustra-se a *perturbatio animi* que constitui a paixão amorosa: os escritos dos poetas revelam a perturbação da alma dos seus autores (*ibid.*, p. 158), contrária à *constantia*, firmeza e invariabilidade do caráter, valor básico para a moral romana (*ibid.*, p. 156-7).

190 “O que, em suma, os homens mais doutos e os maiores poetas revelam a respeito de si próprios em versos e cantos? Reconhecido como um homem de bravura em seu país, que coisas escreve Alceu sobre o amor dos jovens!” (*Quid denique homines doctissimi et summi poetae de se ipsis et carminibus edunt et cantibus? Fortis uir in sua re publica cognitus quae de iuuenum amore scribit Alcaeus!*) (*Tusc.* 4, 33, 71; In: VASCONCELLOS, 2016, p. 156. Trad.: Paulo Sérgio de Vasconcellos).

191 “Mas deixemos entregues a tais jogos os poetas, em cujas peças vemos até mesmo Júpiter recair em tal desonra” (*Sed poetas ludere sinamus, quorum fabulis in hoc flagitio uersari ipsum uidemus Iouem*) (*Tusc.* 4, 33, 70).

A crítica, na visão de Vasconcellos (*ibid.*, p. 161), parece ter raízes platônicas e aristotélicas. Platônicas porque Cícero se mostra favorável à decisão de Sócrates de expulsar os poetas da cidade idealizada no livro décimo da *República* (595a - 608c), alegando que seus versos estimulavam as paixões dos ouvintes¹⁹². Aristotélicas porque também ecoam as palavras do mestre estagirita quando diz que a poesia tomou diferentes formas segundo a diversa índole particular, ou seja, os de índole superior imitam as ações e personagens nobres e os de mais baixas inclinações voltam-se para as ações e personagens reprováveis¹⁹³. Quintiliano segue esse caminho ao elogiar Germânico Augusto, fazendo uma associação entre a capacidade de cantar guerras de forma elevada e a biografia do autor histórico: quem cantaria guerras mais adequadamente do que quem as travou da melhor maneira como ele (*Quis enim caneret bella melius quam qui sic gerit*)¹⁹⁴? Portanto, tendo em vista o forte interesse de Cícero por questões morais e a declamação pública praticada em sua época, não poderíamos esperar outra postura que não fosse valorizar a ligação de Árquias com a poesia épica. Nesse momento, falamos não tanto do *ingenium*, de onde parecem brotar os versos do poeta, mas da sua *natura*, isto é, do seu caráter, pois Árquias não é um poeta que canta atos libidinosos:

Quare conseruate, iudices, hominem pudore eo, quem amicorum uidetis comprobari cum dignitate tum etiam uetustate, ingenio autem tanto, quantum id conuenit existimari quod summorum hominum ingeniis expetitur esse uideatis [...]. Quae cum ita sint, petimus a uobis, iudices, si qua non modo humana, uerum etiam diuina in tantis ingeniis commendatio debet esse, [...] isque est ex eo numero qui semper apud omnes sancti sunt habiti itaque dicti, sic in uestram accipiatis fidem [...]. [...] Quae fere a mea iudicialique consuetudine et de hominis ingenio et communiter de ipsius studio locutus sum, ea, iudices, a uobis spero esse in bonam partem accepta, ab eo qui iudicium exercet certo scio (Arch. 31-2).

Conservai, juízes, um homem dessa integridade, a qual vedes ser confirmada não apenas pelo mérito das suas amizades, mas também pela antiguidade; e de um talento tão grande quanto convém supor, pelo fato de ter sido procurado, como vedes, pelas inteligências dos homens mais notáveis (...). Sendo assim, juízes, se alguma recomendação não só humana, mas ainda divina, deve existir nesses grandiosos gênios, eu vos peço que este homem, que sempre glorificou a vós e pertence ao número dos que sempre, entre todos os povos, são tidos e lembrados como sagrados, vós o aceiteis sob vossa proteção (...). (...) O que proferi quase em oposição ao meu costume e ao dos tribunais, não só quanto ao talento deste homem, como também genericamente, sobre os seus estudos, espero que tenha sido por vós acolhido de modo favorável; sei que o foi por quem preside o tribunal com toda a certeza.

192 “Mas vêz que mal os poetas provocam? Representam os mais bravos homens lamentando-se, amolecem nosso ânimo e são, além disso, a tal ponto agradáveis que não apenas são lidos, mas aprendidos de cor. Assim, quando a uma disciplina doméstica defeituosa e a uma vida na sombra e delicada vêm-se juntar os poetas, esgarçam todos os nervos da virtude. Corretamente, pois, são expulsos por Platão da cidade que ele imaginou, buscando os melhores costumes e a melhor condição para a República. Mas nós, ensinados pela Grécia, lemos e decoramos esse tipo de coisa desde a infância, é isso que consideramos educação liberal e cultura” (*Sed uidesne, poetae quid mali adferant? Lamentantes inducunt fortissimos uiros, molliunt animos nostros, ita sunt deinde dulces, ut non legantur modo, sed etiam ediscantur. Sic ad malam domesticam disciplinam uitamque umbratilem et delicatam cum accesserunt etiam poetae, nervos omnes uirtutis elidunt. Recte igitur a Platone eiiciuntur ex ea civitate quam finxit ille, cum optimos mores et optimum rei publicae statum exquireret. At uero nos, docti scilicet a Graecia, haec a pueritia et legimus et ediscimus, hanc eruditionem liberalem et doctrinam putamus*) (*Tusc.* 2, 11, 27; In: VASCONCELLOS, 2016, p. 159-160. Trad.: Paulo Sérgio de Vasconcellos).

193 “A poesia dividiu-se de acordo com o caráter de um: os mais nobres imitaram ações belas de homens bons e os autores mais vulgares imitaram ações de homens vis, compondo primeiramente sátiras, enquanto os outros compunham hinos e encômios” (*Poet.* 1148b, 25; In: ARISTÓTELES, 2008, p. 43).

194 (*Inst.* X, i, 91).

Na peroração do discurso, que visa recapitular ideias e suscitar emoções, sobremaneira, Cícero solicita – também não seria injusto dizer que suplica – a atenção dos juízes ao *ingenium* de Árquias e ao suposto erro que seria recusar-lhe a cidadania romana, em face dos referidos trabalhos prestados em favor dos generais romanos. Realmente, ao fim e ao cabo de tudo, percebe-se que boa parte dos argumentos de Cícero concentra-se na *natura* enquanto conjunto de traços da personalidade do poeta grego. Mas, se olharmos mais de perto nesse âmbito, veremos que foram privilegiadas a raridade e a excepcionalidade da sua inteligência, do seu talento, que lhe permitem criar, recriar e improvisar como nenhum outro indivíduo versos de beleza extraordinária.

Se pensarmos na figura de Árquias no discurso como a própria idealização de poeta, seria impossível ao menos não citar o *ingenium* como elemento de construção da imagem. De fato, na *Defesa*, temos uma recorrência e associação significativa e sintomática do termo ao poeta, de modo a sustentar essa hipótese. E uma vez que chegamos, de alguma forma, ao desfecho da defesa de Árquias, podemos passar para o próximo item da caracterização do poeta ideal, que será materializado pela *doctrina*.

O elemento complementar da representação do poeta ideal na *Defesa* constitui um desafio. A dificuldade de enxergar o caráter técnico da poesia nesse texto se justifica pelas escolhas de Cícero para designar a poesia e seus leitores, bem como pela sua estratégia de divinizar o poeta. Em geral, as opções para designar a poesia giram em torno de três palavras, em ordem de frequência no texto: *studium* (vinte e uma vezes), *doctrina* e *humanitas* (oito vezes). Os dois primeiros, de acepção próxima e partícipe do vocabulário técnico de que nos fala Lausberg (1966, p. 59), e *humanitas* representando um certo esgarçamento dessa *ars* implícita. Desses, não definimos apenas *studium* no contexto das artes. Por *studium*, entende-se aplicação assídua e veemente de um indivíduo a uma questão de relevância, porém, na maior parte das suas ocorrências na *Defesa*, quer dizer a própria matéria à qual este indivíduo dedica sua aplicação.

No entanto, pode-se dizer que Cícero entende a poesia como algo dentro do universo da *ars*, dado o uso de vocabulário bastante específico desta, composto por palavras como *regulae*, *doctrina*, *scientia*, *studium*, embora, na *Defesa*, esse vocabulário pouco se mostre na superfície textual. Não se vê aí, por exemplo, uso de *ars* para designar a poesia, tampouco de *artifex* para designar o poeta, o que nos parece razoável, se não perdermos de vista o gênero jurídico do discurso, isto é, sem qualquer pretensão filosófica ou pedagógica sobre a questão poética. O primeiro indício de que o autor enxerga certo caráter técnico na poesia é a afirmação de que todas as artes pertinentes à humanidade possuem um vínculo comum:

Etenim omnes artes, quae ad humanitatem pertinent, habent quoddam commune uinclum et quasi cognatione quadam inter se continentur. [...] Quaeso a uobis, ut in hac causa mihi detis hanc ueniam, accommodatam huic reo, uobis, quemadmodum spero, non molestam, ut me pro summo poeta atque eruditissimo homine dicentem, hoc concursu hominum litteratissimorum, hac uestra humanitate, hoc denique praetore exercente iudicium, patiamini de studiis humanitatis ac litterarum paulo loqui liberius et in eius modi persona, quae propter otium ac studium minime in iudiciis periculisque tractata est, uti prope nouo quodam et inusitato genere dicendi (Arch. 2-3).

Na verdade, todas as artes que dizem respeito à formação humana têm uma espécie de vínculo comum e estão, por assim dizer, unidas entre si por um certo parentesco. (...) Peço-vos que nesta causa me concedais esta licença, apropriada ao presente réu e, conforme espero, não desagradável para vós: que me seja permitido, neste momento em que defendo um excelso poeta e

eruditíssimo homem, nesta reunião de pessoas tão instruídas, diante de vossa cultura e, enfim, com tal pretor presidindo ao julgamento, que eu discorra um pouco mais livremente sobre os estudos educativos e literários e, tratando-se de um personagem que, por seu recolhimento e estudo, nunca foi maltratado em arriscados processos, que eu possa utilizar um gênero de eloquência quase novo ou sem precedente.

Em comentário à primeira parte da passagem, é quase instantânea a relação que estabelecemos com as sete artes liberais. São elas gramática, retórica, dialética, aritmética, música, geometria e astronomia¹⁹⁵. Essas artes destacavam-se por serem intransitivas, ou seja, sua ação começa e termina no agente, que é aperfeiçoado pela ação (JOSEPH, 2008, p. 22-23). A exemplo de uma flor que floresce e encontra a sua perfeição ao final desse processo, o poeta torna-se ainda mais perito em sua prática à medida que a pratica. Neste sentido, cria-se a ideia de que são dignas de homens livres por objetivarem o conhecimento e o bem comum. As artes liberais, pois, ensinam como viver, treinam as faculdades e as aperfeiçoam, permitem a uma pessoa elevar-se acima de seu ambiente material para viver uma vida intelectual, uma vida racional e, portanto, uma vida livre (JOSEPH, 2008, p. 23). Por esse motivo, diz-se que essas artes são humanizadoras, ou mesmo humanidades, como se vê no terceiro parágrafo, em que o orador se refere à poesia, ao *studium humanitatis ac litterarum*, em tradução literal, “estudo da humanidade e das letras”, e aos homens que a elas se dedicam como *eruditissimi e litteratissimi*, homens superlativamente cultivados e afeitos a esses estudos que alimentam sua humanidade.

Um aspecto interessante a ser explorado também seria a caracterização do poeta, que é descrito como *summus atque eruditissimus*. Se começarmos pelo *eruditus*, de acordo com o *OLD*, veremos que se trata do particípio do verbo *erudio*, que, por sua vez, é composto de *ex, rudis*. Portanto, temos, primitivamente, o ato de extrair do estado primitivo, inalterado e desumano, para levar ao aperfeiçoamento, ao desenvolvimento e ao humano. Naturalmente, cria-se a ideia de instrução e educação pela observação de que o avanço do indivíduo à humanidade é garantido através da leitura dos poetas e prosadores da cultura greco-romana. Árquias, com efeito, representa um indivíduo cultivado e versado nessa literatura. Se nos voltarmos ao *summus*, também veremos que se trata de um adjetivo adequado ao melhor ou mais destacado em alguma atividade. Daí segue que o *summus poeta* também é um homem da mais alta erudição.

Nam, ut primum ex pueris excessit archias atque ab iis artibus, quibus aetas puerilis ad humanitatem informari solet, se ad scribendi studium contulit, primum Antiochiae – nam ibi natus est loco nobili –, celebri quondam urbe et copiosa atque eruditissimis hominibus liberalissimisque studiis adfluenti, celeriter antecellere omnibus ingenii gloria contigit (Arch. 4).

De fato, logo que Árquias deixou a infância e, das disciplinas com que habitualmente se educa a criança para a cultura geral, passou à atividade literária,

195 “São sete as disciplinas chamadas artes liberais. A primeira é a gramática, ou seja, a excelência no falar. A segunda é a retórica, que, por conta da elegância e a profusão da eloquência, é considerada de suma importância às questões civis. A terceira é a dialética, também conhecida por lógica, a qual separa as coisas verdadeiras das falsas nas discussões precisas. A quarta é a aritmética, que contém as causas e divisões dos números. A quinta, que é a música, consiste nos cantos e poemas. A sexta é a geometria, que cuida das medidas e dimensões da terra. A sétima é a astronomia, que diz da lei dos astros” (*Disciplinae liberalium artium septem sunt. Prima grammatica, id est loquendi peritia. Secunda rhetorica, quae propter nitorem et copiam eloquentiae suae maxime in ciuilibus quaestionibus necessaria existimatur. Tertia dialectica cognomento logica, quae disputationibus subtilissimis uera secernit a falsis. Quarta arithmetica, quae continet numerorum causas et diuisiones. Quinta musica, quae in carminibus cantibusque consistit. Sexta geometrica, quae mensuras terrae dimensionesque complectitur. Septima astronomia, quae continet legem astrorum*) (*Etym.* 1, 2, 1-3; In: PINTO, 2008, p. 231-33. Trad.: Luciano César Garcia Pinto).

rapidamente conseguiu exceder a todos pelo brilho de seu talento, primeiro em Antioquia – pois aí nascera de uma família distinta – cidade outrora rica e populosa, repleta de homens eruditíssimos e dos mais dignos estudos.

Além da já comentada ideia de que a infância é uma pedra bruta sobre a qual pesa o talhar das *artes*, responsáveis por formar indivíduos *eruditissimi* e *liberalissimi*, não seria descabido, talvez, dizer que as artes são responsáveis pela libertação da ignorância e pelo suposto ingresso no caminho da cultura. Cícero reforça a ideia da erudição (*eruditio*) e da nobreza (*liberalitas*) de Árquias, mais uma vez, através da referência à sua cidade natal. Desse modo, o defensor afirma duplamente que Árquias é erudito, por ser natural de um lugar conhecido como reduto dos mais dignos varões e estudos e por ter se destacado nesses estudos.

Em tal momento, interessa, desde o princípio, a Cícero criar uma espécie de vínculo entre Árquias e os juízes, homens afeitos ao estudo das humanidades. Tudo isso faz parte de uma certa conquista da boa vontade (*captatio benevolentiae*). A despeito da diferença de nacionalidade e da pouca fama do acusado, Cícero tenta mostrar que não está em situação costumeira e que ele e os juízes alimentam uma atividade em comum. À parte isso, também chama a atenção o termo utilizado pelo defensor para designar as disciplinas cultivadas por Árquias (*scribendi studium*) e pelos seus conterrâneos (*liberalissima studia*). Depreende-se que, de fato, *studium* pode ser entendido como o objeto do interesse de alguém, em especial se esse interesse for literário, o que coloca a poesia, atividade de Árquias, no rol dos campos de conhecimentos liberais, dignos de homens livres, e ainda no vocabulário e universo das artes¹⁹⁶.

Fazendo um razoável salto até o duodécimo parágrafo, poderemos perceber o duplo uso de *doctrina* associada aos verbos *excolo* e *relaxo*, como fonte de alívio e aprimoramento, retomando, por um lado, o seu viés formativo e, por outro, o seu viés, por assim dizer, terapêutico, além das referências à literatura como *studium* e *litterae*, donde se depreende que, de fato, o esforço e a chegada até a humanidade (*humanitas*) se dão através das letras.

*Quaere argumenta, si qua potes: numquam enim hic neque suo neque amicorum iudicio reuincetur. Quaeres a nobis, Gratti, cur tanto opere hoc homine delectemur; quia suppeditat nobis, ubi et animus ex hoc forensi strepitu reficiatur et aures conuicio defessae conquiescant. An tu existimas aut suppetere nobis posse, quod cotidie dicamus in tanta uarietate rerum, nisi animos nostros **doctrina** excolamus, aut ferre animos tantam posse contentionem, nisi eos **doctrina** eadem relaxemus? Ego uero fateor me his **studiis** esse deditum; ceteros pudeat, si qui se ita **litteris** abdiderunt ut nihil possint ex iis neque ad communem adferre fructum, neque in aspectum lucemque profere; me autem quid pudeat, qui tot annos ita uiuo, iudices, ut a nullius umquam me tempore aut commodo aut otium meum abstraxerit aut uoluptas auocarit aut denique somnus retardit? (Arch. 11-2).*

Perguntarás, Grácio, por que tanto nos encanta este homem; é porque nos provê para que o espírito se refaça deste rumorejar do fórum e que os ouvidos fatigados pelos gritos repousem. Porventura, pensas que nos poderia estar disponível a matéria para os discursos cotidianos em tamanha variedade de questões, sem que cultivássemos o espírito com os estudos, ou, ainda, que o espírito poderia suportar tamanha tensão sem que o aliviássemos com os mesmos estudos? Quanto a mim, confesso que a eles me consagrei. Que se envergonhem os outros, os que a tal ponto se enclausuram nos livros, que não

196 **Studium**, i 7. **a** Intellectual activity, esp. of a literary kind, or an instance of it, study. **b** (w. gen) the study (of a particular subject); *-ium habere*, to make a study (of). **c** *a ~iis*, a member of the imperial household acting as adviser on literary matters. In: *Oxford Latin Library*. Oxford: The Clarendon Press, 1968, p. 1830-1.

podem levar deles nenhum fruto à comunidade nem mostrar nada à vista e à luz. Mas, de que poderia envergonhar-me, eu, que há tantos anos, juízes, vivo de tal modo que, da situação perigosa ou do interesse de ninguém, jamais o ócio me desviou, ou o prazer me afastou ou o sono, enfim, me dissuadiu?

Nesse momento, diz Steel (2006, p. 88), Cícero está combinando dois diferentes usos de *doctrina*: um como fonte de material de pesquisa, que permite ao orador elaborar seus discursos, outro como meio de relaxamento, que prepara o orador para as batalhas jurídicas vindouras. A ideia aí é evidenciar o aspecto prático da poesia e distingui-la dos outros tipos de estudos, dado que um orador pode tirar proveito da sua leitura. A opção vocabular de Cícero para descrever o trabalho de Árquias, como *doctrina* e *studia*, tende a combinar sua poesia com o aprendizado mais geral, cujo valor para o orador seria muito menos discutível. Para Narducci, é certo que o impulso em direção a uma apreciação da poesia como refúgio à fadiga e ao embate da vida política e forense, defronte a um público provavelmente suspeito e cauteloso, não é apresentado pelo orador atento como recreação, como um passatempo desinteressado, mas como nutrição de uma eloquência que não faltou ao socorro dos amigos (CICERONE, 1992, p. 49-50). A *doctrina* é, a um só tempo, fonte da imensa variedade dos argumentos e fruto desta.

Ao poeta são imputadas duas tarefas, a saber: está expressa a de *delectare* os ânimos dos leitores, mas também, de modo implícito, o *prodesse*. O poeta fornece ao orador um alívio da vida jurídica e ainda um vasto cabedal de assuntos para serem aproveitados nas suas causas, o que justifica o uso da palavra *doctrina*. *Doctrina*, como vimos há pouco, amplia-se muito mais para uma formação teórica (em oposição à *natura* ou ao *usus*), de educação ou ainda de cultura¹⁹⁷. Conclui-se, com isso, que Árquias, no contexto apresentado como *summus poeta*, é um indivíduo *doctus*, isto é, tanto vem sendo preparado desde a infância na *doctrina* quanto é responsável por transmiti-la ou ensiná-la, ideia imposta já no parágrafo primeiro, no momento em que Cícero diz do suposto período em que fora discípulo do poeta e teve sua voz modelada pelos seus preceitos e exortações¹⁹⁸. Nessa parte, inclusive, está presente, mais uma vez, a metáfora da escultura. Cícero deve observar os preceitos e conselhos da *ars* para que, através deles, sua capacidade oratória seja desenvolvida. Donde se depreende também que o próprio poeta deve ter passado por esse processo de aprendizado, o que pode ser confirmado na comparação horaciana do poeta com o atleta que, para ser bem-sucedido, antes teve de transpirar, sofrer e abdicar do vinho e do prazer, e ao flautista que muito teve de aprender junto a um mestre até poder tocar nos Jogos Pítricos¹⁹⁹.

Cabe a nós mencionar a necessidade do autor de ressaltar que poderia encontrar resistência de parte do público por dedicar-se aos estudos literários, sinalizando para uma ala mais conservadora da sociedade, pouco receptiva aos costumes tidos como próprios dos gregos que ora se instaurava na Urbe, uma ala que reprova a prática como quem reprova uma certa indolência ou uma vida de *otium luxuriosum*²⁰⁰ (ANDRÉ,

197 *Doctrina*, ~ae. In: GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette Education, 2016, p. 507.

198 “Mas se esta voz, modelada pelas suas lições e encorajamentos, serviu às vezes para salvar alguns, é sem dúvida a ele mesmo, de quem recebemos os recursos com que pudéssemos socorrer a todos e pôr a salvo alguns, que devemos, à medida de nossas forças, levar socorro e salvação” (*Quod si haec uox huius hortatu praeceptisque conformata non nullis aliquando saluti fuit, a quo id accepimus, quo ceteris opitulari et alios seruare possumus, huic profecto ipsi, quantum est situm in nobis, et opem et salutem ferre debemus*) (Arch. 1).

199 “O atleta que forceja por atingir na corrida a meta desejada, muito fez e suportou desde menino, suou, sofreu e absteve-se do vinho e de Vênus; o flautista, que entoa carmes nos Jogos Pítricos, teve de aprender primeiro e de obedecer a um mestre” (*Qui studet optatam cursu contingere metam, multa tulit fecitque puer, sudauit et alsit, abstinuit uenere et uino; qui Pythia cantat tibicen, didicit prius extimuitque magistrum*) (Ars P. 411-415; In: HORÁCIO, 1992, p. 117. Trad.: R. M. Rosado Fernandes).

200 Neste sentido, segundo Panoussi (2009, p. 518), haverá certa tensão entre *otium* e *negotium* sobretudo nos escritos

1999, p. 37). Para essa gente, o helenismo soava como individualismo desenfreado, abandono da antiga *fides*, da *pietas*, da *uerecundia*, e de tantas outras virtudes nacionais; significava conforto material, luxo e voluptuosidade (VAN DEN BESSELER, 1965, p. 281). Na visão dos conservadores, a dedicação demasiada às letras poderia parecer um tanto individualista e prejudicial àquilo que, de fato, era importante: a vida política. Esse conservadorismo é personificado amiúde na figura de Catão, o Censor, ícone da resistência romana contra a adesão aos valores da Hélade (GODOY, 2004, p. 84-5). Outro indício da repulsa de determinado setor da sociedade romana ao *otium* está nos versos finais do poema 51 de Catulo²⁰¹, segundo o qual o ócio é visto como causa de moléstias, do relaxamento dos costumes, da perda da energia, talvez aqui entendida como um suposto desinteresse pela vida pública, e responsável pela queda de reis e cidades prósperas. No entanto, Cícero professava justamente o contrário dessa tradição de pensamento: o escopo que norteia suas obras filosóficas e, em boa medida, seus discursos mais relevantes, segundo Conte (1999, p. 177-8), é:

Promover uma base intelectual, ética e politicamente sólida para a classe dominante, cuja necessidade de ordem não seria traduzida num isolamento obtuso e cujo respeito pelo *mos maiorum* não iria refrear a absorção da cultura grega. Promover uma base para uma classe dominante que, embora tivesse responsabilidades para com o estado, não se negaria, insensível, ao prazer do *otium* preenchido com arte e literatura ou ao prazer do zelosamente refinado estilo de vida professado no termo *humanitas*: a consciência da cultura é fruto da civilização, a capacidade de distinguir e de apreciar o que é belo e adequado.

O autor defendia a ideia de que a cultura, sobretudo aquela oriunda da educação helenística²⁰², não deveria alhear-se da política (TRENK, 1997, p. 61). E num contexto de uma crescente assimilação dos valores gregos, o *otium*, garantido aos senhores que poderiam ostentar escravos, foi, diríamos, um importante avanço do período em que viveu nosso autor, pois propiciou não só a valorização de um acervo variado e valioso de documentos históricos e literários gregos como também a própria continuação e releitura do seu pensamento por parte de poetas e prosadores romanos. A classe dominante romana, nesse momento, começa a entender a ociosidade como uma condição prévia para a liberdade do espírito por meio da leitura da filosofia e da literatura, de modo que a *doctrina* resultante desse processo torna-se distintiva dessa classe. No entanto, é preciso medida nos estudos, para que não negligenciemos os negócios privados e públicos, pois o valor da virtude está na ação (CHAUÍ, 2010, p. 237). Em vista disso, podemos afirmar que o elogio ciceroniano às letras poéticas, ou à cultura delas advinda mostra-se uma espécie de ferramenta de divulgação e defesa da adesão da cultura helenística em Roma.

Com essa discussão, não seria descabido, supomos, pensar que Cícero imputasse também ao poeta a obrigação de produzir obras segundo a tradição helenística, qual seja, com objetivo de contribuir com a formação superior do espírito, tendo em vista que, a par da fruição estética, seria dada ao homem certa intuição da verdade, da beleza

da República e do início do Império, que marcará uma visão do *otium* como algo próprio menos dos romanos que dos gregos. Para a classe dominante grega e seus filósofos, a ociosidade total é a condição prévia de tudo o que é bom e belo – é o inestimável bem que, só por si, torna a vida digna de ser vivida. Somente aquele que dispõe de ócio pode alcançar sabedoria e liberdade de espírito, pode ser senhor da vida e gozá-la plenamente (GODOY, 2004, p. 87).

201 “O ócio, Catulo, te é molesto. Com ele, muito te exultas e te exaltas. O ócio outrora reis arruinou e prósperas cidades” (*Otium, Catulle, tibi molestum est; Otio exultas nimiumque gestis. Otium et reges prius et beatas perdidit urbes*) (Catul. 51).

202 No processo de transformação da concepção antropológica e pedagógica grega (acrescentaríamos “de corte helenístico”), sobressaíram-se determinadas características, como: antropocentrismo, gosto pelo intelectualismo, apreço e cultivo do ócio nobre, amor à política, personalismo (que incluía a valorização da pessoa e da liberdade), culto e cultivo da beleza física e moral e grande valorização da formação liberal (PEREIRA MELO, 2006, p. 2).

e do bem (MARROU, 1990, p. 350). Nas bases dessa tradição helenística, encontra-se a noção de *paideia* como um processo de desenvolvimento individual, cultura do homem desenvolvido em todas as suas potencialidades, portanto, uma cultura no sentido perfectivo, acabado, uma disciplina mesma dos próprios instintos e fortalecimento do hábito da virtude (TRENK, 1997, p. 37). Neste sentido, o orador imputa ao poeta grego Árquias a tarefa de cultivar o fértil espírito, embora ainda agreste, dos romanos com as suas epopeias, de modo que estes pudessem emular seus ancestrais tanto nas ações quanto no pensamento. Por conseguinte, postulamos que a relação que subjaz a essa argumentação de Cícero dá à Grécia os caracteres da *doctrina* e da *cultura*, enquanto caminhos pelos quais os romanos chegariam à virtude, e a Roma, os do *ingenium* e da *natura*, enquanto disposições naturais favoráveis.

A passagem pode lembrar os versos de Horácio: os poetas ou querem ser úteis ou dar prazer ou, ao mesmo tempo, tratar de assunto belo e adaptado à vida²⁰³. Porque realmente essa *doctrina* ou *studium* não se deve isolar na própria graciosidade (*iucunda*) ou atividade, deve render frutos à vida prática justa (*idonea*).

Quare quis tandem me reprehendat aut quis mihi iure suscenseat, si, quantum ceteris ad suas res obeundas, quantum ad festos dies ludorum celebrandos, quantum ad alias uoluptates et ad ipsam requiem animi et corporis conceditur temporum, quantum alii tribuunt tempestiuus conuiuuiis, quantum denique alueolo, quantum pilae, tantum mihi egomet ad haec studia recolenda sumpsero? Atque hoc ideo mihi concedendum est magis, quod ex his studiis haec quoque crescit oratio et facultas, quae, quantacumque in me est, numquam amicorum periculis defuit. Quae si cui leuior uidetur, illa quidem certe, quae summa sunt, ex quo fonte hauriam sentio (Arch. 13).

Por isso, quem irá, afinal, repreender-me ou quem com razão se indignará comigo, se o mesmo tempo que é permitido aos outros para empreender seus negócios, para celebrar os dias festivos dos espetáculos, para outros prazeres e para o próprio descanso do espírito e do corpo; se o mesmo tempo que outros dedicam a demorados banquetes, em suma, ao tabuleiro de dados, à bola, eu, de minha parte, o reservo para retomar estes estudos? E com razão isso deve ser-me permitido, porque é por efeito destes estudos que se desenvolve também minha capacidade oratória, a qual, pelo tanto que está em mim, jamais faltou nas dificuldades dos amigos. Se ela parecer pouco importante a alguém, por certo não desconheço de que fonte irei beber daquilo que, de fato, é mais valioso.

O primeiro aspecto que podemos citar é que Cícero valoriza a dedicação aos estudos literários, apontando que, com eles, conseguira desenvolver seu exíguo engenho, o qual nunca faltara aos amigos e à República. O segundo, e mais importante, é que esse não uso de *ars* e as tarefas imputadas até aqui à poesia ocultam um sentido um pouco mais amplo do que citamos, um sentido de aperfeiçoamento interior e formação humana auxiliar ao seu artífice e ao seu leitor, que extrapola os limites da técnica. A poesia, junto de outras disciplinas que versam sobre a experiência humana, serve de fonte para esse crescimento intelectual e moral de que Cícero fala e que, no parágrafo seguinte, detalha.

Nam nisi multorum praeceptis multisque litteris mihi ab adolescentia suasisset nihil esse in uita magno opere expetendum nisi laudem atque honestatem, in ea autem persequenda omnes cruciatus corporis, omnia pericula mortis atque exsilia

203 “Os poetas ou querem ser úteis ou dar prazer ou, ao mesmo tempo, tratar de assunto belo e adaptado à vida” (*Aut prodesset uolunt aut delectare poetae aut simul et iucunda et idonea dicere uitae*) (Ars P. 333-5; In: HORÁCIO, 1992, p. 105. Trad.: R. M. Rosado Fernandes).

parui esse ducenda, numquam me pro salute uestra in tot ac tantas dimicationes atque in hos profligatorum hominum cotidianos impetus obiecissem. Sed pleni omnes sunt libri, plenae sapientium uoces, plena exemplorum uetustas: quae iacerent in tenebris omnia, nisi litterarum lumen accederet. Quam multas nobis imagines non solum ad intuendum, uerum etiam ad imitandum fortissimorum uirorum expressas scriptores et Graeci et Latini reliquerunt! Quas ego mihi semper in administranda republica proponens animum et mentem meam ipsa cogitatione hominum excellentium conformabam (Arch. 14).

Pois, se eu não me tivesse persuadido desde a adolescência, com as lições de muitos e com tantos escritos, de que nada se deve desejar apaixonadamente na vida, a não ser a glória e a reputação; de que, no entanto, para alcançá-las, devem-se menosprezar todos os sofrimentos do corpo, todos os riscos de morte ou exílio, jamais eu me teria exposto, pela vossa salvaguarda, a tantas e tão grandes lutas e a estes ataques cotidianos de homens infames. Mas plenos estão os livros, plenas as máximas dos sábios, plena a Antiguidade de fatos exemplares: os quais permaneceriam todos nas trevas se se lhes não acrescentasse a luz das letras. Quão numerosas imagens dos mais valentes cidadãos, não apenas para contemplarmos, mas para imitarmos, os escritores gregos e latinos nos deixaram gravadas! Tendo-as diante de mim ao governar a República, eu modelava meu coração e inteligência só de pensar nesses homens excelentes.

A poesia, junto da filosofia, da retórica, da história e do direito, disciplinas que versam sobre a vida e sobre a convivência humanas, desperta no homem aquilo que o distingue dos animais e o reafirma enquanto homem através de exemplos. Nesses textos, o indivíduo vislumbra um universo de personagens que despertam a sua virtude e sabedoria. A exemplo do discípulo da retórica que elege modelos que o inspirem a praticar a sua oratória, o indivíduo que lê os relatos épicos dos poetas se vê exortado a melhorar a sua própria conduta rumo à humanidade. Esses exemplos estão inclusos nas *litterae* do *litteratus* e na *doctrina* de um indivíduo *doctus*, *litteratus* ou mesmo na *humanitas* dos varões *humani*, epítetos de homens cultivadíssimos na virtude e na cultura letrada romanas. Aliás, essa última palavra, *humanitas*, de tão abrangente, guarda em si as demais. Segundo Trenk (1997, p. 74-5):

Humanitas é o atributo do homem, no que tange à sua condição e natureza; implica num sentimento de preocupação com o semelhante, identificado com a filantropia; corresponde a uma qualidade da nação e do indivíduo civilizados; diz respeito aos deveres humanos, que não se restringem à comunidade romana, mas também aos estrangeiros; constitui atitude de benevolência, compreensão e tolerância para com o próximo e esforço pelo bem de todos; revela senso de medida em comportamentos convenientes, desenvoltura no trato em sociedade; enfim, inclui a cultura intelectual do homem.

Da extensa definição de *humanitas*, gostaríamos de focalizar a parte pertinente à cultura intelectual e ao aperfeiçoamento dos dotes naturais, que, em nossa interpretação, estão mais próximas do que discutimos. De acordo com Marrou (1990, p. 447), a palavra *humanitas* com valor de cultura é um neologismo empregado pelo arpinate, designando aquilo que faz o homem mais profundamente humano. E no caminho para a própria humanidade, a literatura desempenha um grande papel. Segundo Arbea (2002, p. 400), as letras constituem um caminho muito apropriado ao homem que aspira à plenitude de sua humanidade, pois além de dar-nos descanso e recreação, ser fonte de formação técnica e compreensão do mundo, as letras também são, com seu inesgotável repertório de figuras e situações exemplares, um meio privilegiado de modelação ética.

A palavra *humanitas* e seu adjetivo *humanus* são utilizados, ao todo, oito vezes, o mesmo número de ocorrências de *doctrina*, sendo que, dos oitos registros desta última, cinco constam do parágrafo quinze, a ser comentado posteriormente. *Arch.* 14 diz muito sobre o que representa essa *doctrina* e como ela se relaciona à *humanitas*, quando Cícero deixa de lado o sentido inicial de *artes*, que se relaciona à profissão, à arte de ensinar, e que nos remete a termos como *ratio*, *ars*, *disciplina*, para acessar um saber mais elevado que o meramente técnico, que deverá ser utilizado a serviço de um propósito superior, que estará mais próximo da noção abrangente e formativa de *humanitas* (ORBAN, 1957, p. 181).

Portanto, essa instrução exerce um papel formador mesmo do caráter, ao modelar a *natura* do indivíduo tal qual o escultor talha no mármore bruto a sua imagem, metáfora, inclusive, utilizada em *Arch.* 14. Como aponta Panoussi (2009, p. 520), é especial a metáfora da escultura que sublinha a ideia de construção e de exercício andando lado a lado com o talento e as habilidades naturais e que encontra sua perfeita expressão na figura do próprio Cícero. Em algum sentido, o que se procura é retomar o sentido inicial de cultura, o de cultivo da terra, de modo que o espírito humano seja visto como terreno fértil que recebe os adubos e, com sua ajuda, vem a florescer e dar frutos. Nas *Discussões em Túsculo*²⁰⁴, veremos a filosofia como elemento potencializador dessa natureza, sem a qual, por mais fértil que fosse, jamais poderia vir a ser frutuoso; entretanto, na *Defesa*, a literatura é que será o elemento formador que levará o homem à virtude esperada, pois foi através dela que cultivaram a virtude os grandes nomes da República. Na verdade, além de encontrarmos as letras como elemento cultivador, também a encontramos como elemento a ser cultivado, fomentado pela sociedade, tanto é verdade que o orador lembra que outrora generais honraram os poetas e as musas, aqui funcionando como sinédoque para a poesia²⁰⁵.

Por esse motivo, Cícero, na *Defesa de Árquias*, busca enfatizar ao máximo sua própria instrução e humanidade, a dos juízes, a de suas testemunhas e a de Árquias, conquistada através da dedicação às letras gregas e romanas e modelação das suas respectivas naturezas²⁰⁶. Por esse motivo também, faz questão de expressar no texto sua busca pela erudição e pelo aprimoramento pessoal, que emerge da própria sensibilidade do homem austero e o inspira a conhecer e praticar a virtude. A esse indivíduo, as letras poéticas tornam-se um instrumento de modelação do espírito e de humanização, por mostrar os heróis romanos do passado. Entende-se daí que o poeta, enquanto compositor de modelos para a admiração alheia, também possui sabedoria e virtude excepcionais:

Ex hoc esse hunc numero, quem patres nostri uiderunt, diuinum hominem Africanum, ex hoc C. Laelium, L. Furium, moderatissimos homines et continentissimos, ex hoc fortissimum uirum et illis temporibus doctissimum, Catonem illum senem: qui profecto si nihil ad percipiendam colendamque uirtutem litteris adiuuarentur, numquam se ad earum studium contulissent. Quod si non hic tantus fructus ostenderetur et si ex his studiis delectatio sola peteretur, tamen, ut opinor, hanc animi aduersionem humanissimam ac liberalissimam iudicaretis. Nam ceterae neque temporum sunt neque aetatum omnium neque locorum; at haec

204 “Destarte, nem todos os espíritos lavrados trazem fruto. E, para que eu me concentre em semelhante ideia, assim como o campo, embora fértil, sem cultivo não gera frutos, desse mesmo modo ocorre ao espírito sem conhecimento. Pois, sendo assim, temos algo incompleto sem a outra parte. Com efeito, a agricultura do espírito é a filosofia, que extrai esses vícios desde as raízes e prepara os espíritos para receber as sementeiras, macera estas e, por assim dizer, as semeia, para que, em maduras, gerem os frutos mais férteis” (*Sic animi non omnes culti fructum ferunt. Atque, ut in eodem simili uerser, ut ager quamuis fertilis sine cultura fructuosus esse non potest, sic sine doctrina animus; ita est utraque res sine altera debilis. Cultura autem animi philosophia est; haec extrahit uitia radicibus et praeparat animos ad satus accipiendos eaque mandat is et, ut ita dicam, serit, quae adulta fructus uberrimos ferant*) (*Tusc.* 2, 13).

205 Vide nota 168.

206 A natureza como *dux* do comportamento humano está presente em “Que homens sigam o quanto puderem a natureza, a melhor guia do bem viver” (*Sequantur quantum homines possunt, naturam optimam bene uiuendi ducem*) (*Amic.* 19).

studia adolescentiam agunt, senectutem oblectant, secundas res ornant, adversis perfugium ac solacium praebent, delectant domi, non impediunt foris, pernoctant nobiscum, peregrinantur, rusticantur. Quod si ipsi haec neque attingere neque sensu nostro gustare possemus, tamen ea mirari deberemus, etiam cum in aliis uideremus (Arch. 16-7).

A este número pertence aquele homem divino que nossos pais conheceram, o Africano; deste número são Gaio Lélío, Lúcio Fúrio, cidadãos plenos de moderação e prudência; deste número ainda o varão de suma energia e, para aqueles tempos, o mais sábio, Catão, o ilustre velho: personagens que, se as letras em nada ajudassem para conhecer e praticar a virtude, sem dúvida nunca se teriam dedicado ao seu estudo. E mesmo se tão grande fruto não se evidenciasse e, de tais estudos, se procurasse apenas o prazer, ainda assim, a meu ver, julgaríeis essa ocupação de espírito como a mais digna do homem e a mais nobre. Pois as outras não são de todas as ocasiões, nem de todas as idades, nem de todos os lugares, mas esses estudos impulsionam a juventude, entretêm a velhice, adornam os acontecimentos felizes, oferecem refúgio e conforto na adversidade, deleitam-nos em casa, não nos atrapalham fora dela, conosco passam a noite, viajam, veraneiam no campo. E mesmo se nós mesmos não fôssemos capazes nem de os compreender, nem de degustá-los com a nossa sensibilidade, deveríamos, no entanto, admirá-los, mesmo vendo-os em outros.

Na passagem, Cícero cita nominalmente figuras de relevo na história romana²⁰⁷, tentando relacioná-las aos *studia*, palavra utilizada três vezes. Sua estratégia, por um lado, reside na ideia de que esses indivíduos, conhecidos pela moderação e pela prudência, primeiramente abandonaram a costumeira posição refratária ao ócio literário, que tanto caracterizou a aristocracia, e passaram a cultivar seus espíritos com esses estudos. Somadas a isso, ainda são citadas aplicações lúdicas da poesia, as quais também são pintadas como as mais nobres e dignas possíveis (*aduersio humanissima ac liberalissima*). Por outro lado, continua a tentativa de associar Árquias às figuras de autoridade da sociedade romana, desta vez, figuras do passado. Através de uma espécie de metonímia, Cícero toma o artista por sua arte para criar a ideia de que o acusado é tão virtuoso e erudito quanto Cipião Africano Menor, Gaio Lélío e Lúcio Fúrio. Ele também alega que a poesia, obra do poeta, acompanha o homem em diversos contextos e serve de utilidade e agrado (*prodesse ac delectare*) para todas as idades, fato talvez não verificado, na visão do arpinate, nos demais estudos liberais como a geometria, a astronomia ou mesmo a música. Por fim, já no início de Arch. 17, ele afirma que, embora nem todos fossem capazes de acessar tal nível de apreciação moral ou estética, ainda assim, deviam, pelo menos, admirar os que a ele se consagram. Ou seja, mesmo que não fossem admiradores de poesia, os juízes deveriam valorizar o poeta Árquias por se dedicar a um ofício tão nobre e útil à República romana.

As referências subsequentes à poesia, sejam elas matéria de estudo ou instrumento de humanização, ou ao poeta, enquanto interessado ou produtor dessa instrução e cultura, giram em torno da tese da poesia como fornecedora e imortalizadora de modelos de virtude a serem admirados pela juventude, e do termo *studium* e suas principais acepções mais frequentes no discurso, a saber: como ramo de conhecimento (Arch. 19 e 32) e como cultura (Arch. 19). No parágrafo 19, Cícero questiona se os juízes serão capazes de repudiar um poeta que dedica seu engenho e seu conhecimento (*studium*) à celebração da história romana. Logo após, é citada a competência de Árquias, tanta que ele acabou

207 Públio Cornélio Cipião Emiliano Africano, conhecido também por Cipião Africano Menor ou Cipião Emiliano, foi cônsul por duas vezes, em 148 e 133 a.C., e general responsável por dar cabo do conflito conhecido como Terceira Guerra Púnica. Gaio Lélío foi combatente durante a referida guerra e cônsul em 140 a.C. Lúcio Fúrio Filo foi cônsul em 136 a.C. (TRENK, 1997, p. 208).

conquistando até Gaio Mário²⁰⁸, homem não muito simpático a esses estudos (*studia*)²⁰⁹. Em *Arch.* 32, Cícero roga a que acatem os juízes a sua digressão sobre o talento (*ingenium*) e a sua esfera de atuação (*studium*), por assim dizer²¹⁰.

No que se refere ao elemento prático da idealização poética, pouco podemos dizer, pois o único momento em que Cícero permite ao leitor pressupor a sua presença no texto é em *Arch.* 18. Não obstante o esforço da defesa por vincular a *persona* de Árquias ao divino, há a possibilidade de interpretar os improvisos poéticos de Árquias como fruto de uma *exercitatio* por dois pontos: o *habitus* e o *studium*, componentes que auxiliaram na construção da figura venerável do poeta. No contexto do louvor a um indivíduo, o *habitus* pode ser resumido como um primor constante e absoluto em alguma matéria conquistada pela dedicação e pela diligência²¹¹, enquanto o *studium* é a assídua e veemente aplicação do espírito a um assunto relevante, como filosofia, poesia, geometria e letras²¹². Essas virtudes aparecem no momento em que Cícero menciona a facilidade com que Árquias improvisa versos magníficos como se os tivesse escrito previamente e a copiosidade com que bisa em outras palavras os mesmos fatos, permitindo-nos entrever uma certa *copia rerum et uerborum* e uma *firma facilitas*²¹³ poéticas. Não é fora de lugar considerar essa possibilidade, haja vista o fato mencionado por Clark (1977, p. 21-2) de que os poetas recebiam a mesma educação dos oradores, isto é, passavam primeiramente pela educação familiar, depois eram encaminhados ao mestre de gramática, para então assistirem às aulas de retórica, o que é confirmado por Ovídio em *Tr.* 4, 10, 15-40²¹⁴. O artista, após longa e diligente aplicação à sua técnica, a domina a ponto de ser capaz de contar de variegadas formas um mesmo evento sem comprometer-lhe o conteúdo. Pode-se dizer também que o episódio ilustra que a facúndia é conquistada quando aliamos a facilidade em aprender à dedicação (*studium*) e à disposição (*habitus*), formando, assim, uma espécie de tríade que potencialize o *ingenium* (RUCH, 1958, p. 196-198). Em resumo, Cícero procura enfatizar que Árquias é um *virtuose* na criação de versos graças a seu *ingenium*, mas também a sua ampla disposição (*habitus*) e sua perseverante dedicação (*studium*), coisas que o colocam entre os virtuosos como Marco Pórcio Catão, Cipião Africano, Gaio Lélío e Lúcio Fúrio, homens que se consagraram às letras, e que revelam o papel da *exercitatio* na imagem que Cícero tenta imprimir no ânimo dos juízes.

Chegamos assim ao final do discurso falando sobre o componente aprimorado, aperfeiçoado ou, nos dizeres de Cícero, modelado na personalidade de Árquias, imagem e semelhança do poeta ideal ciceroniano na *Defesa*. Mas existe uma passagem no discurso,

208 Caio Mário foi seis vezes cônsul da República e general responsável por derrotar teutões e cimbrios nas Guerras Cimbrias (TRENK, 1997, p. 210).

209 Vide nota 125.

210 “O que eu disse em relação à causa, de modo breve e simples, conforme o meu hábito, creio confiantemente, juízes, que tenha sido aprovado por todos; o que proferi quase em oposição ao meu costume e ao dos tribunais, não só quanto ao talento deste homem, como também, genericamente, sobre os seus estudos, espero que tenha sido por vós acolhido de modo favorável; sei que o foi por quem preside o tribunal, com toda a certeza (*Quae de causa pro mea consuetudine breuiter simpliciterque dixi, iudices, ea confido probata esse omnibus; quae fere a mea iudicialique consuetudine et de hominis ingenio et communiter de ipsius studio locutus sum, ea, iudices, a uobis spero esse in bonam partem accepta, ab eo qui iudicium exercet certo scio*) (*Arch.* 32).

211 Chamamos disposição, porém, a perfeição constante e absoluta de corpo e de alma em alguma matéria, a percepção de alguma virtude ou de alguma arte, ou ainda um conhecimento ou uma aptidão conquistada pela dedicação e pela diligência, não dada pela natureza” (*Habitu autem appellamus animi aut corporis constantem et absolutam aliqua in re perfectionem, ut uirtutis aut artis alicuius perceptionem aut quamuis scientiam et item corporis aliquam commoditatem non natura datam, sed studio et industria partam*) (*Inu.* 1, 36).

212 “A aplicação é, no entanto, a assídua e veemente dedicação a uma matéria, como a filosofia, a poética, a geometria e as letras, associada a uma grande volúpia (*Studium est autem animi assidua et uehementer ad aliquam rem applicata magna cum uoluptate occupatio, ut philosophiae, poeticae, geometricae, litterarum*) (*Inu.* 1, 36).

213 Vide nota 125.

214 Vide nota 55.

até aqui posposta, sintetizadora e representativa de tudo o que Cícero defendeu no seu discurso: o parágrafo quinze.

Quaeret quispiam: “Quid? Illi ipsi summi uiri, quorum uirtutes litteris proditae sunt, istane doctrina, quam tu effers laudibus, eruditi fuerunt?” Difficile est hoc de omnibus confirmare, sed tamen est certe quod respondeam. Ego multos homines excellenti animo ac uirtute fuisse et sine doctrina, naturae ipsius habitu prope diuino, per se ipsos et moderatos et graues exstitisse fateor; etiam illud adiungo, saepius ad laudem atque uirtutem naturam sine doctrina quam sine natura ualuisse doctrinam. Atque idem ego contendo, cum ad naturam eximiam atque inlustrem accesserit ratio quaedam conformatioque doctrinae, tum illud nescio quid praeclarum ac singulare solere existere (Arch. 15).

Poder-se-á perguntar: ‘Pois quê? Porventura se formaram com esta cultura que tanto enalteces aqueles mesmos eminentes vultos cujas virtudes as letras deram a conhecer?’ Seria difícil afirmá-lo quanto a todos, mas é seguro o que vou responder: reconheço ter havido inúmeros homens de superior espírito e virtude, mas sem instrução, que por si próprios se mostraram morigerados e austeros como por divina propensão natural. Também acrescento: mais vezes importaram para o louvor da virtude dons naturais sem cultura do que a cultura sem os dons naturais. E posso ainda asseverar o seguinte: quando a distintos e excelentes dons naturais se junta uma certa instrução e formação cultural, não sei que possa existir de mais preclaro e singular.

Como que no ponto alto do discurso, na centralidade do texto, *Arch. 15*, Cícero contrapõe a natureza e a cultura, ambos motivos pelos quais o poeta deve ser absolvido, pelos quais ele é visto como um grande poeta e pelos quais se coloca entre os homens mais virtuosos da República. Essa tão valiosa e rara cultura é posta discretamente como contraponto artificial ao conceito de natura, estabelecendo a síntese que, em nossa visão, permeia a representação ciceroniana do poeta na *Defesa*. O arpinate contrapõe *natura* e *doctrina*, noções pouquíssimo citadas no decorrer do discurso, criando poliptoto antitético que ressalta a relação de complementaridade de ambas²¹⁵. Para chegar, então, a um mais alto nível racional, o homem empreende um esforço no sentido de melhorar suas faculdades congênicas, pois existe o instinto do conhecer, cujo fim é a *humanitas*. Pelo que nos foi mostrado no discurso, Cícero enxerga duas maneiras de propiciar à razão um aperfeiçoamento em direção à excelência: a primeira é um movimento da própria razão, o qual constitui o impulso inato ao conhecimento, no sentido de buscar a observação e o entendimento das coisas, a segunda é de enriquecimento voluntário e consiste no estudo e na aprendizagem para que a mente humana possa aguçar-se e desenvolver-se para além dos atributos naturais (GAOS SCHMIDT, 1993, p. 31). Neste sentido, a *humanitas* relaciona-se tanto a *doctrina* quanto a *natura*. Designa um saber elevado que deve ser utilizado a serviço de um propósito e está associado à participação ativa e pessoal do sujeito na sua formação, ao interesse em desenvolver-se, exigidos pela sua própria natureza. Acrescenta o estudioso (1957, p. 184) que as expressões *ad humanitatem informari*²¹⁶ e *conformatio doctrinae* designam esse aperfeiçoamento da natureza humana pelo estudo das artes liberais e da filosofia. A *doctrina*, portanto, torna imediatamente acessível ao homem aquelas habilidades que algumas vezes se manifestam espontaneamente, mas de modo acidental. Ela confere ao homem controle firme e real sobre as potencialidades da natureza humana (UHFELDER, 1966, p. 585).

215 Utilizada oito vezes. Após esse parágrafo, só há mais uma ocorrência de *doctrina* em *Arch. 18*, que não se relaciona com a poesia.

216 *Vide* citação direta nas p. 83 e 92-3.

Há uma referência que parece trazer consigo uma proposta de justa proporção entre dois extremos, *natura* e *doctrina*, como afirmação do racional sobre o irracional e indício da superioridade do meio termo em relação aos extremos. A *natura* e o *ingenium* por si próprios, embora tenham de ser necessariamente propícios ao desenvolvimento, ainda pertencem ao campo do instintivo, portanto devem ser cultivados pela *doctrina* ou pelo *studium*, que representa tudo que está no âmbito da cultura, da convenção e da racionalidade e que distingue o homem dos demais seres. O ideal a ser alcançado reside, como vimos, na perfeita harmonia entre uma natureza favorável e uma cultura modeladora, a qual o levará à humanização (*humanitas*). O fato de contarmos com poucas recorrências de termos associados à *ars* em comparação com *ingenium* e *natura* não nos leva a crer que basta ao poeta possuir os dons naturais, pois, apesar disso, Cícero dedica boa parte do discurso, dezoito parágrafos no total, ao elogio da literatura e da cultura humanística (*doctrina*) como formas de refinamento do espírito, o que pode ser interpretado como função da arte, segundo vimos. Ao adotarmos tal leitura do texto, conseguimos visualizar com maior nitidez a poesia como uma *ars*, ou seja, um ofício dependente do *ingenium*, da *disciplina*, da *doctrina*, do *studium* e da *exercitatio*, bem como reunir sob a mesma designação de *liberales* a poesia e a oratória. Pensamos também ser possível harmonizar tanto aqueles que creem ser o *ingenium* o grande trunfo do poeta para Cícero, como parece ser o caso de Müller (2001), quanto os que veem a *humanitas* como grande alvo do discurso, a exemplo de Arbea (2002). Além disso, podemos perceber que todo o processo de aculturação contido na noção de *humanitas*, em que se incluem uma ampla dedicação aos estudos e o aprimoramento de si mesmo com base na *doctrina*, de algum modo, presente nas artes, está vinculado a uma necessidade da própria natureza (*natura*) do homem, o que se mostra coerente com os ditames da doutrina dos três elementos.

A contraposição foi utilizada, embora timidamente, em outros momentos do texto, como quando Cícero frisa a permanência de Árquias no clã de Lúculo mesmo após a chegada à idade adulta em função do seu talento e da sua cultura; quando defende que a instrução decorrente desses estudos, se aliada aos dons, pode vir a gerar indivíduos singulares e preclaros como Catão e Cipião Africano²¹⁷; quando questiona a deportação de um homem que emprega seu talento e estudo em prol da glória do povo romano²¹⁸; e quando finaliza o discurso afirmando que versou, de maneira geral, sobre o talento e o ofício de Árquias²¹⁹. Esse uso de *studium* ou de *doctrina* acompanhado de *ingenium* ou *natura* retoma o caráter de complementaridade que ambas as partes da doutrina dos três elementos possuem, de modo que, de um lado, temos os dons naturais e, de outro, o trabalho árduo, tese que será utilizada em outros momentos da literatura latina, considerando não apenas em textos poéticos, mas também em tratados e diálogos filosóficos.

O poeta Ovídio expõe sua visão sobre o papel da arte e da relação que ela possui com a natureza do artífice. Na *Arte de Amar* (*Ars amatoria*), é dito que a arte suaviza o engenho²²⁰ e que a prática produz os artífices²²¹, ao passo que, nos *Tristes* (*Tristes*), é delatado o dano ao engenho decorrente do seu não cultivo, a exemplo do que acontece ao campo. Horácio deixa explícito que *ars* é um fruto do trabalho, do suor, abstendo-se do amor e do vinho, mediado pelo mestre enquanto, como atesta a passagem citada, *ingenium* é um dom da natureza. Esses dois eixos aparecem na ode horaciana em que o eu-lírico declara ter recebido de Apolo a denominação, o sopro (*spiritus*) e a arte (*ars*) de

217 Vide citações de *Pro Archia* nas p. 98-9.

218 Vide citações diretas nas notas 154 e 163.

219 Vide citação direta na nota 210.

220 “Decerto o engenho é amaciado pela arte gentil” (*Scilicet ingenium placida mollitur ab arte*) (*Ars Am.*, 3, 545).

221 “Somente a prática faz os artífices” (*Solus et artifices qui facit, usus*) (*Ars Am.* 2, 766).

poeta²²², bem como na pergunta de Propércio à sua amada sobre se o seu novo amante pode competir com ele em *ingenium* e *ars*²²³. Na *Arte Poética* de Horácio, o autor afirma que natureza e arte caminham juntas na gênese literária²²⁴ e que o Lácio não seria mais ilustre pelas armas e valor do que pela sua língua se não custasse tanto aos poetas gastarem tempo no demorado trabalho da lima²²⁵. Na mesma linha, o autor do tratado *Do Sublime* defende que a natureza deve sujeitar-se ao rigor técnico da arte²²⁶. Esses autores, pelo visto, parecem estar de acordo com que a arte não pode compensar uma deficiência natural de uma aptidão humana, o *ingenium*, de modo que o estudo das suas obras fornece aos especialistas da Poética Clássica teorizações e conceitos relevantes em torno do poeta e do seu ofício. De nossa parte, concluímos que Cícero, em grande medida da *Defesa*, valorizou a participação do *ingenium*, mas conservou, em alguma medida, a influência das Musas, construindo assim uma personalidade excepcional pela própria natureza. Um indivíduo especial, mas também mistificado, que deve equilibrar atributos naturais e modelação pela cultura. Nossa hipótese com relação à *exercitatio* é de que ela pode constituir um elemento relevante na concepção do poeta ideal na medida em que lhe confere uma *copia rerum et uerborum* e uma *firma facilitas* capazes de produzir improvisos impressionantes a ponto de serem considerados divinos. O poeta *ingeniosus* também lapidado pela prática e pelo exercício, embora, no contexto da *Defesa de Árquias*, esse elemento não tenha se referido expressa ou nominalmente ao poeta. Portanto, pode-se dizer que o texto contribui com a reflexão sobre a poesia ao trazer um olhar mais pragmático à figura e ao ofício do poeta na sua época, um olhar que traz o próprio homem e a sua humanidade ao centro das formulações, posição posteriormente retomada por Horácio, por Quintiliano e, segundo Müller (2000, p. 332), por toda a tradição literária até a modernidade.

222 “Apolo deu a mim o sopro, o nome e a arte de poeta” (*Spiritus Phoebus mihi, Phoebus artem carminis nomenque dedit poetae*) (*Carm.* 6, 29-30).

223 “Que me enfrente em engenho, que me enfrente em arte (*Contendat mecum ingenio, contendat et arte*) (*Prop.* 2, 24b).

224 “Há quem discuta se o bom poema vem da arte se da natureza: cá por mim, nenhuma arte vejo sem rica intuição e tão pouco serve o engenho sem ser trabalhado: cada uma destas qualidades se completa com as outras e amigavelmente devem todas cooperar (*Natura fieret laudabile carmen an arte, quaesitum est: ego nec studium sine diuite uena, nec rude quid prosit uideo ingenium: alterius sic altera poscit opem res et coniurat amice*) (*Ars P.* 409-415; In: HORÁCIO, 1992, p. 117. Trad.: R. M. Rosado Fernandes).

225 “Nem o Lácio não seria mais ilustre pelas armas e valor do que pela sua língua, se não custasse tanto aos poetas gastarem tempo no demorado trabalho da lima” (*Nec uirtute foret clarisue potentius armis quam lingua Latium, si non offenderet unum quemque poetarum limae labor et mora*) (*Ars P.* 287-290; In: HORÁCIO, 1992, p. 97. Trad. R. M. Rosado Fernandes).

226 “Eu, de minha parte, assevero que ficará provado que as coisas se passam doutra maneira, se examinarmos que a natureza, embora quase sempre siga leis próprias nas emoções elevadas, não costuma ser tão fortuita e totalmente sem método e que ela constitui a causa primeira e princípio modelar de toda produção; quanto, porém, a segura prática e uso, compete ao método estabelecer âmbito e conveniência, sem esquecer que, deixados a si mesmos, sem os preceitos técnicos, sem apoio nem lastro, abandonados apenas a seus ímpetos e arrojo deseducado, os gênios correm perigo maior, pois, se muitas vezes precisam de espora, muitas outras, de freio” (*Subl.* II, 2; In: ARISTÓTELES *et al.*, 2005, p. 72. Trad.: Jaime Bruna).

CONCLUSÃO

O objetivo primordial de nosso estudo foi evidenciar a doutrina dos três elementos na construção ideal do *summus orator* e do *summus poeta* em *Do orador 1* e na *Defesa de Arquias*. No que respeita ao orador ideal, vimos que, de fato, as considerações de Crasso e Antônio são permeadas pelas noções de talento, teoria e prática. O orador perfeito deve apresentar, de saída, dons como inventividade, sagacidade e uma certa facilidade nas exposições e explicações, que são da ordem do *ingenium* natural, próprio de uma atividade pública e cotidiana, segundo diz Müller (2001, p. 330), bem como uma boa memória, uma boa aparência, uma boa voz, um bom fôlego, um bom gestual, que são da ordem da *natura*. Em segundo lugar, deve dedicar-se ao estudo de inúmeras matérias, de modo a adquirir uma *omnium rerum scientia*, uma *doctrina* toda baseada nas artes liberais, que o levarão a tornar-se também um governante perfeito e um pensador superior aos filósofos. Segundo as personagens do diálogo, o orador que mais se aproximou da perfeição foi Crasso, a quem faltou o tempo livre (*otium*) para aplicar-se ao conhecimento. A perfeição, para eles, é alcançada ou aproximada apenas quando um orador reúne esses três elementos. O poeta ciceroniano, construído a partir da figura de Arquias, constitui-se principalmente, no talento, no estudo, mas também, podemos dizer, na prática. É preciso que tenha um engenho veloz (*celeritas ingenii*), precoce e inventivo, copioso em palavras e matérias (*copia rerum et uerborum*), receptivo ao entusiasmo das Musas (*diuino quodam spiritu inflari*), atributos que o aproximam do *ingenium* inspirado, de uma personalidade excepcional excessivamente dotada, em contato com o sagrado (Müller, *op. cit.*, *ibid.*). Entretanto, esse engenho deveras privilegiado deve ser aprimorado pela dedicação ao estudo da arte, porque o poeta, para alcançar a perfeição, deve ter a natureza modelada pela educação, uma educação humanizadora que o levará ao pico da virtude. A prática, se é que ela aparece, pode ser apenas subentendida como responsável pela capacidade de improvisação do poeta. Conclui-se que o poeta e o orador ciceronianos, em estado de perfeição, guardam semelhanças.

A expectativa inicial de encontrarmos aspectos calcados nessas três noções que ora aproximassem, ora distanciassem poeta e orador, nos levou a propor como objetivo secundário apontar no que se diferenciam e no que coincidem – daí decorre a natureza mais descritiva e expositiva que conclusiva e contestadora dessa etapa. Partindo da similaridade, com relação aos dons que compõem a *natura* e o *ingenium*, podemos dizer, com base nos textos, que poetas e oradores precisam apresentar, já na infância, inventividade, facilidade para aprender, memória prodigiosa e uma espécie de agilidade nos reflexos da mente, caracteres trazidos do “berço” e presentes em ambos os textos. Essas características estariam respectivamente ligadas, no orador, à invenção, ao aprendizado, à fixação dos preceitos retóricos, dos argumentos e narrativas, e à agilidade no improviso oratório. No poeta, temos poucas evidências do uso da *docilitas*, mas depreendemos que a inventividade lhe serve para encontrar argumentos poéticos para compor, que a memória talvez serviria para guardar os preceitos de arte poética, preceitos esses visíveis, por exemplo, na *Arte Poética* de Horácio e na *Poética* de Aristóteles, e a *celeritas mentis* serviria para improvisar os versos quando necessário. No outro polo, se pudéssemos apontar uma distinção entre essas figuras, com base no que foi visto, seria a necessidade

de o poeta ter o espírito ventilado por uma espécie de sopro divino (*furor poeticus*). Mas as afirmações de Cícero que seguem essa linha de apelo ao “sobrenatural” parecem-nos oriundas da dificuldade de explicar a enigmática atividade do poeta.

Sobre esses atributos pesará a lima do *studium* e da *doctrina*, que modelará o artífice do discurso e do poema à imagem e semelhança da perfeição, que residiria na *humanitas*. Esse conhecimento e esse trabalho permitem, diz Orban (1957, p. 184), que o intelecto se desenvolva quanto à capacidade de discernimento, de agudeza nos raciocínios, de julgamento, de estimularem a curiosidade intelectual, além de possibilitarem o senso de harmonia, o aperfeiçoamento do gosto, a ponto de fazer o homem modelar a si mesmo à luz de um ideal humano exigido pela natureza. Com relação ao poeta, Cícero o coloca, na maior parte do discurso, na posição de produtor dessa cultura modeladora de que se servirá o orador. O elemento complementar, cujo papel seria de aperfeiçoar os dons naturais do aspirante a poeta, é proposto com muita discrição, servindo-se o autor de *studium* e de *doctrina*, noções mais amplas e abstratas que *ars*. Mesmo assim, decerto devido à ocasião de um discurso jurídico, essa parte da idealização não foi trabalhada. Embora a descrição da erudição de Árquias esteja atrelada à estratégia de explorar sua suposta natureza divina, o orador de Arpino deixa entrever que o poeta também é alguém que se dedica a um ofício, e não apenas dá vazão ao que é ditado pelas Musas. Neste sentido, fica apenas a hipótese de que a natureza e o caráter do poeta seriam aperfeiçoados na mesma medida em que ele se aplicava ao seu ofício, como efeito humanizador das suas narrativas. A erudição do orador, bem como o seu caráter modelador, por outro lado, é bem mais trabalhada e visível, decerto por conta do gênero do *Diálogo do orador*. Crasso, se não delinea, pelo menos aponta o caminho que deve trilhar o orador que pretenda superá-lo e alcançar a perfeição oratória: uma vez que oradores romanos, no geral, apresentam uma boa natureza e se dedicam bastante a adquirir experiência no fórum, eles devem investir seu *otium* no estudo das artes liberais e da filosofia, conhecimentos que lhes faltam para atingir um patamar ainda mais elevado no seu campo de atuação. O corolário de tal dedicação seria a *humanitas*.

Na *Defesa de Árquias*, a relação entre poeta e *exercitatio* pode ser apenas presumida, entrevista. Isso ocorre porque o texto ciceroniano diz apenas que Árquias é capaz de improvisar versos com espantosa proficiência, mas cala quanto à origem desta. Desse modo, resta-nos considerar a possibilidade de que a facilidade no improviso do poeta grego e, portanto, do *summus poeta*, seja resultado de um intenso treinamento, de que eles precisem pôr em prática o conhecimento adquirido junto a um mestre para que chegassem à perfeição. É possível, todavia, que a necessidade de omitir esse aspecto da educação do poeta tenha sido motivada pela estratégia da defesa de estabelecer uma diferença fundamental entre poeta e orador, pelo menos no recorte que estabelecemos: a *exercitatio* foi colocada como própria à retórica e outras artes corriqueiras, não ao divino ofício do *summus poeta*. Cícero deixa isso claro, no início da *Defesa*, quando diz que a poesia se distingue das outras artes que estão fundadas sobre *ratio* e *disciplina*. Se não perdermos de vista a estratégia retórica de valorização da personalidade do poeta, descrita como agraciada pelo sopro das Musas e nascida sob o signo de Orfeu, talvez nos esclareça esse ponto. Num contexto como esse, pouco acresce aproximar o idealizado Árquias dos demais artífices que precisam de um intenso estudo e trabalho para chegarem à excelência terrena das suas técnicas práticas. Árquias, um poeta das mais altas realizações, precisa mostrar que está no mesmo patamar de virtude moral que seus julgadores e, para tanto, poucos caminhos seriam tão convenientes quanto a insistência na ideia de moralidade inerente ao réu. Ao contrário do poeta, o orador ciceroniano, em *Do orador*, preconizado por Crasso, é alguém que, além das evidentes atividades orientadas pelo mestre de retórica,

deve se dedicar com veemência à atuação prática e à imitação de personagens do fórum. Esse é, inclusive, um traço distintivo da trajetória a profissional de Crasso: ele muito aprendeu porque muito observou. Desde cedo, acostumado a acompanhar seus pais, sua oratória foi moldada pela experiência judicial e pela imitação dos grandes oradores, não pelos conselhos de mestres de retórica grega. Mas o excesso de tempo dispendido nos tribunais e nas tribunas furtou-lhe o ócio necessário ao estudo das artes liberais e da filosofia. Neste sentido, o caso de Crasso demonstra, a um tempo, a forma como o frágil equilíbrio entre os elementos da educação técnica pode ser comprometido e quão fugaz é o objetivo do atingir a perfeição nessas artes.

Ao fim e ao cabo, podemos fazer algumas considerações, à guisa de conclusão e a título de encerramento. Na *Defesa de Árquias*, mesmo recorrendo à tradição que imputa a criação poética ao divino, na idealização de uma poética construída a partir da pessoa do réu Aulo Licínio Árquias, utiliza-se de noções de natureza e de artifício vazadas nos termos *ingenium*, *natura*, *studium* e *doctrina*, ligados à doutrina dos três elementos, presente não apenas nos demais textos de Cícero, mas também nos de outros autores posteriores como Quintiliano e Isidoro de Sevilha. A hipótese de que a *exercitatio* é requisito para a idealização do *summus poeta* é válida se considerarmos o improviso proficiente de Árquias um fruto de sua dedicação diligente à prática poética. *Do orador* prevê uma idealização do orador fundamentada nas noções de natureza (*natura*, *ingenium*), teoria (*doctrina*, *scientia*) e prática (*exercitatio*, *usus*). As semelhanças do vocabulário de que se serviu Cícero para idealizar essas duas figuras (poeta e orador) devem-se à utilização de um mesmo jargão técnico para descrevê-las, o das *artes*, e as divergências, ao gênero, à ocasião e à estratégia retórica do orador.

BIBLIOGRAFIA

Textos antigos

ALBERTVS MAGNVS. B. *Alberti Magni ratisbonensis episcopi, ordinis praedicatorum, opera omnia: Ethica* (vol. VII). Ed. Borgnet. Paris: Ludovicus Vives, 1881.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Globo, 1969.

_____. *Metafísica* (livro I e livro II). Tradução direta do grego por Vincenzo Cocco e notas de Joaquim de Carvalho. *Ética a Nicômaco*. Tradução de Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. *Poética*. Tradução comentários e índices analítico e onomástico de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril, 1984.

_____. *Poética*. Prefácio de Maria Helena de Rocha Pereira. Tradução e notas Ana Maria Valente. 3. ed. Lisboa: Gulbenkian, 2008.

_____. *Política*. Edição bilingue (português-grego) com tradução direta do grego de António Campelo Amaral e Carlos de Carvalho Gomes. 1. ed. Lisboa: Vega, 1998.

_____. *Retórica*. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2005.

ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. *A poética clássica*. Introdução de Roberto de Oliveira Brandão e Tradução de Jaime Bruna. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

CICERO. *Brutus*. Translated by G. L. Hendrickson and H. M. Hubbell. Harvard: Harvard University Press, 1997.

CICERO. *De oratore*. Books I and II with an English translation by E. W. Sutton and with an introduction by H. Rackham. Cambridge, Massachusetts, Harvard: Harvard University Press, 1967.

CÍCERO. *Em defesa do poeta Arquias*. Introdução, tradução e notas de Maria Isabel Gonçalves. 2. ed. Lisboa: Inquérito, 1986.

CICERÓN. *Defensa del poeta Arquias*. Anotada por Alvaro D'Ors Pérez-Peix. Madrid: Emérita, 1940.

CICERÓN, Marco Tulio. *El orador* (a Marco Bruto). Traducción española de Marcelino Menéndez Pelayo. Alianz Editorial: Madrid, 1991.

CICÉRON. *De l'orateur: Livre I*. Texte établi et traduit par Edmond Courbaud. Paris: Belles Letters, 1966.

CICERONE. *Il poeta Archia*. A cura di Emanuelle Narducci; trad. e note di Giovanna Bertonati. Milano: Biblioteca Universale Rizzoli, 1992.

[CÍCERO]. *Retórica a Herênio*. Tradução e introdução Ana Paula Celestina Faria e Adriana Seabra. São Paulo: Hedra, 2005.

DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. Tradução, introdução e notas de Mário da Gama Kury. 2. ed. Brasília: UNB, 1987

ERASMO DE ROTERDÃ. *Diálogo ciceroniano*. Introdução, tradução e notas de Elaine C. Sartorelli. São Paulo: Unesp, 2013.

HORÁCIO. *Arte poética*. Introdução, tradução e comentário de R. M. Rosado Fernandes. 3. ed. Lisboa: Inquérito, 1992.

LUÍS DE CAMÕES. *Os lusíadas*. São Paulo: Ática, 1998.

PLATÃO. *Fedro ou da beleza*. Tradução e notas de Pinharanda Gomes. 6. ed. Lisboa: Guimarães, 2000.

PLATÃO. *Górgias ou a oratória*. Tradução, apresentação e notas de Jaime Bruna. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

PLATÃO. *Íon*. Introdução, tradução e notas de Victor Jabouille. Lisboa: Inquérito, 1988.

PLATÃO. *Mênnon*. Texto estabelecido e anotado por John Burnet e tradução de Maura Iglésias. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2001.

PLATÃO. *Protágoras*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2002.

PLUTARCO. *Vidas paralelas: Demóstenes e Cícero*. Tradução do grego, introdução e notas de Marta Várzeas. Coimbra: Classica Digitalia/CECH, 2012.

PLUTARCO. *Obras Morais: Da educação das crianças*. Tradução do grego, introdução e notas de Joaquim Pinheiro. Coimbra: Classica Digitalia/CECH, 2008.

TÁCITO. *Diálogo dos oradores*. Apresentação, tradução e notas de Antônio Martinez de Rezende e Júlia Batista Castilho de Avellar. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

Dicionários

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire étymologique de la langue grecque: histoire des mots*. Tome III: Λ – Π. Paris: C. Klincksieck, 1974.

Dicionário da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora, 2006. (aplicativo)

ERNOUT, Alfred; MEILLET, Antoine. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. 4. ed. Paris: C. Klincksieck, 1967.

GAFFIOT, Félix. *Dictionnaire latin-français*. Paris: Hachette Education, 2016.

Oxford Latin Dictionary. Oxford: The Clarendon Press, 1968.

LALANDE, André. *Vocabulaire technique et critique de philosophie*. 5. ed. Paris: Presses universitaires de France, 1999.

LIDELL, Henry George; SCOTT, Robert. *A greek-english lexicon*. Oxford: The Clarendon Press, 1940. (on-line)

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

SARAIVA, Francisco Rodrigues dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português: etimológico, prosódico, histórico, geográfico, mitológico, biográfico etc.* 12. ed. Rio de Janeiro: Garnier, 2006.

SMITH, Willian. *Dictionary of greek and roman biography and mythology*: Earinus – Nyx (vol. II). Boston: Little, Brown and Company, 1870.

TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças gregas e latinas: 10.000 citações da antiguidade ao renascimento no original e traduzidas com comentário histórico, literário e filológico*. Traduções Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIEIRA, Domingos. *Grande dicionário português ou thesouro da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Imprensa da Livraria Franceza e Nacional, 1871.

Textos modernos

ABREU, Bruna Fernanda. *A segunda filípica: tradução e estudo do éthos segundo a retórica de Cícero*. Campinas: IEL/UNICAMP, 2017.

ACHCARD, Francisco. *Lírica e lugar-comum: Alguns temas de Horácio e sua presença em português*. São Paulo: FFLCH/USP, 1994.

ALMEIDA, Olavo Vinícius Barbosa. *O Brutus de Marco Túlio Cícero: estudo e tradução*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FFLCH/USP, 2014.

ANDRÉ, Jean-Marie. Les problèmes de l'individualisme dans l'humanisme cicéronien. In: *Helmántica*, v. 50, p. 29-43, 1999.

ARAGÃO, Maria Lúcia Poggi. Conceito grego de arte e ciência. In: *Revista do Departamento de História* (UFRJ), n. 7, p. 57-64, 1988.

ARBEA, Antonio. El concepto de *Humanitas* en el *Pro Archia* de Cicerón. In: *Onomazein*, vol. 7, p. 393-400, 2002.

ASSUNÇÃO, Teodoro Rennó. "O que é autor?" de Foucault, e a questão homérica. In: *Nuntius antiquus*, n. 6, p. 181, 2010.

BONAZZI, Mauro. Antígona constrói o sofista. In: *Archai*, n. 7, p. 75-85, 2011.

BRANDÃO, José Luís; OLIVEIRA, Francisco. *História de Roma Antiga Volume I: das origens à morte de César*. Coimbra: Coimbra University Press, 2015.

BRASIL, Michele Eduarda. *As orações relativas no Pro Archia de Cícero*. (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

CHIAPPETTA, Angélica. *Ad animos faciendos: comoção, fé e ficção nas Partitiones Oratoriae e no De Officiis de Cícero*. (Tese de doutorado). São Paulo: FFLCH/USP, 1997.

_____. Retórica e crítica literária na Antiguidade. In: *Phaos*, v. 1, p. 39-60, 2001.

CLARK, Donald Lemen. *Rhetoric in greco-roman education*. 3. ed. Connecticut: Greenwood Press, 1977.

CLARKE, Martin Lowther. Rhetorical influences in the *Aeneid*. In: *Greece & Rome*, v. 18, n. 52, p. 14-27, 1949.

COIMBRA, Carlos Alberto. A arte da memória e o método científico: da memória artificial à inteligência artificial. In: *Revista estudos históricos*, v. 2, n. 3, p. 146-152, 1989.

CONTE, Gian Biagio. *Latin Literature: a history*. Translated by Joseph B. Solodow and revised by Don Fowler & Glenn W. Most. Baltimore: The John Hopkins University Press, 1999.

COSTA, Marco Antônio. *Cícero e a retórica do exílio: as figuras de repetição*. (Dissertação de Mestrado). Belo Horizonte: UFMG, 2013.

CRAIG, Christopher. P. The Structural Pedigree of Cicero's Speeches *Pro Archia*, *Pro Milone* and *Pro Quinctio*. In: *Classical Philology*, v. 80, n. 2, p. 136-137, 1985.

- CURADO, Eliana Borges Fleury. *Estudo do movimento sofista, com ênfase no ensino da virtude*. (Tese de doutorado). Goiás: UFG, 2010.
- CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média Latina*. São Paulo: USP, 2013.
- DE MAURI, Luigi. *5000 proverbi e motti latini*. Milano: Hoepli, 2010.
- DEUR, Tomislav. *Considerações acerca da pureza e clareza em Cícero, De oratore III.37-51*. (Dissertação de mestrado). São Paulo: USP, 2005.
- DILUZIO, Joseph. A. The civic education of Cicero's ideal orator. In: *Expositions*, v. 8, n. 1, p. 122-144, 2014.
- DUGAN, John. How to make (and break) a Cicero: epideixis, textuality, and self-fashioning in the *Pro Archia* and *In Pisonem*. In: *Classical Antiquity*, v. 20, n. 1, p. 275-290, 2001.
- DUPONT, Félix. *L'Orateur sans visage: essai sur l'auteur romain et son masque*. Paris: PUF, 2000.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo, Martins Fontes, 1994.
- FALCÓN, Rafael Sento-Sé Guimarães. *A educação do orador: tradução e estudo do livro II da Institutio oratoria*. (Dissertação de mestrado). São Paulo: FFLCH/USP, 2015.
- FANTHAM, Elaine. *Roman literary culture from Cicero to Apuleius*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1996.
- FERREIRA LIMA, Wellington. *Poética e teoria da literatura na Roma clássica*. (Tese de doutorado). Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2017.
- FIORETTO, Thissiane. *Retórica e Argumentatio: uma disputa entre Mem de Sá e Cururupeba*. (Dissertação de mestrado). Assis: UNESP, 2005.
- FLORENZANO, Maria Beatriz. *O mundo antigo: economia e sociedade*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- FONTÁN, Antonio. Cicerón y Horacio, críticos literários. In: *Estudios clásicos*, v. 18, n. 72, p. 187-216, 1974.
- FREITAS, Eduardo da Silva. Cícero e o orador: Comentários sobre o *De oratore*. In: *Cadernos do CNLF: Línguas clássicas, textos clássicos*, v. VXIII, n. 10, p. 233-250, 2014.
- FURLAN, Mauri. Brevíssima história da teoria da tradução no ocidente – os romanos. In: *Cadernos de tradução*, v. 2, n. 8, p. 11-28, 2001.
- GAOS SCHMIDT, Amparo. *Cicerón y la elocuencia*. México, Universidad Nacional Autónoma de México, 1993.
- GARAVELLI, Bice Mortara. *Manual de retórica*. Madrid: Cátedra, 2000.
- GODOY, Arnaldo Moraes. Mundo helênico e ideologia no direito romano. In: *Direito*, n. 45, p. 73-103, 2004.
- GONÇALVES, Soraia Nascimento. *Contributos para a definição do orador ideal: Estudo e tradução do Orator de Cícero*. Lisboa: Universidade de Lisboa, 2017.
- GRANT, Mary A.; FISKE, George C. Cicero's "Orator" and Horace's "Ars Poetica". In: *Harvard Studies in Classical Philology*, v. 35, p. 1-74, 1942.
- GRATTI, Beatris Riberito. *Sobre a adivinhação de Marco Túlio Cícero*. (Dissertação de mestrado). Campinas: UNICAMP, 2009.

- HANSEN, João Adolfo. Instituição retórica, técnica retórica, discurso. In: *Matraga*, v. 20, n. 33, p. 11-46, 2013.
- HENDRICKSON, G. L. Literary sources in Cicero's *Brutus* and the the technique of citation in dialogue. In: *The American journal of philology*, v. 27, n. 2, p. 184-199, 1906.
- JARESKI, Krishnamurti. *Téchne e inspiração no Íon platônico*. (Dissertação de mestrado). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2006.
- JESUS, Carlos Renato Rosário. *Orator e a prosa rítmica: introdução, tradução e notas*. Campinas: IEL/UNICAMP, 2008.
- JOSEPH, Miriam. *O trivium – as artes liberais da lógica, gramática e retórica*. São Paulo: E-Realizações, 2008.
- KEIL, Henrici. *Grammatici latini: Flavii Sosipatri Charisii Artis grammaticae libri v, Diomedis Artis grammaticae libri III et ex Charisii Arte grammatica excerpta (vol I)*. Lipsia (Leipzig): Bibliotheca Teubneriana, 1857.
- KENNEDY, George Alexander. A. An estimate of Quintilian. In: *The American Journal of Philology*, v. 83, n. 2, p. 130-146, 1962.
- KRAUSZ, Luis S. *As musas: Poesia e divindade na Grécia Arcaica*. São Paulo: USP, 2007.
- LACERDA, Ticiano Curvelo Estrela. *Contra os Sofistas e Elogio de Helena de Isócrates: tradução, estudo introdutório e comentários críticos*. (Dissertação de mestrado). São Paulo: USP, 2011.
- _____. *Antídose (ou sobre a troca de bens) de Isócrates: um estudo sobre os gêneros de discurso*. (Tese de doutorado). São Paulo: USP, 2016.
- LAUREANO, ROGER. A definição de *res publica* em Cícero. In: *Revista Brasileira de Ciência Política*, n. 33, p. 1-36, nov. 2020.
- LAUSBERG, Heinrich. *Manual de retórica literaria: fundamentos de una ciencia de la literatura*. Versión española de José Pérez Riesco. Madrid: Gredos, 1966.
- LE MOS, Márcia S. A elite senatorial, o *mos maiorum* e a *fortuna* do Império Romano nas crônicas do século IV d.C. In: *VI Encontro Estadual de História: povos indígenas, africanidades e diversidade cultural*, v. 6, p. 1-10, 2013.
- LIMA, Francisco de Assis Costa. *A “amplificatio” como estratégia retórica na “Oratio pro Sestio” de Cícero*. (Dissertação de Mestrado). Manaus: UFAM, 2017.
- LIMA, Sidney Calheiros. *A exposição da ética de Epicuro no De finibus de Cícero*. Campinas: UNICAMP, 2004.
- _____. *Aspectos do gênero dialógico no De finibus de Cícero*. Campinas: UNICAMP, 2009.
- _____. Reflexões sobre tradução no *De finibus* de Cícero e a refutação do pensamento estoico. In: *Classica*, v. 27, p. 79-94, 2014.
- McDILL, Alice. *The influence of formal rhetoric on the Aeneid of Vergil*. (Master of Arts' thesis). Los Angeles: University of Southern California Press, 1933.
- MARMORALE, Enzo. *História da literatura latina*. Tradução de João Bartolomeu Júnior. Lisboa: Estúdios Cor, 1974.
- MARROU, Henri Irénée. *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU, 1990.

- MARTIN, René; GAILLARD, Jacques. *Les genres littéraires à Rome*. Paris: Nathan: Scodel, 1990.
- MARTÍN, María Nieves Muñoz. O poeta em Roma. In: *Ágora: Estudos Clássicos em Debate*, v. 5, p. 31-41, 2003.
- MAY, James M. Ciceronian oratory in context. In: _____ (orgs.) *Brill's Companion to Cicero: oratory and rhetoric*. Leiden/Boston/Köln: Brill, 2002, p. 49-70.
- MIOTTI, Charlene Martins. Action! Quintilian's orator between stage and pulpit. In: _____. *Ridentem dicere uerum: o humor retórico de Quintiliano e seu diálogo com Cícero, Catulo e Horácio*. (Tese de doutorado). Campinas: Unicamp, 2010.
- MONTEIRO JÚNIOR, Carlos. *Filosofia, retórica e educação no pensamento de Isócrates*. (Tese de doutorado). Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2016.
- MÜLLER, Cristina. Rhétorique de l'*ingenium* et personnalité littéraire. In: *EMERITA: Revista de Lingüística y Filología Clásica (EM)*, v. LXIX, n. 2, p. 319-346, 2001.
- MURACHCO, Henrique. Eidós – téchne – tektón. In: *HYPNOS*, n. 4, ano 3, p. 9-17, 1998.
- NICOLET, Claude. *Rome et la conquête du monde méditerranéen*. Paris: PUF, 1987.
- ORBAN, Michel. Le *Pro Archia* et le concept cicéronien de la formation intellectuelle. In: *Les études classiques*, v. 25, p. 173-191, 1957.
- OLIVEIRA, Francisco. Consequências da expansão romana. In: BRANDÃO, José Luís (orgs.); _____ (orgs.). *História de Roma Antiga: das origens à morte de César* (vol. I). Coimbra: Coimbra University Press, 2015, p. 233-312.
- PANOUSI, Vassiliki. Roman Cultural Identity in Cicero's *Pro Archia*. In: *Αντιφιλησις*, 2009, p. 516-523.
- PELLICER, André. La traduction latine de φύσις: dons naturels. In: *Pallas*, n. 8, p. 15-21, 1959.
- PEREIRA, Virgínia Soares. A Sicília e a Cilícia na vida de Cícero. In: *Espaços e paisagens: antiguidade clássica e heranças contemporâneas*, v. 1, 2012, p. 121-9.
- PEREIRA MELO, José Joaquim. Educação e o Estado Romano. In: *Linhas*, v. 7, n. 2, p. 1-19, 2006.
- PERNOT, Laurent. *La rhétorique dans l'Antiquité*. Paris: Le Livre de Poche, 2000.
- PINTO, Luciano C. G. *Do que se confia às Letras: a ciência gramatical nas etimologias de Isidoro de Sevilha*. (Dissertação de Mestrado). Campinas: UNICAMP, 2008.
- PONTES, Jefferson da Silva. *Talis actor, qualis orator: encenando o discurso oratório*. (Dissertação de mestrado). Juiz de Fora: UFJF, 2017.
- PRATA, Patrícia. *O caráter intertextual dos Tristes de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos*. (Tese de doutorado). Campinas: UNICAMP, 2007.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- REINACH, Theodorus. *De poeta Archia*. (*Thesis doctoralis*). Paris: FL/Vniversitas Parisiensis, 1890.
- REVILLA, Ana Calvo. Evolución de los estudios gramaticales desde la Antigüedad a la Edad Media: relaciones con la retórica. In: *Helmantica*, v. 56, n. 170-1, p. 345-369, 2005.

- REZENDE, Martinez Antônio. *Rompendo o silêncio: a construção do discurso oratório em Quintiliano*. (Tese de doutorado). Belo Horizonte: UFMG, 2009.
- RIBEIRO, José André. *Mímesis e enthousiasmós: a poesia entre a República e o Íon*. (Dissertação de mestrado). Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- ROCHA, Zeferino. O desejo na Grécia Clássica. In: *Revista latino-americana de psicopatologia fundamental*, v. III, n. 1, p. 84-116, 2000.
- RUCH, Michel. Nationalisme culturel et culture internationale dans la pensée de Cicéron. In: *Révue des Études Latines*, v. 36, p. 187-294, 1958.
- SANTOS, Marcos Martinho. L'argumentation 'extra causam' du 'Pro Archia' selon les genres de causes. In: CELENTANO, Maria Silvana; CHIRON, Pierre; MACK, Peter. (Org.). *Rhetorical arguments*. Essays in honour of Lucia Calboli Montefusco. 1. ed. Hildesheim/Zürich/New York: Olms – Weidmann, 2015, p. 175-201.
- SCATOLIN, Adriano. *A invenção no Do orador de Cícero: um estudo à luz de Ad Familiares 1, 9, 23*. (Tese de doutorado). São Paulo: USP, 2009.
- SHOREY, Paul. Φύσις, Μελέτη, Επιστήμη. In: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 40, p. 185-201, 1909.
- SILVA, Camilla Ferreira Paulino. Retórica e filosofia nas Epístolas de Horácio. In: *Codex*, v. 5, n. 1, p. 40-60, 2017.
- SILVA, Claudio Henrique. Virtudes e vícios em Aristóteles e Tomás de Aquino: oposição e prudência. In: *Boletim do CPA*, Campinas, n. 5/6, p. 129-140, 1998.
- SPINA, Segismundo. *Introdução à poética clássica*. São Paulo: FTD, 1967.
- SUNSHINE, Edward R. *The meaning of phýsis in Aeschylus, Sophocles and Euripides*. (Master's These). Chicago: Loyola eCommons, 1964.
- STEEL, Catherine. *Cicero, rhetoric and empire*. New York: Oxford University Press, 2001.
- STOK, Fabio. Note sul concetto ciceroniano di ispirazione poetica. In: *Atti del V colloquium tullianum*, v. 5, p. 111-120, 1984.
- TAISNE, Anne-Marie. L'orateur idéal de Cicéron (*De Or.* I, 202) à Quintilien (*I.O.* XII, 1, 25-26). In: *Vita Latina*, v. 146, p. 35-43, 1997.
- TRENK, Wilma Aparecida. *O Discurso em defesa de Árcias (Pro Archia) e a humanitas de Cícero*. (Dissertação de Mestrado). São Paulo: FFLCH/USP, 1997.
- TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica antiga: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas cidades, 1988.
- UHLFELDER, Myra. "Nature" in Roman linguistic texts. In: *Transactions and Proceedings of the American Philological Association*, v. 97, p. 583-595, 1966.
- VALÉRIO, João Paulo Simões. Marco António, o orador: carreira pública e oratória. In: *Cadmo*, v. 25, n. 2, p. 41-55, 2016.
- VAN DEN BESSELAAR, José. *Humanitas romana*. In: *Revista de História*, v. 31, n. 64, p. 265-286, 1965.
- VASCONCELOS, Beatriz Ávila. Educação oratória no *De oratore* de Cícero. In: *Letras Clássicas*, n. 4, p. 179-190, 2000.

VASCONCELLOS, Paulo Sérgio. *Persona poética e autor empírico na poesia amorosa romana*. São Paulo: UNIFESP, 2016.

VERDELHO, Telmo. Musa, engenho e arte, elementos para uma poética camoniana. In: *Actas da VI reunião internacional de camonistas*, p. 349 -354, 2012.

VIEIRA, Brunno Vinícius Gonçalves; OLIVEIRA, Jane Kelly. Alguns apontamentos sobre Cícero tradutor de poesia. In: *Scientia traditionis*, n. 10, p. 133-140, 2011.

WALKER, Jeffrey. *Rhetoric and poetics in antiquity*. New York: Oxford University Press, 2000.

WALLACH, Barbara Price. Cicero's *Pro Archia* and the Topics. In: *Rheinisches Museum für Philologie*, v. 132, p. 313-331, 1989.

WISSE, Jakob. *De oratore*: rhetoric, philosophy and the making of the ideal orator. In: MAY, J. M. (org.). *Brill's companion to Cicero: oratory and rhetoric*. Leiden/Boston/Köln: Brill, 2002, p. 375-400.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<i>Amic.</i> – Da amizade (<i>De amicitia</i>), Cícero	<i>Div.</i> – Da adivinhação (<i>De divinatione</i>), Cícero
<i>Antid.</i> – Sobre a troca (<i>Ἀντίδοσις</i>), Isócrates	<i>Educ.</i> – Educação das crianças (<i>Περὶ παιδων ἀγωγῆς</i>), Plutarco
<i>Arch.</i> – Defesa de Árquias (<i>Pro Archia</i>), Cícero	<i>Ep.</i> – Cartas a Lucílio (<i>Epistulae moralem ad Lucilium</i>), Sêneca
<i>Ars Am.</i> – Arte de amar (<i>Ars Amatoria</i>), Ovídio	<i>Eth.</i> – Ética (<i>Ethica</i>), Alberto Magno
<i>Ars P.</i> – Arte Poética (<i>Ars Poetica</i>), Horácio	<i>Eth. Nic.</i> – Ética a Nicômaco (<i>Ἠθικὰ Νικομάχεια</i>), Aristóteles
<i>Att.</i> – Cartas a Ático (<i>Epistulae ad Atticum</i>), Cícero	<i>Etym.</i> – Etimologias (<i>Etymologiae</i>), Isidoro de Sevilha
<i>Brut.</i> – Bruto (<i>Brutus</i>), Cícero	<i>Fam.</i> – Cartas aos amigos (<i>Epistulae ad familiares</i>), Cícero
<i>C. soph.</i> – Contra os sofistas (<i>Κατὰ τον σοφιστῶν</i>), Isócrates	<i>Fin.</i> – Dos limites dos bens e dos males (<i>De finibus</i>), Cícero
<i>Carm.</i> – Odes (<i>Carmina</i>), Horácio	<i>Grg.</i> – Górgias (<i>Γοργίας</i>), Platão
<i>Catul.</i> – Poemas de Catulo (<i>Carmina</i>), Catulo	<i>Il.</i> – <i>Ilíada</i> (<i>Ἰλιάς</i>), Homero
<i>Cic.</i> – Cícero (<i>Κικέρων</i>), Plutarco	<i>Inst.</i> – <i>Institutio oratoria</i> , Quintiliano
<i>Cra.</i> – Crátilo (<i>Κρατύλος</i>), Platão	<i>Inu.</i> – Da invenção (<i>De inuentione</i>), Cícero
<i>De orat.</i> – Diálogo do orador (<i>De oratore</i>), Cícero	<i>Lus.</i> – <i>Lusíadas</i> , Camões
<i>Dial.</i> – Diálogo dos oradores (<i>Dialogus de oratoribus</i>), Tácito	<i>Men.</i> – <i>Mênon</i> (<i>Μένων</i>), Platão

Metaph. – Metafísica (Τὰ μετὰ τὰ φυσικά), Aristóteles

Od. – Odisseia (Ὀδύσσεια), Homero

Off. – Dos deveres (*De officiis*), Cícero

OLD – *Oxford Latin Dictionary*

Orat. – O orador (*Orator*), Cícero

Phdr. – Fedro (Φαῖδρος), Platão

Poet. – Poética (Περὶ ποιητικῆς), Aristóteles

Pol. – Política (Πολιτικά), Aristóteles

Prop. – Elegias (*Elegiae*), Propércio

Prt. – Protágoras (Πρωταγόρας), Platão

Q. fr. – Cartas a Quinto Túlio Cícero (*Epistulae ad Quintum fratrem*), Cícero

Rh. – Retórica (Ῥητορική), Aristóteles

Rhet. Her. – Retórica a Herênio (*Rhetorica ad Herennium*), Autor desconhecido

Subl. – Do sublime (Περὶ ὕψους), Dionísio Longino

Sum. – Suma teológica (*Summa Theologica*), Tomás de Aquino

Top. – Tópicos (*Topica*), Cícero

Tr. – Tristes (*Tristes*), Ovídio

Tusc. – Discussões em Túsculo (*Tusculanae disputationes*), Cícero

Vit. phil. – Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres (Βίοι καὶ γνῶμαι τῶν ἐν φιλοσοφίᾳ εὐδοκμησάντων), Diógenes Laércio

SOBRE O AUTOR

Graduado em Letras - Língua Portuguesa e Literatura - pela Universidade do Estado do Amazonas (2015). Mestre em Linguística - Estudos Clássicos - pela Universidade Estadual de Campinas (2018), com financiamento do Programa de Excelência Acadêmica (Proex), da Capes. Professor Substituto na Faculdade de Letras - Língua e Literatura Portuguesa - na Universidade Federal do Amazonas (04/2019 - 04/2021), onde leciona disciplinas relacionadas à Língua Latina e à Língua Portuguesa. Professor de Língua Portuguesa na E. E. Ten. Cel. Cândido Mariano pela Seduc-AM (03/2020-03/2022). Como pesquisador, atua na área de Estudos Clássicos, especificamente em investigações que enfoquem Retórica e Poética antigas, bem como suas interfaces. Nos últimos anos, tem se dedicado também ao estudo das chamadas “metodologias ativas” no ensino das línguas clássicas.

Setembro de dois mil e vinte e um, dois mil cento e vinte e sete anos desde o nascimento de Marco Túlio Cícero.

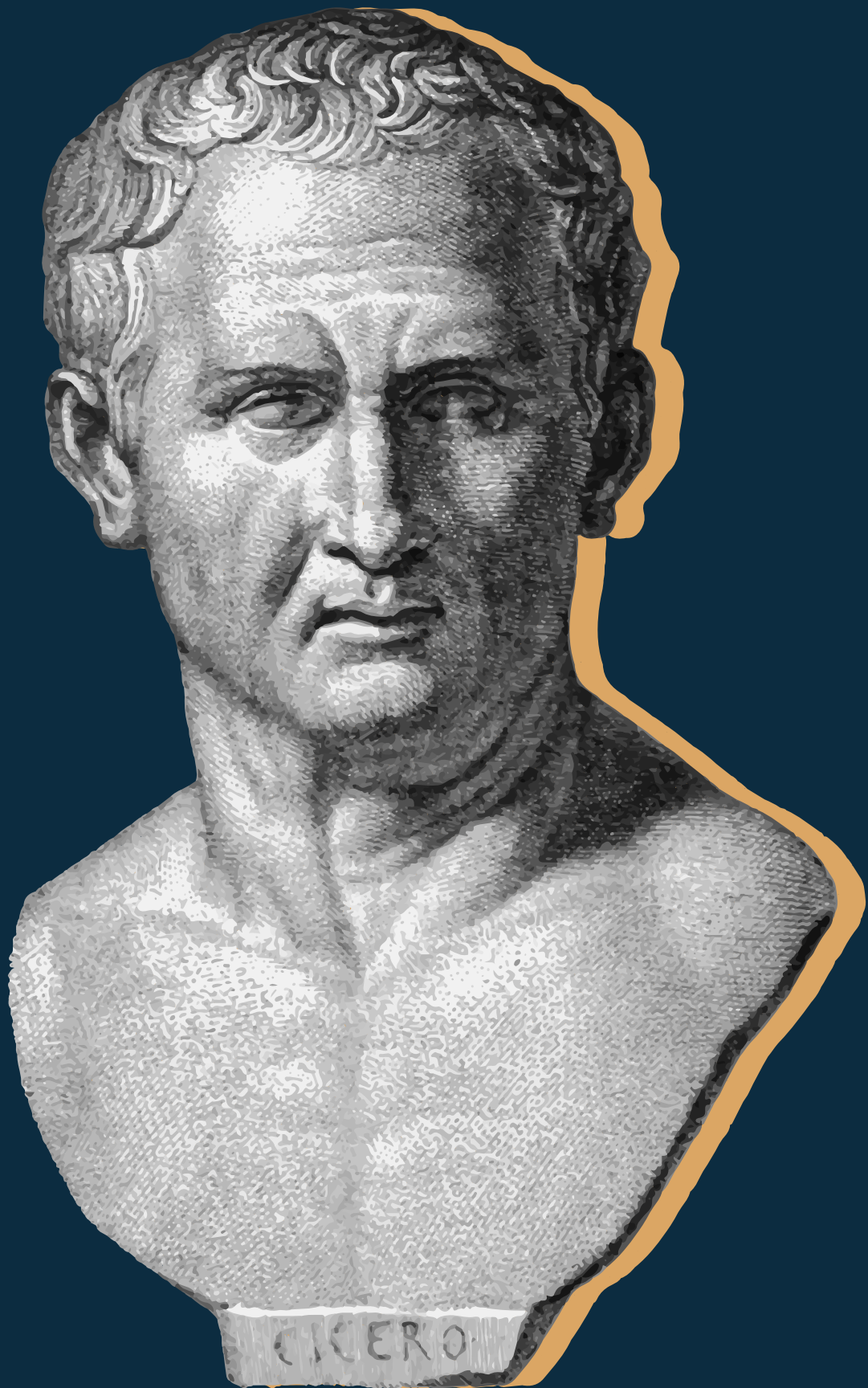


para conhecer mais a *editora*UEA e suas publicações acesse o site e nos siga nas redes sociais

editora.uea.edu.br

ueaeditora





UEA
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DO
AMAZONAS



editora
UEA